BENALVA DA SILVA VITORIO

O SENTIDO DA TV NO COTIDIANO DO IDOSO

Análise de Discurso como prática teórica transformadora

São Paulo, maio de 2003

BENALVA DA SILVA VITORIO

O SENTIDO DA TV NO COTIDIANO DO IDOSO

Análise de Discurso como prática teórica transformadora

Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Aparecida Baccega, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutora, na Área de Comunicação.

São Paulo, maio de 2003

COMISSÃO JULGADORA

Profa. Dra. Maria Aparecida Baccega – Presidente da Banca

Profa. Dra. Maria Lourdes Motter – Membro Titular da Banca

Profa. Dra. Maria José R. F. Coracini – Membro Titular da Banca

Edmir Perrotti – Membro Titular da Banca

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, em nome de todos os IDOSOS:

Sebastião Vitorio, que levou a Morte “*a passear*”,

no seu tempo.

Zilda Vieira da Silva Vitorio, que “*passeia*” na Vida,

em nosso Tempo.

Aos meus companheiros de reflexão: alunos e professores.

Ao meu filho, Ênio Jorge Vitorio da Costa Castro,

Presente do Passado, Esperança no Futuro.

Resumo

No movimento da Cidade, onde circulam sujeito e palavra, procuramos construir os sentidos do dizer do idoso a respeito da televisão. Em nossa posição deslocada, a escuta discursiva permite “*contemplar*” o processo de produção do dizer em suas condições. Assim, esta pesquisa, sem começo absoluto nem final definitivo, aponta caminhos possíveis. O que percorremos está no desafio de situar a Comunicação no campo transdisciplinar. Nele, com o apoio em princípios e procedimentos da Análise de Discurso da Escola Francesa, buscamos compreender as diferentes vozes como prática transformadora.

Abstract

In the movement of the City, where circulate subject and word, we tried to build the senses of the senior's saying regarding television. In our moved position, the discursive listening allows to “*contemplate*” the process of production of the saying in its conditions. So, this research, without absolute beginning nor definitive final, points out possible roads. The one that we traveled is in the challenge of placing the Communication in the transdisciplinary field. In it, with the support of principals and procedures of the Analysis of Speech of the French School, we try to understand the different voices as a practice transformer.

SUMÁRIO

ENCONTRO COM A COMUNIDADE DE DESTINO	01
I – A ENTRADA METAFÓRICA NO CAMPO	11
1.1 Espera e observação	13
1.2 Desafio à entrada	16
1.3 A posição no campo	18
1.4 As práticas sociais em quatro visões	22
1.5 Em busca de caminhos	24
1.6 A pista no cotidiano	27
1.7 “Resistências”	31
1.8 Ritual no cotidiano	41
II – COMUNICAÇÃO: PLURALIDADE E DISPERSÃO	52
2.1 Encruzilhada de campo	54
2.2 Comunicação e “multiplicidade de sentidos”	58
2.3 Televisão: engana solidão?	61
III – ANÁLISE DE DISCURSO	
APROXIMAÇÃO, AFASTAMENTO E TRANSFORMAÇÃO	75
3.1 A dupla fundação	76
3.2 A dupla narração francesa	78
3.3 Disciplina transversal	81
3.4 Prática disciplinar	82
3.5 Outra leitura	85
3.6 Diferenças na afinidade.....	87
3.7 Do sujeito à história ... o sentido	88
3.8 Da linguagem	93
3.9 O sujeito e sua linguagem	95
3.10 Imagens dos sujeitos	97
3.11 Da novela ao livro: ensaio para uma análise de discurso	104
3.12 Processos de leitura	107
3.13 Produção escrita-leitura	109
3.14 No silêncio, o sentido	110

IV – IDADE E SENTIDO DO VIVER	113
4.1 A vida nos anos	121
4.2 Brasil de cabelos brancos	126
4.3 Tendência demográfica	127
4.4 Da arte de contar histórias	132
4.5 Lugar e tempo das histórias	134
V – NA ENCRUZILHADA, AS OPÇÕES	141
5.1 No campo, a construção	148
5.2 Perfil da amostra	153
VI – COTIDIANO, HISTÓRIAS E SENTIDO.....	158
6.1 Passeio no tempo da Cidade	161
6.2 No dizer em curso, televisão e efeitos de sentidos	164
6.3 Nas lembranças, a representação	167
6.4 “Enquanto seu lobo não vem ...”	170
6.5 O passeio na “floresta”	174
6.6 Medos e mitos	177
FUTURO DISCURSIVO	184
BIBLIOGRAFIA.....	187

ENCONTRO COM A COMUNIDADE DE DESTINO

Cotidiano

Chico Buarque de Holanda

Todo dia ela faz tudo sempre igual

Me sacode às seis horas da manhã

Me sorri um sorriso pontual

E me beija com a boca de hortelã

Todo dia ela diz que é para eu me cuidar

E essas coisas que diz toda mulher

Diz que está me esperando pró jantar

E me beija com a boca de café

Todo dia eu só penso em poder parar

Meio-dia eu só penso em dizer não

Depois penso na vida pra levar

E me calo com a boca de feijão

Seis da tarde como era de se esperar

Ela pega e me espera no portão

Diz que está muito louca pra beijar

E me beija com a boca de paixão

Toda noite ela diz pra eu não me afastar

Meia-noite ela jura eterno amor

E me aperta pra eu quase sufocar

E me morde com a boca de pavor

No discurso de Chico Buarque aparecem as marcas do tempo apreendidas no cotidiano do tempo da vida. Somente a capacidade do artista consegue flagrar em poucas palavras, “*no espaço exíguo / amplo de um poema*”, como escreve Jacks¹, o cotidiano feito de pontualidade e atraso, de cuidado e displicência, de cansaço e compromisso, de receio das perdas, de busca do infinito, de apoio no outro como tábua de salvação, deixando nele as marcas da posse como registro de medo e incertezas da vida, as marcas da solidão.

O tempo que passa e nos toma também nos ensina como é difícil lidar com o cotidiano, onde os fantasmas do passado preenchem o vazio do que foi, no silêncio que não fala, mas significa, no silêncio que tem formas e sentidos, lembrando a perspectiva assumida por Orlandi² a respeito do que “*escorre por entre a trama das falas*”, ou seja, o silêncio.

No universo de quem lembra ou tenta esquecer os tempos idos, o da idade marcada pelo tempo, em seu mundo de relação com aqueles que não têm tempo para escutar suas histórias e experiências, o idoso encontra no espaço do cotidiano a companhia de hora marcada com a televisão.

Na tela do veículo de comunicação surgem os mediadores entre público e privado, acenando realidade e ficção. Eles rompem o silêncio das horas, reconstruindo o discurso do mundo, proporcionando ao telespectador, enquanto indivíduo-sujeito, a oportunidade para construir o seu próprio discurso, sem começo absoluto nem ponto final.

Nesse intercâmbio de dizeres – realizados, imaginados ou possíveis – nos preparamos para um encontro, buscando compreender o movimento da interpretação inscrito no nosso objeto simbólico, o discurso do idoso, para então teorizar e expor os efeitos da interpretação. Assim sendo, a partir do nosso campo, o da Comunicação Social, procuramos apoio no dispositivo teórico da Análise de Discurso, mobilizando conceitos para a construção do nosso dispositivo analítico, acreditando que toda prática teórica é transformadora, como o encontro proposto, em forma de introdução.

¹JACKS, Nilda Aparecida, *A recepção na querência*, p. 2.

²ORLANDI, Eni Puccinelli, *As formas do silêncio*, p. 33.

Mudança de percurso

Toda situação humana pode ser encarada em exterioridade – tal como se apresenta a outrem – ou em interioridade, enquanto o sujeito a assume, ultrapassando-a. Para outrem, o velho é o objeto de um saber; para si mesmo, ele tem de seu estado uma experiência vivida.

Simone de Beauvoir³

Em setembro de 1998, escrevemos o projeto inicial de pesquisa *Telenovela – a leitura na terceira idade*, como parte dos requisitos para ingresso no Curso de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP. Nove meses depois, tempo de gestação de um filho, repensamos nosso trabalho, nele reconstituindo partes de um todo que permanece centrado na relação idoso / televisão / discurso.

Dando voz ao idoso, procuramos estar com atenção ao seu discurso como lugar de produção de sentidos e de processos de identificação dos sujeitos. Assim, preparando o encontro com a comunidade de destino, a nossa intenção foi compreender melhor o lugar da interpretação na relação desse indivíduo-sujeito com sua realidade, no cotidiano.

Nele, pressupomos que a programação televisiva desempenha o papel de companheira, não só para preencher o tempo mas também para saber o que se passa “*lá fora*”, para se distrair das complicações da vida, para dar sentido à vida, sentir-se que está vivo, mesmo que esteja em silêncio, ouvindo, memorando, no seu silêncio carregado de sentidos.

A relação entre idoso e televisão estabelece o eixo do nosso propósito, ou seja, compreender como no discurso do idoso (objeto simbólico), que produz sentidos, aparecem os indícios (vestígios, pistas) da programação televisiva.

As mudanças no projeto inicial, no nosso entender, representam aquisições teóricas das disciplinas no Curso que freqüentamos. Daí o presente título: *O sentido da TV no cotidiano do idoso: Análise de Discurso como prática teórica transformadora*. Como processo, aberto às contribuições e propostas, ele sofreu transformações e não está acabado, visto que aponta para um futuro, o discursivo.

³ BEAUVOIR, Simone, *A velhice*, p. 16.

Outra mudança está no conceito da idade do sujeito em foco no nosso trabalho. Nas observações que realizamos, nos últimos cinco anos, constatamos que há diferença na reação das pessoas, que não são mais jovens, de acordo com o tratamento: velho ou idoso. Há um mal estar implícito quanto ao primeiro tratamento, ao contrário do segundo que subentende respeito e dignidade para designar o tempo de vida das pessoas, idade em curso.

Consideramos, por outro lado, que a designação terceira idade é vaga, imprecisa e empregada como modismo. Tanto é que não há consenso entre as instituições que trabalham com a chamada terceira idade no que diz respeito ao início dessa faixa etária, oscilando entre 45 a 60 anos.

Daí a primeira questão: o que é ser da “terceira idade”, “velho”, “ancião”? Preferimos trabalhar com a palavra idoso que, no nosso entender, tem o sentido de tempos idos da vida, no que o ser apresenta de positivo e negativo, como experiência e “lição” para todas as idades.

Contudo, o homem dessa idade de muitos nomes ainda “vive” em condições de “*espécie estranha*”, como Beauvoir⁴ aborda a questão da velhice “*amortalhada num silêncio premeditado*”. Ao explicar os motivos de sua posição, a autora considera que “*a velhice denuncia o fracasso de toda a nossa civilização*” e propõe que se refaça “*o homem inteiro*”, recriando as relações entre os homens para que “*a condição do velho seja aceitável*”. Nesse refazer e recriar, como processo de “*cultura prática e viva*”, estão os alicerces do nosso trajeto, sempre aberto às contribuições.

Como livro aberto às várias leituras, a construção compreende o movimento em diferentes lugares e posição de indivíduo-sujeito com seus sentidos nas palavras.

Nosso trabalho, na perspectiva qualitativa, é um processo de indagação e exploração de um objeto que será construído, que buscaremos compreender com interpretações sucessivas, como explicita Orozco⁵ a respeito desse “*desafio*”, ou seja, de que não se conhece o objeto de uma só vez, mas sempre se está conhecendo mais e esse é um desafio: dizer até onde se vai e onde há que terminar.

⁴ BEAUVOIR, Simone, *A velhice*, p. 664.

⁵ OROZCO, Guillermo, *La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa*, p. 83-84.

Nosso desafio, portanto, consiste na construção do objeto simbólico, do discurso que, como tal, fica incompleto, sem ato inaugural nem cortina que se fecha. Nesse processo, a relação televisão e idoso está carregada de convicção e afeto. Convicção de que formamos com os sujeitos da amostra uma comunidade de destino, vivendo e sofrendo com eles “*de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição*”, como constata Bosi⁶. A seu exemplo, procuramos participar do presente trabalho como sujeito e objeto da pesquisa.

Sujeito, quando indagamos, procuramos saber; objeto, quando ouvimos, registramos, “*sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir lembranças*”.

Quanto ao afeto, ele faz parte do compromisso que sempre tivemos com o sujeito da pesquisa, pois há muito participamos do cotidiano de idosos na região onde vivemos, a Baixada Santista: nas aulas, que ministramos no Projeto Cultural Universidade Aberta para a Terceira Idade, da Universidade Católica de Santos (UniSantos), onde trabalhamos; nas atividades voluntárias na comunidade de São Vicente, onde moramos.

Nessa Cidade, a relação se estabelece pelo convívio da caminhada na areia ou calçadão da praia, na “luta” para apanhar o transporte público, no prazer das compras na feira pública do bairro, aos domingos; no relaxamento da hidroginástica e da natação na academia, na conversa sobre temas abrangentes na praça da Matriz, nas ruas do comércio, na escadaria do prédio.

Não basta a simpatia (sentimento fácil) pelo objeto de pesquisa, como observa Bosi⁷ em seu estudo sobre memórias de velhos. “*É preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes*”. Acreditamos que essa relação já existe entre nós e os idosos do nosso cotidiano.

Do projeto inicial mantemos o emprego do nós, primeira pessoa do plural, que difere do que a gramática da norma padrão chama “*plural de modéstia*”. Tomando o exemplo de Baccega⁸, justificamos esse procedimento metodológico:

[...] a autora do trabalho é um indivíduo/sujeito, resultado dos discursos sociais, com um sistema de referências por ela interpretado, a qual interage com a realidade, apropriando-se dela de acordo com seus valores. Trata-se de um eu que na verdade é

⁶ BOSI, Ecléa, *Memória e sociedade*, p. 38.

⁷ Ibid., p. 38.

⁸ BACCEGA, Maria Aparecida, *Palavra e discurso: história e literatura*, p. 16.

sempre uma pluralidade de vozes sociais – sempre um nós –que escreve o trabalho científico.

Eco⁹, em outro sentido, vem reiterar a nossa posição, pois considera que “*escrever é um ato social: escrevo para que o leitor aceite aquilo que lhe proponho*”. Assim, ele justifica o emprego do “nós” no discurso científico por presumir que a afirmação possa ser compartilhada pelos leitores.

Ainda como esclarecimento, convém observar a distinção, de grafia e de sentido, entre análise de discurso e análise do discurso. No nosso entender, Análise de Discurso compreende o dispositivo conceptual para se analisar determinado discurso, como o político, o da comunicação, o do idoso, por exemplo. Encontramos em textos de autores nacionais as duas designações no mesmo sentido, ou seja, análise de discurso e análise do discurso como referência ao campo teórico.

Sabemos que na França, onde aconteceu a fundação desse campo disciplinar, há algum tempo passou-se a usar a designação *Analyse du Discours* no sentido que defendemos, embora não haja consenso, como acontece no Brasil.

Postas as observações do que mudou no transcurso desse nosso caminho, começamos a nos preparar para o encontro com a comunidade de destino, partida para analisar o movimento do discurso. O discurso, como diz Bakhtin¹⁰, que “*vive fora de si mesmo, na sua orientação viva sobre seu objetivo*”.

Nosso discurso, no sentido de incompletude¹¹, foi elaborado e estruturado em seis capítulos, caminhos possíveis para que, a partir deles, outros possam ser traçados.

O primeiro capítulo, *A ENTRADA METAFÓRICA NO CAMPO*, trata das regras no jogo do campo acadêmico, espaço de luta com suas normas, leis e práticas, bem como conflitos e estratégias. A estratégia, diz Certeau¹², “*postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças*”, como “*os objetivos e objetos da pesquisa*”, por exemplo.

⁹ ECO, Umberto, *Como se faz uma tese*, p. 120.

¹⁰ BAKHTIN, Mikhail, *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, p. 99.

¹¹ Incompletude, no sentido atribuído por Orlandi (1996, p. 11 e 77), ou seja, que “*não deve ser pensada em relação a algo que seria (ou não) inteiro, mas antes em relação a algo que não se fecha. [...] não como algo negativo, mas como o lugar do possível*”.

¹² CERTEAU, Michel de, *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, p. 99.

Ao construir a metáfora, começamos a iluminar o objeto de nossa pesquisa, traçando objetivos, explicitando a problemática, levantando as premissas, expondo a questão do método. Com o apoio teórico de diferentes pensadores, marcando nossa posição no campo, buscamos caminhos da doutrina à disciplina para a explicitação do projeto de pesquisa¹³.

Definido o trajeto dessa nossa produção científica na pista do cotidiano, procuramos, a exemplo de Certeau¹⁴, constituir “*um lugar científico, condição prévia de qualquer análise*”, o que corresponde “*a necessidade de poder transferir para ali os objetos que se devem estudar*”.

No segundo capítulo, *COMUNICAÇÃO: PLURALIDADE E DISPERSÃO*, a questão é demonstrar como o nosso campo de formação funciona “*com noção recoberta de multiplicidade de sentidos*”, como diz Mattelart¹⁵. Nesse sentido, seus processos estão “*situados na encruzilhada de várias disciplinas*”, despertando o interesse de várias ciências, procurando a legitimidade científica, “*ao longo de sua construção*”.

Em meio a esses processos, entramos na “luta” do nosso cotidiano na perspectiva do fazer com saber para que a comunicação seja efetiva. Mais uma vez, a arma é o esforço teórico para a investigação. Em meio à “*pluralidade*” e “*dispersão*” desse “*campo de observação científica*”, como Mattelart¹⁶ define a comunicação, levantamos conceitos e posições teóricas.

Assim, com o apoio daqueles que contribuíram e contribuem para o avanço da teoria e pesquisa, procuramos estabelecer a constituição do campo científico da comunicação “*no concerto do campo das ciências sociais*”¹⁷. E entramos em nosso “campo de luta” com o mesmo prazer e expectativa do primeiro baile, empunhando a “arma” poderosa e amiga da palavra.

A palavra, conforme a metáfora de Baccega¹⁸, “*canta sempre num salão de baile, onde ‘dança conforme a música’, utiliza-se de máscaras ou despe-se, permitindo que se veja toda sua beleza*”.

¹³ LOPES, Maria Immacolata Vassallo de, *O campo da comunicação*, p. 50. A autora explica que “doutrina concerne à teoria abstrata e disciplina é relativa à prática e ao exercício. A primeira tem a ver com a produção e a segunda com a reprodução do conhecimento”.

¹⁴ CERTEAU, Michel de, *A invenção do cotidiano: artes do fazer*, p. 81.

¹⁵ MATTELART, Armand, MATTELART, Michèle, *Histórias das teorias da comunicação*, p. 9.

¹⁶ Ibid., p. 10.

¹⁷ BACCEGA, Maria Aparecida, *Comunicação e linguagem*, p. 92.

¹⁸ Id., *Palavra e discurso*, p. 46.

Na relação comunicativa de cumplicidade com os sujeitos-autores, nessa parte do trabalho damos relevância à televisão, a mídia no comando do “*espetáculo*” da sociedade de produção de lazer, informação e consumo.

Tendo como pressuposto que o sujeito idoso constrói sentidos na relação que estabelece com o discurso televisivo, o terceiro capítulo, *ANÁLISE DE DISCURSO: APROXIMAÇÃO, AFASTAMENTO E TRANSFORMAÇÃO*, mostra a evidência teórica do nosso objeto, o discurso, como processos de constituição dos sujeitos e dos sentidos. Ao traçar breve histórico do paradigma norteador de nossa pesquisa, o gesto implica escolhas que nos levam à mediação teórica permanente em todos os passos da análise, ou seja, construindo nosso dispositivo analítico.

O paradigma, segundo Baccega¹⁹, “*influencia não só a construção do objeto mas também todo o processo de pesquisa. Determina como se colhem os dados, como eles serão manipulados e interpretados*”. Portanto, a autora defende que se tomem “*as conquistas da Análise do Discurso, sobretudo as da Escola Francesa (Pêcheux e outros)*”, para os estudos do campo da comunicação, porque

[...] nos possibilitam desvelar a materialidade da articulação das ciências humanas e sociais, o conhecimento do percurso das apropriações ocorridas, uma vez que permitem revelar o discurso como o lugar em que linguagem e ideologia (pontos de vista, idéias, conteúdos, temáticas, etc) se manifestam de modo articulado.

No capítulo quatro, *IDADE E SENTIDO DO VIVER*, o idoso ocupa o cenário no campo como dono da voz. Com ele surgem reflexões sobre tempo0 memória, maturidade e situação do Brasil de cabelos brancos. Sendo assim, o idoso nos ajuda a fundamentar nossa comunidade de destino e construir, com base em seu discurso, o *corpus* de análise.

Procurando dar conta do contexto do idoso em nossa sociedade, abrimos portas para instaurar no seu cotidiano o movimento das palavras, ou seja, o seu discurso, como lugar de produção de sentidos e de processos de significação desse sujeito que vive na fase do “amadurecer”, da “maturidade”, do ser “maduro” e outras metáforas que se empregam sobre essa idade do homem no seu tempo de vida.

¹⁹ BACCEGA, Maria Aparecida, *Comunicação e linguagem*, p. 100.

Ao abriremos as portas, estaremos com a atenção voltada às condições de produção, que “*compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação*”, bem como “*a memória*” que “*faz parte da produção do discurso*”²⁰.

O quinto capítulo – *NA ENCRUZILHADA, AS OPÇÕES* – marca o momento das decisões metodológicas representadas na definição da amostra, produção de instrumentos de sondagem e aplicação dos mesmos. No desafio da criatividade metodológica, construímos o objeto discursivo para análise de forma a compreender sentidos.

Assim, no capítulo seis, *COTIDIANO, HISTÓRIAS E SENTIDO*, o acontecimento se transforma no passeio feito de encontros, surtindo efeitos de sentido, de acordo com a representação que cada um faz de si e do outro, do mundo e da vida. E no trabalho da ideologia, a evidência da televisão²¹.

No discurso do idoso pressupomos que a televisão preenche e organiza o cotidiano de quem, a exemplo do fruto que dá semente, enfrenta inúmeros desafios, entre os quais o da solidão. Tal desafio “*consiste principalmente em reconhecer que cada um dentre nós é o único responsável por sua existência*”²².

Lugar de produção de sentidos e de processos de significação dos sujeitos, o discurso permite compreender, de acordo com nossas premissas, o lugar da interpretação na relação do idoso com sua realidade, tendo a televisão como mediadora, ou melhor, o discurso televisivo, principalmente o da telenovela.

A partir desse pressuposto, caso venha a se confirmar, esperamos que o resultado do nosso “encontro”, de acordo com as entrevistas, possa contribuir para dar mais visibilidade ao idoso em nossa sociedade, não como “fardo a carregar”, mas como indivíduo-sujeito que ainda tem muito a construir na relação com o Outro, de outras idades, no processo de comunicação como produção de sentido, de conhecimento, de prazer, de estética e de cidadania.

²⁰ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de discurso*, p. 30.

²¹ O trabalho da ideologia é o de “*produzir evidência, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência*” (ORLANDI, *Análise de discurso*, p. 46).

²² LARIVEY, GARNEAU apud ZUBEN, *Envelhecimento: metamorfose de sentido sob o signo da finitude*, p. 176.

Trabalhamos no sentido de que os meios de comunicação devem assumir função social importante, sobretudo no tempo em que vivemos. Tempo em que o Outro, mesmo em presença, está ausente no que se considera “comunicação”. O papel da mídia, povoada de presença ausente, não deve ser apenas de espanta solidão, mas deve também proporcionar conhecimento, conjugando comunicação-educação.

Com tal proposta, esperamos romper a solidão no sentido de ser só e estar só, características que se tornam cada vez mais comum em qualquer faixa etária, nesse início de século. Como nosso trabalho se constitui em processo, a construção nos leva a encontros. Deles esperamos que os idosos, em seu cotidiano, assumam posições de sujeitos de sentidos. Dos seus discursos constituiremos *corpus* de análise. Da análise do *corpus* chegaremos à proposta para um futuro discursivo de “*palavras mágicas*” como as que Carlos Drummond de Andrade²³ desenhou seu poema.

A PALAVRA MÁGICA

Carlos Drummond de Andrade

Certa palavra dorme na sombra
 De um livro raro.
 Como desencantá-la?
 É a senha da vida
 a senha do mundo.
 Vou procurá-la.
 Vou procurá-la a vida inteira
 No mundo todo.
 Se tarda o encontro, se não a encontro,
 Não desanimo,
 Procuro sempre.

²³ ANDRADE, Carlos Drummond de, *Antologia poética*, p. 113.

Procuro sempre, e minha procura
 Ficará sendo
 Minha palavra.

I – A ENTRADA METAFÓRICA NO CAMPO

A metáfora se localiza no ponto preciso em que o sentido se produz no **non-sens**, isto é, nessa passagem, que como descobriu Freud, quando transposta em sentido inverso, dá lugar a essa palavra que em francês é a “palavra” por excelência, a palavra que não tem nenhum outro comando a não ser o significante do espírito, e em que é palpável o fato de que é seu próprio destino que o homem desafia pelo escárnio do significante²⁴.

Em nossa entrada no campo, a metáfora representa “viagem” ao destino do que virá. A noção de metáfora, “*imprescindível na análise de discurso*”, significa “*basicamente ‘transferência’, estabelecendo o modo como as palavras significam*”, como explica Orlandi²⁵, pois “*em princípio não há sentido sem metáfora. As palavras não têm, nessa perspectiva, um sentido próprio, preso a sua literalidade*”.

Preparando o “terreno”, fomos nos aproximando do objeto de pesquisa enquanto efeito de sentido dos sujeitos de “*dizeres*”. Dizeres que não são apenas mensagens a serem decodificadas, mas efeitos de sentidos a serem construídos. Tais efeitos são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios.

A entrada no campo, portanto, representa a primeira apreensão desses vestígios como pistas para que possamos empreender a compreensão dos sentidos produzidos no dizer dos idosos em relação com sua exterioridade, suas condições de produção. É a visão de sujeito, enunciador/enunciatário, como ponto de partida da produção de sentido.

²⁴ LACAN, Jacques Marie apud PÊCHEUX, Michel, *Semântica e discurso*, p. 264.

²⁵ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de discurso*, p. 44.

Sujeito, “*enquanto participante de uma determinada formação discursiva, sujeito clivado, heterogêneo, perpassado pelo inconsciente, no qual se inscreve o discurso*”, de acordo com a perspectiva de Coracini²⁶. Nesta formação, lembra a autora, não há lugar para oposições do tipo literal/metafórico. “*O que é literal (objetivo, científico) numa dada formação discursiva pode não ser numa outra; o que é metafórico para uma pode deixar de ser para outra*”.

Nesta concepção, Coracini²⁷ esclarece que poesia e ciência “*se constituem do belo e do objetivo, ambas são construções humanas da realidade*” e explica o seu raciocínio. A poesia, “*com regras estritas para a sua produção num dado momento histórico-social, vista essencialmente subjetiva*”, expressa “*o ego do poeta sob a égide do belo*”. A ciência, “*também com regras estritas, embora de outra natureza, restringe a expressão do cientista*”, porque ele fica “*impossibilitado pelos pares de expressar, no texto, seus sentimentos, sensações*”. Embora o texto da ciência implique na “*objetividade, isenção, afastamento do sujeito enunciator*”, nele também há beleza, enfatiza a autora.

Recorrendo ao recurso da metáfora, a exemplo de Foucault²⁸, construímos nosso discurso como forma estratégica, a fim de preparar o terreno no campo da comunicação e nele procurar “*as relações que podem existir entre poder e saber*”, como explica o autor.

Desde o momento em que se pode analisar o saber em termos de região, de domínio, de implantação, de deslocamento, de transferência, pode-se apreender o processo pelo qual o saber funciona como um poder e reproduz os seus efeitos. Existe uma administração do saber, uma política do saber, relações de poder que passam pelo saber e que naturalmente, quando se quer descrevê-las, remetem àquelas formas de dominação a que se referem noções como campo, posição, região, território.

Em nossa caminhada, no processo em construção, surgem os sujeitos da produção dos conhecimentos. Buscando a apreensão dos mesmos, empregamos uma metáfora, “*constitutiva do sentido*”, como esclarece Pêcheux²⁹, e ela se torna possível porque

[...] é o caráter local determinado do que cai no domínio do inconsciente, enquanto lugar do Outro (Autre), onde, diz J. Lacan, “*se situa a cadeia do significante que comanda tudo o que vai poder se presentificar do sujeito*” ... e do sentido, acrescentamos.

²⁶ CORACINI, Maria José, *Leitura: decodificação, processo discursivo ...?*, p. 17-18.

²⁷ CORACINI, Maria José, *Leitura: decodificação, processo discursivo ...?*, p. 18.

²⁸ FOUCAULT, Michel, *Microfísica do poder*, p. 158.

²⁹ PÊCHEUX, Michel, *Semântica e discurso*, p. 263.

No discurso que se tece somos todos sujeitos de sentidos, procurando portas para a entrada em campos determinados, com mais ou menos experiência, dependendo das condições de produção do nosso existir. Tempo e espaço, na tessitura do discurso, remetem à posição, deslocamento, lugar, campo.

Nessa investida, o pensamento de Foucault representa “*diagramas*”, tendo como dupla função delimitar uma camada social de práticas sem discurso e instaurar um discurso sobre essas práticas, denominando e classificando as “*regras gerais*”, as “*condições de funcionamento*”, as “*técnicas*” e os “*procedimentos*”, as “*operações*” distintas, os “*mecanismos*”, “*princípios*” e “*elementos*” que compõem uma “*microfísica do poder*”.

Certeau³⁰ vê aí “o gesto que organizou o espaço discursivo” detectado por Foucault³¹. Gesto que demonstra o papel da metáfora ao se trabalhar com o discurso.

Metaforizar as transformações do discurso através de um vocabulário temporal conduz necessariamente à utilização do modelo da consciência individual, com sua temporalidade própria. Tentar ao contrário decifrá-lo através de metáforas espaciais, estratégicas, permite perceber exatamente os pontos pelos quais os discursos se transformam em, através de e a partir das relações de poder.

1.1 Espera e observação

A característica do homem imaturo é aspirar a morrer nobremente por uma causa, enquanto que a característica do homem maduro é querer viver humildemente por uma causa³².

A exemplo da idosa que, enquanto espera “a hora da novela”, apalpa o carretel e procura a ponta do fio para iniciar seu trabalho (de criação ou reprodução?), observamos o trabalho da pesquisadora no campo científico, analisando os espaços estruturados de posições que se abrem à sua frente, com o propósito de definir o objeto de pesquisa, dar a ele sentido de

³⁰ CERTEAU, Michel de, *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, p. 113.

³¹ FOUCAULT, Michel, *Microfísica do poder*, p. 158.

³² STEKEL, Wilhelm apud SALINGER, J. D., *O apanhador no campo de centeio*, p. 164.

existência enquanto sujeito. Lembrando Certeau³³, “o caminhar de uma análise inscreve seus passos, regulares ou ziguezagueantes, em cima de um terreno habitado há muito tempo”.

No cotidiano das duas, métodos de trabalho, estratégias e técnicas até podem divergir para a construção/reconstrução do objeto a que pretendem dar existência, cada uma em sua realidade, com suas experiências e expectativas.

Contudo, perseguindo um ideal, entram igualmente no “campo de batalha” como indivíduo-sujeito, ou seja, reelaborando os discursos que circulam na sociedade e produzindo novos discursos. Isto porque, de acordo com Orlandi³⁴, “todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro”.

Como não há discurso fechado em si mesmo, mas sempre em relação com outro, justifica-se o emprego da metáfora, considerando ser ela “constitutiva do processo mesmo de produção de sentido e da constituição do sujeito”, como diz Orlandi³⁵ a respeito da figura de linguagem, “não vista como desvio mas como transferência”.

Por um lado, a idosa em seu campo de trabalho conta com a experiência do tempo (da vida e da arte); por outro, a recém-chegada no campo científico busca nele e com ele conhecimento prático dos princípios do jogo, da sua história e passagem, para empreender com segurança a construção do seu objeto de conhecimento no campo que desbrava.

Se a idosa toma a memória como referência em seu fazer cotidiano, a fim de tecer o caminho de mesa, a sustentação da recém-chegada está no “retorno às fontes, à origem, ao espírito, à verdade do jogo, contra a banalização e a degradação que sofreu a subversão herética”³⁶.

Assim, surge o apoio teórico vindo de Bourdieu³⁷ sobre as implicações do “jogo”. Começa então o ensaio para traçar as regras do jogo, a fim de entrar no campo, esperando nele encontrar contribuições, mesmo que haja diferença de concepção, pois o embate representa o “cruzamento” de fronteiras, no movimento permanente da busca para a construção do saber, do conhecimento que pressupõe o processo de comunicação.

³³ CERTEAU, Michel de, *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, p. 35

³⁴ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de discurso*, p. 62.

³⁵ Ibid., p. 79.

³⁶ BOURDIEU, Pierre, *Questões de sociologia*, p. 91.

³⁷ Ibid., p. 89-94.

Ao revisitar o pensamento de Bourdieu³⁸, a aproximação se faz do universo “*puro*” da mais “*pura*” ciência, que é “*um campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólios, suas lutas e estratégias, seus interesses e lucros, mas onde todas essas invariantes revestem formas específicas*”.

Da mesma maneira que a verdade científica (verdade do produto) está nas condições sociais de produção, ou seja, estado determinado da estrutura e funcionamento do campo científico, está também a certeza da idosa de que assimilou o manuseio da linha e agulha nas suas relações sociais.

Ao contrário do cotidiano da idosa, de isolamento e submissão, o da pesquisadora no campo científico funciona em movimento, como lugar, espaço de uma luta de concorrência, em que se joga o monopólio da autoridade científica, como a capacidade técnica e o poder social.

No embate do campo científico, o jogo implica competência marcada pela capacidade de falar e de agir legitimamente, ou seja, a maneira autorizada e com autoridade, socialmente outorgada a um sujeito determinado. E o idoso, no embate da sua rotina, muitas vezes com capacidade limitada de falar e agir, sente-se desacreditado devido às suas condições físicas e mentais do tempo da vida.

Se, por um lado, no campo científico há que se reconhecer regras para nele se empreender a entrada, há também que se submeter a julgamentos sobre a capacidade científica e nesse aspecto depende o conhecimento da posição de quem ocupa os postos nas hierarquias instituídas.

Por outro lado, todas as práticas nesse lugar do conhecimento estão orientadas para a aquisição de autoridade científica, como prestígio, reconhecimento, celebridade etc. Sendo assim, no campo os conflitos epistemológicos são sempre conflitos políticos e se apresentam inseparáveis. Importante, no nosso entender, é que haja o respeito no confronto, resultando crescimento das partes envolvidas no “embate” intelectual.

³⁸ Id., *O campo científico*, p. 122-155.

Aos recém-chegados no campo científico, Bourdieu³⁹ recomenda que conheçam o “*espaço objetivo de um jogo onde compromissos científicos estão engajados*”. Daí resulta a dificuldade em “*distinguir entre as determinações propriamente científicas e as determinações propriamente sociais das práticas essencialmente sobredeterminadas*”.

Segundo suas explicações, como estratégia política de investimento no campo científico, onde se joga o lucro científico, ou seja, o reconhecimento dos pares concorrentes, a arma está na “*escolha*” científica: campo da pesquisa e dos métodos empregados, entre outros.

Para assegurar o poder, trava-se a luta pela autoridade científica, capital social no campo, visando a possíveis clientes que são seus próprios concorrentes. Isso porque no campo científico o valor do produto (reputação, prestígio, autoridade) está no reconhecimento dos outros produtores, que são também concorrentes.

Quanto maior a autonomia do campo científico mais difícil o reconhecimento do trabalho de quem está entrando, pois o recém-chegado só pode esperar tal reconhecimento dos outros produtores, seus concorrentes, após o exame de cientistas engajados no mesmo jogo e que detém os meios de se apropriar simbolicamente da obra científica e de avaliar os seus méritos.

1.2 Desafio à entrada

A entrada se apresenta como desafio para as duas em seus respectivos campos. Por um lado, a dificuldade de visão e tato que retarda o surgimento dos primeiros pontos para a confecção do caminho de mesa. Por outro, a cautela na decisão de escolher as estratégias como sistema completo para a produção científica.

Melhor observar “*algumas propriedades dos campos*”, com suas “*leis gerais, disputas e interesses, estrutura da relação de força, que exigem uma reeducação para o investimento específico, que é ao mesmo tempo a condição e o produto da vinculação a um campo*”, de acordo com a exposição de Bourdieu⁴⁰, na École Normale Supérieure, de Paris, em novembro de 1967, a um grupo de filólogos e historiadores da literatura.

Para que o campo funcione, a concepção de Bourdieu é de que haja “*objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de habitus que impliquem no conhecimento e reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas etc.*”.

³⁹ BOURDIEU, Pierre, *O campo científico*, p. 126.

⁴⁰ BOURDIEU, Pierre, *Questões de sociologia*, p. 89-94.

As leis invariantes que estruturam os campos, por mais diferentes que sejam, do campo político ao da comunicação, por exemplo, permitem que seja possível usar o que se aprende sobre o funcionamento de cada campo particular para interrogar e interpretar outros campos. Isso se deve ao estudo que faz avançar o conhecimento. Porém, como observa Bourdieu⁴¹, a luta está presente em todos os campos, sendo importante “*procurar as formas específicas, entre o novo que está entrando e que tenta forçar o direito de entrada e o dominante que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência*”.

Para que o campo científico funcione há práticas adequadas e características próprias, como teorias, conceitos, métodos, técnicas, protocolos de observação etc. Nele há que se contar com os esquemas incorporados do *habitus*. O *habitus* científico, portanto, representa uma espécie de sentido do jogo científico que se dá no momento preciso, sem a necessidade de tematizar a ação nem explicitar a regra para a conduta apropriada.

A questão do *habitus* faz Certeau⁴² polemizar o interesse de Bourdieu “*na gênese, no modo de geração das práticas*”. Isso porque ele não se interessa, como Foucault, pelo que as práticas produzem, mas por aquilo que produz as práticas. Considera que a argumentação de Bourdieu procura mostrar a necessidade e as vantagens de hipótese da realidade para a teoria. Sendo assim, pondera que o *habitus* se torna um lugar dogmático, como afirmação de um “*real*” para um discurso totalizante. Mesmo assim, vê no dogma valor para deslocar e renovar possibilidades de pesquisa.

A explicitação de *habitus* ganha clareza no capítulo III – A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo – da coletânea *Memória e Sociedade*, em que Bourdieu⁴³ apresenta seu pensamento sobre a noção de campo e realiza “*a confluência da diversidade aberta pela pesquisa em ação com a coerência reforçada por um olhar retrospectivo*”.

Considerando indispensável “*fazer a genealogia de conceitos [...] para uma postura teórica, princípios de opções metódicas, tanto negativas como positivas, na condução da pesquisa*”, o autor explica como introduziu a noção de *habitus* na sua tradução para o francês de dois artigos de Panofsky⁴⁴.

⁴¹ Ibid., p. 89.

⁴² CERTEAU, Michel de, *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, p. 127.

⁴³ BOURDIEU, Pierre, *O poder simbólico*, p. 60-62.

⁴⁴ Id., *Architecture gothique et pensée scolastique*. Paris: Minuit, 1967.

Depois de analisar a forma como procedeu ao romper com o paradigma estruturalista e a retomada da conversão escolástica, Bourdieu⁴⁵ pôs em evidência as capacidades “*criadoras*”, ativas, inventivas, do *habitus* e do “*agente*” em ação, chegando às primeiras aplicações da noção como uma estratégia prática do *habitus* científico, “*sentido do jogo que não tem necessidade de raciocinar para se orientar e se situar de maneira racional num espaço*”, saindo “*da filosofia da consciência sem anular o agente na sua verdade de operador prático de construções de objeto*”.

Ao reativar uma palavra da tradição, Bourdieu demonstra estar convicto de que o conceito também pode ser cumulativo e contribui para o avanço no campo, “*sem temer a acusação de seguidismo ou de ecletismo*”. Ao contrário, representa ultrapassar os antecessores, empregando de forma nova e criativa “*os melhores produtos dos pensadores do passado*”, acionando seus instrumentos de produção a fim de se atingir “*um pensamento realmente produtivo*”.

Nesse sentido, a apropriação de um pensamento científico, de forma ativa, não se restringe a “*inventar o inventado*”, ficar na pura transcrição, mas representa a “*elaboração inicial*” do “*difícil e raro*” trabalho que produzirá efeitos de conhecimento.

Sendo trabalho do conhecimento, ele está relacionado à pesquisa, como Machado⁴⁶ traduz o pensamento foucaultiano, considerando que “*toda teoria é provisória, acidental, dependente de um estado de desenvolvimento da pesquisa que aceita seus limites, seu inacabado, sua parcialidade, formulando conceitos que clarificam os dados – organizando-os, explicando suas inter relações, desenvolvendo implicações – mas que, em seguida, são revistos, reformulados, substituídos a partir de novo material trabalhado*”.

Foucault, de acordo com Machado, justifica sua posição porque “*nem a arqueologia, nem, sobretudo, a genealogia têm por objetivo fundar uma ciência, construir uma teoria ou se constituir como sistema: o programa que elas formulam é o de realizar análises fragmentárias e transformáveis*”.

1.3 A posição no campo

⁴⁵ BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*, p. 60.

⁴⁶ MACHADO, Roberto, *Por uma genealogia do poder*, p. XI.

Nada há de mais divertido, no trabalho intelectual, que descobrir a mesma idéia, com poucas diferenças de forma, em autores diferentes, sobretudo quando a origem deste encontro é perfeitamente clara⁴⁷.

O sentido de tal concepção nos faz compreender que as lutas travadas no campo do saber constituem “*movimento de convergência de saberes*” e no campo da comunicação a “*intersecção*” representa “*um produto das relações entre o objeto de estudo, a especificidade das contribuições analíticas e a particularidade da evolução histórica entre ambos*”.

Com tal concepção, Lopes⁴⁸ traça os percursos disciplinares já trilhados nas tradições dos estudos da comunicação e que “*autorizam a conceber o estudioso da Comunicação como especialista de intersecções*”.

O caminho que tomamos, ao promover o encontro de saberes, proporciona reflexão a respeito do novo, do autêntico, ao observar o trabalho da idosa e da recém-chegada nos seus campos respectivos. A questão, portanto, está naquilo que se cria e se reproduz no cotidiano.

Com a ponta do novelo entre os dedos, tentando vencer o cansaço dos olhos no tempo avançado (do relógio e da vida), a idosa tece os primeiros pontos, entrando no seu “caminho”, procurando criar desenho e formas diferentes na produção da peça que cobrirá sua mesa. A novela está quase a começar. Na tela da televisão a sua frente, as imagens têm o poder de fazê-la abandonar a linha e a agulha. Ergue a cabeça, encosta o corpo de muitos anos na última almofada que teceu. Deixa-se invadir pelo poder quase mágico da trama televisiva, acompanhando o romance e a intriga, o amor e o ódio, seguindo o discurso de heróis e bandidos da dramaturgia brasileira.

O que resultará sobre a mesa da sala de jantar da idosa, após horas a fio de manipulação linha–agulha, representa a conquista da observação, da tentativa, do exercício, da experimentação, durante anos, para alcançar o determinado por necessidade ou prazer.

Por mais que se recorra aos ensinamentos do que foi transmitido e se procure seguir todos os passos da instrução, jamais o resultado será o mesmo do original, ou da intencionalidade de quem transmitiu os ensinamentos, ou seja, longe fica do que se supõe original e perfeito.

⁴⁷ BOURDIEU, Pierre, *O poder simbólico*, p. 65.

⁴⁸ LOPES, Maria Immacolata Vassallo de, *O campo da comunicação*, p. 47.

Há sempre reelaboração do que se apreende. Costuram-se muitas vezes pedaços de heranças com a realidade. Nesse processo surge a criação individual, de trabalho e existência. Nesse sentido, nos aproximamos com o que diz Baccega⁴⁹ sobre a *praxis*, que “*compreende o fazer sobre a realidade, a interação com a realidade, o conhecimento da realidade, a reflexão sobre esse conhecimento, o construir-se sobre si mesmo*”.

A referência da autora está na visão da realidade de Capra⁵⁰ que “*baseia-se na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos – físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Essa visão transcende as atuais fronteiras disciplinares e conceituais e será explorada no âmbito de novas instituições*”.

Em mais uma aproximação e transferência, o encontro com a análise do pensamento foucaultiano que, em síntese, relaciona saber e poder, numa implicação mútua: “*não há relação de poder sem constituição de um campo de saber. Todo ponto de exercício do poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber*”. E como “*todo saber assegura o exercício de um poder*”, há “*necessidade do poder se tornar competente*”⁵¹.

Na relação saber e poder está a competência da idosa que tece o caminho de mesa. A “*senhorinha de idade*”, como é conhecida no bairro em que vive, fez valer a sua proposta de incluir ensino de “*costura e bordado*” nas aulas para as meninas carentes da comunidade.

O que a idosa transmite em suas aulas vai além do saber fazer, pois há momentos também para pensar naquilo que se faz como importância da produção para a comunidade. Considerada “*sábia na arte da agulha e linha*”, ela faz questão de frisar que ninguém lhe ensinou o ofício. Aprendeu sozinha, ou melhor, “*observando, pensando, tentando fazer igual sem copiar*”. Na infância dura vivida no Nordeste do país, a vida fez da idosa “*a professora que não passou pela escola*”.

⁴⁹ BACCEGA, Maria Aparecida, *Comunicação e linguagem*, p. 72-73.

⁵⁰ CAPRA, Fritjof apud BACCEGA, Maria Aparecida, *Comunicação e linguagem*, p. 73.

⁵¹ MACHADO, Roberto, *Por uma genealogia do poder*, p. XXII.

Nesse sentido, consideramos importante se discutir a respeito da dualidade criação/reprodução. O problema da reprodução mereceu análise de Martín-Barbero⁵², a partir da idéia de Bourdieu e Passeron⁵³ de que ela consiste na forma de tornar compatível no marxismo uma análise da cultura que ultrapasse sua sujeição à superestrutura mas que o tempo todo desvele seu caráter de classe.

Como idéia matriz, a de reprodução, os autores traçam a investigação que vai do sistema educativo até os trabalhos sobre o conhecimento ou a arte, chegando a operacionalizar o conceito de *habitus* de classe, de forma coerente, com domínio da teoria geral das práticas.

Inicialmente, definem o *habitus* como “o produto da interiorização dos princípios de um expediente cultural, capaz de perpetuar nas práticas os princípios do expediente interiorizado”. Esses princípios – modo de operação – ficam visíveis nas práticas, de acordo com os diferentes modos de “relação a” – a linguagem, a arte, a ciência – resultando nas diferentes maneiras de aquisição desses bens culturais.

Em matéria de cultura, o modo de adquirir se perpetua no que é adquirida sob a forma de uma certa maneira de usá-lo, o modo de aquisição expressa em si mesmo as relações objetivas entre as características sociais daquele que adquire e a qualidade social do adquirido⁵⁴.

Da definição, ligada a uma concepção restrita do cultural, Bourdieu passa para uma proposta. Da definição da competência cultural centrada em uma teoria das práticas, em que o *habitus* deixa de ser produto, visto de fora, para passar a ser “um sistema de disposições duráveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona como matriz de percepções, de apreciações e de ações, e torna possível o cumprimento de tarefas infinitamente diferenciadas”⁵⁵.

Bourdieu descreve de forma significativa as restrições do poder do imaginário sobre o vivido, ponderando sobre as implicações da liberdade no que respeita à criação/reprodução.

⁵² MARTÍN-BARBERO, Jesús, *Dos meios às mediações*, p. 111-115.

⁵³ BOURDIEU, Pierre, PASSERON, J. C. *La reproduction*, p. 47.

⁵⁴ SARLO, Beatriz, *Lo popular como dimensión*, p. 5.

⁵⁵ BOURDIEU, Pierre, *Esquisse d'une théorie de la pratique*, p. 178.

Como o *habitus* é uma capacidade infinita de engendrar produtos – pensamentos, percepções, expressões, ações – cujos limites são fixados pelas condições histórica e socialmente situadas de sua produção, a liberdade condicionante e condicional que ele garante está tão distante de uma criação da novidade imprevisível quanto o está de uma reprodução mecânica simples dos condicionamentos iniciais ⁵⁶.

Em outra leitura de Bourdieu, feita por Canclini⁵⁷, a dispersão das práticas cotidianas é analisada a partir do *habitus* da classe, revelando a sua organização e sistema. Consta então que onde não havia senão caos e vazio de sentidos aparece uma correspondência de estrutura entre as práticas e a ordem social que nelas se expressa.

Nessa estrutura do *habitus* aparece a eficácia da hegemonia na aparente programação das expectativas e os gostos segundo as classes. Daí passam também os limites objetivos-subjetivos que produzem as classes populares.

Contudo, Martín-Barbero⁵⁸ considera que Bourdieu não contemplou “a *relação das práticas com as situações e o que a partir delas se produz de inovação e transformação*”, embora tenha elaborado “o *modelo mais aberto, completo e o menos mecânico possível para compreender a relação das práticas com a estrutura*”.

1.4 As práticas sociais em quatro visões

Colocando em evidência a dimensão tempo-espacial das práticas sociais, Harvey⁵⁹ levanta abordagens “*sociopsicológicas e fenomenológicas*” sobre o assunto, formuladas por Foucault, Certeau, Bourdieu e Bachelard. Passamos então a sintetizar a visão desse autor na obra em que discute a pós-modernidade.

Foucault trata o espaço do corpo, sendo que nele se exercem as forças da repressão, da socialização, da disciplina e da punição, embora considere as importantes transições históricas particulares, dando grande atenção à periodização da experiência. O espaço como metáfora para um local ou continente de poder que de modo geral restringe, mas por vezes libera, processos de *Vir-a-Ser*. Mas a concentração foucaultiana exclusiva nos espaços de repressão organizada (prisões, manicômios etc) enfraquece a generalidade do seu argumento.

⁵⁶ BOURDIEU, 1977 apud HARVEY, David, *Condição pós-moderna*, p. 202.

⁵⁷ CANCLINI, Nestor García, *Desigualdad cultural y poder simbólico: la sociología de P. Bourdieu*, mimeo, Cidade do México, 1984.

⁵⁸ MARTÍN-BARBERO, Jesús, *Dos meios às mediações*, p. 113.

⁵⁹ HARVEY, David, *Condição pós-moderna*, p. 187-206.

Já Certeau vê os espaços sociais como instâncias mais abertas à criatividade e ação do homem, como o andar que define um “*espaço de enunciação*”. Centrando sua análise na cidade, ele define uma base para a compreensão das culturas populares e localizadas de rua. Ao contrário de Foucault, considera que os espaços podem ser “*libertados*”, precisamente porque as práticas sociais criam espaços em vez de se localizarem no âmbito de alguma malha repressiva de controle social. Assim, as práticas da vida cotidiana podem ser e são convertidas nas “*totalizações*” do espaço e do tempo organizados e controlados de maneira racional. Como não explica claramente a maneira como as racionalizações tomam formas nas práticas sociais, sua concepção, segundo Harvey⁶⁰, encontra algum apoio em Bourdieu.

Quanto a Bourdieu⁶¹, a dimensão tempo-espaço representa a projeção de todas as divisões do grupo em todos os momentos. Na organização espaço-temporal “*a lógica difusa da prática produz maravilhas, ao permitir que o grupo alcance o máximo de integração social e lógica compatível com a diversidade imposta pela divisão do trabalho entre os sexos, as idades e as ‘ocupações’ (ferreiro, açougueiro)*”. Na sua concepção é por meio da “*relação dialética entre o corpo e uma organização estruturada do espaço e do tempo que as práticas e representações comuns são determinadas*”. A partir dessas experiências, sobretudo na casa, que se impõem esquemas duradouros de percepção, de pensamento e de ação. No plano mais profundo, “*a organização do tempo e do grupo, de acordo com estruturas míticas, leva a prática coletiva a parecer o ‘mito realizado’*”.

Bachelard⁶², por sua vez, trabalha o espaço da imaginação – o “*espaço poético*”. Para ele, um espaço “*que foi apropriado pela imaginação não pode permanecer como um espaço indiferente, sujeito às medidas e estimativas do pesquisador*”, assim como não pode ser representado de modo exclusivo como o “*espaço afetivo*” dos psicólogos. “*Pensamos que nos conhecemos no tempo*”, escreve ele, “*quando tudo o que conhecemos é uma seqüência de fixação nos espaços da estabilidade do ser*”. As lembranças, na sua visão, “*são imóveis e quanto mais seguramente fixadas no espaço, tanto mais sólidas são*”. E esse espaço, que “*contém tempo comprimido*” é a casa, fundamental para a memória – “*uma das maiores forças de interrogação dos pensamentos, lembranças e sonhos da humanidade*”. Nesse espaço, o homem aprende a sonhar e imaginar.

⁶⁰ Ibid., p. 198.

⁶¹ BOURDIEU apud HARVEY, David, *Condição pós-moderna*, p. 198.

⁶² BACHELARD apud HARVEY, David, *Condição pós-moderna*, p. 200.

A partir dos pressupostos evidenciados, Harvey⁶³ considera que as “*sutilezas e complexidades*” abundantes nas práticas espaciais e temporais de toda a sociedade estão “*estritamente implicadas em processos de reprodução e de transformação das relações sociais*”. E explica:

A história da mudança social é em parte apreendida pela história das concepções de espaço e de tempo, bem como dos usos ideológicos que podem ser dados a essas concepções. Além disso, todo projeto de transformação da sociedade deve apreender a complexa estrutura da transformação das concepções e práticas espaciais e temporais.

1.5 Em busca de caminhos

Ao traçar nosso caminho, à luz de pensadores, no sentido de abrir o saber para continuar a construção do conhecimento, consideramos importante esboçar a noção de campo científico, onde permanentes rupturas abrem o processo de continuidade.

Nesse sentido, Lopes⁶⁴ considera “*a importância da noção de campo científico de Bourdieu*” porque permite o rompimento com a imagem de sagrado incorporada à noção de “*comunidade científica*”, assim como procede à análise de forma dialética das posições estruturadas com as práticas estruturantes dos agentes, “*dentro da concepção estruturalista que está na base de sua análise do campo*”. A autora vê no quadro de análise de Bourdieu grande densidade explicativa das práticas no campo do conhecimento.

As práticas são vistas como estratégias, portanto, como ações refletidas, sempre com o duplo caráter [...] (científico e político) e que se orientam como estratégias de conservação/sucessão ou estratégias de subversão. Essas estratégias dependem das posições ocupadas pelos agentes no campo, isto é, do capital científico e do poder que ele lhes confere.

⁶³ HARVEY, David, *Condição pós-moderna*, p. 201.

⁶⁴ LOPES, Maria Immacolata Vassallo de, *O campo da comunicação*, p. 44.

Marcando lugar e posição de luta no campo científico, essas estratégias definem as armas que se tomam para avançar nas práticas institucionalizadas de produção (pesquisa), reprodução (ensino), assim como circulação de capital e poder científico, práticas com que Bourdieu define o campo da ciência. E nele há sempre que manter a munição do conhecimento, arma fundamental para a efetivação do encontro, evitando o desencontro.

No final da década de 80, Martín-Barbero⁶⁵ apontava *“as razões do desencontro entre método e situação na crise das ciências sociais nos últimos anos”*. Considerou, então, que *“as raízes do desencontro situavam-se além da teoria, no des-conhecimento que requer – em vez de mais conhecimento, na lógica pura da acumulação – o re-conhecimento, segundo a lógica da diferença, de verdades culturais e sujeitos sociais”*.

Sendo assim, aponta como exemplo a mestiçagem na América Latina e propõe o *“reconhecimento desse conhecimento”*, como teoria e prática, considerando o *“surgimento de uma nova sensibilidade política, não instrumental nem finalista, aberta tanto à institucionalização quanto à cotidianidade, à subjetivação dos atores sociais e à multiplicidade de solidariedade que operam simultaneamente em nossa sociedade”*⁶⁶.

Em sentido idêntico, no início da década de 90, um grupo internacional de estudiosos das áreas das ciências da natureza e humanidades reúne-se em Portugal, França e Inglaterra para refletir sobre o estado atual e o futuro das Ciências Sociais. Como resultado desse encontro, o grupo apresenta relatório apontando *“três questões teórico-metodológicas fulcrais em torno das quais se torna necessário construir novos consensos heurísticos para que o conhecimento possa registrar avanços frutuosos”*⁶⁷.

A primeira questão diz respeito à relação do investigador com a investigação. A consideração é de que *“não se pode apartar o/a cientista do seu contexto físico e social concreto. Toda a medição altera a realidade na tentativa mesma de a medir. Toda a conceitualização assenta em vínculos filosóficos”*. Daí a proposta para que se transponha reencantamento do mundo para uma prática razoável, tarefa urgente para os cientistas sociais⁶⁸.

⁶⁵ MARTÍN-BARBERO, Jesús, *Dos meios às mediações*, p. 259.

⁶⁶ MARTÍN-BARBERO, Jesús, *Dos meios às mediações*, p. 259.

⁶⁷ WALLERSTEIN et al., *Para abrir as ciências sociais*, p. 109-112.

⁶⁸ Ibid., p. 110.

Na segunda questão, o grupo de cientistas discute a maneira de se reintroduzir tempo e espaço como “*variáveis constitutivas internas das análises e não meras realidades físicas imutáveis*” no universo social, onde elas existem. Considera ser mais fácil dizer do que desenvolver uma metodologia que permita colocar essas construções sociais no centro das análises, de modo a que não sejam percebidas nem usadas como fenômenos arbitrários.

Por fim, os estudiosos procuram caminhos para ultrapassar as divisões artificiais entre os domínios supostamente autônomos do político, do econômico e do social (ou do cultural, ou do sociocultural). Para eles, a separação destes domínios constitui problema que tem de ser enfrentado diretamente, ou melhor, de ser aberto na sua totalidade e, quando isso vier a acontecer, surgindo novas formulações, tornar-se-ão mais claras as bases intelectuais para a reestruturação das disciplinas.

Como conclusão, o Grupo aponta “*os possíveis passos a dar no sentido de ‘abrir as ciências sociais’, na medida em que não há mapas nem roteiros com base nos quais possam decretar a reorganização das estruturas do conhecimento*”. Os estudiosos reconhecem que estão preocupados em incentivar o debate coletivo e em apresentar algumas sugestões quanto aos caminhos susceptíveis de conduzir a soluções⁶⁹.

Das quatro dimensões apontadas no Relatório para análise e debate mais completos, destacamos a que se refere às “*implicações de se aceitar a interminável tensão entre o singular e o plural, o universal e o particular, como características permanentes da sociedade humana e não como um anacronismo*”⁷⁰.

Na tensão entre o universal e o particular nas Ciências Sociais, o Grupo pondera que “*para lá do argumento óbvio de que é preciso dar mostras de que são hoje, finalmente, ouvidas as vozes dos grupos dominados (que o mesmo é dizer, daqueles que até agora se viram quase totalmente ignorados), há que enfrentar a tarefa, mais árdua, de demonstrar como é que a incorporação das experiências destes grupos é fundamental para se chegar a um conhecimento objetivo dos processos sociais*”⁷¹.

⁶⁹ WALLERSTEIN et al., *Para abrir as ciências sociais*, p. 112.

⁷⁰ Ibid., p. 112.

⁷¹ Ibid., p. 126.

Tecendo esclarecimentos a respeito desse Relatório, Lopes⁷² conclui que “os campos de estudo aparecem como um novo padrão emergente a que se pode chamar *transdisciplinarização ou pós-disciplinarização*”. Explica esses campos de estudo como “um movimento para a superação dos limites entre especialidades fechadas e hierarquizadas, e o estabelecimento de um campo de discurso e práticas sociais cuja legitimidade acadêmica e social vai cada vez mais depender da profundidade, extensão, pertinência e solidez das explicações que produza, do que do prestígio institucional acumulado”.

As implicações desse recorte contemplam as reflexões de Certeau⁷³, que inclui outro lado das práticas, ou seja, as suas representações, dando sentido a outro princípio de organização do social e de algum modo a outro discurso. Nesse sentido, não se nega o resgate da teoria centrada no *habitus*, mas torna pensável o que nela não tem representação.

Assim, Certeau⁷⁴ propõe uma teoria dos “usos como operadores de apropriação” que instauram uma relação entre criatividade dispersa e um sistema de práticas ligado ao presente, ao momento e a um lugar. Essa criatividade oculta, sem discurso, a que está na produção inserida no consumo, só se faz visível quando há troca não das palavras do roteiro, mas o sentido de perguntas, tais como: o que fazem as pessoas com o que acreditam, com o que compram, com o que lêem, com o que vêem? No paradigma dessa lógica, o autor identifica uma outra lógica, a da cultura popular, procurando entendê-la no meio urbano, que influencia as práticas no contexto industrial. Dessa ótica, o popular passa a ser o lugar onde devem ser vistas as práticas para se entender as suas táticas. A cultura popular, então, é “*um resto e um estilo*”.

Como explica Martín-Barbero⁷⁵ a esse respeito, um resto como memória da experiência sem discurso, que resiste ao discurso e se deixa dizer só no relato. Resto feito de saberes inúteis à colonização tecnológica, que assim marginalizados carregam simbolicamente a cotidianidade e a convertem em espaços de uma criação muda e coletiva.

⁷² LOPES, Maria Immacolata Vassallo de, *O campo da comunicação*, p. 49-54.

⁷³ CERTEAU, Michel de, *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, p. 20-23, 86-89.

⁷⁴ CERTEAU, Michel de apud MARTÍN-BARBERO, Jesús, *Dos meios às mediações*, p. 114.

⁷⁵ MARTÍN-BARBERO, Jesús, *Dos meios às mediações*, p. 115.

Resto é um estilo, esquema de operações, modo de caminhar pela cidade, habitar a casa, de ver televisão, maneiras de intercâmbio social, de inventividade técnica e resistência moral.

1. 6 A pista no cotidiano

No “*estilo*” cultivado há anos, desde que o marido “*partiu*” e ela se deixou ficar na solidão de sua casa, a idosa preenche o tempo da noite com seus “*restos*”. Na manhã seguinte, talvez, o seu entendimento do que “*passou na novela*” se transforme em discurso sobre o que “*viu*”, “*leu*” na TV, permitindo que se observe o seu comportamento no cotidiano.

Com mãos trêmulas, a idosa entrelaça os fios, vencendo o cansaço dos olhos, ora no jogo entre o fio e a agulha, ora na dança das imagens na televisão. O poder simbólico das imagens na tela começa a vencer o compromisso interior de iniciar o caminho de mesa.

Mas, afinal, para que tanta pressa, se não há nada de especial no outro dia? Se, *todo dia ela faz tudo sempre igual*⁷⁶, como “*diz a música*” no velho disco de vinil da filha esquecido na prateleira da sala. Na tranquilidade própria da arte de tecer – o caminho do tempo e o da mesa – a idosa descansa a agulha entre os apetrechos do seu cotidiano de artista.

Heller⁷⁷, por sua vez, esclarece o que seja cotidianidade na criação de um artista:

O artista parece guiado por uma mão ‘invisível’, de tal modo que produz em sua obra algo diverso daquilo que se propunha produzir, é arrastado pela força da objetividade, que extirpa da sua criação tudo aquilo que, em seu projeto, pertencia ainda ao indivíduo-particular.

Sua consideração a respeito da “*estrutura da vida cotidiana*” permite que se compreendam os mecanismos que constituem a vida daquela idosa como ser humano completo em sua cotidianidade, inclusive tecendo o caminho de mesa enquanto espera o momento mágico para acompanhar o capítulo da “*sua novela*”.

Nesse sentido, a pesquisadora do Instituto Sociológico de Budapeste esclarece:

⁷⁶ Referência ao “*Cotidiano*”, de Chico Buarque de Holanda sobre a rotina diária de uma mulher.

⁷⁷ HELLER, Agnes, *O cotidiano e a história*, p. 29.

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se ‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias⁷⁸.

Contudo, pondera que não há realização dessas funções “*em toda sua intensidade*”, porque no cotidiano o homem “*é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso não pode aguçá-los em toda sua intensidade*”⁷⁹.

Portanto, “*no intervalo comercial da novela*” a idosa preenche seu tempo com uma habilidade manual. Mas, como não está inteiramente concentrada, o fio de algodão se desprende do carretel, que escorrega de suas mãos. Então, desiste do caminho de mesa e acompanha atentamente as cenas na tela da televisão, colocando nas imagens todos os seus sentidos. Afinal, ela quer participar do “*julgamento*” que as vizinhas farão da primeira dama que envenenou a vice-prefeita de Porto dos Milagres⁸⁰. Assim, o episódio da telenovela liberta o mundo interior para a exterioridade, conforme Leuilliot⁸¹:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo.

Doação e opressão, elementos que fazem parte do cotidiano, da memória, da prisão interior, da história particular que carregamos nos sentidos, continuando a lembrar Leuilliot⁸².

⁷⁸ Ibid., p. 17.

⁷⁹ Ibid., p. 17.

⁸⁰ Alusão à telenovela da Rede Globo de Televisão “Porto dos milagres”, produção de Aguinaldo Silva e Ricardo Linhares, veiculada a partir de fevereiro de 2001.

⁸¹ LEUILLIOT apud CERTEAU, Michel de, *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*, p. 31.

⁸² Ibid., p. 31.

O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este ‘mundo memória’, segundo a expressão de Péguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história ‘irracional’, ou desta ‘não-história’, como o diz A Dupront. O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível. . .

Da nossa convivência com “*a comunidade do envelhecimento*” (a comunidade de destino) observamos o quanto seus integrantes são rejeitados pelos mais jovens. Embora seja inevitável para todos a chegada ao tempo de não ser mais jovem – quando os anos nos têm e nos fazem, a não ser que a morte faça uma surpresa – ainda há pouca compreensão para com os idosos. Muitas vezes eles têm sensação destrutiva. Consideram-se pessoas sem valor, sem função, um verdadeiro “*refugio*” social. Beauvoir⁸³ culpa o adulto por essas sensações experimentadas pelo idoso.

O adulto ti

raniza o velho que depende dele. Não ousa abertamente dar-lhe ordens, pois não tem direito de sua obediência; evita atacá-lo de frente, manobra-o. Na verdade, alega interesse do ancião.

Observando o comportamento de alguns idosos de nossa convivência, em diferentes espaços sociais, percebemos que eles se transformam longe da família: retomam a independência, adquirem o poder da palavra e das atitudes, livram-se da “*cumplicidade*” opressora da família, como registra Beauvoir⁸⁴.

A família inteira se torna cúmplice. Mina-se a resistência ao ancião, oprimindo-o com cuidados exagerados que o paralisam, tratando-o com benevolência irônica, falando-lhe em linguagem infantil, e até mesmo trocando, por trás dele, olhares de entendimento, e deixando escapar palavras ferinas. Se a persuasão e astúcia fracassam em fazê-lo ceder não se hesita em mentir-lhe ou em recorrer a um golpe de força.

⁸³ BEAUVOIR, Simone, *A velhice*, p. 268.

⁸⁴ Ibid., p. 268.

Um desses “golpes” é o afastamento da família, mascarado no discurso de que “é o *melhor para todos*”. Lar, casa de repouso, de convivência representam, muitas vezes, a face do abandono e da reclusão; transferência de espaço e de responsabilidade, como muito bem aponta Beauvoir⁸⁵.

Por exemplo, convence-se o velho a entrar provisoriamente numa casa de aposentados, onde é abandonado. A mulher e o adolescente, que vivem na dependência econômica do homem adulto, têm mais defesa do que o velho, a esposa presta serviços: o serviço da cama e trabalho da casa; o adolescente se tornará um homem que poderá pedir contas, o velho não fará mais que descer em direção à decrepitude e à morte; não serve para nada. Puro objeto incômodo, inútil, tudo que se deseja é poder tratá-lo como quantia desprezível.

Sozinha, na sala “à espera da novela”, a idosa acorda do seu cochilo. O carretel de linha, esquecido no braço da poltrona já não faz parte das suas intenções naquela noite. É preciso entender o(s) motivo(s) do envenenamento da vice-prefeita para questionar a injustiça de Iemanjá que não protegeu aquela mulher tão boa, amiga dos pescadores.

Mas o assunto não poderá ser comentado na missa, seu primeiro compromisso no dia seguinte. Devido à participação do orixá do candomblé na telenovela, “*muita gente diz que não vê a novela das oito*”, considera a idosa. Assim diz, é claro, mas conhece com detalhes os episódios de cada capítulo, principalmente os que envolvem as mulheres guardiãs da igreja em Porto dos Milagres. “*Elas até devem prestar homenagem a Iemanjá*”, ironiza, lembrando algumas de suas vizinhas.

Talvez possa conversar sobre o assunto com a filha, que deve “*visita-la*” para saber se precisa de “*alguma coisa*”. E ... de tudo que precisa, naquele final de mês, quando o dinheiro da pensão já acabou há muito tempo, é conversar sobre a família, principalmente os netos, seus estudos e as namoradas. Mas a filha não terá tempo, bem sabe, pois sua vida é feita de correria. Talvez nem tenha assistido àquele capítulo da novela.

1.7 “Resistências”

⁸⁵ Ibid., p. 268.

Na convivência com pessoas maduras de experiências e histórias, é possível compreender lugares como “*focos de resistência*”⁸⁶, onde elas procuram refúgio para lembrar, lamentar, esperar, projetar e até mesmo “resistir”. Resistência no sentido de oposição ao poder, sobretudo da família que, visando “proteger” o idoso, oprime suas iniciativas e criações.

Nessa linha de raciocínio, a resistência do idoso nos faz lembrar a referência de Harvey⁸⁷ às primeiras obras de Foucault, em que destaca a importância do conhecimento das partes, por menor que sejam, constitutivas do poder, “*cada qual com a sua própria história, sua própria trajetória, suas próprias técnicas e táticas*”. Saber como se instalaram tais mecanismos de poder, como “*foram e continuam a ser investidos, colonizados, utilizados, involuídos, transformados, deslocados, estendidos etc. por mecanismos cada vez mais gerais e por formas de domínio global*”⁸⁸.

Nos “focos de resistência” há sempre lembranças: “dos meus tempos”, geralmente melhores que os atuais. Circulam nos discursos a lamentação das condições que vivem, a espera do “meu dia”, pois evitam pronunciar a palavra morte; a projeção dos sonhos e a identificação com a realidade no que ouvem e vêem na televisão.

“*Sem querer criticar*” sua filha, a idosa lembra o comentário que fez com “*a mocinha da farmácia*” a respeito da educação dos seus netos, ao ver um casal de jovem se abraçando “*na frente de todo mundo*”. Sua filha soube do comentário e, num tom de crítica, lembrou à mãe que “*os tempos agora são outros*”. A idosa não entrou mais naquela farmácia, embora os preços sejam mais baixos. Contudo, “*a mocinha da farmácia*” recorreu aos seus conselhos quando teve problemas com o namorado. “*Filho não prende marido*”, concluiu a idosa, depois de ouvir a jovem, lembrando “*o caso da Esmeralda*”⁸⁹.

Para Foucault, na análise cuidadosa da micropolítica das relações de poder em localidades, contextos e situações sociais distintos, pode-se apreender uma íntima relação entre os sistemas de conhecimento (“*discursos*”) que representam técnicas e práticas para o exercício do controle e do domínio sociais em contextos localizados particulares.

No nosso entender, o espaço doméstico, a casa de abrigo, o hospital, o centro de convivência representam para idosos, a exemplo do que aponta Foucault, lugares particulares

⁸⁶ Consideramos “focos de resistência” lugares do cotidiano do idoso: porta de igreja, praça, calçada da praia, feira pública, supermercado, farmácia, postos da previdência social etc.

⁸⁷ HARVEY, David, *Condição pós-moderna*, p. 50.

⁸⁸ FOUCAULT apud HARVEY, *Condição pós-moderna*, p. 50.

⁸⁹ Personagem da novela “*Porto dos milagres*”, da Rede Globo de Televisão.

em que prevalece um discurso de poder localizado. E como ele afirma que não há “*relações de poder sem resistência*”, o melhor caminho para “*eliminar o fascismo que está na nossa cabeça*” é explorar as qualidades abertas do discurso humano, intervindo na maneira como o conhecimento é produzido e constituído nos lugares particulares em que prevaleça um discurso de poder localizado⁹⁰.

Consideramos, no caso dos idosos, que as batalhas movidas de maneira a contestar todas as formas de discurso (e ação) de poder devem ser travadas a partir dos “focos de resistência”, onde, em determinadas condições, os idosos produzem discursos, articulam posições, longe da vigilância “protetora” e “castradora” de suas potencialidades, repressoras de seus conhecimentos.

Nos discursos dos idosos, em meio aos casos de doenças e perdas, há sempre referência ao “*que deu no telejornal*” ou às cenas do “*capítulo de ontem*” como reafirmação do que dizem. Assim, assistir à televisão como expectativa da “*novidade*”, reflete no dizer em curso dos idosos o que “*consomem*” na mídia televisiva. Consumo esse que, segundo Martín-Barbero⁹¹, pode falar e fala de justas aspirações a uma vida mais digna. O consumo, portanto, permite “*uma compreensão dos diferentes modos de apropriação cultural, dos diferentes usos sociais da comunicação*”. Assim, explica que

o consumo não é apenas reprodução de forças, mas também produção de sentidos [grifo nosso]: lugar de uma luta que não se restringe à posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas e dispositivos de ação provenientes de diversas competências culturais.

A questão do “consumo”, portanto, implica discussão a respeito do conhecimento, que para Schaff envolve “*a prática humana sob todas as formas, e constitui em certo sentido uma projeção do homem*”, ou seja, a maneira como ele apreende a realidade objetiva, dependendo não só do que seja a realidade, mas também do que é o homem cognoscente.

Visto o homem dessa forma, entendemos o telespectador, sobretudo o idoso, em suas “*práticas carregadas de subjetividade*”, como explica Schaff⁹².

⁹⁰ FOUCAULT apud HARVEY, *Condição pós-moderna*, p. 50-51.

⁹¹ MARTÍN-BARBERO, Jesús, *Dos meios às mediações*, p. 290.

⁹² SCHAFF, Adam, *Linguagem e conhecimento*, p. 239.

Efetivamente, os conteúdos e os modos da percepção e do conhecimento humano dependem também do gênero da prática (. . .) de que o homem dispõe, bem como dos recursos em saber e experiência que ele possui, no momento em que procede ao conhecimento. É precisamente sob esse ponto de vista, que uma mesma realidade pode ser e é percebida de maneira diferente por homens diferentes. É evidentemente essa via que segue – para penetrar no processo do conhecimento – o fluxo principal da subjetividade, isto é, o fator que colora o conhecimento com as propriedades individuais do sujeito.

Ao que Martín-Barbero se refere como “*usos*” podem ser entendidos como processo de reelaboração, de produção de sentido do homem de conhecimento, que pensa e se expressa, que apreende a palavra em movimento na sua relação com o mundo.

Sendo assim, o caminho a percorrer “*em busca da autonomia do sujeito-leitor*”⁹³ surge com mais clareza no campo. Diz respeito à Análise de Discurso, “*que procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história*”. A Análise de Discurso, segundo Orlandi⁹⁴,

concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

Na condição da linguagem há também a incompletude, pois nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. E a falta, além de ser “*o lugar do possível*”, abre também para o simbólico, como explicita Orlandi⁹⁵.

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentidos por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas. Sujeitos à falha, ao jogo, ao acaso, e também à regra, ao saber, à necessidade. Assim o homem (se) significa.

⁹³ Referência ao título do livro produzido pelo Grupo de Leitura da UniSantos (Universidade Católica de Santos), do qual fazemos parte desde a sua criação, em 1991.

⁹⁴ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de discurso*, p. 15.

⁹⁵ Ibid., p. 52-53.

Se o sentido e o sujeito poderiam ser os mesmos, no entanto escorregam, derivam para outros sentidos, para outras posições. A deriva, o deslize é o efeito metafórico, a transferência, a palavra que fala com outras.

Nesta parte do nosso trabalho, trajetória inicial do percurso ao encontro do sujeito e do sentido, o efeito metafórico procura demonstrar que nem tudo é pacífico no campo científico *“análogo ao acadêmico, pois residem aí tanto as condições de produção (sistema de ciência) como de sua reprodução (sistema de ensino)”*⁹⁶.

Procurando estabelecer diálogo entre as palavras, encontramos abertura para entrar no campo da comunicação. Nele esperamos promover *“jogos de linguagem”*. Isso porque, como explica Lyotard⁹⁷, apesar de *“o vínculo social ser lingüístico, não é tecido com um único fio”*, mas um *“número indeterminado”* de *“jogos de linguagem”*. Daí, o próprio sujeito social parece dissolver-se nessa disseminação de jogos.

Buscando caminhos para iluminar nosso objeto de estudo e as condições de produção de conhecimento no âmbito acadêmico, reconhecemos, a exemplo do que afirma Martín-Barbero⁹⁸, que *“Bourdieu ajudou-nos a entender as tensões e a luta de posições em que se decidem quais são as disciplinas ‘próprias’ do campo”*.

O campo da comunicação, nesse terceiro milênio, em nossa sociedade, se apresenta como lugar estratégico, tanto pelo que ocorre no plano das práticas: fragmentação do processo de comunicação, hegemonia da imagem, espetacularização e estetização do acontecimento, até mesmo das realidades mais dolorosas e chocantes; como pelo que acontece no plano da investigação. Portanto, torna-se necessário recolocar a questão do poder num cenário de descontinuidade histórica, de destempos entre política e tecnologia, entre economia e cultura.

No capítulo seguinte, discutiremos o campo da comunicação, *“constituído pelas diversas ciências humanas metassignificadas”*⁹⁹, no qual destacamos a televisão, mídia com papel importante de laço social numa sociedade de solidões organizadas, como a da idosa que, em casa prepara as aulas para as *“meninas da comunidade”* e procura acompanhar na televisão o que acontece no *“mundo lá fora”*. Dessa forma, sente-se ligada com os outros, abastece o seu repertório, alimenta a sua memória, fortalece o seu poder *“para o encontro com os companheiros da comunidade de destino”*, porto de ancoragem em nossa travessia.

⁹⁶ LOPES, Maria Immacolata Vassallo de, *O campo da comunicação*, p. 43.

⁹⁷ LYOTARD apud HARVEY, *Condição pós-moderna*, p. 51.

⁹⁸ MARTÍN-BARBERO apud BACCEGA, *Comunicação e linguagem*, prefácio.

⁹⁹ BACCEGA, Maria Aparecida, *Comunicação e linguagem*, p. 100.

No tempo da vida, quando faltam as palavras¹⁰⁰ ou as palavras fazem falta, qualquer que seja o acontecimento – feliz ou triste, fictício ou real – há sempre o ritual da preparação. No tempo do dia, geralmente ao fim da tarde, há o ritual dos idosos para ver a programação da televisão. Geralmente as mulheres são mais espontâneas ao revelar o ato de ver TV: apressam seus afazeres, tomam banho, vestem roupa confortável para o "*encontro*" com o mundo do real e da ficção.

Mundo em que o idoso interage com personagens da tela, permitindo a abertura do campo da negociação cotidiana em seu dizer, até mesmo com aquela falta que o afeta, dando outra resposta "*que consiste em acompanhar o dizer pelo dizer de sua falta*"¹⁰¹.

Mas, até que ponto o telespectador idoso faz distinção entre esses dois mundos? Onde termina, para ele, o espetáculo dos fatos diários que acontecem na sociedade e começa a dramatização de episódios do cotidiano? O que diz aquele que, quase sempre ignorado, ganha direito à escuta para falar do que sente, sabe, sonha ou sofre? O que difere em seu discurso o discurso televisivo? Como esse sujeito-leitor constrói sentido do que vê na televisão? Que valores ele incorpora e do que se apropria? E que sentido tem de si próprio? Quem é, afinal, o idoso? Como ele se relaciona com o texto televisivo, com os outros e consigo próprio, nesse início de século? Em que condições produz os seus discursos?

O corpo envelhecido muda a percepção que os outros têm de uma certa pessoa, que antes "jovem" agora é "velha" (auto-imagem externa), fazendo com que esta pessoa mude sua auto-imagem (auto-imagem interna). Como dizia Sartre¹⁰², "*o pior não é aquilo que os outros fazem de nós. O pior é aquilo que nós fazemos daquilo que os outros fazem de nós*".

De que forma conviver com a indiferença do Outro no tempo da nossa vida em que a dependência supera a autonomia dos movimentos? Sentar, à espera do tempo que demora a passar e "*assistir*" às cenas da vida que acontecem "*lá fora*", "*revivendo*" o que resta adormecido "*lá dentro*": na memória, na saudade, na expectativa de "*melhores tempos*".

¹⁰⁰ Expressão comum entre os idosos, quando não conseguem colocar suas idéias e justificam: "me faltam as palavras".

¹⁰¹ AUTHIER-REVUZ, Jacqueline, *Falta do dizer, dizer da falta*, p. 254-255.

¹⁰² SARTRE apud BOTH, *Fundamentos de gerontologia*, p. 24.

Na verdade, os anos possuem as pessoas e elas vão se inscrevendo em grupos determinados de idade. Caterina Lloret¹⁰³, ao discutir a questão “*ter uma idade ou ser de uma idade*”, considera que a passagem do tempo, constituindo os anos, determina a vida dos homens.

Em sua opinião, os anos são pessoais e intransferíveis e nos possuem. “*Mais do que ter uma idade, pertencemos a uma idade. Os anos nos têm e nos fazem; fazem com que sejamos crianças, jovens, adultos ou velhos*”. E são essas determinações, na visão da autora, que situam os homens nos grupos socialmente definidos, “*apesar da relativa flutuação das fronteiras culturais, legislativas ou administrativas*”¹⁰⁴.

Enquanto Beauvoir¹⁰⁵ considera o sujeito idoso como o resultado de um fenômeno biológico com reflexos profundos na sua psique, perceptíveis pelas atitudes típicas da idade avançada; Chauí¹⁰⁶ defende este tempo da vida como uma forma de luta para continuar sendo homem e sobreviver, referindo-se às condições do idoso na sociedade capitalista.

Posição mais equilibrada e realista é a de que velhice, terceira idade ou ser idoso é apenas uma fase diferente de vida, “*quem sabe a última, mas ainda vida*”, como pondera Lahud Loureiro¹⁰⁷.

Em nosso trabalho, para definir o tempo da idade do idoso, tomamos a legislação brasileira como referência. O Artigo 2º da Lei nº 8. 842, de 4 de janeiro de 1994, diz:

Considera-se idoso, para os efeitos desta lei, a pessoa maior de sessenta anos de idade.

¹⁰³ LLORET, Catherina, *As outras idades ou as idades do outro*, p. 14.

¹⁰⁴ Ibid., p. 14.

¹⁰⁵ BEAUVOIR, Simone, *A velhice*, p. 19.

¹⁰⁶ CHAUÍ apud BOSI, *Memória e Sociedade*, p. 18.

¹⁰⁷ LAHUD LOUREIRO, Altair Macedo, *A velhice, o tempo e a morte*, p. 17.

Porém, convenções sócio-demográficas atuais determinam que idosos são pessoas com mais de 60 anos, nos países em desenvolvimento, e com mais de 65, nos países desenvolvidos. Tais estudos levam em consideração que o ciclo vital está relacionado ao gênero, classe social, saúde, educação, fatores de personalidade, história passada e contexto sócio-histórico, elementos importantes que se mesclam com a idade cronológica para determinar diferença entre os idosos dos 60 aos 100 anos¹⁰⁸.

Além dos fatores apontados acima, deve-se considerar também a subjetividade do homem para que se sinta ou não pertencente a um segmento identificado como idoso e que apresente padrões de comportamento esperados para uma determinada categoria etária.

Nosso propósito, ao desenvolver essa pesquisa, é entender a dinâmica do “outro” relacionado ao “eu”, onde está a subjetividade, *“a reformulação dos padrões valorativos, emocionais e cognitivos de cada grupo e/ou classe, de cada indivíduo/sujeito, da realidade concreta”*¹⁰⁹.

Na pista dessa dinâmica, na perspectiva discursiva, buscamos a compreensão do que diz o idoso a respeito da programação televisiva. O objetivo, portanto, é produzir uma forma de conhecimento sobre discurso e sobre sujeito discursivo. Em diferentes espaços do cotidiano do idoso, nas marcas dos seus discursos há identificação do sujeito, com sua argumentação, subjetivação, construção da realidade etc. Aí, pressupomos, estão as marcas do discurso televisivo.

Dessa forma, o objetivo geral para a realização do nosso trabalho é a compreensão do discurso de idosos, produzido em diferentes espaços (público) do cotidiano. Para tanto, nos apoiamos na Análise de Discurso (AD), da Escola Francesa (Pêcheux e outros), visto que, trabalhando na confluência de campos do conhecimento, a AD rompe fronteira e produz novo recorte de disciplinas, constituindo novo objeto, o discurso, que vai afetar formas de conhecimento em seu conjunto¹¹⁰. O dispositivo de análise contempla as condições de produção, compreendendo o sujeito, a situação e a memória que fazem parte da produção do discurso.

¹⁰⁸ NÉRI, Anita Liberalessa, *O fruto dá sementes*, p. 45.

¹⁰⁹ BACCEGA, Maria Aparecida, *Comunicação e linguagem*, p. 102.

¹¹⁰ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de discurso*, p. 20.

No campo da Comunicação, a ruptura se dá no esquema mecânico emissor/mensagem/receptor, com a proposta para compreender o sujeito de discurso. Um dos alicerces do campo da Comunicação, o sujeito está presente tanto no pólo do enunciador quanto no do enunciatário, que realizam ao mesmo tempo o processo de significação, sem que haja separação estanque entre eles. O universo do sujeito, portanto, é formado pelo diálogo entre os discursos, nos quais está inserido o seu cotidiano. A mensagem, por sua vez, deve ser pensada como discurso.

Discurso que “*inclui a interação na vida cotidiana e a formação da consciência*”, conforme Baccega¹¹¹, como “*efeito de sentidos entre locutores*”, de acordo com Orlandi¹¹². Nesse movimento da existência humana, que afasta e aproxima as pessoas, há vestígios que devemos compreender na perspectiva discursiva, conhecendo os procedimentos em jogo num determinado processo de significação.

Especificamente, portanto, nos propomos a compreender o(s) sentido(s) da televisão no discurso do idoso. Como o meio de comunicação da palavra e da imagem, pressupomos que a TV preenche o tempo na vida do idoso, não apenas como “distração”, mas também como pauta para a comunicação com o Outro, como estímulo ao entendimento do seu universo e o do Outro. Nesse sentido, partimos da premissa de que o discurso televisivo contribui para aproximar o idoso telespectador do mundo dos jovens.

Acreditamos que, se as capacidades expressivas, sensibilidades e intuição do idoso forem ativadas, poderá ocorrer mudança em sua visão de mundo e de vida, encontrando novos interesses, aspirações e formas para prosseguir a caminhada ao lado dos mais jovens, com mais tolerância ao “novo”, ao “diferente”, no intercâmbio com o Outro. Mesmo que não haja “mudanças efetivas de comportamentos”¹¹³ (incorporação) no cotidiano do idoso, por influência dos valores transmitidos na programação televisiva, é possível que, na “telinha” ele encontre explicação para as mudanças e possa atuar como mediador entre gerações.

¹¹¹ BACCEGA, Maria Aparecida, *Comunicação e linguagem*, p. 115.

¹¹² ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de discurso*, p. 21.

¹¹³ BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação e linguagem*, p. 116. Para a autora, “a comunicação só se estabelece quando é incorporada (e não apenas apropriada) pelo enunciatário”, tomando como apropriação os modos pelos quais os meios de comunicação influenciam o telespectador. Portanto, como apropriação considera os “comportamentos passageiros que, no mais das vezes, desaparecem sem deixar vestígios. Já a incorporação se constitui das permanências, das mudanças efetivas de comportamento, que se traduzem no cotidiano dos indivíduos/sujeitos”.

No plano teórico, esperamos, no mínimo, contribuir com essa pesquisa para o avanço no campo da Comunicação ao trabalhar o discurso, enquanto conceito teórico, como uma prática, efeito de sentidos entre enunciador e enunciatário. E o campo da Comunicação, como diz Baccega¹¹⁴, é *“constituído a partir de uma multiplicidade de discursos que originam e configuram a unicidade do discurso da mídia”*.

Martín-Barbero¹¹⁵ percebe a comunicação *“como o cenário cotidiano do reconhecimento social, da constituição e expressão dos imaginários a partir dos quais as pessoas representam aquilo que temem ou que têm direito de esperar, seus medos e suas esperanças”*. O papel dos meios de comunicação, segundo o autor, não se restringe à reprodução de ideologia, *“mas também se faz e refaz a cultura das majorias, não somente se comercializam formatos, mas recriam-se as narrativas nas quais se entrelaça o imaginário mercantil com a memória coletiva”*.

Portanto, esperamos com esse trabalho contribuir para a definição do sentido e valor do tempo da vida, pois o que define o ser idoso *“é o seu sistema global de valores e não apenas o sentido atribuído pelos homens à existência”*, posição de Beauvoir¹¹⁶, com a qual concordamos plenamente.

Na prática, contamos com o efeito desse estudo para novas perspectivas, que esperamos possam contribuir em duplo sentido: valorizando e ampliando os conhecimentos sobre o idoso, bem como promovendo a sua interação no meio em que vive. Sendo assim, julgamos despertar a consciência daqueles que têm responsabilidade para com o idoso, tanto no espaço público quanto no privado, a partir do lugar em que vivemos, a Região Metropolitana da Baixada Santista.

Vivemos em uma região que, além da característica de veraneio, está referendada também como “lugar de velhos”, pois muitos idosos de fora procuram as cidades do litoral do estado de São Paulo “para descansar”, no sentido de residir, depois de aposentados.

¹¹⁴ Ibid., p. 104.

¹¹⁵ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Globalização comunicacional e transformação cultural*, p. 63.

¹¹⁶ BEAUVOIR, Simone, *A velhice*, p. 16.

Além dos idosos que “residem descansando” na Região, há os que ainda trabalham, apesar da idade e da saúde, para ajudar a família, para comprar os remédios, para continuar vivendo. Daí nossa preocupação e respeito para com o ser idoso, prenhe de amadurecimento e sabedoria. Consideramos importante desvendar o tesouro de sua memória, pois “o velho é como uma biblioteca”, usando a expressão de Baccega, que guarda em seu “templo”¹¹⁷ saberes desconhecidos para muita gente.

No empreendimento para a compreensão do discurso que o idoso constrói no seu cotidiano, a nossa proposta, com base nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso, centrará a análise na questão do sujeito com sua história e dizer em curso, ou seja, no discurso do cotidiano. Acreditamos que a Análise de Discurso faz compreender a forma de sentido dos objetos simbólicos, discursos, porque trabalha os limites da interpretação como processos de construção de sujeitos e de sentidos.

Como diz Orlandi¹¹⁸, a respeito da Análise de Discurso:

não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há métodos, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender.

1.8 Ritual no cotidiano

Queria dizer tanta coisa: do que foi, viu, sofreu, como sobreviveu. Contudo, faltam-lhe as palavras. Nesse seu tempo, a memória é traiçoeira. Melhor calar, ver e ouvir o tempo que passa e com ele ir passando. Para onde? Talvez, ao mesmo lugar, onde, no seu silêncio, encontre companhia na televisão.

Benalva Vitorio

¹¹⁷ Uma das expressões recolhidas em pesquisa realizada entre estudantes da Universidade Católica de Santos (UniSantos), em março de 1998. Outras referências que surgiram sobre a biblioteca: *casa do saber, paraíso do conhecimento, morada do silêncio, lugar de reflexão, contemplação, paz de espírito, fonte de sabedoria*, conforme *Leituração*, boletim produzido pelo Grupo de Leitura da UniSantos, nº 5, jun.1998.

¹¹⁸ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de discurso*, p. 21.

No final dos anos 70, já se considerava que analisar o processo e consumo dos discursos era abordar não só o estudo das operações e as regras que regem o trabalho de produção social da significação, mas também o estudo dos sujeitos produtores. Sujeitos que, como veremos, não se definem por algum tipo de intencionalidade e interesse, mas pelo “lugar” que ocupam no espaço social e pela forma como inscrevem sua presença no discurso.

A esse respeito, lembramos o que afirma Calligaris¹¹⁹: “*ninguém contempla o mundo de cima. [...] Sempre entendo o mundo a partir do lugar que ocupo*”. Na análise sobre a recepção do filme *Carandiru*, de Hector Babenco, ele discorre sobre identificações e explica a sua posição.

O centro de onde cada um de nós organiza o mundo é uma rede complexa de relações, lembranças, histórias e crenças singulares (que nem conhecemos inteiramente). Ora, constato que a chance de dialogar e de pensar acaba quando esse centro nos aparece como a plenitude exultante de uma identificação.

No início do século XXI aumenta, de forma significativa, a população com mais de 60 anos, no Brasil. Atualmente, são 15 milhões de idosos, o que representa 8,6% da população mundial. Apesar de as condições em que vivem essas pessoas ainda não serem as ideais, o avanço na medicina e o trabalho de algumas instituições, como as universidades, apresentam perspectivas para que se prolongue mais o tempo de vida dos idosos e proporcione aos mesmos momentos de convívio com lazer e conhecimento.

Observamos, assim, que o problema do idoso, pelo menos em nosso contexto, não está somente em suas condições materiais, no tempo em que se situa o homem na ordem cronológica do seu tempo, ou seja, tendo uma idade. Julgamos que a questão está na consciência: do idoso de pertencer a uma idade e do “outro” sobre a idade a que ele (idoso) pertence.

¹¹⁹ CALLIGARIS, Contardo. *As identificações e a possibilidade de pensar*, p. E8.

Entre muitas questões sobre a complexidade existencial da idade vivida e das diversas ordens impostas a partir da contagem dos anos, Lloret¹²⁰ acredita na necessidade de entender a articulação das imagens.

Se não queremos viver sob a máscara do tempo imposto a mim e aos outros, mas queremos, com o próprio tempo vivido em mim e na alteridade dos demais, viver o tempo que temos e que nos tem, é preciso desvelar como se articulam as imagens impostas a partir da memória coletiva, do imaginário social ou do costume.

Porém, a autora considera não ser só essa a questão relativa à idade das pessoas. No seu entender, há que se avaliar a maneira como as práticas cotidianas reforçam estas imagens, recriando e desvelando o modo como *“certos estudos sociais ou psicossociais, certos interesses econômicos e políticos – sem esquecer as razões legislativas e gerenciais na classificação ou ordenação das populações – as conformam e as determinam”*¹²¹.

Em cada grupo de idade (grupo de iguais?) há cumplicidades e estratégias para conviver com o tempo da vida. Observamos que, na idade dos idosos, quando parece que o tempo da vida já foi completado, há aqueles que se refugiam nas lembranças do que foi e outros que libertam a fantasia do que não viveram. Entre uns e outros há necessidade da comunicação, tentando escapar do “tempo do silêncio”, entendido de muitas formas: esquecimento de si próprio, dos outros e pelos outros, do fim (ou recomeço) . . . da morte.

Pressupomos que o idoso, no seu dizer, reata “*fios ideológicos*” do cotidiano, entre eles os do discurso televisivo. Os dizeres, segundo Orlandi¹²², não são apenas mensagens a serem decodificadas, mas “*efeitos de sentidos*” produzidos em determinadas condições e que estão presentes no modo como se diz, “*deixando vestígios*” apreendidos pelo analista.

¹²⁰ LLORET, Caterina, *As outras idades ou as idades do outro*, p. 23.

¹²¹ Ibid., p. 23.

¹²² ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de discurso*, p. 30.

São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele.

Em seu dizer, o idoso vai construindo textos ricos de saber, algumas vezes sem credibilidade, muitas sem contar com a escuta do “outro”. Partimos assim da premissa de que em seus discursos há sempre referência ao que foi dito na televisão, como se ali encontrasse interlocutores do seu cotidiano.

Pressupomos, então, que o idoso ao contar seus “casos” remete o dizer a toda uma filiação de dizeres, inclusive os da televisão. Daí nos propormos a analisar as condições de produção, ou seja, o sujeito, a situação e a memória como parte da produção do discurso de idosos. Nossa análise, portanto, consiste na compreensão dos processos de produção de sentidos e de constituição do idoso, indivíduo-sujeito em suas posições, enquanto telespectador.

“Como fenômeno discursivo, os meios de comunicação de massa atuam de forma significativa nos discursos do cotidiano, nos indivíduos-sujeitos”, como diz Baccega¹²³, explicando o processo que constitui o indivíduo-sujeito.

O indivíduo resulta, portanto, de vários discursos; é paciente de uma pesada carga social, que atua ditatorialmente sobre cada um. Mesmo assim, a subjetividade é única, carrega traços da especificidade do ser que reelabora essa carga e do universo a que ele pertence. Mas ele é também agente. Portador de uma subjetividade plural, o indivíduo tem condições de reelaborar, de inovar os discursos da sociedade, que são muitos, produzindo outros muitos discursos. Daí sujeito. É essa condição de paciente/agente que nos leva a designá-lo indivíduo/sujeito.

¹²³ BACCEGA, Maria Aparecida, *Comunicação e linguagem*, p. 116.

O texto da televisão, no nosso entender, funciona como “pretexto” para que o idoso construa seu texto na relação comunicativa que estabelece no cotidiano. Sendo assim, supomos que no discurso do idoso sempre há referência ao que “diz a TV”, seja a respeito do acontecimento da atualidade, geralmente relacionado ao espaço mais próximo; ou a respeito da produção ficcional, como forma de projeção ou identificação com personagens e situações de filmes e telenovelas.

Tal procedimento caracteriza a leitura dos enunciatários com relação aos conteúdos dos meios de comunicação social. Processo que, para Baccega¹²⁴, “*é resultado dos signos envolvidos de um e de outro lado*”. Sobre esses dois lados, enunciador/enunciatário, convém deixar explícito o que a autora entende por “*intercâmbio*”.

Cada discurso constitui a partir de uma multiplicidade de outros discursos que originam e configuram a unicidade dele próprio. O indivíduo/sujeito que o assume é, portanto, o porta-voz dessa multiplicidade: ele é enunciador/enunciatário de todos os discursos em constante embate na sociedade. No momento em que ele elabora o seu próprio, ele se constitui como mediador desses discursos.

Se, por um lado, ele tem a condição de enunciador (“emissor”) de um discurso específico, que manifestará suas escolhas, ao produzir esse discurso ele estará, na verdade, reelaborando a pluralidade de discursos que recebe – ou seja, estará na condição de enunciatário (“receptor”). Ele é, portanto, enunciador/enunciatário.

O mesmo ocorre com o indivíduo/sujeito ao qual se destina o discurso e que o próprio discurso, na sua constituição, procura incorporar: enunciatário (‘receptor’) do discurso elaborado, este indivíduo/sujeito é também enunciatário de todos os outros discursos sociais que circulam no seu universo.

No processo da “leitura” desse discurso novo, ele os mobiliza. Ocorre que a comunicação só se efetiva quando ela é apropriada e se torna fonte de outro discurso; logo, na própria condição de enunciatário está presente a condição de enunciador, ou seja, o indivíduo/sujeito enunciatário, ao manifestar o que lhe foi “comunicado”, torna-se enunciador. Ele é, portanto, enunciador/enunciatário¹²⁵.

¹²⁴ BACCEGA, Maria Aparecida, *Comunicação e linguagem*, p. 116.

¹²⁵ BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso*, p. 58.

Nesse processo de “*intercâmbio*” desponta o sujeito de sentidos que, diante da televisão, não representa apenas a passividade, a “*tábua rasa*”, o “*saco vazio*” onde se despeja tudo, inclusive a programação televisiva como forma de alienação. Ao contrário das proposições teóricas que analisam a comunicação com base no fluxo emissor-canal-mensagem-receptor, com tendência a privilegiar e até isolar um dos termos, entendemos que não há separação entre emissor e receptor, mas a realização simultânea do processo de significação.

No cotidiano do idoso, a mídia eletrônica das imagens funciona como despertador ao seu compromisso de horário a cumprir: “*a hora da novela*”, “*a hora do telejornal*”. O aparelho no espaço doméstico tem a função de “*relógio*” para o encontro com a ficção e/ou a realidade na tela povoada de imagens de “*gente famosa*” e “*importante*” nos diferentes segmentos da vida social, ou de gente comum, “*como a gente*”. Tais expressões são comuns no discurso de idosos com os quais convivemos.

O tempo deles é mais desestruturado do que o dos mais jovens, porque não têm ou não se submetem ao cumprimento de uma agenda de horários e compromissos. Daí a tendência dos idosos a viver no e do passado. Para Hendricks¹²⁶, a relativa falta de âncoras no presente e as circunstâncias da própria vida afetiva, fazem com que se reportem ao passado, buscando fotos, objetos e documentos, odores, sabores e sons que despertam lembranças. Aí, pressupomos, entra a televisão, porto seguro para ancoragem. Telespectador e comunicador se encontram na formação discursiva, no tempo combinado, com hora marcada, seguindo os ponteiros do relógio de Drummond de Andrade¹²⁷.

O RELÓGIO

Carlos Drummond de Andrade

Nenhum igual àquele.

¹²⁶ HENDRICKS apud NÉRI, *O fruto dá semente*, p. 42.

¹²⁷ ANDRADE, Carlos Drummond, *Antologia poética*, p. 215.

A hora no bolso do colete é furtiva,
a hora na parede da sala é calma,
a hora na incidência da luz é silenciosa.
Mas a hora no relógio da Matriz é grave
como a consciência.
E repete. Repete.

Impossível dormir, se não a escuto.
Ficar acordado, sem sua batida.
Existir, se ela emudece.

Cada hora é fixada no ar, na alma,
continua soando na surdez.
Onde não há mais ninguém, ela chega e avisa
varando o pedregal da noite.

Som para ser ouvido no longilonge
do tempo da vida.
Imenso
No pulso
Este relógio vai comigo.

As manifestações discursivas que povoam o cotidiano do idoso muitas vezes são as mesmas que circulam no domínio televisivo. Lembrando o que diz Baccega¹²⁸ na análise a respeito dos domínios da História e da Literatura, as manifestações discursivas do idoso e da televisão circulam, “*metassignificadas, onde passam a constituir significantes de novos significados*”. A quebra de sigilo na votação do Senado, por exemplo, pode significar tanto “corrupção” para alguns telespectadores quanto “esperteza” para outros. O mesmo acontece com os canais de televisão ao cobrir o acontecimento, destacando ou apagando fontes no momento da captação dos dados.

Sendo assim, é preciso considerar o sujeito do discurso e a situação em que produz o seu discurso, de acordo com a formação discursiva e a formação ideológica. Nesse processo, o “passado” (memória do idoso) volta a circular pela voz do “presente” (noticiário televisivo). A respeito do exemplo apontado acima, ouvimos de idosos o que consideramos rememorações de “casos” políticos do passado “recente”, no cenário nacional e que foram atualizados e referendados com o presente político “que deu na televisão”. Ele (re)conta o que considera mais importante do que “deu na TV”, relacionando com suas lembranças. O mesmo deveria acontecer com a televisão, mas ela só conta o que está acontecendo na sociedade, de forma fragmentada, descontextualizada.

Na inter-relação dos discursos televisivos, no jogo entre o texto oral, visual e sonoro, o telespectador idoso consegue, muitas vezes, estabelecer relação muito mais profunda e coerente, para entender a atualidade, do que os produtores da mídia. Isso porque ele reconstrói a história lembrando de outras histórias.

Visando à compreensão de como o discurso do idoso (objeto simbólico) produz sentidos, como ele está investido de significância para e por indivíduos/sujeitos, procuramos explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido, produzindo assim novas práticas de leitura.

O ponto de partida para o encontro com a comunidade de destino está na problemática já exposta, “*traduzida*” em perguntas e decorrente da teoria, para que possamos, no processo de uma prática reflexiva que tem um percurso, estabelecer diferentes relações com um público representativo na cidade de São Vicente, Região Metropolitana da Baixada Santista.

¹²⁸ BACCEGA, Maria Aparecida, *Comunicação e linguagem*, p. 47.

Como o *corpus* em Análise de Discurso “é instável e provisório”, segundo Orlandi¹²⁹, a sua delimitação “*não segue critérios empíricos (positivista) mas teóricos*”. A exaustividade, assim, “*deve ser considerada em relação aos objetivos da análise e à sua temática e não em relação ao material lingüístico empírico (textos) em si, em sua extensão*”.

Na forma de análise proposta, a construção do *corpus* e a análise propriamente dita estão intimamente ligadas, ou seja, ao determinar o que faz parte do *corpus* já se decide sobre as propriedades discursivas. Sendo assim, montagens discursivas constituem o *corpus*, seguindo critérios decorrentes de princípios teóricos da Análise de Discurso, considerando-se os objetivos da análise, o que permite chegar à sua compreensão. Como tal, os objetivos da análise, de acordo com o método e os procedimentos, não visam à demonstração, mas compreender como um discurso funciona produzindo efeitos de sentidos.

Em nosso estudo, o foco de análise (de interesse) é a organização do dizer do idoso em sua discursividade no que diz respeito ao dizer da televisão. Explica-se assim em suas regularidades pela sua referência a uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, ganha sentido porque deriva de um jogo definido pela formação ideológica dominante na conjuntura da apreensão do discurso.

A análise não contempla o discurso inteiro dos envolvidos na pesquisa, mas recortes referentes ao discurso televisivo, estabelecendo relação entre discursos diferentes que nos apontem propriedades importantes em relação ao tema proposto, na medida em que indicam características dos processos de significação.

Tais recortes, por seu lado, representam a nossa relação com o material de análise, na observação dos processos significativos que nele se inscrevem. Detectado um processo significativo relevante para o tema e o objetivo da pesquisa, ele será observado ao longo do *corpus*, pelos recortes. Nesse movimento de observação/detecção, outros processos relacionados com o material de análise também poderão constituir objetos de observação.

A dificuldade consiste, no entanto, no fato de que “*não há um contato inaugural com o discurso (ou discursos), com o material que é o nosso objeto de análise*”, como esclarece Orlandi¹³⁰.

¹²⁹ ORLANDI, Eni Puccinelli, *A leitura e os leitores*, p. 10.

¹³⁰ Id. *Análise de discurso*, p. 63.

Como o nosso objeto de análise – discurso do idoso – não se dá como algo já posto, o *corpus* do trabalho resulta da nossa construção, no encontro com a comunidade de idosos. Sendo a análise em processo, que começa pelo próprio estabelecimento do *corpus* e se organiza diante do material e das perguntas (nosso ponto de vista) que o organizam, há necessidade de se recorrer à teoria para que ela intervenha orquestrando a nossa relação com o discurso do idoso, com os sentidos, com o próprio idoso e sua interpretação.

Dessa forma, como a análise não é objetiva, procuramos torná-la o menos subjetiva possível, recorrendo assim à explicitação do modo de produção de sentidos no discurso em análise. A esse respeito, Orlandi¹³¹ observa que “*os sentidos e o sujeito se constituem ao mesmo tempo no interior de uma formação discursiva no confronto entre as diferentes formações. Esta relação constitui a historicidade do sujeito e dos sentidos*”.

Estando consciente da nossa responsabilidade, o caminho consiste em seguir os passos daqueles que, com experiência e conhecimento, nos direções possíveis. No que respeita à nossa proposta, o trajeto orientador está na pista das investigações de Orlandi¹³².

Face ao dispositivo teórico da interpretação, há uma parte que é da responsabilidade do analista e uma parte que deriva da sua sustentação no rigor do método e no alcance teórico da Análise de Discurso. O que é de sua responsabilidade é a formulação da questão que desencadeia a análise. Cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceito que outra analista não mobilizaria, face às suas (outras) questões. Uma análise não a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição dos materiais. Um mesmo analista, aliás, formulando uma questão diferente, também poderia mobilizar conceitos diversos, fazendo distintos recortes conceituais.

A autora então distingue dispositivo teórico da interpretação e o dispositivo analítico construído pelo pesquisador a cada análise. Embora o primeiro inclua o segundo, a diferença está no dispositivo teórico já “*individualizado*” por quem trabalha em uma análise específica. Com o mesmo dispositivo teórico os analíticos diferem.

¹³¹ ORLANDI, Eni Puccinelli, *A leitura e os leitores*, p. 13.

¹³² Id., *Análise de discurso*, p. 27.

O que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise”¹³³.

O dispositivo teórico em nosso trabalho procura mediar o movimento entre a descrição e a interpretação, com a sustentação em princípios gerais da Análise de Discurso, enquanto uma forma de conhecimento com seus conceitos e métodos.

Superada a dificuldade do contato inaugural com os discursos, construído o *corpus* e feita a análise do mesmo, chegamos à fase em que, esperamos, tenha sido um processo que faça sentido, como preconiza Orozco¹³⁴, que vê na perspectiva qualitativa da pesquisa o interesse dos resultados, “*porém, o que necessariamente interessa é o processo*”.

Apontando o nosso discurso para outros que se abrirão, surgem pistas para dizeres futuros. Nos capítulos, que constituem processo de construção – “*tijolo com tijolo no desenho mágico*”, a exemplo da “*Construção*” de Chico Buarque de Holanda – as nossas palavras se juntam às do poeta Carlos Drummond de Andrade que descreve o tempo do idoso como aquele de se suportar o mundo nos ombros.

De ombros erguidos, a idosa se despede da convidada. Embora a travessia tenha sido longa, colheram muitos frutos na jornada e, nem por isso, sentem o peso do que carregam. Lançada a âncora, o barco aporta em um dos cais da vida. Cada uma segue seu caminho, prometendo novos encontros, que dependerão da vontade de se organizar o tempo no cotidiano: tempo sem tempo dos jovens e de muito tempo dos idosos. Tudo depende do fardo-mundo e de como suportá-lo no campo da vida.

¹³³ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de discurso*, p. 27.

¹³⁴ OROZCO, Guillermo, *La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa*, p. 80.

Os ombros suportam o mundo

Carlos Drummond de Andrade¹³⁵

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.
Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se.
Mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada espera de teus amigos.
Pouco importa a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios.
Provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
Preferiram (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas sem mistificação.

¹³⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de, *Antologia poética*, p. 114-115.

II. COMUNICAÇÃO: PLURALIDADE E DISPERSÃO

Se a verdade é a luta de verdades, é também o consenso que permite essa luta, e é ainda o consenso maior ou menor que se obtém, antes e depois da luta, sobre o que está em luta.

Souza Santos¹³⁶

Como há muitas verdades em luta nos diferentes campos da existência, o consensual em disputa no nosso campo, o da comunicação, pressupõe o conhecimento, como “*distanciamento crítico que busca atenuar*” os efeitos da subjetividade “*para uma percepção renovada do real*”, segundo Motter¹³⁷, ao considerar ser possível a objetividade, que “*surge como consequência do postulado da subjetividade*”.

Importante, no campo da comunicação, destacar essa relação verdade-objetividade-subjetividade, visto que nele circulam os discursos sociais que compõem o universo dos dois pólos – enunciadore/enunciatários – “*em permanente processo de intercâmbio de lugares, e resultando, sempre, da polifonia e da dialogia instauradas na sociedade*”¹³⁸.

Os pressupostos acima iluminam nosso caminho sobre o que está em luta, buscando conhecer a renovação do real. A trilogia verdade-objetividade-subjetividade, em luta no campo da comunicação, aparece de forma evidente no que explicita Motter¹³⁹.

O pensamento analítico, submetendo a sucessivas provas o conhecimento em questão, tenderá então a captar fragmentos de objetividade, indícios de verdade que contribuirão para a construção mental num grau máximo de aproximação do objeto concreto. A acumulação dessas pequenas verdades e sua submissão reiterada à prova de cientificidade é que autorizam ao mesmo tempo a afirmação da objetividade do conhecimento e da verdade como um processo rumo a uma perseguida e sempre utópica verdade total.

¹³⁶ SOUZA SANTOS, Boaventura, *Introdução a uma ciência pós-moderna*, p. 95.

¹³⁷ MOTTER, Maria Lourdes, *Ficção e história*, p. 57.

¹³⁸ BACCEGA, Maria Aparecida, *Comunicação e linguagem*, p. 100.

¹³⁹ MOTTER, Maria Lourdes, *Ficção e história*, p. 57.

Ao contrário da verdade, que colocou em confronto jacobinos e membros do Círculo Social na França revolucionária de 1789, a que buscamos não pretende ser a única que articule o curso da história, como esclarece Chauí¹⁴⁰ a respeito de duas verdades: a jacobina em defesa da morte dos “*inimigos do povo*” e a do Círculo Social que, em nome da democratização da palavra, exigia uma língua única e universal.

Na busca de verdades, evitando supressão de inimigos e opositores ao pensamento e à palavra, a nossa luta está no desvelar do sentido, de forma a obter o consenso em nosso jogo discursivo que se apresenta como luta no campo.

Partindo da crítica rousseulista da representação política, Nascimento¹⁴¹ analisa o significado da defesa da liberdade de opinião e de imprensa pelos grupos adversários (jacobinos e membros do Círculo Social), considerando que a luta, além do “*desabrochar da verdade pela liberdade de imprensa*”, compreendia “*a crença na vitória da verdade, apesar dos obstáculos que encontra em seu caminho*”. Assim, de acordo com sua análise, surgem os difíceis caminhos da verdade. Em primeiro lugar, porque há barreiras a superar e, em segundo, porque, nesse processo de desvelamento e de difusão, há sempre outros que trabalham em sentido contrário.

Como a luta nos caminhos da verdade deve ser empreendida no campo com as armas do conhecimento, nos juntamos aos que procuram resistir, refletir e realizar, somando forças com os pressupostos teóricos dos outros campos do conhecimento.

Reconhecemos, no entanto, as mesmas dificuldades apontadas por Nascimento¹⁴² ao fazer referência a uma obra anônima publicada em 1789, ou seja, quando se entra no campo do conhecimento na disputa pela verdade. Com o emprego da palavra, constroem-se dois discursos: o que procura descobrir a verdade e o outro que tenta escondê-la.

Consciente de que a palavra tem força, ela deve ser empregada com responsabilidade e sabedoria, sobretudo no campo da Comunicação. Nele a palavra pode libertar ou aprisionar, dependendo de quem controla os “sistemas”¹⁴³. Isso porque as palavras, de acordo com

¹⁴⁰ CHAUÍ, Marilena, *Os intelectuais e a política*, p. 16.

¹⁴¹ NASCIMENTOP, Milton Meira do, *Opinião pública e revolução*, p. 62, 65.

¹⁴² Ibid., p. 65.

¹⁴³ Estamos a nos referir aos Sistemas de Comunicação (nacional e internacional), nos quais estão implícitos ou explícitos outros sistemas, sobretudo o político e econômico, de acordo com a ementa da disciplina com essa denominação que ministramos na UniSantos.

Bakhtin¹⁴⁴, “*são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios*”, sendo capaz “*de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais*”. E esse registro é uma das funções dos meios de comunicação, sobretudo na sociedade globalizada. Nela o espetáculo das novas tecnologias cria novos suportes, novas linguagens sem, contudo, suplantar as palavras para que haja a interação entre os homens.

Nesse nosso trajeto, construímos a metáfora para entrar no campo, recorrendo à estratégia do discurso para a determinação do nosso lugar, iluminando nosso objeto de pesquisa. Com palavras em curso, esperamos apreender o discurso sobre o discurso, ou seja, o discurso do idoso a respeito do discurso televisivo, considerando o valor do saber na comunidade de destino.

2.1 Encruzilhada de campos

Na encruzilhada de campos, que constitui o campo da comunicação, debruçando-nos sobre os diferentes significados de informação e comunicação. Tomamos à partida as observações de Devèze¹⁴⁵ que, discutindo a pesquisa francesa, considera “*única no mundo, ou quase, reunindo sob uma mesma bandeira as Ciências da Informação e as Ciências da Comunicação*”.

Como pesquisador da Sociedade Francesa das Ciências da Informação e da Comunicação (CIC), Devèze¹⁴⁶ traça um quadro conceitual do campo a que pertence, tentando desfazer “*o reino da ambigüidade, às portas da babel-confusão*”, recorrendo a vários autores para discutir os dois termos – informação e comunicação – e percorre caminhos teóricos da “*oposição*” à visão “*plural e unificadora*” para ressaltar a importância da troca de mensagens de toda natureza entre os sujeitos humanos ou sociais, unindo “*as várias facetas dos fenômenos de informação e de comunicação que constituem o objeto das CIC*”.

¹⁴⁴ BAKHTIN, Mikhail, *Marxismo e filosofia da linguagem*, p. 41.

¹⁴⁵ DEVÈZE, Jean, *As ciências da Informação e da Comunicação na França*, p. 21-40.

¹⁴⁶ Ibid., p. 21-40.

Importante, em sua discussão, é defesa que tece a respeito da abertura do campo no programa das CIC francesa, justificando que “*temos muita coisa a aprender dos outros ainda, aqui e acolá, hoje e amanhã*”. Nesse processo de aprendizagem, encontramos na afirmação de Escarpit¹⁴⁷ a posição com a qual concordamos, ou seja, “*a comunicação é um ato e a informação seu produto*”.

Ato e produto que fazem da comunicação “*tanto os processos de transação entre os indivíduos como a interação dos indivíduos com a natureza, dos indivíduos com as instituições sociais e ainda o relacionamento que cada indivíduo estabelece consigo próprio*”, conforme a definição de Rodrigues¹⁴⁸ para um processo ambivalente, levando em conta a sua penetração na vida cotidiana.

Abrangendo domínios humanos extremamente diversos – de atos discursivos aos silêncios, de gestos e comportamentos aos olhares e posturas, das ações às omissões – os atos comunicacionais para Rodrigues, além de compreender a “*dimensão expressiva*”, também comportam a “*dimensão pragmática*”, ou seja, aquela que transforma o mundo que nos rodeia, tanto o mundo físico natural como o mundo institucional.

Ao traçar o quadro institucional da comunicação, o pesquisador português¹⁴⁹ explicita o que entende por esse campo, “*cuja legitimidade expressiva e pragmática é por natureza uma legitimidade delegada dos restantes campos sociais*”. Sendo assim, está estruturado e funciona segundo os princípios da estratégia de composição dos objetivos e dos interesses dos diferentes campos, seja para cooperação, visando reforçar a sua legitimidade, seja no conflito, aumentando as divergências e antagonismos

Nesse sentido, o campo em questão procura dar conta tanto dos meios como sua organização, estabelecendo o processo de mediação pois, tal como existe e se instaura atualmente nas sociedades, abarca dispositivos, formal ou informalmente organizados, procurando compor valores, mesmo que divergentes, organizar o espaço público, a fim de atender aos seus objetivos e interesses.

¹⁴⁷ ESCARPIT apud DEVÈZE, *As ciências da Informação e da Comunicação*, p. 37.

¹⁴⁸ RODRIGUES, Adriano Duarte, *Estratégias da comunicação*, p. 67.

¹⁴⁹ Ibid., p. 67.

Para garantir esse poder, os meios de comunicação recorrem a estratégias discursivas na sua agenda de produção, como a tipologia de discurso estabelecida por Orlandi¹⁵⁰: lúdico, polêmico e autoritário, dependendo da relação dos interlocutores com o objeto do discurso.

No fundo, os meios de comunicação procuram garantir o poder, sua forma de sobrevivência, diante daqueles que lhes dão o poder, conferindo-lhes a aparência de poder controlar a sua produção. Para tanto, a recorrência aos dispositivos organizados garante a função de organizar os valores e o direito de mobilização do espaço público, visando a seus interesses e objetivos, ou seja, a audiência.

Dessa forma Rodrigues¹⁵¹ identifica a fluidez disseminada dos meios de comunicação no tecido social, procurando dar conta das funções indispensáveis ao funcionamento da sociedade. Exerce assim uma parceria com os outros poderes para garantir uma relativa homogeneidade no meio social.

Ao propor uma sistemática da mídia no âmbito de teoria dos campos sociais, Rodrigues reconhece relativa autonomia do campo da comunicação devido à sua natureza e estrutura de mediação em relação aos outros campos sociais. Nessa composição entram elementos relacionados aos objetivos e interesses dos diferentes campos, sejam de cooperação ou de conflito, divergências e antagonismos. Nessa encruzilhada, a luta se configura. No nosso entender, sem vencedores nem vencidos, a perspectiva aponta para a quebra de fronteiras, no trabalho conjunto em que haja a participação daqueles que também participam na cruzada, indivíduos-sujeitos que escolhem a programação dos meios, que reelaboram os seus discursos, no processo em movimento.

Em ensaio concebido para reconstruir os fundamentos conceituais da comunicação, Rüdiger¹⁵² procura sistematizar as perspectivas filosóficas, conceituais e históricas do estudo da comunicação, tratando do que ele chama de *publicística*, que “*não é uma ciência, mas um campo de estudos multidisciplinares, cujos métodos de análise não têm qualquer especificidade e que foram desenvolvidos pelos diversos ramos do conhecimento*”.

¹⁵⁰ ORLANDI, Eni Puccinelli, *A linguagem e seu funcionamento*, p. 152. A autora, de acordo com a relação apontada, considera que o objeto de discurso é mantido como tal e os interlocutores se expõem a ele (lúdico); ou está encoberto pelo dizer e o falante o domina (polêmico); ou se constitui na disputa entre os interlocutores que o procuram dominar (autoritário).

¹⁵¹ RODRIGUES, Adriano Duarte, *Estratégias da comunicação*, p. 153.

¹⁵² RÜDIGER, Francisco, *Comunicação e teoria social moderna*, p. 7-12.

Focando a categoria em análise sobre “*o fato de que não há sociedade humana sem comunicação*”, o autor defende a comunicação na atualidade como uma dimensão constitutiva da realidade, processos pelos quais as pessoas interagem simbolicamente e que constituem um dos principais meios de formação e transformação da sociedade.

Sendo assim, no seu entender, a palavra comunicação, em geral,

tende a ser definida pelos meios, pelo uso e pelas aplicações, remetendo a uma multiplicidade de territórios raramente explicitada ou coerente entre si, servindo de passarela para diversas disciplinas, que tratam-na com enfoques na maioria das vezes divergentes, acentuados quando passamos das ciências humanas para as ciências naturais¹⁵³.

Ao contrário, trabalha a comunicação como categoria sociológica autônoma, que constitui conceito empregado em sentido restrito, designando basicamente um processo social, que pode ser analisado e reconstruído com certa autonomia pelos meios do pensamento.

Descarta, portanto, a construção de um conceito de comunicação metodologicamente válido para todos os campos de conhecimento, pois “*a comunicação constitui essencialmente um fenômeno social, representa um processo de relacionamento primário entre os homens*”¹⁵⁴. Parte então para a compreensão das “*manifestações do processo social da comunicação, do entendimento da comunicação como matéria de reflexão sociológica*”, visto que o conceito histórico e polissêmico do campo tem evoluído nos últimos três séculos. Nesse processo de transformação, entende a mudança do conceito, explicando a passagem “*do conjunto de canais e meios de transporte (‘comunicação’) para o de processo social de interação e, finalmente, para a de positividade formada pelas práticas, discursos e idéias instituídos à volta dos meios e técnicas de veiculação social de mensagens, das chamadas tecnologias de comunicação*”¹⁵⁵.

Daí a concepção de Rüdiger para o domínio que ele cunha de *publicística*, como o conjunto de disciplinas e saberes que se ocupa e de certo modo ajuda a moldar, seja de forma crítica ou administrativa, o “*poder saber*” na estrutura social. Esse domínio constitui o conjunto formado pelas pesquisas e estudos interdisciplinares da comunicação: *communication research* entre os norte-americanos, *media studies* entre os ingleses, *midialogia* para os pesquisadores franceses.

¹⁵³ RÜDIGER, Francisco, *Comunicação e teoria social moderna*, p. 7.

¹⁵⁴ Ibid., p. 8.

¹⁵⁵ Ibid., p. 8.

2.2 Comunicação e “multiplicidade de sentidos”

O desafio no campo da comunicação, portanto, está na coragem e competência de se enfrentar a tendência ao interdisciplinar, como observou Lopes¹⁵⁶, em estudo de 1996, de forma a incentivar trabalhos que levem ao fortalecimento, prendendo-se à visão histórica do campo científico “*em autonomização dentro do campo maior das Ciências Sociais e Humanas*”.

Dois anos depois, Lopes¹⁵⁷ considerou que a institucionalização do campo da comunicação “*avança sob o signo da transdisciplinaridade*”. Concordamos com a pesquisadora, por entender esse processo como interação entre as disciplinas sem fronteiras sólidas entre elas.

Porém, na prática e exercício da teoria, que compreende a disciplina, há que se considerar a historicidade, dinâmica e mutabilidade dos objetos de estudo. Esse é o sentido de abrir o saber para dar continuidade à sua construção, “*pois um saber não é, em essência, nem estático nem definitivo*”¹⁵⁸ e a organização do conhecimento, portanto, implica transformação e comunicação entre os domínios científicos, sem que haja redução.

Consideramos que o problema está na falta de entendimento e aceitação desta dinâmica de intercâmbio entre saberes, para que haja troca entre os pares, não só na academia e nas empresas de comunicação, também entre si.

Assim, a ciência se desenvolve “*não por cumulação dos conhecimentos, mas por transformação dos princípios que organizam o conhecimento*”, como diz Morin¹⁵⁹. Por mais que haja evolução tecnológica, ainda há que se vencer o paradigma da separação/redução que resultou na divisão das ciências, há que se promover o paradigma transdisciplinar.

A transdisciplinaridade, termo criado por Piaget, em 1970, visou inicialmente à interação entre as disciplinas, de forma a tornar difusas suas fronteiras, como etapa superior de integração, pois completou “*a gradação esboçada pelo multi-, pelo pluri- e pelo interdisciplinar*”. Com essa concepção, embora não tenha se aprofundado no termo, Japiassu¹⁶⁰ tece consideração a respeito do “*sonho*” de Piaget, ao considerar que a transdisciplinaridade é apenas “*uma etapa previsível das associações, mais do que uma realidade já presente*”.

¹⁵⁶ LOPES, Maria Immacolata V. de. *O estado da pesquisa de comunicação no Brasil*, p. 18.

¹⁵⁷ Id., *O campo da comunicação*, p. 41.

¹⁵⁸ Ibid., p. 46.

¹⁵⁹ MORIN, Edgar, *Ciência com consciência*, p. 137.

¹⁶⁰ JAPIASSU, Hilton, *Interdisciplinaridade e patologia do saber*, p. 75.

Embora Piaget tenha considerado, na década de 70, que ainda estivesse longe para a coordenação de todas as disciplinas e interdisciplinas, muitos passos já foram dados nesse sentido. O campo da comunicação segue a tendência da ruptura, quebrando a resistência de compartimentos estanques do saber, promovendo a transdisciplinaridade. O conceito complexo de Piaget¹⁶¹ para transdisciplinaridade resume a defesa de “*uma teoria geral de sistemas ou de estruturas*”, na qual estejam incluídas operações, regulamentos e possibilidades que levem às “*transformações reguladas e definidas*”.

Para o mentor da proposta, acreditando no livre trânsito entre as disciplinas, o procedimento compreendia etapas, começando com as relações interdisciplinares, passando depois a um estágio superior, situando as interações ou reciprocidade entre pesquisas especializadas “*no interior de um sistema total, sem fronteiras estabelecidas entre as disciplinas*”¹⁶².

Reafirmamos que as fronteiras devem ser quebradas também nos diferentes campos onde se aplicam os resultados destas pesquisas especializadas, acompanhando o ritmo de globalização do mundo moderno.

Na atualidade do terceiro milênio, tempo marcado por conquistas e desafios nos diferentes campos do conhecimento, crescem as exigências para aqueles que se dedicam à comunicação social, seja no ensino, na pesquisa ou nas diferentes práticas profissionais do campo. Contudo, o contexto atual favorece apropriação, positiva para o campo da comunicação, devido a contestações de seus limites disciplinares, “*exigindo assim um olhar crítico sobre o passado da sua prática de pesquisa*” como afirma Lopes¹⁶³, insistindo “*no movimento transdisciplinar que se afirma progressivamente*”.

Neste movimento há que se considerar a visão do casal Mattelart¹⁶⁴ de que há “*multiplicidade de sentidos*” no que respeita à noção de comunicação, permitindo acréscimo de vozes na polifonia dessa área do conhecimento, que avança sustentada por novas tecnologias e constante profissionalização de suas práticas.

Sendo assim, nos juntamos à concepção daqueles que defendem a necessidade de estudo transdisciplinar para dar conta dos processos comunicacionais que se encontram na encruzilhada de várias disciplinas, despertando interesses de vários campos e marcando lutas.

¹⁶¹ PIAGET apud SANTOMÉ, *Globalização e interdisciplinaridade*, p. 70.

¹⁶² PIAGET apud JAPIASSU, *Interdisciplinaridade e patologia do saber*, p. 75.

¹⁶³ LOPES, Maria Immacolata Vassallo de, *Por um paradigma transdisciplinar para o campo da comunicação*, p. 3.

¹⁶⁴ MATTELART, Armand e Michèle, *História das teorias da comunicação*, p. 9.

A luta interna que se trava no campo da comunicação para a sua legitimidade, na ótica do casal Mattelart¹⁶⁵, demonstra a pluralidade e dispersão nesse campo que, sendo “*de observação científica*” se inscreveu na tensão entre teorias e técnicas ao longo da sua construção. A história das teorias da comunicação, na visão do casal francês dedicado à pesquisa no campo, é a seguinte:

[...] história das separações e das diversas tentativas de articular ou não os termos do que freqüentemente surgiu sob forma de dicotomias e oposições binárias, mais do que de níveis de análise. Invariavelmente, em contextos históricos diversos, sob formulações variadas, essas tensões e antagonismos, fontes de exclusão, não deixaram de se manifestar, dividindo escolas, correntes e tendências.

Se as divergências entre escolas, correntes e tendências marcaram (e ainda marcam) a trajetória do campo acadêmico da comunicação, no que respeita às suas teorias, aí está um dos motivos para se inventariar o seu percurso de forma crítica e reflexiva, sobretudo no presente, quando processos de aproximação entre culturas, promovidos muitas vezes pela velocidade tecnológica, aceleram transformações de conceitos, colocando novas problemáticas para se entender a interação entre as pessoas, ou seja, compreender o processo de comunicação social.

Não tendo a pretensão de explorar as implicações da trajetória do campo da comunicação, lembramos contudo que a problemática da pluralidade e dispersão nesse campo está associada ao desenvolvimento da tecnologia e, sobretudo, à complexidade da trilogia informação/fragmentação/comunicação que reforça a eficácia da mediação tecnológica. Na “*sociedade do espetáculo*”, esta eficiência reitera o efeito de ilusão sobre o acontecimento¹⁶⁶ nos dois pólos: enunciador e enunciatário.

No pólo da “emissão” (produção), os enunciadores representam a realidade fragmentada como se dessem conta da “cobertura” de tudo o que se passa “de importante” no mundo e, no caso da televisão, em tempo real. No pólo da “recepção” (reelaboração), os enunciatários, convencidos de que “conhecem” o que se passa em toda parte, “recebem” da mídia fragmentos da realidade.

¹⁶⁵ MATTELART, Armand e Michèle, *História das teorias da comunicação*, p. 10.

¹⁶⁶ “O acontecimento deve ser antes uma ‘história’ (story) para converter-se em um acontecimento comunicativo” (HALL, Stuart, *Culture, media, language*, p. 129).

Tais fragmentos (informação) divulgados nos meios de comunicação, em escala mundial, são tomados como conhecimento, “*construindo, desse modo, o mundo que conhecemos*”. Concordamos com o pensamento de Baccega¹⁶⁷ a respeito do que chama “*processo metonímico – a parte escolhida para ser divulgada, para ser conhecida, vale pelo todo. É como se ‘o mundo todo’ fosse constituído apenas por aqueles fatos/notícias que chegam até nós*”.

Discutindo a mesma questão, Marcondes Filho¹⁶⁸ vê na notícia um bem econômico vinculado aos interesses ideológicos. Sendo assim, torna-se impossível conseguir a objetividade pretendida na veiculação dos acontecimentos. Em meio a diferentes discursos, entre os quais o persuasivo e o ficcional, a informação na mídia mostra “*pedaços*” da realidade.

Da “*notícia se abstrai somente o fato específico que a originou*”, critica Marcondes Filho¹⁶⁹, opondo-se não só à fragmentação do acontecimento mas também ao processo de edição dos meios – jornal, televisão, rádio e cinema – que desencadeiam no enunciatário “*um jogo psíquico*”, ora despertando preocupação, ora alívio, descontração, desejo. Assim, a mídia constrói a dialética do temor e da tranquilidade, compondo o “*fato noticioso*”, fragmento da realidade, do local ao mundial, para quem vive a ilusão de que tem conhecimento da realidade.

2.3 Televisão: engana solidão?

O processo de se tomar a parte pelo todo nos meios de comunicação deve-se ao que Bourdieu¹⁷⁰ analisa na estrutura e mecanismos do campo jornalístico, ou seja, à “*concorrência pela prioridade*”, traduzida na atração e favorecimento à velocidade, precipitação, renovação permanente na prática profissional.

Comentando o discurso dos que falam na televisão, Bourdieu¹⁷¹ procura associar os jornalistas “*a uma reflexão destinada a buscar meios de superar em comum as ameaças de instrumentalização*” decorrentes do trabalho nesse meio de comunicação social. Para tanto, recomenda o “*dever de fazê-lo*” em condições razoáveis, começando com “*interrogações prévias*”, antes de aparecer na televisão.

¹⁶⁷ BACCEGA, Maria Aparecida, *Conhecimento, informação e tecnologia*, p. 8.

¹⁶⁸ MARCONDES FILHO, Ciro, *O capital da notícia*, p. 15.

¹⁶⁹ Ibid., p. 15.

¹⁷⁰ BOURDIEU, Pierre, *Sobre a televisão*, p. 106-107.

¹⁷¹ Ibid., p. 17-18.

Concebido como articulação de práticas de significação num campo de forças sociais, o processo de comunicação deposita em um dos seus sustentáculos, a televisão, material rico e polêmico para aqueles que se dedicam ao estudo de seu funcionamento, tanto no que respeita à produção quanto reelaboração de seus produtos nos diferentes gêneros.

Eco¹⁷², por exemplo, considera que a televisão tem “*a capacidade de tornar-se o instrumento eficaz para uma ação de pacificação e controle, a garantia de conservação da ordem estabelecida através da reproposta contínua daquelas opiniões e daqueles gostos médios que a classe dominante julga mais próprios para manter o status quo*”.

A televisão, embora tenha começado como serviço público, na Europa, em 1936, e nos Estados Unidos, em 1939, só se expandiu nos finais dos anos 40. Inicialmente, a sua programação consistia na retransmissão de atos oficiais, esportes e peças de teatro. No começo também entrou em conflito com o cinema, tensão que aumentou até inverter a relação de dependência com a exibição de filmes. Porém, na metade dos anos 50, como tinha acontecido com a rádio nos anos 30, a produção de programas de televisão se tornou cada vez mais independente, impulsionando a criação de conhecimentos especificamente televisivos

No Brasil, a história da televisão brasileira, conforme proposta de Caparelli¹⁷³, pode ser dividida em dois períodos: de 1950 a 1964 e de 1964 à atualidade. No primeiro período, a produção televisiva esteve concentrada no Rio de Janeiro e São Paulo e grande parte de sua programação era transmitida ao vivo com tendências locais. Embora comece a se expandir por todo o território nacional a partir de 1964, o surgimento das gravações videoteipe contribui para que a concentração produtiva fique restrita às grandes cidades. Na primeira fase, a concorrência se deu entre grandes emissoras, como a *Tupi* e *Record* que lideravam a audiência; na segunda fase, a partir da primeira metade da década de 70, a *Rede Globo de Televisão* ganha a hegemonia no que respeita à preferência dos telespectadores.

O panorama da televisão, seja nos países do centro como na periferia do mundo capitalista, segue o mesmo trajeto no que concerne à sua produção. Desvinculada da produção cinematográfica, a televisão começa a realizar programas próprios e, devido à necessidade de grandes investimentos, cuja rentabilidade não era diretamente controlável como no caso do cinema, começaram fortes restrições ao modelo comunicativo da televisão imposto pelas instituições financeiras.

¹⁷² ECO, Umberto, *Apocalípticos e integrados*, p. 346.

¹⁷³ CAPARELLI apud REIMÃO, *Televisão na América Latina*, p. 65

A origem e os condicionamentos tecnológicos da televisão são elementos chave para entender não somente a história da evolução desse meio, tal como hoje é conhecido, mas também para poder situar melhor a história da sua investigação e as teorias a seu respeito. Estudos esses desenvolvidos no marco da chamada comunicação de massa.

O exame das possíveis implicações entre televisão e sua tecnologia situa melhor o ponto de partida das investigações sobre essa mídia, permitindo conhecer, por exemplo, quando as investigações se referiam ao uso que se faz da televisão ou quando se estuda o veículo como instituição ou como veículo de conteúdos.

No caso brasileiro, a telenovela representa esse marco de investigações, tanto pelos recursos tecnológicos na sua produção como pelo desempenho de profissionais, inicialmente advindos das novelas de rádio. Vencendo a resistência e o rótulo de produto menor, na visão de produtores e financiadores, a telenovela ganha a preferência nacional e internacional, passando a fazer parte da convivência social, diária, familiar.

Da mesma forma que a televisão influenciou e continua influenciando na forma social da representação da cultura, da economia e da política, há que se examinar, como propõe Williams¹⁷⁴, se esse veículo de comunicação social alterou nosso mundo, as causas e efeitos da tecnologia televisiva em nossa sociedade.

Este exame compreende duas grandes possibilidades. Na primeira, a tecnologia da televisão responde a uma investigação científica e técnica, porém seu efeito é acidental, isto é, se a televisão não fosse inventada, determinados fatos sociais e culturais da atualidade não teriam acontecido. Na segunda, também como acidente tecnológico, a significação televisiva seria determinada por seu uso. Portanto, se a televisão não tivesse sido inventada, certamente seríamos manipulados ou nos divertiríamos de outra forma, talvez menos interessante, conforme análise de Vilches¹⁷⁵.

Destas duas hipóteses de Williams, desdobradas em nove proposições, como síntese das opiniões subjacentes sobre a televisão, tanto de profissionais como estudiosos, Vilches¹⁷⁶ tece a análise da prática que prevalece na maioria dos marcos conceituais sobre os quais se basearam as investigações e teorizações sobre a televisão, desde os conceitos da “*bala mágica*” e da “*agulha hipodérmica*”, até à atualidade conceitual e produtiva.

¹⁷⁴ WILLIAMS apud VILCHES, *La televisión: los efectos del bien y del mal*, p. 21.

¹⁷⁵ VILCHES, Lorenzo, *La televisión: los efectos del bien y del mal*, p. 20.

¹⁷⁶ Ibid., p. 21.

Assim, Vilches¹⁷⁷ agrupa a história das primeiras investigações sobre a televisão em dois estágios principais, que ele denomina de geração. A primeira marcada pelo interesse somente no meio, desvinculado de seus conteúdos. O interesse restrito na primeira geração deve-se à visão de que a função do veículo fosse por essência a de um aperfeiçoamento cultural. Já na segunda geração, ao contrário, as investigações se concentraram sobre o comportamento do público, ou seja, na atuação da audiência, quando exposta à televisão e as sensações provocadas. Estas formas, portanto, são as questões cruciais de estudo, no segundo momento.

Como a televisão se transformou, nos finais dos anos 50, em meio de comunicação dominante nos Estados Unidos, começou a se intensificar estudos a respeito dos seus efeitos. Assim, análises sobre esse assunto marcaram a década de 60. O segundo momento importante que seguiu à tradição empírica esteve relacionado à investigação cultural, mais atenta às teorias e embasamentos epistemológicos do que as anteriores.

A influência das ciências sociais e da tradição humanístico-filosófica, que em muitos momentos são influenciadas pelas idéias socialistas européias, marca a origem da investigação e da crítica cultural sobre a televisão. O dizer televisivo passa a preencher pautas daqueles que se preocupavam com a nova mídia.

Analisando as formas do discurso televisivo, Vilches¹⁷⁸ destaca o conhecimento da Escola de Birmingham como “*ponto chave*” para uma “*visão correta*” dos estudos internacionais sobre os efeitos da televisão. As raízes teóricas e culturais desse grupo de investigadores e sua capacidade de diálogo com o marxismo, a psicanálise, a lingüística e outras correntes de investigação, como a teoria do filme e o estruturalismo, são razões que Vilches não compreende para o desconhecimento dessa Escola por parte dos estudiosos europeus da televisão.

Contudo, Ortiz¹⁷⁹, contrapondo o estudo da esfera cultural entre pesquisadores nos dois hemisférios, aponta a diferença no limite / cruzamento entre as fronteiras do conhecimento. Na sua visão, em toda a América Latina, o estudo cultural, que chama de “*sociologia da cultura, antropologia, estudos literários, comunicação*”, se desenvolveu de maneira diferente do que aconteceu nos Estados Unidos ou na Inglaterra.

¹⁷⁷ VILCHES, Lorenzo, *La televisión: los efectos del bien y del mal*, p. 25.

¹⁷⁸ *Ibid.*, p. 101.

¹⁷⁹ ORTIZ, Renato, *Práticas de recepção e a centralidade da cultura*, p. 35.

No caso do nosso hemisfério, em *“boa parte da América Latina”*, Ortiz¹⁸⁰ atribui à característica desses estudos ao tradicional procedimento de combinar questões econômicas, políticas, sociais e culturais, *“numa espécie de encruzilhada, de ponto de encontro interdisciplinar”*. Justifica esse procedimento devido à *“especialização tardia das Ciências Humanas”* e toma o Brasil como exemplo, onde *“a Sociologia somente se autonomiza, para falarmos como Bourdieu, nos anos 50”* e *“a institucionalização da Ciência Política é ainda mais tardia, data dos anos 70”*.

Daí, segundo Ortiz¹⁸¹, decorre a mescla de fronteiras na produção intelectual latino-americana, *“como se as disciplinas tivessem dificuldade em erigir barreiras definitivas entre um tipo de abordagem e outro”*. Referindo-se ao caso dos Estudos Culturais da América do Norte e da Inglaterra, considera *“o panorama inverso”*, onde *“as fronteiras são bem delimitadas e zelosamente defendidas por seus integrantes. Neste contexto os chamados estudos culturais surgem como uma proposta ‘nova’, isto é, na qual a interdisciplinaridade se contrapõe ao enrijecimento das fronteiras disciplinares”*.

De forma interdisciplinar ou transdisciplinar, a verdade é que somente com esforço conjunto no campo do conhecimento poder-se-á dar conta do que Wolton¹⁸² considera ser *“uma mídia difícil de apreender e complexa de analisar”*, ao discutir a televisão, que *“não é a única atividade social vitimada por ‘certa preguiça de análise’, [porque] desde sempre, retalhos inteiros da realidade são objeto de uma superinformação e outros de uma subinformação”*.

Estamos de acordo com o autor¹⁸³ de que a televisão ocupa um lugar determinado na vida de cada um, embora discordemos de que ela tenha esse espaço devido à informação que proporciona para atender à necessidade de conhecimento da(s) realidade(s).

Ao mesclar a informação fragmentada com o divertimento, tem-se a ilusão de que ela constitui a principal *“janela aberta para um outro mundo, diverso da vida cotidiana”*. Como janela aberta para o mundo dos acontecimentos – reais ou fictícios – diferente daquele que se vive no dia-a-dia, Wolton¹⁸⁴ encontra o motivo pelo qual a televisão não desperta interesse para reflexão.

¹⁸⁰ ORTIZ, Renato, *Práticas de recepção e a centralidade da cultura*, p. 35.

¹⁸¹ Ibid., p. 35.

¹⁸² WOLTON, Dominique, *Elogio do grande público*, p. 44.

¹⁸³ Ibid., p. 45.

¹⁸⁴ Ibid., p. 45.

Sem pretender discutir as questões que o autor levanta sobre a “*preguiça mental*”, ou seja, desinteresse pela análise dos domínios da televisão, adaptando-se a um certo contexto e, ao mesmo tempo, distanciando-se o suficiente dele para analisá-lo ininterruptamente, consideramos importante para nossa pesquisa as considerações que tece a respeito dos diferentes discursos sobre o público, ilustrando “*a complexidade da televisão*”.

Wolton¹⁸⁵ começa por demarcar duas fases: na primeira, início da televisão, a produção dessa mídia era concebida para “*o grande público*”. Com o aumento e diversificação da programação televisiva e a multiplicação dos canais, desaparece essa concepção e o reconhecimento de que, se a televisão se dirige ao “*grande público*”, são vários os públicos telespectadores. Surge então a segunda fase, marcada pela publicidade e as possibilidades das novas tecnologias de comunicação. Daí o aparecimento de “*públicos fragmentados*”. Nessa segunda etapa, na visão do autor, não se procurou conhecer o que é “*o público geralista da televisão*”.

Como não há adversário para a televisão, segundo Wolton¹⁸⁶, ela só poderá enfrentar a oposição dos telespectadores, que se exprimem indiretamente ao escolher os programas. Essa falta de contraposição aumenta a dificuldade de análise da produção televisiva no seu conjunto, pois não há “*retorno*”¹⁸⁷. Quando isso acontece, dá-se como medição quantitativa e não qualitativa.

Partindo do “*discurso empírico, crítico e minoritário*”, que começou na Europa e depois se estendeu aos Estados Unidos, de 1950 a 1970, Wolton¹⁸⁸ traça o quadro dos estudos nessa linha, considerando “*o vazio de conhecimento*” na época. Em seguida, discute os discursos dos dirigentes da televisão e dos profissionais, mais próximos do discurso empírico, considerando que, até meados da década de 80, a televisão “*tornou-se um faroeste onde cada um tinha de defender o seu território*”, prevalecendo “*a falta de renovação do meio como um freio para uma renovação da reflexão*”.

¹⁸⁵ WOLTON, Dominique, *Elogio do grande público*, p. 47-59.

¹⁸⁶ Ibid., p. 47.

¹⁸⁷ Ibid., p. 60. Em nota, o autor se refere a outra forma de “*retorno*”, muito mais “*perniciosa*” e que vem aumentando progressivamente: as ações judiciais, cujo pioneirismo se deve aos Estados Unidos.

¹⁸⁸ Ibid., p. 49-52.

Convém observar que nesse panorama europeu o contexto se refere à televisão pública. Como descreve o autor¹⁸⁹, *“a televisão só reencontrou uma parte da sua aura com a perspectiva das televisões privadas e a abertura do mercado à comunicação nos anos de 1985 a 1990.”*

No que concerne ao discurso cotidiano do público, geralmente crítico, *“porque existe sempre uma defasagem entre as expectativas e aquilo que a televisão realmente fornece”*, Wolton¹⁹⁰ demonstra as suas razões para tecer elogios ao telespectador.

[...] os espectadores emitem juízo sobre a televisão. Na verdade, é assim que eles dela se apropriam e que ela se torna um objeto democrático, no sentido em que é, permanentemente, objeto de debates. Aqueles que acreditam, imperturbavelmente, em espectadores passivos e sem reações, nem interesses, “zapeando” aleatoriamente de um canal para outro, deviam escutar mais as conversas nos transportes públicos e nas empresas! Ficariam perplexos com a diversidade de juízos emitidos: os programas passam, literalmente, por um crivo de julgamento cotidiano.

Concordamos com o autor de que a televisão está submetida ao julgamento crítico do público, considerando-se as diferentes leituras, nas diferentes condições de produção de leitura e “histórias” das leituras do telespectador. Da mesma forma, nos aproximamos da sua concepção de que há *“uma espécie de resistência natural à análise intelectual”* sobre o julgamento crítico do telespectador. Tal resistência, segundo Wolton¹⁹¹, decorre porque *“todos cultivam o sentimento de ‘especialização’ e que nada existe de substancial a ser apreendido dos outros”*.

Na verdade, desprezando a opinião do telespectador, perde-se a oportunidade de renovação. Daí o discurso dos dirigentes dos canais que não querem ouvir as críticas e preferem “deixar tudo como está”. Ou evitar o encontro com esse público real, preferindo tê-lo como “parceiro imaginário”, como fazem os profissionais da televisão, mantendo inalterado o que produzem, ou repetindo fórmulas que dão audiência.

¹⁸⁹ WOLTON, Dominique, *Elogio do grande público*, p. 54.

¹⁹⁰ Ibid., p. 54-55.

¹⁹¹ Ibid., p. 54-55.

Considerando cada um que constitui o público telespectador como perito no cotidiano e o juízo que tece sobre a televisão decorre do que assiste, “o *discurso empírico-crítico é naturalmente menos bem recebido do que o discurso crítico, que tem a vantagem de reforçar a insatisfação do discurso cotidiano*”, enfatiza Wolton¹⁹². Dito isto, afirma que, “*na realidade, o único discurso crítico positivo sobre a televisão que se devia aceitar e analisar é o do público, e, no mais das vezes, o consideramos apenas como conversa de botequim!*”.

Tal procedimento, comum na mídia, leva a que se paute somente “aquilo que o público gosta e seja capaz de entender”, enquanto der audiência. O resultado é o nivelamento por baixo da programação. Ignora-se, no entanto, que “o *processo de comunicação é concebido como uma articulação de práticas de significação num campo de forças sociais*”¹⁹³.

Normalmente nos meios de comunicação, sobretudo na televisão, a agenda de trabalho não contempla aqueles que irão receber o resultado da produção. Quase tudo é feito sem considerar o que seja realmente importante para a audiência, vista por Lopes¹⁹⁴ como “*uma estrutura complexa que reúne indivíduos em classe, grupos ou subculturas, onde cada formação social tem sua própria identidade e seu próprio código*”.

Exemplo dessa prática está na constatação de trabalho realizado com nossos alunos do curso de Comunicação Social. Comparando dois suplementos de jornais impressos destinados aos jovens com a expectativa de uma amostra representativa destes leitores, verificamos que os assuntos abordados longe estão da identidade, do código e até mesmo das necessidades dos jovens leitores.

Em entrevista à redação de um dos jornais analisados, nossos discentes observaram a falta de conhecimento dos redatores a respeito do que sejam os jovens a quem se destina o suplemento.

As páginas recheadas de “*assuntos atuais*”, na visão dos jornalistas, não despertam o interesse dos leitores entrevistados, que exigem a abordagem de outras questões, principalmente problemáticas sociais¹⁹⁵.

¹⁹² WOLTON, Dominique, *Elogio do grande público*, p. 55.

¹⁹³ LOPES, Maria Immacolata Vassallo de, *Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção*, p. 81.

¹⁹⁴ Ibid., p. 81.

¹⁹⁵ Trabalho produzido na disciplina *Comunicação Comparada*, no ano letivo de 2001, por alunos do 2º ano (Comunicação/Jornalismo) analisando os suplementos para jovens dos jornais *Folha de S. Paulo* e *A Tribuna*, de Santos.

Tomando o “*viciado em atualidades*” dos jornais televisivos como exemplo, Bourdieu¹⁹⁶ critica a prática jornalística que obriga a viver e a pensar no dia-a-dia e a valorizar uma informação em função de sua atualidade, o que “*favorece uma espécie de amnésia permanente*”, isto é, a exaltação exagerada do que se considera o “*novo*”, sem observar o antecedente do fato, visto como “*ultrapassado*”. O julgamento de que o outro é ultrapassado vai além do campo jornalístico e pode contemplar a apreciação de qualquer argumentação crítica.

O uso dessa expressão deve-se ao interesse dos pretendentes apressados em empregar esse princípio de avaliação, que confere ao recém-chegado, ao mais jovem, vantagem discutível, ou seja, reduzindo e até desprezando a análise, considera aquele que reflete como ultrapassado. Assim, os apressados promovem a oposição quase vazia entre o antes e o depois, dispensando a demonstração de suas capacidades intelectuais.

Além de concordar com a observação do sociólogo francês a respeito dessa tendência reducionista, acrescentamos que em nosso campo ela se torna mais evidente, pois nele é comum tomar a informação como se se tratasse de conhecimento.

Nesse sentido, a análise efetuada por Baccega¹⁹⁷ vem ao encontro das nossas preocupações nas atividades que desenvolvemos no campo da comunicação, como jornalista e docente. Para a autora, o conhecimento implica crítica que “*se baseia na inter-relação e não na fragmentação*” e que a “*troca do conhecimento pela informação*” – como espetáculo, atração, entretenimento – resulta na diminuição da capacidade de crítica, como esclarece devidamente.

O conhecimento é um processo que prevê a condição de reelaborar o que vem como um “*dado*”, possibilitando que não sejamos meros reprodutores; inclui a capacidade de elaborações novas, permitindo reconhecer, trazer à superfície o que ainda é virtual, o que, na sociedade, está ainda mal desenhado, com contornos borrados.

Aquele que se dedica a dar conta do que se passa na sociedade, produzindo diferentes tipos de discursos que circulam em diferentes suportes, ou seja, o comunicador, não pode ignorar este processo. A pintura no “quadro da telinha” ou na página do jornal, da revista, nas ondas da rádio exige muito mais que a “arte” de falar/escrever. É preciso conhecer e para tanto saber buscar, refletir, entender e produzir, reelaborando.

¹⁹⁶ BOURDIEU, Pierre, *Sobre a televisão*, p. 107.

¹⁹⁷ BACCEGA, Maria Aparecida, *Conhecimento, informação e tecnologia*, p. 8.

Prosseguindo a reflexão do que seja conhecimento, que nós relacionamos com a produção que deveria ser efetivada nos meios de comunicação, Baccega¹⁹⁸ descarta as informações fragmentadas, que, no nosso entender, caracterizam a produção midiática. Na televisão, o noticiário divide o seu tempo com a publicidade, remetendo o outro assunto para o próximo bloco, lembrando o próximo capítulo da novela, o filme que virá a seguir em meio aos comerciais. No jornal impresso, os “boxes” estampam telegramas das agências, dos enviados, dos correspondentes e das sucursais, espremidos entre as peças publicitárias.

O conhecimento prevê a construção de uma visão que totalize os fatos, inter-relacionando todas as esferas da sociedade, percebendo que o que está acontecendo em cada uma delas é resultado da dinâmica que faz com que todas interajam, dentro das possibilidades daquela formação social, naquele momento histórico; permite perceber, enfim, que os diversos fenômenos da vida social estabelecem suas relações tendo como referência a sociedade como um todo. Para tanto, as informações – fragmentadas – não são suficientes.

Estamos, portanto, diante de duas questões relevantes no campo da comunicação social. Por um lado, a representação míope, editada, “costurada” da realidade; por outro, a percepção igualmente apressada do que acontece nas diferentes realidades. O resultado, que se apresenta como produção midiática, constitui o “*espetáculo*” na sociedade atual. A síntese dessas duas questões encontra respaldo na tese I de Debord¹⁹⁹ que, ao referir-se à “*separação consumada*”, levanta a problemática nas sociedades de modernas condições de produção, nas quais toda a vida se apresenta “*como uma imensa acumulação de espetáculos, tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação*”. E os meios de comunicação representam a “*manifestação superficial mais esmagadora*” do espetáculo. Eles dão “*a impressão de invadir a sociedade como simples instrumentação*”.

Na verdade, essa invasão tecnológica “*nada tem de neutra*”, pois “*convém ao automovimento total da sociedade*”, de acordo com Debord²⁰⁰, na tese 24 de sua obra precursora de análise crítica da moderna sociedade de consumo, que representa a forma como a sociedade do espetáculo escolhe seu próprio conteúdo técnico.

¹⁹⁸ BACCEGA, Maria Aparecida, *Conhecimento, informação e tecnologia*, p. 8.

¹⁹⁹ DEBORD, Guy, *A sociedade do espetáculo*, p. 13.

²⁰⁰ Ibid., p. 20-21.

A aparente neutralidade nos meios de comunicação está no espaço para a representação de valores das classes sociais que não são hegemônicas. Lins da Silva²⁰¹, citando como exemplo a televisão, diz que é mais fácil convencer as pessoas de que ela é um instrumento “*neutro*” quando dá espaço, por exemplo, para duas partes em oposição do que proibir uma delas de aparecer, referindo-se a um confronto televisivo entre Lula e José Sarney.

Esse “*truque*” começa a perder força quando as pessoas passam a entender o caráter ideológico do código mediador, no caso a televisão. Daí, para Lins da Silva²⁰², a importância do desvelamento da mediação ideológica, formando telespectador com consciência crítica, “*capaz não só de perceber que a intenção de se mostrar o mundo como se fosse um mosaico é impedir que as pessoas percebam a conexão que há entre os fatos noticiados mas também de fazer, através de outras fontes de informação, o relacionamento que a televisão tenta impedir*”.

Esclarece, contudo, que sendo crítico o telespectador não deve negar o noticiário da televisão, pois às vezes aparecem matérias “*que contam os fatos todos, sem preocupação com a brevidade das informações nem com a fragmentação da realidade*”²⁰³.

No mundo do “espetáculo” promovido pelos meios de comunicação, o negativo funciona como “*contraponto da situação de tranqüilidade almejada*”, de acordo com a visão de Marcondes Filho²⁰⁴, que compara o negativo na mídia como espelho invertido: “*nele olhamos o que não gostaríamos de ter nem de ver, ansiando pela chegada do ‘lado bom’*”.

O lado bom que o telespectador busca provavelmente está na telenovela, com a qual ele procura “*entrar inteiramente no social, no conhecimento e no domínio das regras da sociedade*”, como defende Goodlad²⁰⁵. Se, no passado, o drama assumiu a função social por meio dos mitos, dos contos populares e dos rituais, segundo o autor, a telenovela hoje atua como método de controle social.

Método esse que Marcondes Filho²⁰⁶ resume como “*lembranças padronizadas*” dos casos reais. A telenovela, de acordo com a síntese de sua análise sobre esse gênero televisivo, é apenas simulação da representação de dramas e conflitos humanos, enquanto forma plena e subordinada à linguagem da TV.

²⁰¹ LINS DA SILVA, Carlos Eduardo, *Muito além do jardim botânico*, p. 53.

²⁰² Ibid., p. 54, 58.

²⁰³ Ibid., p. 58.

²⁰⁴ MARCONDES FILHO, Ciro, *Televisão: a vida pelo vídeo*, p. 63.

²⁰⁵ GOODLAD apud MARCONDES FILHO, *Televisão: a vida pelo vídeo*, p. 60.

²⁰⁶ MARCONDES FILHO, Ciro, *Televisão: a vida pelo vídeo*, 63.

O eixo principal da telenovela está fora da representação em si, a saber, no intervalo comercial, ou nela embutido como um corpo estranho – *merchandising*, isto é, a apropriação mercadológica do apelo aos sentimentos, medos e emoções das pessoas que a dramaturgia consegue fazer, instrumentalizando essas necessidades com outros fins: a obtenção de lucros e a venda de mercadorias.

Mas, a telenovela representa também o melhor retrato dos cruzamentos entre memória e formato, entre lógicas da globalização e dinâmicas culturais, de acordo com Martín-Barbero e Rey²⁰⁷, que explicam “essa narrativa televisiva” como “um gênero que cataliza o desenvolvimento da indústria audiovisual latino americana” por “mestiçar o desenvolvimento tecnológico do meio com os destempos e anacronias narrativas que fazem parte da vida cultural” dos povos da América Latina.

No Brasil, o gênero identifica uma “deusa”, a *Rede Globo de Televisão*, que, ferida, tenta sobreviver em meio à concorrência, lutando a fim de ganhar o jogo em que a audiência decide os cortes e as modificações dos capítulos das novelas e o que é notícia nos telejornais.

Na conclusão do estudo que aponta os motivos pelos quais a “Rede Globo de Televisão não é mais a campeã absoluta de audiência”, Borelli e Priolli²⁰⁸ pontuam conclusões importantes para novas investigações, a partir da mudança constatada no “ver TV” entre os entrevistados.

Ao partir da constatação de que o “zapear” – trânsito de um canal para outro – demonstra que o telespectador não tem mais uma atitude passiva e que escolhe o que reflete seus interesses, suas preferências, buscando o que está mais próximo de seu plano imaginário ou real, os pesquisadores passam a considerar o dinamismo e movimento da televisão com a agitação da vida moderna.

Assim, segundo o estudo, o telespectador elege o mais significativo para si diante da diversidade de ofertas, dos formatos variados, das novas tecnologias de produção e das novas mídias, como a tv a cabo e internet. Além desses fatores, há a concorrência entre as emissoras – abertas ou fechadas – com oferta variada na programação.

²⁰⁷ MARTÍN-BARBERO, Jesús, REY, Germán, *Los ejercicios del ver*, p. 94

²⁰⁸ BORELLI, Sílvia, PRIOLLI, Gabriel, *A deusa ferida*, p. 252.

Embora tenham constatado que a *Rede Globo* ainda faça parte da opção dos telespectadores, os investigadores julgam que há uma vontade de “*fugir do vício*”, explorando as novidades. No que diz respeito aos dois gêneros mais conhecidos na TV – informativo e ficcional – há exigência por parte dos telespectadores. Do primeiro, esperam agilidade e eficiência do jornalismo que “*opine, forme, envolvendo-se com quem os assiste*”, para que seja “*crível, isento*”. Já do ficcional, incluindo as novelas, demonstram descontentamento com “*o modelo global*”, por falta de “*um tom mais verídico*” e tratamento mais leve, criando vínculos e emocionando²⁰⁹.

Para os pesquisadores, o estudo demonstrou que já não há mais uma única emissora, a *Globo*, e que existe um novo telespectador. Portanto, há que se investir no indivíduo-sujeito presente nos dois pólos dos meios de comunicação social: os que produzem e os que recebem os discursos da mídia. Investimento que pressupõe conhecimento para o senso crítico, podendo assim desmistificar, ressignificar.

A responsabilidade no investimento proposto decorre da articulação entre os saberes, no processo de quebra de fronteiras, “*na luta de verdades*”, que permita discussão para se atingir qualidade dos meios de comunicação e maturidade da sociedade. Em todo esse movimento há que se entender o objetivo do discurso, do dono da palavra e da palavra do dono. Objetivo assim explícito por Bakhtin²¹⁰:

O discurso vive fora de si mesmo, na sua orientação viva sobre seu objetivo: se nos desviamos completamente desta orientação, então, sobrarão em nossos braços seu cadáver nu a partir do qual nada sabemos, nem de sua posição social, nem de seu destino. Estudar o discurso em si mesmo, ignorar a sua orientação externa, é algo tão absurdo como estudar o sofrimento psíquico fora da realidade a que está dirigido e pelo qual ele é determinado.

Discurso que, formado de palavras, se apresenta como o rio correndo fluido, em meio à paisagem, sem cortes, sem interrupção de suas águas, abafando a voz da seca. Interrompido seu curso, ele se transforma em rio sem discurso, como descreve o poeta.

²⁰⁹ BORELLI, Sílvia, PRIOLLI, Gabriel, *A deusa ferida*, p. 253.

²¹⁰ BAKHTIN, Mikhail, *Questões de literatura e de estética*, p. 99.

Rios sem discurso

João Cabral de Melo Neto²¹¹

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água parálitica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais; porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.

²¹¹ MELO NETO, João Cabral, *Antologia poética*, p. 23.

III – ANÁLISE DE DISCURSO

APROXIMAÇÃO, AFASTAMENTO E TRANSFORMAÇÃO

O que faz com que textos e seqüências orais venham, em tal momento preciso, entrecruzar-se, reunir-se ou dissociar-se? Como reconstruir, através desses entrecruzamentos, conjunções e dissociações, o espaço de memória de um corpo sócio-histórico de traços discursivos, atravessado de divisões heterogêneas, de rupturas e de contradições? Como tal corpo interdiscursivo de traços se inscreve através de uma língua, isto é, não somente por ela mas também nela?

Michel Pêcheux²¹²

Em nossas leituras, entre tantos discursos a respeito da Análise de Discurso de linha francesa, tomamos aqueles que nos pareceram mais significativos para empreender essa jornada nos caminhos do sentido. A partir dos textos, “*monumentos nos quais se inscrevem as múltiplas possibilidades de leituras*”, de acordo com a metáfora empregada por Orlandi²¹³, “*enfrasamos*” as palavras na interlocução ininterrupta com outros enunciados que nos antecedem para a elaboração desse trabalho.

Puxando fios e tecendo seu elo nessa cadeia dialógica, construímos nosso objeto de estudo – o discurso do idoso, a propósito de outro discurso: o televisivo. Esperamos que nosso caminho seja feito em rios com discurso, ao contrário do percurso metafórico de João Cabral de Melo Neto nos “*rios sem discurso*”.

O sentido de nosso gesto na escolha dos textos começa em outro: o da amizade entre duas pesquisadoras da disciplina que sustenta a nossa análise nessa pesquisa. Trata-se de Denise Maldidier²¹⁴, da Universidade Paris X, Nanterre, a quem Eni Puccinelli Orlandi²¹⁵, da Universidade Estadual de Campinas, num gesto de homenagem, agradece por “*uma amizade firme, uma relação de solidariedade e uma afinidade teórica*”.

²¹² PÊCHEUX, Michel, *A análise de discurso: três épocas* (1983), p. 317.

²¹³ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de discurso: princípios e procedimentos*, p. 64.

²¹⁴ MALDIDIER, Denise, *Elementos para uma história da análise do discurso na França*, p. 15 - 28.

²¹⁵ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Uma amizade firme, uma relação ...*, p. 7-14.

Contudo, a pesquisadora brasileira reconhece ser o “*gosto pelo programa de reflexão*” o motivo de união entre as duas, apesar das suas “*diferenças*”, porque na Análise de Discurso “*nem tudo são afinidades*”. E explica:

A análise do discurso tem características bem definidas a esse respeito. Cada analista tem sua (ou suas) especificidade(s). Assim como a análise do discurso – porque toca a relação do sujeito com os sentidos e com o mundo – não é um lugar sem crises na instituição, também os analistas do discurso têm uma relação crítica com o conjunto dos saberes discursivos. E isto se reflete no trabalho de cada um²¹⁶.

3.1 A dupla fundação

Na opinião de Orlandi, Denise Maldidier, enquanto historiadora da Análise de Discurso, define e avalia historicamente os percursos desse campo de conhecimento na França, mostrando suas especificidades porque propõe aos lingüistas modo de abordar a relação entre língua e história, fazendo com que os marxistas saíssem do discurso da filosofia da linguagem. Acompanhamos, a seguir, o percurso da Análise de Discurso traçado pela pesquisadora francesa.

A história da Análise de Discurso na França representou o encontro centrado sobre lingüística e materialismo. No início, a disciplina se situou em dupla fundação: o discurso de encerramento pronunciado por Jean Dubois no Colóquio de Lexicologia Política de Saint Cloud, em abril de 1968, e o livro *Análise automática do discurso*, de Michel Pêcheux, de 1969.

Na verdade, o período compreendido entre 1968 a 1970 representou momento de reflexão sobre o passado da disciplina, pois na intensificação das atividades ligadas à lingüística, na década de 60, essa disciplina, ao contrário das outras práticas disciplinares, teve origem própria, o que lhe conferiu estatuto histórico exclusivo. A dupla fundação representada por Dubois e Pêcheux, embora não fosse individual, colocava a questão nas condições de possibilidade de um campo novo na conjuntura teórico-política no final dos anos 60.

²¹⁶ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Uma amizade firme, uma relação ...*, p. 10.

Ao contrário de Luois Guespin²¹⁷ que propôs “*entender a escola francesa de análise do discurso como uma frente científica original*”, Maldidier prefere a especificidade reconhecida para a Análise de Discurso francesa em todo lugar, comprovada pelo interesse despertado em países da América Latina. Nesse sentido, o quadro de Gadet²¹⁸ resume as diferenças entre duas linhas, francesa e anglo-saxônica.

A respeito desse quadro, Maingueneau²¹⁹ considera que, apesar de restritivo, o domínio da Análise de Discurso permanece ilimitado, possibilitando cruzamentos entre tipologias de discursos e “*associando-os necessariamente a condições de produção particulares*”.

Transcrevemos, a seguir, o quadro a que se refere Maingueneau.

	AD Francesa	AD anglo-saxônica
Tipo de discurso	<i>Escrito</i>	<i>Oral</i>
	Quadro institucional	Conversação cotidiana
	Doutrinário	Comum
Objetivos	Propósitos textuais	Propósitos
Determinados		<i>Comunicacionais</i>
	explicação – forma	descrição – uso
	Construção do objeto	Imanência do objeto
Método	<i>“estruturalismo”</i>	<i>Interacionismo</i>
	Lingüística e História	Psicologia e Sociologia
Origem	Lingüística	Antropologia

²¹⁷ GUESPIN apud MALDIDIER, *Elementos para uma história da análise do discurso na França*, p. 16.

²¹⁸ GADET apud MAINGUENEAU, *Novas tendências em análise do discurso*, p. 16.

²¹⁹ MAINGUENEAU, Dominique, *Novas tendências em análise do discurso*, p. 16.

Procurando elucidar a especificidade reconhecida da linha francesa, Mالدیدیر coloca inicialmente a questão sobre a sua dupla emergência, no campo francês de pesquisa, a partir do que chama de dois pólos simbólicos: Jean Dubois e Michel Pêcheux. Das condições de um “*encontro intelectual que não passa por um encontro pessoal*” entre o lingüista e o filósofo, explica então essa dupla fundação no contexto teórico-político da década de 60²²⁰.

No segundo momento de seu trabalho, ela analisa os elementos constitutivos da nova disciplina, que “*pegou*” no terreno francês, passando a se constituir na Análise de Discurso de linha francesa.

Por último, a breve avaliação histórica da disciplina que se instalou na França, na primeira metade da década de 70. Antes de iniciar a avaliação de cada uma das três partes, Mالدیدیر chama a atenção para a “*virada da conjuntura teórica-política*”, a partir de 1975, resultando na recomposição do campo da Análise de Discurso francesa. Contudo, admite que, naquela época, embora o estudo estivesse “*presente em toda parte*”, a de linha francesa “*está, talvez, presente de forma mais intensa*”²²¹.

3.2 A dupla narração francesa

De forma independente, no período anterior a 1968-1970, Dubois e Pêcheux elaboraram o que viria a ser a Análise de Discurso. O que se destaca da dupla narração é a diferença na formação dos dois teóricos.

Por um lado, Jean Dubois, lingüista, universitário, participou de todos os empreendimentos que, na década de 60, manifestavam o espírito de conquista da lingüística: da elaboração de dicionários à criação de revistas, como *Langages*, em março de 1966. Por outro, Michel Pêcheux, filósofo envolvido nos debates teóricos sobre marxismo, psicanálise e epistemologia, começou sua trajetória intelectual no campo da história das ciências, passando depois a pesquisador em um laboratório de psicologia social. Suas reflexões sobre ciências humanas, naquela época, foram influenciadas por Michel Foucault.

Apesar das diferenças quanto ao campo do conhecimento, à situação e às preocupações, entre Dubois e Pêcheux houve um espaço comum: marxismo e política. Eles compartilharam das mesmas evidências sobre a luta de classes, a história, o movimento social,

²²⁰ MALDIDIÉ, Denise, *Elementos para uma história da análise do discurso na França*, p. 16.

²²¹ *Ibid.*, p. 16.

naquele contexto. Os anos 60 marcaram o triunfo do estruturalismo. A lingüística, promovida a “ciência piloto”, estava no centro do dispositivo das ciências. “*A lingüística chegou a esse momento feliz, em que já é uma ciência bem fundada, sem deixar, no entanto, de ser uma pesquisa viva, que enfrenta os problemas ainda sem solução*”²²².

Naquele contexto, nascia o projeto da Análise de Discurso. Da união entre a expansão da lingüística e a possibilidade de uma disciplina de análise de discurso, Dubois e Pêcheux, apesar das diferenças, alimentaram idênticas esperanças científicas, numa época em que emergia o sentimento dos limites e do relativo esgotamento do estruturalismo. Tudo isso aconteceu como se a revolução chomskiana desse novo alento ao campo e apontasse futuro promissor à lingüística.

Da ciência lingüística, portanto, a Análise de Discurso vai ganhando corpo com o apoio tanto de Dubois quanto de Pêcheux. Na conjuntura teórica da França, entre 1968 e 1970, o projeto se inscreveu presidido pelo marxismo e lingüística, com motivação política, pois “*a arma científica da lingüística oferece meios novos para abordar a política*”, como observa Maldidier²²³. Daí a urgência, tanto na teoria quanto na política, que fez da disciplina um modo de leitura, para Dubois e Pêcheux.

Ao situar a Análise de Discurso no campo de estudo dos grandes textos políticos da tradição francesa, Dubois elege o discurso político como objeto específico da nova disciplina, como escreveu no prefácio ao livro de J. B. Marcellesi²²⁴: “*Partimos do próprio discurso, sem lhe impor outras grades senão as determinadas pela gramática.*”

Do mesmo modo, para Pêcheux a questão da leitura se tornou tema decisivo. O assunto foi colocado, desde 1969, como uma teoria não-subjetiva, promovendo ruptura tanto com as práticas de explicação de texto, quanto com os métodos estatísticos em vigência nas ciências humanas.

A ciência clássica da linguagem pretendia ser, ao mesmo tempo, ciência da expressão e ciência dos meios desta expressão, e o estudo gramatical e semântico era um meio a serviço de um fim, a saber: a compreensão do texto, da mesma forma que, no próprio texto, os ‘meios de expressão’ estavam a serviço do fim visado pelo produtor do texto (a saber: fazer-se compreender). Nessas condições,

²²² MALDIDIER, Denise, *Elementos para uma história da análise do discurso na França*, p. 17.

²²³ Ibid., p. 18.

²²⁴ MARCELLESI, J. B. *Études sociolinguistiques*, Paris: Pavillon, 1971.

se o homem entende seu semelhante é porque eles são, um e outro, em algum grau, ‘gramáticos’, enquanto que o especialista da linguagem só pode fazer ciência porque, já de início, ele é como qualquer homem, apto a se exprimir ²²⁵.

Pêcheux encaminha assim a idéia de que o mais importante é como se diz no texto, como ele significa, considerando que questões do tipo “*o que quer dizer este texto?, que significação contém este livro?, em que o sentido deste texto difere daquele de tal outro texto?*” representavam “*as diferentes formas da mesma questão, à qual várias respostas foram fornecidas pelo que chamamos análise de conteúdo e, às vezes também, análise de texto*”. ²²⁶

Apesar dos traços e interesses comuns entre Dubois e Pêcheux, na conjuntura daquela época em que emergia a Análise de Discurso, havia a diferença quanto ao modo de posicionamento em relação à teoria.

Dubois pensava a instituição da disciplina em um *continuum*, ou seja, a passagem do estudo das palavras (lexicologia) ao estudo do enunciado (análise de discurso) como “natural”, extensão, progresso permitido pela lingüística. Pensava a Análise de Discurso como um lance do caminho científico da lingüística. Já Pêcheux, ao contrário, tomava a disciplina como ruptura epistemológica com a ideologia que dominava nas ciências humanas, especialmente a psicologia.

Entre os dois teóricos a diferença estava na maneira de teorizar a relação da lingüística com o exterior. Para Dubois a relação estava em dois modelos: o lingüístico e um outro, sociológico (ou histórico), psicológico (ou psicanalítico); para Pêcheux o objetivo teórico articulava a questão do discurso com as questões do sujeito e da ideologia. Análise (de discurso) só podendo ser pensada em relação a uma teoria (do discurso).

Além dessas diferenças, havia a questão da língua e da lingüística. Em Dubois ²²⁷, essa questão oscilava entre duas posições: uma estruturalista estrita (justificada no princípio da imanência) e uma integracionista (a gramática gerativa como teoria do sujeito e da situação). Em sua visão, a lingüística, entendida como as gramáticas gerativas, “*abre uma etapa que, sucedendo ao estruturalismo, permite reintegrar a teoria do sujeito e a teoria da situação na análise do discurso*”.

²²⁵ GADET, Françoise, HAK, Tony, *Por uma análise automática do discurso ...*, p. 61-62.

²²⁶ Ibid., p. 63.

²²⁷ DUBOIS, Jean, *Struturalisme et linguistique*.

Por outro lado, Pêcheux considerava fenômenos lingüísticos e questões filosóficas como região de articulação da Lingüística com a teoria histórica dos processos ideológicos e científicos. E essa região é parte da ciência das formações sociais. Em sua concepção, o sistema da língua é o mesmo para o materialista, para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para o que dispõe de um conhecimento dado e para o que não dispõe.

Contudo, adverte que essas pessoas não têm o mesmo discurso, pois *“a língua se apresenta, assim, como a base comum de processos discursivos diferenciados, que estão compreendidos nela na medida em que os processos ideológicos simulam os processos científicos”*²²⁸.

3.3 Disciplina transversal

Apesar das divergências entre os dois caminhos, Malidier considera que *“eles desembocam simultaneamente num gesto idêntico”*, que caracteriza *“como um ato de fundação”*, isto é, a instituição de uma *“disciplina transversal”* com autonomia, recusando uma relação de aplicação (da lingüística a outro domínio) e uma integração pura e simples à lingüística. Nos dois casos, o objeto discurso foi pensado ao mesmo tempo em que o dispositivo construído para a análise²²⁹.

Enquanto Dubois se baseava no princípio estrutural de relacionar um modelo relevante da lingüística com um outro modelo e controlar variáveis e invariáveis, Pêcheux se interrogava sobre os instrumentos de análise para um domínio de conhecimento novo.

A *“maquina discursiva”*, denominação que Pêcheux deu ao seu dispositivo de 1969 (AAD69), concedeu à teoria um objeto novo. Consistia na relação de um estado dado das condições de produção com os processos de produção do discurso, determinada e apreendida na relação com a história. Ao mesmo tempo chegava a um princípio de construção do *corpus* discursivo.

No objeto novo, irreduzível ao enunciado longo ou contínuo dos lingüistas, estava a relação discurso/*corpus*. O discurso, sempre construído a partir de hipóteses histórico-sociais, não se confundia com a evidência de dados empíricos, nem com o texto. No campo da lingüística, o objeto discurso, assim concebido, representava um verdadeiro deslocamento, pois

²²⁸ PÊCHEUX, Michel, *Semântica e discurso*, p. 91.

²²⁹ MALDIDIER, Denise, *Elementos para uma história da análise do discurso na França*, p. 20.

o fechamento do *corpus* discursivo só reproduzia o fechamento estrutural do texto para tentar apreender a relação com o exterior.

Embora estivessem próximas no seu apoio metodológico, as duas se diferenciavam na relação que tiveram com a teoria da enunciação (de Jakobson e Benveniste), de acordo como surgiu, naquela altura, no campo francês da lingüística.

Este ponto para Malidier foi “*historicamente decisivo*”, por implicar concepções radicalmente opostas em toda a disciplina. Reunindo as posições teóricas dos dois pesquisadores, considera, por um lado, que Dubois em sua Análise de Discurso, dá lugar à enunciação, propondo uma perspectiva da tipologia dos discursos, apoiado nas pesquisas desenvolvidas com a psicanalista Luce Irigaray, por meio de “*referências excêntricas*” em seu artigo “Enunciado e enunciação”, n. 13 de *Langages*; os primeiros trabalhos da disciplina integram a dimensão da enunciação envolvendo a sua pessoa; formula nitidamente o complemento enunciado/enunciação no prefácio à tese de J. B. Marcellesi sobre o Congresso de Tours. Por outro lado, Pêcheux exclui a enunciação na AAD69.

Malidier, portanto, formula a hipótese de que o destino da enunciação traçado por Pêcheux em AAD69 está ligado ao rigor de suas posições, pois a enunciação aciona a noção de “sujeito” falante, sem questioná-la, e fica presa numa problemática relacionada à psicologia. A partir de 1971, Pêcheux retoma em suas obras a questão da enunciação, no quadro de uma teoria não-subjetiva do sujeito.

3.4 Prática disciplinar

A Análise de Discurso, que nasceu no desdobramento da lingüística, no final da década de 60, ganhou repercussão na França e ocupou lugar de destaque no período de 1970-1975. Nessa etapa, marcada por acontecimentos políticos, os interessados na nova disciplina se juntaram aos dois pesquisadores: com Dubois estavam os lingüistas e com Pêcheux os pesquisadores em ciências humanas e sociais. Ao mesmo tempo, historiadores, “*marxistas na maioria das vezes*”, mais interessados em participar do novo objeto do que em suas técnicas lingüísticas, como observa Malidier²³⁰, contribuíram para nova dimensão no estudo da AD francesa.

²³⁰ MALDIDIER, Denise, *Elementos para uma história da análise do discurso na França*, p. 23.

A divulgação da nova disciplina contou com o apoio de revistas especializadas na área, como *Langages* e *Langue Française*. Assim, apesar das divergências e confrontos teóricos que marcaram desde o surgimento a história da Análise de Discurso, o estudo tornou-se uma prática efetiva, espalhando conceitos como condições de produção, mecanismos ou processo discursivo, entre outros. Como prática efetiva, a disciplina foi resumida e propagada, chegando até aos estudantes por meio de manuais

Ao defender o surgimento da Análise de Discurso na virada da década de 60, Mالدیدیر considera que o estudo foi ao mesmo tempo

um acontecimento na história das práticas da lingüística e na história dos questionamentos dos marxistas sobre a linguagem. Ela propôs aos lingüistas um modo de abordar a relação entre língua e história; fez os marxistas saírem do discurso da filosofia marxista da linguagem ²³¹.

Essa mudança, no seu entender, desviou a Análise de Discurso dos caminhos designados “sociologia da linguagem” ou “sociolingüística”, fornecendo instrumentos operacionais de trabalho. Mas, chama a atenção para o paradoxo: “o que constitui a AD é, por sua vez, o que a bloqueia: o fechamento do corpus discursivo, a homogeneidade produzida pelo corpus, a dissociação entre descrição e interpretação” ²³².

As desconstruções e reconfigurações na história da Análise de Discurso francesa, depois da segunda metade da década de 70, decorrem da reviravolta na conjuntura teórica e política na França. Nesse sentido, o texto de Pêcheux – *A Análise de Discurso: três épocas* (1983) – aponta um percurso de busca “e sobretudo muitos pontos de interrogação ...” ²³³.

Nesse texto Pêcheux considera a “primeira época da análise de discurso (AD-1) como exploração metodológica da noção de máquina discursivo-estrutural”. Conclui assim que esse “procedimento é marcado por etapas, com ordem fixa, restrita, teórica e metodologicamente a um começo e um fim predeterminados, trabalhando num espaço em que as ‘máquinas’ discursivas constituem unidades justapostas. A existência do outro está subordinada ao primado do mesmo”. No texto referido Pêcheux explica:

²³¹ MALDIDIÉ, Denise, *Elementos para uma história da análise do discurso na França*, p. 24.

²³² A respeito da interpretação na AD, Orlandi lembra que essa disciplina “não é um método de interpretação, não atribui nenhum sentido ao texto”, mas problematiza a relação com o texto, explicando os processos de significação nele configurados, o funcionamento dos mecanismos de produção de sentidos. Daí que, na perspectiva discursiva, compreender não é atribuir um sentido, “mas conhecer os mecanismos pelos quais se põe em jogo um determinado processo de significação” (*Discurso e Leitura*, p. 117).

²³³ GADET, Françoise, HAK, Tony, *Por uma análise automática do discurso ...*, p. 311-319.

O outro da alteridade discursiva “empírica” é reduzido seja ao mesmo, seja ao resíduo, pois ele é o funcionamento combinatório da identidade de um processo discursivo; o outro da alteridade “estrutural” só é, de fato, uma diferença incomensurável entre “máquinas” (cada uma idêntica a si mesma e fechada sobre si mesma), quer dizer, uma diferença entre mesmos²³⁴.

Para aquela que ele chama “AD-2” a explicação é de que ela vai

da justaposição dos processos discursivos à tematização de seu entrelaçamento desigual (...) do ponto de vista dos procedimentos, manifesta poucas inovações: o deslocamento é sobretudo sensível ao nível da construção dos corpos discursivos, que permitem trabalhar sistematicamente suas influências internas desiguais, ultrapassando o nível da justaposição contrastada²³⁵.

Quanto à chamada “AD-3”, por meio da “*desconstrução das maquinarias discursivas*”, ela surge como “*a emergência de novos procedimentos*”, indicando “*algumas direções referíveis em um trabalho de interrogação – negação – desconstrução das noções postas em jogo na AD*”, para “*mostrar alguns fragmentos de construções novas*”²³⁶.

Tais constatações de Pêcheux coincidem com o que afirma Maldidier ao concluir seu relato, ou seja, “*as divergências teóricas, que se desenvolviam nas correntes da primeira AD, mas que tinham sido mais ou menos recobertas pela constituição de uma vulgata, reaparecem na relação com a nova conjuntura*”, isto é, depois da segunda metade da década de 70. Como disciplina universitária, a pesquisadora francesa constata que “*uma certa AD faz claramente parte das evidências não questionadas. A antiga AD, entretanto, não cessou de produzir efeitos*”²³⁷.

Efeitos esses, no nosso entender, representam a busca do conhecimento como reflexo / refração da realidade objetiva, a que Schaff²³⁸ esclarece como “*reflexo subjetivo*”.

[...] em primeiro lugar, opera-se num sujeito dado, cujas propriedades individuais (o caráter do aparelho perceptivo, o saber acumulativo etc) determinam o seu caráter; em segundo lugar, realiza-se numa língua, cujos conteúdos de pensamento, ligados à experiência social, determinam também o seu caráter. Do

²³⁴ GADET, Françoise, HAK, Tony, *Por uma análise automática do discurso*, p. 311-313.

²³⁵ Ibid., p. 313-315.

²³⁶ Ibid., p. 315.

²³⁷ MALDIDIER, Denise, *Elementos para uma história da análise do discurso na França*, p. 25.

²³⁸ SCHAFF, Adam, *Linguagem e conhecimento*, p. 244.

mesmo modo que a verdade é atingida no processo do conhecimento, também o reflexo tem um caráter objetivo e subjetivo.

O resultado das análises de Schaff reforça a nossa posição de que conhecimento e verdade são processos, como percebemos nas palavras do filósofo marxista polonês ao tratar a questão da linguagem:

A linguagem, nem cria a realidade – no sentido literal da palavra “criar” –, nem é o reflexo da realidade – numa das acepções literais do termo “reflexo”. Com efeito, (...), o reflexo contém sempre um certo elemento de subjetividade e é esse reflexo que, num sentido moderado da palavra, “cria” a imagem da realidade. O reflexo da realidade objetiva e a “criação” subjetiva da sua imagem no processo do conhecimento não se excluem, mas completam-se, constituindo um todo. Uma concepção deste gênero está em conformidade com o caráter objetivo e subjetivo do processo do conhecimento e constitui um bom ponto de partida para a análise do papel ativo da linguagem nesse processo²³⁹.

3.5 Outra leitura

Discutindo a questão leitura-escritura, Coracini²⁴⁰ levanta diferentes concepções teóricas a respeito do ato de ler que a escola, no seu entender, “raramente, para não dizer nunca” contempla, ou seja, a concepção discursiva. Nesse sentido, aborda “*outra concepção de leitura*”

que se encontra na interface entre a análise do discurso e a desconstrução que considera o ato de ler como um processo discursivo no qual se inserem os sujeitos produtores de sentido – o autor e o leitor –, ambos sócio-historicamente determinados e ideologicamente constituídos.

Entende assim que esse momento histórico-social determina o comportamento, as atitudes e a linguagem, tanto do autor como do leitor, bem como a configuração do sentido. Acreditando nesse princípio, recorreremos ao texto de outra autora, com suas histórias de leitora e de leitura, no caminho do nosso discurso a respeito do trajeto histórico da Análise de Discurso.

²³⁹ SCHAFF Adam, *Linguagem e conhecimento*, p. 245.

²⁴⁰ CORACINI, Maria José, *Leitura: decodificação, processo discursivo ...?*, p. 13-20.

Traçando o percurso da disciplina na vertente da Escola francesa, que surgiu na década de 60, Brandão²⁴¹ delinea “*algumas balizas históricas*” dessa análise, destacando o trabalho de Pêcheux como “*determinante*” na fase inicial e “*figura representativa para uma análise de discurso por ele arquitetada*”.

Na síntese em que trata o estatuto do sujeito, a pesquisadora brasileira demonstra com clareza as três fases da AD, tomando como referência um dos últimos textos de Pêcheux, *A análise de discursos: três épocas* (1983). Destacamos, a seguir, algumas considerações de Brandão.

Partindo da primeira época da disciplina (“AD-I”), aponta como característica fundamental a posição estruturalista balizada por dois suportes teóricos: primeiro, a noção de que “*um sujeito estrutura*” determina os sujeitos como produtores de seus discursos; segundo, a distinção entre o nível de base lingüística e o nível de processos discursivos, ou seja, “*uma língua natural [...] constitui a base invariante sobre a qual se desdobra uma multiplicidade heterogênea de processos discursivos justapostos*”²⁴².

Nessa fase, segundo Brandão, o que marca o sujeito de Pêcheux é uma forte dimensão social, histórica, que na linguagem é balizada pela formação discursiva que define “*o que pode e deve ser dito por um sujeito*”.

Na “AD-2” verifica-se abertura na noção de formação discursiva enquanto dispositivo estrutural fechado, na medida em que se reconhece essa formação em relação paradoxal com seu “*exterior*”, ou seja, de que há elementos vindos de fora e se repetindo na formação discursiva. Esse “*exterior específico*” é o interdiscurso que irrompe no interior da formação discursiva.

Verifica-se, portanto, como considera Brandão, que nessa etapa da Análise de Discurso o sujeito do discurso – concebido como puro efeito de assujeitamento ao dispositivo da formação discursiva e nela se identificando – opera em dois níveis:

- a) num nível inconsciente, ideológico, em que o sujeito ‘esquece’, apaga qualquer elemento que remeta ao exterior de sua FD [formação discursiva], ‘aceitando’ certa seqüência lingüística e ‘recusando’ outra a fim de produzir determinados sentidos (Esquecimento nº 1);

²⁴¹ BRANDÃO, Helena H. Nagamine, *Subjetividade, argumentação, polifonia*, p. 19-24.

²⁴² Ibid., p. 39-40.

b) num nível pré-consciente ou consciente em que o sujeito enunciator coloca fronteiras entre o que pode e deve ser dito e o que não pode ser dito; quando, no interior da FD que o domina, constitui seu enunciado, elegendo algumas formas e ocultando outras. Essa operação dá ao sujeito a ilusão de que seu discurso reflete o conhecimento objetivo que tem da realidade, de que é senhor de sua palavra, origem e fonte de sentido (Esquecimento nº 2)²⁴³.

A “AD-3” marca, na visão da autora, o primado teórico do outro sobre o mesmo, isto é, a alteridade na identidade discursiva. Dessa forma, o percurso teórico vai da noção de “*máquina discursiva estrutural*” (concebida pela AAD69) para “*máquinas discursivas paradoxais*”. Parte das formas de organização e funcionamento do discurso da ideologia dominada para encontrar o funcionamento do processo de dominação da ideologia dominante.

Nessa forma, Pêcheux reconhece a heterogeneidade, constitutiva do discurso e produzida por várias posições assumidas pelo sujeito. Essa heterogeneidade tem a forma de um concerto polifônico, com unidade e coerência harmonizando diferentes vozes e apagando vozes discordantes.

Observamos assim que nesse percurso teórico de Pêcheux traçado por Brandão despontam “*conceitos fundadores*”, produzindo efeitos no estudo da Análise de Discurso. Efeitos que não cessam de produzir sentidos, ampliando a possibilidade para a aquisição do conhecimento.

3.6 Diferenças na afinidade

Em nosso trabalho, portanto, como reflexo de tantos outros e com a nossa subjetividade, procuramos marcar as diferenças na afinidade. Diferenças, como observa Orlandi²⁴⁴, que ficaram bem definidas na Análise de Discurso, “*como um programa intelectual em sua dimensão teórica, analítica e política*”, lembrando então “*que toda prática teórica é transformadora*”.

Cada analista, com sua, ou suas especialidade(s), define seus limites. Isso porque, diz Orlandi²⁴⁵, a Análise de Discurso “*toca a relação do sujeito com os sentidos e com o mundo*” e essa relação “*não é um lugar sem crises na instituição*”. Da mesma forma, assegura que os

²⁴³ BRANDÃO, Helena H. Nagamine, *Subjetividade, argumentação, polifonia*, p. 41.

²⁴⁴ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Uma amizade firme, uma relação ...*, p. 7-14.

²⁴⁵ Ibid., p. 10.

analistas de discurso “*têm uma relação crítica com o conjunto dos saberes discursivos*”, o que “*reflete no trabalho de cada um*”.

Ao recapitular sua amizade com Denise Maldidier – como analista de discurso e como avaliadora da produção desta análise de linha francesa – Orlandi levanta algumas questões que marcaram a “diferença” teórica entre as duas.

A primeira diz respeito à noção de formação discursiva, que está na base constitutiva da análise de discurso, na França, seja para a filosofia de Foucault seja para a proposta de análise de Pêcheux.

Em Foucault, a concepção de formação discursiva está ligada aos “planos”, ou seja, lugares de onde fala o sujeito. Considera que esses planos “*estão ligados por um sistema de relações, o qual não é estabelecido pela atividade sintética de uma consciência idêntica a si, muda ou prévia a qualquer palavra, mas pela especificidade de uma prática discursiva*”²⁴⁶.

Já Pêcheux²⁴⁷ chama

formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.).

Como estamos em “*regiões de confronto de sentidos*”, isto é, em formações discursivas, prosseguiremos nesse permanente movimento, nesse constante processo de aproximação, afastamento e transformação. Assim, procuramos organizar nosso gesto de significação (compreensão), estabelecendo formações discursivas e determinando as relações de sentidos. Com esta produção nos identificamos como sujeito, com nossas histórias, de leitora e de leituras.

3.7 Do sujeito à história ... o sentido

O sujeito-leitor, constituído pelo efeito discursivo da identificação, da constituição da subjetividade, representa a relação entre a história de suas leituras com a história de leituras do

²⁴⁶ FOUCAULT, Michel, *Arqueologia do saber*, p. 70.

²⁴⁷ PÊCHEUX, Michel, *Semântica e discurso*, p. 160.

texto, num movimento dinâmico que se constitui na “sua” leitura específica, em determinado momento. “Os sentidos são muitos, mas há sempre um enunciável – um legível – exterior e preexistente, e é a partir dele que cada um pode intervir” ²⁴⁸.

Da noção de sujeito, Orlandi observa a contradição que vem da relação entre identidade e alteridade, que no seu entender se constituem mutuamente: “o sujeito é o mesmo e é diferente simultaneamente”, pois assume papéis e discursos diferentes quando fala com pessoas diferentes, em situações diferentes, não deixando de ser a mesma pessoa.

Na Análise de Discurso essa contradição acontece em dois lugares:

- a) pela ilusão do sujeito de que ele é a fonte de seu dizer, quando na verdade o seu dizer nasce em outro;
- b) pela relação existente entre a formação discursiva (o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito) e a formação ideológica (conjunto de atitudes e representações, que não são nem individuais nem universais, mas se reportam mais ou menos diretamente às posições de classes em conflito umas com as outras).

Essa contradição acontece porque, segundo Althusser²⁴⁹, “a ideologia interpela indivíduos como sujeitos”.

Ao constituir indivíduos concretos em sujeitos, tanto a interpelação quanto o (re)conhecimento exercem papel importante no funcionamento de toda ideologia, pois sua influência transparece nas atividades da vida cotidiana, operando transformação dos indivíduos em sujeito. O reconhecimento acontece no momento em que o sujeito se insere, a si mesmo e a suas ações, em práticas reguladas pelos aparelhos ideológicos. Somente por meio do sujeito e no sujeito será possível existir a ideologia²⁵⁰.

Os efeitos da ideologia em tal constituição do sujeito acontecem devido à aparente unidade do sujeito e transparência do sentido. Para evitar esses efeitos, com sentido crítico, é preciso levar em conta o processo de constituição do sujeito e a materialidade do sentido, considerando-se sujeito o lugar de onde ele fala em relação aos diferentes lugares de uma formação social. E tanto o sujeito quanto seus lugares de fala estão cheios de histórias.²⁵¹

²⁴⁸ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Discurso e leitura*, p. 111-112.

²⁴⁹ ALTHUSSER, Louis, *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*, p. 80.

²⁵⁰ BRANDÃO, Helena H., *Introdução à análise do discurso*, p. 23-24.

²⁵¹ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Discurso e leitura*, p. 56-109.

Nesse sentido, lembramos reflexões de Gadet²⁵² a respeito das “*particularidades de emergências*” da disciplina em pauta:

Na França, a Análise de Discurso, de imediato, foi concebida como um dispositivo que coloca em relação, sob uma forma mais complexa do que o suporia uma simples co-variação, o campo da língua (suscetível de ser estudada pela lingüística em sua forma plena) e o campo da sociedade apreendida pela história (nos termos das relações de força e de dominação ideológica).

Sendo assim, “*a noção de história é outra na AD*”, considera Orlandi²⁵³, para quem essa noção “*é a historicidade do texto, ou seja, sua discursividade (sua determinação histórica) que não é mero reflexo do fora mas se constitui já na própria tessitura da materialidade lingüística*”, ou seja, “*a materialidade do sentido e do sujeito, seus modos de constituição histórica*”.

Como todo acontecimento histórico faz sentido e espera interpretação, investigando suas causas e conseqüências, Henry²⁵⁴ vê a história como o “*fazer sentido, mesmo que se possa divergir desse sentido em cada caso*”. A questão do histórico, portanto, remete a outras como a da linguagem, a do sujeito e a da ciência. Ao trabalhar com o suporte teórico da Análise de Discurso, consideramos pertinente a explicação de Orlandi²⁵⁵ no que respeita à história, ou seja, “*a história para o analista de discurso*”.

A história está ligada a práticas e não ao tempo em si. Ela se organiza tendo como parâmetro as relações de poder e de sentidos, e não a cronologia: não é o tempo cronológico que organiza a história, mas a relação com o poder (a política). Assim, a relação da AD com o texto não é extrair o sentido, mas apreender a sua historicidade, o que significa se colocar no interior de uma relação de confronto de sentidos.

Vemos assim a dupla relação do discurso com a história. O discurso é processo histórico, por um lado, porque se produz em determinadas condições e projeta-se no futuro; por outro lado, porque “*cria tradição, passado, e influencia novos acontecimentos. Atua sobre a*

²⁵² GADET Françoise, in prefácio *Por uma análise automática do discurso*, p. 7-8.

²⁵³ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Terra à vista ...*, p. 28-29.

²⁵⁴ HENRY apud ORLANDI, *Terra à vista ...*, p. 29.

²⁵⁵ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Terra à vista ...*, p. 35.

linguagem e opera no plano da ideologia, que não é assim mera percepção do mundo ou representação do real" ²⁵⁶.

Nessa dupla relação, a Análise de Discurso explicita o funcionamento do discurso em suas determinações históricas, na relação da história com o poder. As formações discursivas, ao determinarem uma posição do sujeito não a preenchem de sentido, porque elas não são, *a priori*, evidências ou lugares estabilizados mas regiões de confronto de sentidos, como explica Orlandi²⁵⁷ :

Tem-se necessidade das formações discursivas como sítios de significação (na relação com a diferença), assim como se tem necessidade da noção de unidade, para a língua, apesar dos equívocos que a constituem. As formações estão em contínuos movimentos, em constante processo de reconfiguração. Delimitam-se por aproximações e afastamentos. Mas em cada gesto de significação (de interpretação) elas se estabelecem e determinam as relações de sentidos, mesmo que momentaneamente. E é isto que dá identidade ao sujeito e ao sentido. Esses pontos de 'atracagem' – que não são apenas pontos mas formações – têm a forma histórica dos mecanismos ideológicos que se imprimem na relação com o simbólico. Não são jamais únicas mas sempre plurais, diferentes.

Trabalhando com paráfrase (o mesmo) e polissemia (o diferente), na constituição do sujeito e do sentido, "*como propriedade fundamental*", Orlandi²⁵⁸ reconhece que se inspirou na proposta de Pêcheux a respeito da relação "*promovida pelas formações imaginárias entre as situações no mundo e as posições no discurso*". Considera assim que há sempre um outro discurso no discurso, "*função da relação de todo dizer com a ideologia (com a exterioridade, com o interdiscurso)*". Ao explicitar a sua posição, aparecem as evidências na filiação teórica.

A noção de formação discursiva, tal como foi proposta por M. Pêcheux, a meu ver, nunca foi indiferente a isto. Ao contrário, é um modo de trabalhar essa multiplicidade e essa diferença inscritas na linguagem, uma vez que o múltiplo e o diferente se ordenam no discurso ao produzirem seus efeitos. E é dessa ordem que trata a análise do discurso.

²⁵⁶ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Terra à vista ...*, p. 35.

²⁵⁷ Id. *Gestos de leitura*, p. 11.

²⁵⁸ Ibid., p. 11.

Outro destaque no balanço teórico da Análise de Discurso empreendido por Orlandi²⁵⁹, no texto em que presta homenagem a Maldidier, trata da noção de condições de produção, que “*nunca foi pacífica*”. Considera essas condições como representação no imaginário histórico-social da situação empírica que está em jogo, mesmo sem perder de vista suas determinações concretas. O traço marcante dessa concepção, no seu entender, está na noção de arquivo e de *corpus*.

Nesse sentido, o texto de Guilhaumou e Maldidier²⁶⁰ nos ajuda a entender essa questão. Partindo do conceito de arquivo, os autores consideram que ele nunca é dado *a priori* e que seu funcionamento é opaco.

Todo arquivo, principalmente manuscrito, é identificado pela presença de uma data, de um nome próprio, de uma chancela institucional ou pelo lugar que ocupa em uma série. Essa identificação, puramente institucional, é para nós insuficiente: ela diz pouco do funcionamento do arquivo.

Arquivo, no entender dos dois pesquisadores franceses, “*não é o reflexo passivo de uma realidade institucional. Ele é sua materialidade e diversidade, ordenado por uma abrangência social.*” Entendemos essa abrangência como o contexto, tanto é que, procedendo à sua leitura, emergem “*dispositivos e configurações significantes*”, de acordo com os autores, e não vêem o arquivo como “*um simples documento no qual se encontram referências*”²⁶¹.

A “AD” clássica – inicialmente presa ao gênero do discurso político – não tinha necessidade de diversificação do arquivo, consideram Guilhaumou e Maldidier, explicando que a mudança aconteceu quando se instalou o social no interior do político, passando então a se observar multiplicidade de dispositivos textuais disponíveis no arquivo.²⁶²

Ao ampliar o campo de investigação, na “AD”, passou-se então do interesse pelo discurso doutrinário ou institucional para a história social dos textos. Nessa perspectiva, os autores se interessam pela emergência dos discursos, em circunstâncias determinadas, o que implica uma preocupação com os usos sociais da língua.

²⁵⁹ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Gestos de leitura*, p. 11.

²⁶⁰ GUILHAUMOU, J., MALDIDIER, D., *Efeitos do arquivo ...*, p. 163-183.

²⁶¹ Ibid., p. 164.

²⁶² MARANDIN apud MAINGUENEAU, *Novas tendências em análise do discurso*, p. 116. “Arquivo” como o conjunto de enunciados de uma época, que “*não é a coleção de um espaço homogêneo (o espírito de uma época, um estado de cultura ou de civilização), de tudo que foi dito, de tudo o que se diz, mas um conjunto de regiões heterogêneas de enunciados produzidos por práticas discursivas irreduzíveis*”.

Reportando ao *corpus*, os dois pesquisadores introduzem a questão discutindo o que denominam “co-texto”, ou seja, “o conjunto de enunciados que determinam a visualização mais ampla do tema estudado e que, ao mesmo tempo, permite enxergar as recorrências lingüísticas” ²⁶³.

Para eles, a análise do trajeto temático corresponde a um procedimento essencialmente de compreensão. Aqui esclarecem que na Análise de Discurso não é empregada a dicotomia compreensão/extensão como feito pelos lingüistas e lógicos, mas o procedimento à tradição filosófica (Kant) que distingue compreensão – marcada pela sensibilidade – da extensão (ou apreensão), aberta à percepção da totalidade.

O co-texto, portanto, introduz a possibilidade de construir um objeto discursivo: a compreensão dá lugar à extensão. Assim, o momento da análise do *corpus* é terminal, isto é, momento da relação com a materialidade da língua, com a história, com o real. Momento em que na análise se chega às estratégias discursivas ligadas às relações de força numa determinada situação.

Tais relações, no nosso entender, constituem a noção de condições de produção do discurso, que para Orlandi “*nunca foi pacífica*”. Sendo assim, e de acordo com os princípios orientadores da Análise de Discurso, entendemos e procuramos praticar os seus escritos, não como instruções e aplicação, mas “*como lugar de reflexão, filiação teórica, movimento de pensamento e esforço teórico de construção de um objeto*”. Como o nosso objeto de análise é o discurso, esperamos transformação com essa prática teórica, na medida em que procura conhecer linguagem, sujeito e sentidos, no movimento do cotidiano²⁶⁴.

3.8 Da linguagem

Considerando-se o estudo da língua como ato de recuperar sua historicidade e sua função social, aparece no percurso o trabalho humano. E desse, conseqüentemente, seu produto histórico-social. Isso porque as línguas estão associadas aos grupos humanos em processo de transformação recíproca.

²⁶³ GUILHAUMOU, MALDIDIER, *Efeitos do arquivo ...*, p. 168.

²⁶⁴ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Uma amizade firme, uma relação ...*, p. 12.

Nem a sociedade nem as línguas se modificam automaticamente. São os atos dos homens que tomam parte delas, que as vão transformando. O caráter histórico da língua está em ser ela um fato social no qual entram o caráter de processo, a intervenção da memória, a relativa estabilidade do sistema e das funções sociais e normas de comportamento²⁶⁵.

Assim, a historicidade e função social da língua são recuperadas, segundo Orlandi, na perspectiva do seu estudo como ação, ou seja, como trabalho do homem no mundo em transformação.

Com relação a essa perspectiva, lembramo-nos da análise de Schaff²⁶⁶ sobre o *“papel ativo da linguagem na atividade do homem”*. Em síntese, ele considera a linguagem como a atualização da palavra e essa a operação do pensamento, enquanto experiência e significação. Na sua concepção, a linguagem é como *“uma unidade verbal e mental”* e o pensamento humano produzido sempre em uma língua determinada. Daí a complexa relação entre pensamento e linguagem, embora considere que *“não se pode identificar o pensamento com a linguagem”*. Partindo dessa relação, Schaff analisa a tese *“do papel ativo da linguagem no processo do pensamento”* em três acepções.

Na primeira, de que as línguas, como sistemas de sinais, são os suportes do pensamento conceptual, ou seja, a existência da linguagem como condição necessária ao pensamento conceptual.

Na segunda acepção, a linguagem tida como mediadora entre o social (dado) e o individual (criador) no pensamento individual, sendo exercida em dois sentidos: como transmissão das gerações passadas e apropriação dos novos resultados do pensamento individual para transmissão às gerações futuras. Em síntese, ele considera a linguagem *“fator mediador entre o homem e o mundo”* e cada língua contendo em si uma *“visão do mundo”* definida, *“um esquema ou estereótipo determinado da intuição do mundo das coisas”*.

Finalmente, na terceira acepção, está a tese de que a linguagem *“influencia também o ‘nível’ da abstração e da generalização deste pensamento”*, ou seja, do pensamento individual que parte do social.

Portanto, linguagem e pensamento, segundo Schaff, *“são geneticamente o produto da prática humana”*, embora chame a atenção para o seu objeto, que não é o pensamento em

²⁶⁵ ORLANDI, Eni Puccinelli, *A linguagem e seu funcionamento*, p. 99.

²⁶⁶ SCHAFF, Adam, *Linguagem e conhecimento*, p. 247-253.

geral. Relaciona então o pensamento ao conhecimento no sentido de pensamento particularmente qualificado.

É precisamente quando é referido ao conhecimento que o problema do papel ativo da linguagem se manifesta de uma maneira particularmente evidente. O processo do conhecimento está indissociavelmente ligado à prática e isso de modos diversos²⁶⁷.

3.9 O sujeito e sua linguagem

Como fundamento em quase todas as práticas da vida humana, está a palavra. A palavra, no nosso entender, não existe isolada e só tem sentido quando se junta às outras, como num baile, mudando de par e de posição, a exemplo do que acontece com os homens, pois não se concebe o Homem senão em relação uns com os outros, em confronto ou harmonia.

Como disse Baccega²⁶⁸, em uma das metáforas mais significativas a respeito da palavra:

As palavras têm vida. Vestem-se de significados. Mascaram-se. Contagiam-se com as outras palavras próximas. “Dançam conforme a música”, tocada no salão de baile onde estão. O salão é o discurso e é aí que elas cristalizam momentaneamente uma de suas máscaras.

Ao tratar de relações – linguagem e sociedade, linguagem e ideologia, entre outras – Bakhtin ressalta questões daí decorrentes, como a enunciação, o dialogismo, a polifonia. Também destaca a palavra – “*fenômeno ideológico por excelência*” – considerando a razão de sua existência:

A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social²⁶⁹.

²⁶⁷ SCHAFF, Adam, *Linguagem e conhecimento*, p. 253.

²⁶⁸ BACCEGA, Maria Aparecida, *Palavra e discurso*, p. 6.

²⁶⁹ BAKHTIN, Mikhail, *Marxismo e filosofia da linguagem*, p. 36.

Presente em todas as instâncias da vida humana e um dos indicadores materiais mais adequados para orientar o problema no plano dos princípios, a palavra para Bakhtin indica/registra transformações, mudanças sociais e ideológicas. Sem começo nem fim, ela arrasta a fala, formando, carregando, transformando sentidos. E assim, no nosso entender, acontece a enunciação.

A primeira palavra e a última, o começo e o fim de uma enunciação permitem-nos já colocar o problema do todo. O processo da fala, compreendida no sentido amplo como processo de atividade de linguagem tanto exterior como interior, é ininterrupto, não tem começo nem fim. A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu auditório. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação²⁷⁰.

A interação entre os sujeitos em um processo de enunciação pode manifestar-se de várias formas: no monólogo, diálogo interno do sujeito com seu eu interno dividido, consciente e inconsciente, como percebe a psicanálise; no sujeito socialmente inserido, agente dividido em seus vários papéis sociais, como vê a Análise de Discurso de linha francesa; nos sujeitos coletivos que representam os valores e as vozes dos grupos sociais e universos de discursos que estão em todo momento confrontando-se e dialogando²⁷¹.

Para Baccega²⁷², a enunciação consiste no

resultado do ato de fala, o qual, por seu lado, fundamenta-se nela. O indivíduo/sujeito apropria-se dos discursos sociais, a partir da enunciação, reelabora-os e manifesta essa reelaboração no ato de fala, que, por resultar da interação social, é sempre plural. Os discursos sociais reelaborados compõem a enunciação daquele grupo ou classe social, e a fala, manifestada, incorpora-se à enunciação.

O processo de interação verbal, portanto, é fundamental para a compreensão do dialogismo, pois configura a relação entre enunciador e enunciatário, ou seja, a relação do eu

²⁷⁰ BAKHTIN, Mikhail, *Marxismo e filosofia da linguagem*, p. 125.

²⁷¹ BARROS, Diana, FIORIN, José Luiz, *Dialogismo, polifonia e intertextualidade*, p. 3-4.

²⁷² BACCEGA, Maria Aparecida, *Comunicação e linguagem ...*, p. 85.

(enunciador) com o outro, o tu (enunciatário). Tal relação, caracterizada principalmente pelo processo de interação/comunicação verbal, remete à discussão sobre os conceitos de polifonia, subjetividade e vozes discursivas – questões de interesse para diversas teorias: da enunciação de abordagem subjetivista e não-subjetivista, da Análise de Discurso de linha francesa, da pragmática e da argumentação.

No que respeita à polifonia, tanto Bakhtin quanto Ducrot contestam a unicidade do sujeito. Para Ducrot, no discurso direto há vários interlocutores e a polifonia é considerada “fraca”, enquanto no discurso indireto livre, na negação ou na ironia, há variação dos enunciadores. É aí que a polifonia atinge grau máximo e Bakhtin explica que o discurso se constrói no cruzamento dos pontos de vista, no confronto das vozes.²⁷³

A polifonia pode ser percebida num texto quando se identificam várias vozes, em oposição aos textos com a aparência de uma única voz como, por exemplo, o discurso político. Os textos são dialógicos porque resultam do embate das vozes que circulam na sociedade, podendo produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ao contrário do que acontece quando uma única voz se faz ouvir, calando (silenciando) as outras possíveis.

Brait²⁷⁴ destaca que para Bakhtin “... *tudo que é dito, que é expresso por um falante, por um enunciador, não pertence só a ele. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase ‘impessoais’, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala*”.

3.10 Imagens dos sujeitos

Procurando demonstrar a evidência do que foi apontado no tópico acima – do sujeito e sua linguagem –, sobretudo no que respeita à polifonia, passaremos a comentar as condições de produção de um discurso, destacando lugar e situação do sujeito de discurso, considerando a sua propriedade como um todo em relação à exterioridade, com a situação (as instituições, o

²⁷³ BARROS, Diana, *Dialogismo, polifonia e enunciação*, p. 9.

²⁷⁴ BRAIT, B., *As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso*, p. 14.

contexto sócio-histórico, a cultura, a ideologia), de acordo com os princípios da Análise de Discurso, como diz Orlandi²⁷⁵.

No momento da produção do discurso, por mais que o autor tente se desvencilhar dos outros, despir-se de presenças, tornar-se uno, impossível o desprendimento do seu contexto, presente e passado. A responsabilidade futura clama por palavras que circulam na sociedade, onde estamos inseridos.

Como diz Bakhtin²⁷⁶, somos “*um território social*” e estamos presos à “*ideologia do cotidiano*”, ou seja, adaptação do nosso mundo interior às possibilidades de nossa expressão, aos seus caminhos e orientações possíveis. Assim, normalmente, de forma consciente ou não, o sujeito de discurso esquece o isolamento, a tentativa vã de desligar-se do mundo e dos outros e parte para a sua construção, que é coletiva

Nesse processo, como dissera Bakhtin, “*a palavra vai à palavra*”. Basta começar e ter-se consciência de que o discurso faz parte de uma discussão ideológica, pois responde a alguma coisa, refuta outras, confirmando e antecipando respostas ou mesmo objeções potenciais. No fundo, espera-se a reação daqueles que participam do processo de recepção/reelaboração do discurso, dando-se a palavra²⁷⁷.

Em nosso campo, o da Comunicação, o trabalho com a palavra representa o espaço da produção social, com responsabilidade para organizar e editar os acontecimentos no mundo, difundir produtos, criar e consolidar imagens de pessoas e instituições.

Comunicação, como diz Baccega²⁷⁸, “*é produção social de sentido*”, porque “*se constrói nas relações sócio-históricas dessa sociedade pós-industrial*”. Construção feita de palavras e imagens a partir de uma língua. A língua “*fascista*”, como disse Barthes²⁷⁹, “*pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer*”. O discurso, portanto, representa a relação de forças, ou seja, o lugar a partir do qual se fala como sujeito constitutivo do que se diz.

Configura-se, nessa concepção de Barthes, um dos pilares do “*drama da linguagem*”, que Bagno²⁸⁰ entende como “*a designação genérica de toda e qualquer situação em que há diálogo, em que há troca e intercâmbio entre personagens ou pessoas, mas também no sentido*

²⁷⁵ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Discurso e leitura*, p. 25.

²⁷⁶ BAKHTIN, Mikhail, *Marxismo e filosofia da linguagem*, p. 117-118.

²⁷⁷ Ibid., p. 147.

²⁷⁸ BACCEGA, Maria Aparecida, *Conhecimento, informação e tecnologia*, p. 9.

²⁷⁹ BARTHES, Roland, *Leçon*, p. 14.

²⁸⁰ BAGNO, Marcos, *Dramática da língua portuguesa*, p. 307.

mais corrente da palavra, isto é, drama como situação de conflito, problemática, até catastrófica". Há, no seu entender, três atos do drama da linguagem:

- . 1º ato: *ter o que dizer*;
- . 2º ato: *querer dizer*;
- . 3º ato: *poder dizer*.

Esse drama nos remete a Foucault²⁸¹, quando trata a organização na desordem dos discursos.

Tudo se passa como se interditos, barragens, patamares e limites tivessem sido dispostos de maneira que seja controlada, ao menos em parte, a grande proliferação do discurso, de maneira que sua riqueza seja aliviada de sua parte mais perigosa e que sua desordem seja organizada segundo figuras que esquivam o mais incontável; tudo se passa como se se tivesse querido apagar até as marcas de sua irrupção nos jogos do pensamento e da língua. Existe decerto em nossa sociedade [...] uma profunda logofobia, uma espécie de temor surdo contra esses acontecimentos, contra essa massa de coisas ditas, contra o surgimento de todos esses enunciados, contra tudo o que pode haver neles de violento, de descontínuo, de batalhador, de desordem também e de perigoso, contra esse grande burburinho incessante e desordenado do discurso.

Na linguagem e pela linguagem se constitui a subjetividade. E, como explica Brandão²⁸², *"porque constitui o sujeito que a linguagem pode representar o mundo: porque falo aproprio-me da linguagem, instauo a minha subjetividade e é enquanto sujeito constituído pela linguagem que posso falar, representar o mundo"*.

E qual será o sentido das palavras que se tenta agarrar no momento da produção de um discurso? Em Pêcheux²⁸³ encontramos resposta a essa dúvida, pois ele considera que

as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas [...], os indivíduos são "interpelados" em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam "na linguagem" as formações ideológicas que lhes são correspondentes.

²⁸¹ FOUCAULT apud BAGNO, *Dramática da língua portuguesa*, p. 308.

²⁸² BRANDÃO, Helena H. Nagamine, *Subjetividade, argumentação, polifonia*, p. 37.

²⁸³ Pêcheux, Michel, *Semântica e discurso*, p. 160-161.

Reconhecemos, assim, que o discurso deve ter a forma de um concerto polifônico, uma unidade, uma coerência, por um lado harmonizando as diferentes vozes, por outro “apagando” as vozes discordantes. Como não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se pode recortar e analisar estados diferentes, como observa Orlandi, há que se estabelecer relação com discursos anteriores, apontando para outros discursos.

[...] os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis²⁸⁴.

Sem começo absoluto nem ponto final, o discurso percorre caminhos e nem sempre se observam cautelas na sua tessitura, considerando as suas condições de produção, circulação e recepção/reelaboração. Na estratégia argumentativa há que se procurar os efeitos sobre os interlocutores. Lembramos aqui o que recomenda Bourdieu²⁸⁵ a respeito de “*interrogações prévias*”, quando nos dirigimos a um grande público:

o que tenho a dizer está destinado a atingir todo mundo? Estou disposto a fazer de modo que meu discurso, por sua forma, possa ser entendido por todo mundo? Será que ele merece ser entendido por todo mundo? Ele deve ser entendido por todo mundo?

Embora o autor considere tais questões somente para quem seja convidado a falar na televisão, entendemos que as mesmas devem ser refletidas por todos que estejam envolvidos no que Chauí²⁸⁶ define como “*discurso competente*”.

O discurso competente é o discurso instituído. É aquele no qual a linguagem sofre uma restrição que poderia ser assim resumida: não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância. O discurso competente confunde-se, pois, com a linguagem institucionalmente permitida ou autorizada, isto é, com um discurso no qual os interlocutores já foram previamente reconhecidos como tendo o direito de falar e ouvir, no qual os lugares e as circunstâncias já foram predeterminados para que seja permitido falar e ouvir e,

²⁸⁴ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de discurso*, p. 39.

²⁸⁵ BOURDIEU, Pierre, *Sobre a televisão*, p. 18.

²⁸⁶ Chauí, Marilena, *Cultura e democracia*, p. 7.

enfim, no qual o conteúdo e a forma já foram autorizados segundo os cânones da esfera de sua própria competência.

A partir desse mecanismo, se estabelece a relação de forças, ou seja, o lugar do qual se fala sendo constitutivo do que se diz. Lembramos o que observa Orlandi²⁸⁷ sobre nossa sociedade – constituída por relações hierarquizadas – em que as relações de força são sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “*comunicação*”. Representam-se aí as formações imaginárias, pois no discurso funcionam – não os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, sociologicamente descritos – as imagens dos sujeitos que resultam de projeções.

Tais projeções permitem passar das **situações** empíricas – os **lugares** de sujeito – para a **posição** de sujeito no discurso. No discurso, portanto, o que significa são as posições que têm sentido em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber discursivo, o já dito). Tal posição discursiva condiz com a representação no espaço por onde circula o dizer. No jogo imaginário, que preside a troca de palavras, aflora o mecanismo imaginário. Dessa maneira são constituídas três imagens:

1. a imagem da posição do sujeito-enunciador: quem é ele para falar assim aos outros?
2. a imagem da posição dos outros, como sujeitos enunciatários: quem é ele para nos falar assim, ou para que nós falemos (a escuta, o não dito) assim com ele?
3. a imagem do que se fala, como objeto do discurso: para quem fala e para quem ouve.

Observamos, então, ao analisar mecanismos de funcionamento do discurso, que as condições de produção implicam:

1. o que é material – a língua sujeita a equívocos e à historicidade;
2. o que é institucional – a formação social, em sua ordem;
3. o mecanismo imaginário – que produz imagens dos sujeitos e do objeto do discurso em uma conjuntura sócio-histórica.

O jogo imaginário pode tornar-se mais complexo com a antecipação, ou seja, a imagem que o enunciador faz da imagem que seu enunciatário faz dele, a imagem que o enunciador faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e assim por diante. Esse mecanismo conduz o processo de argumentação buscando seus efeitos sobre o interlocutor.

²⁸⁷ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de discurso*, p. 39-40.

Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. Este espectro varia amplamente desde a previsão de um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, ele prevê como adversário absoluto ²⁸⁸.

Nesse jogo de imagens, sobressai a questão do “outro”, a relação com o “outro”, que na linguagem “*regula tudo, preenche tudo, explica tudo, tanto o sujeito como o sentido*”, como diz Orlandi²⁸⁹ ao colocar reservas a essa “*onipotência*” do conceito de enunciação.

Justifica a sua posição a partir do conceito de “*heterogeneidade*” formulada por Authier²⁹⁰, que reconhece o Outro na constituição do sujeito em seu discurso, explicando dessa forma: “*...face ao ‘isso-fala’ da heterogeneidade constitutiva responde através dos ‘como-diz-outro’ e o ‘se-me-é-permitido-dizer’ da heterogeneidade mostrada*”.

Daí que, para Orlandi²⁹¹,

[...] o sujeito da linguagem é determinado pela sua relação com a exterioridade: é um sujeito des-centrado, dividido, essa divisão tendo um caráter estrutural ou estruturante. A heterogeneidade mostrada é coisa diferente: as suas formas são aquelas pelas quais se altera a unicidade aparente do fio do discurso, pois elas aí inscrevem o “outro” [...] por elas, o sujeito se apresenta como tendo domínio do que é seu e do que é do outro, no “seu” dizer.

O dizível, na Análise de Discurso, é definido pela relação do sujeito entre diferentes formações discursivas, cada uma apresentando o que pode e deve ser dito a partir da posição que ele (sujeito) assume em determinada conjuntura.

Nessa perspectiva, Orlandi²⁹² coloca que “*há um jogo de ‘transparências (evidências, efeitos de discurso) que permeiam a produção dos sentidos e dos sujeitos na relação com o outro, resultando paradoxalmente na obscuridade dos limites dos sentidos e dos sujeitos*”.

Entra aqui a importância metodológica da noção de paráfrase, “*como matriz em que o um remete ao outro mas sem origem [...], pois o sentido não tem origem*”. Na paráfrase se observa a relação entre *diferentes*, tanto no interior das mesmas como em diferentes formações

²⁸⁸ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de discurso*, p. 39.

²⁸⁹ Ibid., p. 38-44.

²⁹⁰ AUTHIER apud ORLANDI, *Análise de discurso*, p. 39.

²⁹¹ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de discurso*, p.39.

²⁹² Ibid., p. 41.

discursivas, o que constitui um jogo, de paráfrases e de relações entre formações discursivas diferentes, circulando aí os sentidos onde são encontrados os processos de produção. *“Inscrever um sentido na relação das diferentes formações discursivas, encontrar o seu lugar, o seu modo de significar, é o trabalho do analista do discurso”* ²⁹³.

Embora não façamos esse trabalho específico em nosso cotidiano profissional, o papel social que desempenhamos no campo da comunicação (jornalismo) e da educação (docência) nos faz acreditar na linguagem como transformadora. A linguagem, segundo Baccega²⁹⁴, *“constitui-se como mediadora privilegiada entre o homem e a realidade, fazendo a mediação tanto entre o social e o individual quanto entre o individual e o inovador no pensamento individual”*.

Como recorte teórico para a Análise de Discurso, a ação transformadora da linguagem, no nosso entender, dá-se no sentido de ação sobre a natureza e em harmonia com o homem, em forma de concerto, pois a linguagem é um trabalho simbólico. Linguagem e sociedade, portanto, se constituem mutuamente e os estudos a esse respeito não podem acontecer separadamente.

Por se tratar de trabalho (simbólico), a linguagem não é apenas suporte de pensamento e instrumento de comunicação. Ela desloca percursos, passando pelo psíquico, social e ideológico. Desloca também a noção de função para a de funcionamento com referência à exterioridade. Daí a possibilidade de análise em Análise de Discurso, pois o discurso é parte de um processo, correspondendo a um lugar no interior de uma formação social.

Portanto, nossa proposta lembra a metáfora de João Cabral de Melo Neto que, reatando os poços do discurso-rio, forma o discurso único para combater a seca. Em nosso trajeto, discurso-rio de palavras, em que o idoso é o dono da voz no combate ao isolamento.

No percurso que nos leva ao encontro da comunidade de idosos, na perspectiva da Análise de Discurso, tomamos a palavra como um ato social com todas as suas implicações: conflito, reconhecimento, relações de poder, constitutiva da identidade.

Em nosso trabalho, o funcionamento da linguagem compreende a estruturação do discurso do idoso com a finalidade de nele apreender o discurso televisivo, de acordo com

²⁹³ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de Discurso*, p. 42.

²⁹⁴ BACCEGA, Maria Aparecida, *Comunicação e linguagem*, p. 68.

nossa experiência social, em nosso tempo e lugar. Com esse movimento esperamos organizar as diferentes vozes dos idosos nos “discursos sobre” a televisão²⁹⁵.

3.11 Da novela ao livro. Ensaio para uma análise de discurso

Já é senso comum afirmar que a leitura é um bem cultural – até mesmo novelas de televisão procuram promovê-la. E se pode dizer que também está estabelecido que são múltiplas as formas e razões de ler²⁹⁶.

Na tese da Associação de Leitura do Brasil, sustentada nos últimos anos, encontramos motivação para aprofundar esse assunto com dois objetivos: relacioná-lo a essa produção acadêmica e levá-lo à discussão em outras instâncias da produção do conhecimento.

Como jornalista, procuramos estar atenta aos textos em variados suportes. Como acadêmica, docente e discente, redobramos a observação aos possíveis objetos de investigação. Ultimamente, perseguimos um deles com atenção carinhosa: o discurso de idosos. Na busca do universo dessa “gente de idade”, nossa proposta está na análise de seus discursos, observando formas e razões de leitura do texto da mídia televisiva na sua programação de entretenimento, em especial a telenovela.

Daí que, naquela tarde, no final do verão de 2001, o texto que se desenhava diante de nós interrompeu a caminhada e afastou o receio do temporal que ameaçava desabar. Acionando todas as nossas competências de leitura para “entrar” naquele texto, fomos nos aproximando do idoso que, de livro na mão, soletrava em voz alta, num embate com as letras para encontrar os nomes.

²⁹⁵ Orlandi considera os “discursos sobre” uma das formas cruciais da institucionalização dos sentidos. “*É no ‘discurso sobre’ que se trabalha o conceito de polifonia. Ou seja, o ‘discurso sobre’ é um lugar importante para organizar as diferentes vozes (dos discursos de). Assim, o discurso sobre o samba, o discurso sobre o cinema é parte integrante da arregimentação (interpretação) dos sentidos do discurso do samba, do cinema etc.*” (ORLANDI, Eni Puccinelli, *Terra à vista*, p. 37).

²⁹⁶ Texto extraído do folder de divulgação do 13º Congresso de Leitura do Brasil, Unicamp, Campinas/SP, 2001.

Entre nós, pairando as nuvens negras no céu e o vento forte derrubando tudo em volta, surgiram as palavras de Bloom²⁹⁷ a respeito da leitura como “*busca de um sofrido prazer*”, que ele considera o “*motivo mais marcante, mais autêntico, que nos leva a ler ...*”. Não tivemos dúvidas quanto à estratégia para estabelecer diálogo com aquele leitor idoso. Um esbarrão, pedido de desculpas, a pressa, o medo da tempestade e ... pronto. Lá estávamos nós a iniciar a conversa, que só terminou quase duas horas depois, em um dos bares do Gonzaguinha, em São Vicente, no início de janeiro de 2001.

A história de vida de José Pompeu, 72 anos, filho de imigrantes portugueses, nascido no interior do estado de São Paulo, pouco seria diferente de muitos brasileiros, se não fosse o “*prazer sofrido*” da descoberta das letras a partir do texto televisivo. Ele nos contou sobre a decisão de vir morar em São Vicente, litoral paulista, depois de aposentado como funcionário público, para “*fugir à miséria da pensão*”. A falta de familiaridade com o mundo da escrita limitou suas oportunidades de trabalho e sempre foi “*servente*” em um órgão público da cidade em que vivia. Na ilusão de que no litoral do Estado de São Paulo seria mais fácil arrumar uma ocupação, acabou se instalando na periferia da Cellula Mater, em um barraco alugado, na companhia da filha e três netos. Não conseguiu trabalho, adoeceu e passou a “*vegetar*” diante da televisão.

Olhava para a tela sem ver as imagens, sem ouvir as palavras, procurando “*matar as horas*”. Queria que o tempo passasse e chegasse a sua hora de partir, para descansar com a mulher, “*que Deus a tenha*”. Como dorme na sala, onde fica o aparelho de TV da família, convive com a televisão ligada até que o sono vença o cansaço dos olhos.

Mas, a história daquela gente da terra dos seus pais despertou em Pompeu vontade de “*seguir os capítulos da última novela do dia, da Globo*”. Tudo começou com a série *A Muralha*, adaptação da obra de Dinah Silveira de Queiroz para a TV. Interessado na saga dos portugueses, o idoso procurou saber mais sobre a ficção da história e descobriu o livro que “*virou história da televisão*”. Mas ... não dominava bem as letras para formar os nomes. Em conversa com os amigos, soube do Curso de Alfabetização para Adultos. Embora fosse capaz de decifrar os signos verbais, as palavras, queria “*ler melhor*”. Então, passou a frequentar as aulas para “*dominar*” as letras. Quando começou a série *Os Maias*, adaptação da obra de Eça de Queiroz, o senhor Pompeu já tinha familiaridade “*com todas as letras*” e encontrava o caminho “*para todos os nomes*”.

²⁹⁷ BLOOM, Harold, *Como e por que ler*, p. 25.

No salto empreendido para o *saber ler*, nosso interlocutor passou a ser questionado pelo mundo e por si mesmo. Procurando respostas na escrita, ia modelando o estatuto de leitor, procurando saber o que se passava na cabeça de quem produziu *Os Maias* para compreender melhor o que se “*passava na sua cabeça*”.

Foucambert²⁹⁸ considera que essa atitude implica dois movimentos: o distanciamento do fato, para ter dele uma visão de cima, aumentando o poder sobre o mundo e sobre si mesmo; e o sentimento de pertencer à comunidade de preocupações produzidas pelo autor do texto.

Na medida em que adquiria tal estatuto, o senhor Pompeu, além de interagir com o texto da televisão, passando a ser telespectador ativo, contribuía com a família e os amigos explicando os fatos narrados e o contexto da história transcorrida em Portugal. Aprendendo a ler, passou a se relacionar com *Os Maias*, vivendo a narrativa televisiva. No uso do texto “*verdadeiro*”, aquele leitor aprimorou o sistema de interrogação do texto que via na televisão, mobilizando o “*conhecido*” para reduzir o “*desconhecido*”.

Para aprender a ler, considera Foucambert,²⁹⁹ “*é preciso estar envolvido pelos escritos os mais variados, encontrá-los, ser testemunha de e associar-se à utilização que os outros fazem deles – quer se trate dos textos da escola, do ambiente, da imprensa, dos documentários, das obras de ficção. Ou seja, é impossível tornar-se leitor sem essa contínua interação com um lugar onde as razões para ler são intensamente vividas*”.

Embora considere que também “*é possível ser alfabetizado sem isso ...*”, o pesquisador francês levantou, em 1987, “*problema totalmente novo, colocado para todos*”, ou seja, “*inventar as condições e abordagens de uma política de ‘leiturização’ que responda às necessidades individuais e sociais de nosso tempo, da mesma maneira que a política de alfabetização satisfaz as exigências dos últimos cem anos*”³⁰⁰.

E nas exigências atuais não se pode esquecer que as necessidades individuais estão no texto da mídia, sobretudo a televisiva, e nela as telenovelas, aperitivo para uns, objeto de estudos para outros, o pão nosso de cada dia para muitos, sobretudo em países onde prevalecem os não-leitores.

²⁹⁸ FOUCAMBERT, Jean, *A leitura em questão*, p. 30.

²⁹⁹ Ibid., p. 31.

³⁰⁰ FOUCAMBERT, Jean, *A leitura em questão*, p. 33.

Para Maria Adelaide Amaral³⁰¹, escritora e dramaturga que adaptou as duas obras literárias para a TV Globo, a novela “*pega o espectador pela emoção, sendo mais efetivo que um slogan político ou publicitário*”. Mobilizando “*o corpo e a alma das pessoas*”, ela acredita que os melhores autores de novela têm usado a teledramaturgia para estimular a vida cívica: “*todos nós temos usado a televisão para veicular boas mensagens e até campanhas*”.

3.12 Processos de leitura

Considerando-se as condições sócio-históricas em que a leitura é produzida, ela aponta para a sua história. Nesse sentido, “*toda leitura tem sua história*”, como esclarece Orlandi³⁰²:

Para um mesmo texto, leituras possíveis em certas épocas não o foram em outras, e leituras que não são possíveis hoje serão no futuro. Isto pode ser observado em nós mesmos: lemos diferentemente um mesmo texto em épocas (condições) diferentes.

Os *Maias*, portanto, representou, naquela tarde de verão, o texto que apontava leituras possíveis, tanto para o senhor Pompeu quanto para nós. Ele, que antes não conhecia essa obra literária, ao assistir à minissérie – produção de leitura de Maria Adelaide Amaral – passou a ler de forma diferente o mesmo texto nos dois suportes: livro e televisão. Da nossa parte, ao acompanhar a produção da Rede Globo, produzimos outra leitura da obra de Eça de Queiroz, bem diferente daquela dos tempos de Ginásio e Colegial, quando havia cobrança de leitura para nota e aprovação.

Assim sendo, reiteramos o que considera Orlandi³⁰³ a respeito das histórias das leituras com a implicação de vários fenômenos, entre os quais a previsibilidade das leituras de um texto, “*embora essa previsão não seja absoluta, uma vez que sempre são possíveis novas leituras dele*”.

Da mesma forma que o senhor Pompeu alargou a sua compreensão a respeito de Os *Maias* “*da televisão*” ao tomar conhecimento da obra literária, a nossa história de leitura foi acrescida, tanto de sedimentação de sentidos quanto de intertextualidade, constituindo fatores da nossa produção de leitura.

³⁰¹ GRAIEB, Carlos, *Frustrada e feliz*, p. 15.

³⁰² ORLANDI, Eni Puccinelli, *Discurso e leitura*, p. 41.

³⁰³ *Ibid.*, p. 42.

Como não há texto fechado em si mesmo, nem leitura possível ou razoável em si, mas em relação às suas histórias, do nosso encontro resultaram novos textos, que ganham sentido no contato com leitores, na instauração de interlocutores. Se um texto só tem existência ao contar com o leitor, esse traz consigo a sua história e seu contexto, ou seja, as suas condições de produção da leitura.

Na constituição do sujeito-leitor Pompeu está a sua relação com a linguagem televisiva e a sua prática de leitura não-escolar. Em nossa conversa no bar, ele frisou várias vezes que não seguia a leitura proposta na escola que frequenta, a de Alfabetização de Adultos, em seu bairro.

“Procurei a escola para ler mais rápido e não fico só na cartilha. Tento ler tudo o que vejo pela frente. Até as letras grandes dos jornais nas bancas”, confessou orgulhoso.

Geralmente, a escola desqualifica o saber que o aluno traz consigo do cotidiano, desconsiderando que ele é sujeito-leitor de outras formas de linguagem, sobretudo a da televisão. Portanto, como leitor fora da escola, a história de leitura do aluno deve ser considerada em sala de aula, enriquecendo o material didático do professor no processo ensino/aprendizagem, acrescentando à bagagem, no trânsito dialógico professor/aluno, elementos constitutivos do cotidiano. Dessa forma, no espaço discursivo da sala de aula, instala-se a troca de saberes para o fazer consciente na constituição do sujeito-leitor, cidadão responsável de sua produção e salto na vida.

A dimensão do caráter social e político de toda e qualquer abordagem dos fenômenos lingüísticos pode ser depreendida nas palavras de Geraldi³⁰⁴.

O estudo e o ensino de uma língua não podem [...] deixar de considerar – como se fossem não-pertinentes – as diferentes instâncias sociais, pois os processos interlocutivos se dão no interior das múltiplas e complexas instituições de uma dada formação social. A língua, enquanto produto desta história e enquanto *condição de* produção da história presente, vem marcada pelos seus usos e pelos espaços sociais destes usos. Neste sentido, a língua nunca pode ser estudada ou ensinada como um produto acabado, pronto, fechado em si mesmo, de um lado porque sua ‘apreensão’ demanda apreender no seu interior as marcas de sua exterioridade constitutiva (e por isso o externo se internaliza), de outro lado porque o produto histórico – resultante do trabalho discursivo do passado – é hoje condição de

³⁰⁴ GERALDI, João W., *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*, p. 28.

produção do presente que, também se fazendo história, participa na construção deste mesmo produto, sempre inacabado, sempre em construção.

3.13 Leitura e escrita como produção

Constatamos assim que a “*leitura é produzida*” em determinadas condições, de quem escreve e de quem lê. Embora os dois momentos sejam distintos – o da escritura de um texto e o da sua leitura – há que se considerar que na escrita já está inscrito o leitor (virtual) e na leitura o leitor interage com o autor do texto. Daí as *condições de produção de um texto* e *condições de produção da leitura* de um texto.

O texto, portanto, é o lugar do acontecimento onde se realiza o processo de interação entre falante e ouvinte, autor e leitor. Há nesse processo dialógico o intercâmbio de lugares, ou seja, o autor, em um dos pólos, se coloca no lugar do leitor (o outro) e vice-versa, sendo parcial o domínio de cada um dos interlocutores. A unidade aí é a *do / no* texto.

Portanto, o texto acontece como unidade complexa de significação, considerando-se suas condições de realização, propícias à interação mas na incompletude, porque o seu sentido não está em nenhum dos interlocutores especificamente. O sentido do texto está no espaço discursivo dos interlocutores, na unidade a partir da qual eles se organizam.

Considerando-se o texto como *objeto empírico* (superfície lingüística), ele pode ser um produto, objeto acabado, com princípio, meio e fim. Mas, enquanto *objeto teórico*, o texto não é acabado. Os procedimentos da Análise de Discurso devolvem ao texto a sua incompletude, reinstalando nos domínios de seus limites, enquanto objeto empírico, as suas condições de produção.

Orlandi³⁰⁵ retoma a visão de Pêcheux para explicitar a *outra* forma de ver a linguagem, dependendo do “lugar” de que se olha, lugar metafórico, conforme definições e conceitos empregados na Análise de Discurso, como propostas de modelos e de teorias que se procuram fundamentar.

[...] a análise de discurso, tal como se apresenta hoje, pode ser vista como uma forma de conhecimento da linguagem que procura constituir sua metodologia e sua técnica. Daí resultam seu caráter exploratório, sua relativa imprecisão e a falta de um modelo acabado de análise. Mas, se lhe falta uma teoria fechada, nem por isso

³⁰⁵ ORLANDI, Eni Puccinelli, *A linguagem e seu funcionamento*, p. 179.

se deixam bem assentados, como, por exemplo, o de se levar em conta, na constituição da linguagem, as duas condições de produção; há procedimentos já claramente delineados, como por exemplo, o de se considerar a distinção entre a superfície lingüística, o objeto discursivo e o processo discursivo e a maneira de se passar de um a outro através de diferentes etapas de análise.

No que se refere às condições de produção do texto, há relação com a sua situação e com outros textos, daí seu caráter de incompletude, de não acabado. Além da intertextualidade (relação do texto com outros textos) e do implícito (relação do dito com o não dito) há o espaço discursivo, ou seja, como o texto representa. Na Análise de Discurso, portanto, há busca do movimento, da dinâmica na interação constitutiva da linguagem. Contudo, Orlandi³⁰⁶ deixa claro que

há uma distinção radical entre a descrição de uma língua – que visa fornecer as regras que permitem construir toda frase da língua – e a descrição de um discurso – cujo objeto é descrever uma seqüência real única não repetível (instância histórica da linguagem).

Depois do nosso primeiro encontro com o senhor Pompeu, outros aconteceram, mas foram diferentes. Outros discursos, em outras condições de produção, em outros espaços discursivos deixaram vestígios que procuramos apreender. Foram pistas que apreendemos, procurando compreender os efeitos de sentidos ali produzidos, relacionando o dizer daquele idoso com sua exterioridade, suas condições de produção.

Entre o que disse o senhor Pompeu, naquele final de tarde, em meio ao temporal, e o que disse depois em sua casa, bem como o que não disse e com o que poderia ser dito e não foi, há “as margens do dizer, do texto”, que também fazem parte do seu discurso.

3.14 No silêncio, o sentido

Em nosso primeiro encontro o dizer fluiu fácil, corrente, sem barreiras. Ao comentar a minissérie *Os Maias* criticou a formação recebida dos pais, implicitamente colocando-se contrário à educação portuguesa refletida na produção global. Em sua casa, o discurso foi outro. Diante da filha, não fez referência ao que via na televisão, falando somente de *Os Maias* da literatura. Com a obra de Eça de Queiroz nas mãos, como se exibisse um troféu, comentou

³⁰⁶ ORLANDI, Eni Puccinelli, *A linguagem e seu funcionamento*, p. 178.

vagamente a respeito da “*grandeza do livro*”, como exemplo aos jovens de hoje, “*que não sabem ler e não procuram aprender*”.

Quando insistimos, procurando levá-lo a relacionar a obra nos dois suportes (livro e televisão), o silêncio fez-se presente, pesou, circulou entre nós, significando mais que as palavras. O silêncio, como diz Orlandi,³⁰⁷ não fala. “*O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é*”.

Procurando compreender aquele silêncio do senhor Pompeu, por entre a trama das nossas falas, na perspectiva discursiva, eis que a lembrança nos traz à tona a pesquisa de Leal³⁰⁸ sobre a *novela das oito*, em que constata justificativas por parte dos entrevistados da “*classe dominante*” ao admitir que assistem às novelas. No nosso entender, essa resistência é própria do sexo masculino, como constatou a pesquisadora:

Diferente das classes populares (onde o homem não assiste, ou assiste com o canto dos olhos e diz que não vê – ‘porque novela é coisa de mulher’, ou, então assiste só entre homens, no boteco da esquina), no grupo intelectualizado, pode não ser legítimo assistir a novelas, mas uma vez admitida a novela no universo doméstico, não há maiores constrangimentos por parte do elemento masculino em dizer que assiste às novelas. A novela tem fundamentalmente um público feminino, mas isso se dilui mais nas classes altas. Nas classes populares há um certo orgulho no fato de assistirem à novela, porque isso, entre outras coisas, indica a participação em um código percebido como hegemônico, mas é efetivamente uma prática feminina e reconhecida como tal. O homem de classe popular, se estiver em casa (na maioria dos casos não voltou do trabalho) não assistirá à novela de forma direta. É importante preservar o espaço de atributos tidos como masculinos e constituir diferenças que reforcem seu lugar (e seu poder) de homem na casa.

Fugindo ao que propusemos, ao contrário da nossa conversa no barzinho da praça, o silêncio do senhor Pompeu, em sua casa, manifesta claramente a relação de forças como uma das condições de produção daquele seu discurso diante da filha. No primeiro momento, longe da família, ele conversou com uma desconhecida, interessada em sua posição enquanto sujeito de uma pesquisa. No momento seguinte, ele foi interpelado em outro lugar, em outra posição, a

³⁰⁷ ORLANDI, Eni Puccinelli, *As formas do silêncio*, p. 33.

³⁰⁸ LEAL, Ondina Fachel, *A leitura social da novela das oito*, p. 44.

do idoso aposentado, “*peça sem serventia*”, conforme referência que fez de si mesmo, mas ... “*o homem da casa*”.

No mecanismo de funcionamento do seu discurso, em casa, não aparece o Pompeu, como sujeito físico, nem os seus lugares empíricos como tal, ou seja, aposentado, desempregado, doente, vivendo de favor em casa da família; mas aparecem suas imagens que resultam de projeções. Na posição de sujeito no discurso, o sentido do silêncio pode significar a posição de homem que não vê telenovela, mesmo dormindo na sala, ao lado do aparelho de televisão, que permanece ligada até “*altas horas*”.

“*Necessário à significação*”, o silêncio de Pompeu, em sua casa, representa a sua posição diante da filha, para quem não admite que veja “*cenas escandalosas nas novelas da televisão*”. Ao contrário, em nosso primeiro encontro, suas palavras foram no sentido de que as cenas da novela representam o fim de uma “*educação castradora*”.

Mas, diante da filha, no lugar em que vive, o discurso foi outro: o do silêncio. Sentimos o seu silêncio, ele estava “*lá*”, não como “*vazio*”, mas significando o que não poderia ser dito ali, naquela formação discursiva, como região de confronto de sentido necessária à significação³⁰⁹.

A significação, conforme Orlandi³¹⁰, “*não se desenvolve sobre uma linha reta, mensurável, calculável, segmentável. Os sentidos são dispersos, eles se desenvolvem em todas as direções e se fazem por diferentes matérias, entre as quais se encontra o silêncio*”.

Entendemos o silêncio do idoso Pompeu como um discurso contendo um outro discurso, relacionando o seu dizer com a ideologia, ou seja, com a exterioridade, com o interdiscurso. Logo, seu dizer não é um só, há nele multiplicidade e diferença que se ordenam no discurso, produzindo efeitos. E foi essa ordem que analisamos em seu discurso, “*com todas as letras para todos os nomes*”. Em busca de outros Pompeus, encaminhamos nosso discurso.

³⁰⁹ ORLANDI, Eni Puccinelli, *As formas do silêncio ...*, p. 47.

³¹⁰ *Ibid.*, p. 48.

IV – IDADE E SENTIDO DO VIVER

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro
nem estes olhos tão vazios
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança, tão simples,
tão certa, tão fácil:
Em que espelho ficou perdida minha face?

Cecília Meireles, no poema *Retrato*³¹¹, descreve a surpresa de quem se depara com as mudanças ocorridas entre as fases da vida, perplexidade da verificação de quem não percebeu as transformações advindas do tempo. Na constatação do presente, as lembranças do passado. Na pergunta, a saudade do que o tempo transformou. O texto revela o “*ver-se a si mesmo (e não em um espelho)*”, lembrando Barthes³¹² e nos coloca na dimensão do tempo. Impossível evitar o olhar no espelho do presente, difícil aceitar a imagem nele refletida sem experimentar a nostalgia do passado.

Nostalgia que nos remete a uma das crônicas dominicais de Cascione³¹³, que descreve o “*ser nostálgico*” como “*o sentimento invencível de quem, mesmo seguindo adiante, com seus*

³¹¹ MEIRELES apud GONÇALVES, *Orientação jurídica para os mais velhos*, p. 218.

³¹² BARTHES, Roland, *A câmara clara*, p. 25.

³¹³ CASCIONE, Vicente, *O tempo apaga?*, p. A3.

sonhos e esperanças cada vez mais frágeis com o passar do tempo, não evita volver os olhos para trás e perder-se na contemplação de tudo quanto desejaria fosse imortal ou eterno”.

O espelho representa as marcas de um jogo que nos aprisiona como enigma de caráter oscilante de ordenação da estrutura temporal das seqüências: “*o futuro de hoje é o presente de amanhã, e o presente de hoje é o passado de amanhã*”, de acordo com Elias³¹⁴, que considera simples a solução deste enigma desde que haja entendimento de sua constante evolução e sejamos capazes de realizar sínteses.

Síntese que percebemos na leitura de Manguel³¹⁵ a respeito da “*imagem como reflexo*”, em que procura relacionar retrato e espelho, de acordo com a sua e outras visões, como a de W. B. Yeats³¹⁶.

Se [...] pergunto se tudo está bem,
de espelho a espelho,
não é por vaidade:
estou à procura do rosto que tinha
antes de o mundo ser criado.

Ou a de Borges³¹⁷.

A veces en las tardes una cara
nos mira desde el fondo de um espejo;
el arte debe ser como ese espejo
que nos revela nuestra propia cara.

Como “*o olho não se contenta em ver*”, para Manguel todo retrato é um auto-retrato que reflete o espectador, com suas percepções e experiência. “*Na alquimia do ato criativo, todo retrato é um espelho; [...] por outro lado, os espelhos, quer instrumentos da vaidade, quer reflexos da alma, são retratos*”³¹⁸.

³¹⁴ ELIAS, Norbert, *Sobre o tempo*, p. 62.

³¹⁵ MANGUEL, Alberto, *Lendo imagens*, p. 173-199.

³¹⁶ YEATS apud MANGUEL, *Lendo imagens*, p. 174.

³¹⁷ BORGES, apud MANGUEL, *Lendo imagens*, p. 184.

³¹⁸ MANGUEL, Alberto, *Lendo imagens*, p. 177.

Ao explicitar sua visão, o autor relaciona as mudanças no semblante ao período de vida, afirmando que

a idade, a experiência, as emoções, os acasos e as mudanças de luz alteram os traços que acreditamos serem nossos, de modo que um espelho pode constantemente nos surpreender. Não temos um rosto presente: quando pensamos ter captado as nossas feições num reflexo, elas já se transformaram em alguma outra coisa, empurrando o nosso eu para o futuro. Cada uma de nossas células renasce em ciclos de sete anos, onda após onda; nunca somos quem somos, estamos sempre no processo de nos tornarmos³¹⁹.

Tal processo, que marca nosso tempo na vida, nos torna de criança a jovem, de jovem a adulto e, finalmente, idoso. Difícil aceitar a transformação. Segundo Lahud Loureiro³²⁰, “os idosos não se reconhecem nos espelhos” por dois motivos: primeiro, porque conservam a imagem da juventude, quando o físico era diferente e, “*narcisicamente, ficavam mais tempo frente aos espelhos*”. O segundo motivo está na sociedade que oferece ao idoso “*um espelho marcado, deformado pelo preconceito*”. Neste “*espelho quebrado*”, segundo a autora, aparece a “*auto-imagem deformada*” do idoso, o seu “*ego feiúra*”. Com o “*ego deturpado*”, o idoso altera a sua auto-imagem, considerando-se no fim, sem motivação, sem vida nos anos de sua idade, adotando posturas impostas pela sociedade. “*Passa a ser o velho alquebrado, pois o nosso ego se forma pelo outro*”.

Difícil, portanto, admitir e aceitar as transformações naturais decorrentes do tempo que passa, conviver com as marcas do tempo, reconhecer seus encantos. “*Se pudéssemos abrir cada ruga de uma face envelhecida, quanta história encontraríamos dentro dela*”, conforta Lahud Loureiro³²¹, considerando que as rugas contam segredos da vida, expressam a beleza e os mistérios da existência e ensinam a viver.

Contudo, ao procurarmos no espelho ou no retrato o que somos, estamos a fugir de nós mesmos, buscando aquele que fomos, como se fosse possível permanecer parados no tempo e procurar a nossa face num reflexo.

Assim, o conselho de Manguel³²² vai no sentido de que,

³¹⁹ MANGUEL, Alberto, *Lendo imagens*, p. 184.

³²⁰ LAHUD LOUREIRO, Altair Macedo, *Velhice: encantos, desencantos ... reencantos*, p. 34.

³²¹ Ibid., p. 82.

³²² MANGUEL, Alberto, *Lendo imagens*, p. 185.

para conhecer objetivamente quem somos, devemos nos ver fora de nós mesmos, em algo que contém a nossa imagem, mas não é parte de nós, descobrindo o interno no externo, como fez Narciso quando se apaixonou pela sua imagem no lago. [...] O espelho, o lago, é ainda assim uma máscara que não só nos revela quem somos, como também é ao mesmo tempo algo diferente de nós.

Acreditamos que seja mais fácil ver-se como idoso, aceitar-se e sentir-se como tal, desde que haja percepção do tempo e compreensão do meio em que se vive. Assim, a reflexão de Elias³²³ sobre o tempo nos ajuda a estabelecer relação entre passado, presente e futuro para alcançar a síntese proposta. Na sua visão, como o tempo se desenvolve em relação a determinadas intenções e tarefas específicas do homem, ele não se reduz a uma “*idéia*” vazia, pois, sendo uma instituição, o seu caráter varia conforme o estágio de desenvolvimento das sociedades.

Beauvoir³²⁴, no ensaio sobre as condições de vida dos idosos, embora considere que, “*nas sociedades humanas, a experiência e os conhecimentos acumulados são um trunfo para o velho*”, acredita que “*o drama da idade*” se produz no plano econômico, pois aquele que não pode mais trabalhar “*se tornou uma boca inútil*”. Em sua opinião, esse “*drama*” não depende apenas dos dados biológicos, mas de fatores culturais.

Associando dados “*sobre a condição dos velhos à estrutura de conjunto da comunidade*”, a autora procura demonstrar em seus estudos “*até que ponto a condição do velho depende do contexto social*”. Se o seu “*destino biológico*” acarreta consequência econômica, ou seja, torna-se improdutivo, a “*sua involução é mais ou menos precipitada segundo os recursos da comunidade*”. O tempo da vida em que se considera o ser idoso, portanto, tanto pode começar aos 40 anos como aos 80.

Como símbolo social comunicável, a idéia de tempo está associada ao relacionamento de posições ou segmentos pertencentes a duas ou mais seqüências de acontecimentos em evolução contínua, marcadas sempre pelo homem. “*O tempo se dá pelos homens*”, segundo o pensamento de Santos³²⁵. “*O tempo concreto dos homens é a temporalização prática, movimento do Mundo dentro de cada qual e, por isso, interpretação particular do Tempo por cada grupo, cada classe social, cada indivíduo*”.

³²³ ELIAS, Norbert, *Sobre o tempo*, p. 16.

³²⁴ BEAUVOIR, Simone, *A velhice*, p. 51.

³²⁵ SANTOS, Milton, *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*, p. 83.

Tempo, portanto, são “*símbolos artificiais inscritos em ponteiros de configurações mutáveis, assim como nas datas sempre novas indicadas pelos calendários*”, como define Elias³²⁶, lembrando que o tempo exerce coerção de natureza social, “*posto que é exercida pela multidão sobre o indivíduo, mas também repousa sobre dados naturais, como o envelhecimento*”³²⁷.

Como processo irreversível, a força coercitiva da escala temporal nos leva à expressão “*os anos ou o tempo passam*”, no sentido da irreversibilidade do tempo que marca nossa existência. Idéias de ordem temporal relacionadas com a nossa idade, carregadas de significação biológica, social e pessoal, desempenham papel importante no sentimento da identidade pessoal e continuidade no curso do tempo.

[...] muitos não conseguem impedir-se de ter a impressão de que é o próprio tempo que passa, quando, na realidade, o sentimento de passagem refere-se ao curso de sua própria vida e também, possivelmente, às transformações da natureza e da sociedade³²⁸.

Nas sociedades relativamente prósperas, como observa Beauvoir³²⁹, os idosos contam com certas opções, o que marca a diferença entre sua situação como “*fardo incômodo*” e a sua integração “*a uma comunidade cujos membros decidiram sacrificar até certo ponto suas riquezas para garantir sua velhice*”.

Dessa maneira, o que está em jogo não é apenas a situação do idoso, mas também o valor que lhe é reconhecido. Dependendo dos objetivos da sociedade, ele tanto pode ser “*bem tratado e desprezado*”, como “*bem tratado e venerado e temido*”³³⁰. Daí a importância de se ter percepção da passagem do tempo, do curso da própria vida em meio às transformações, quer da natureza como do meio social em que se vive.

A memória desempenha papel decisivo nesse tipo de representação, pois permite enxergar em conjunto aquilo que não se produz num mesmo momento. Percepção dessa seqüência como um fluxo contínuo de acontecimentos que se produzem uns após outros, que Elias³³¹ chama de “*síntese do sucessivo*”. Daí os conceitos de passado, presente e futuro expressarem a relação que se estabelece entre uma série de mudanças e a experiência humana.

³²⁶ ELIAS, Norbert, *Sobre o tempo*, p. 16.

³²⁷ Ibid., p. 21.

³²⁸ Ibid., p. 22.

³²⁹ BEAUVOIR, Simone, *A velhice*, p. 107.

³³⁰ Ibid., p. 108.

³³¹ ELIAS, Norbert, *Sobre o tempo*, p. 62.

Contudo, em nosso entender, essa relação entre antes, agora e depois, que percebemos no “*Retrato*” de Cecília Meireles, resulta da síntese apreendida com a maturidade. No espelho do presente, a autora pergunta em que espelho do passado deixou registrada a sua juventude. Mas, no texto ela não deixa pistas para o futuro, tempo que se concretiza em nosso presente, quando procedemos à leitura do seu poema.

Ianni³³² entende que o futuro esconde a utopia. Refletindo sobre o “*reencantamento do mundo*”, o autor vê no futuro tanto uma projeção do presente, “*aprimorado ou purificado*”, como uma projeção do passado, “*idealizado*”. Ao concluir seu pensamento a respeito da Modernidade e o atual Globalismo, afirma o seguinte:

Há sempre algo de utopia ou nostalgia, quando se pensa o futuro, enquanto mundo possível, almejado. Em alguns casos, a imaginação do futuro envolve não somente a nostalgia como também a escatologia. Há futuros catastróficos, de par-em-par com futuros paradisíacos. Em todos os casos, o futuro guarda algo de histórico ou suprahistórico. Mesmo quando enraizado na previsão científica, o futuro que se desenha adquire algo de suspenso no espaço e no tempo, como fantasia ou alegoria. É por meio de fantasia e de alegoria que se torna possível alcançar o reencantamento do mundo.

Entender e aceitar a conjugação dos três tempos – presente, passado e futuro – requer equilíbrio suficiente que transparece nas atitudes do homem quando consegue controlar a raiva, resolver divergências sem violência e sem destruição; quando tem paciência para renunciar ao prazer imediato, a fim de alcançar vantagem mais adiante; quando tem perseverança no que está empenhado, superando oposição e adversidades; quando a abnegação atende às necessidades alheias; quando tem capacidade para enfrentar o desagradável e a decepção sem amargura e revolta; quando a humildade transparece no perdão e a razão não dá lugar ao discurso da vitória. Quando alcança tudo isto, o homem atinge a maturidade.

Afinal, em que tempo da vida se alcança tal plenitude?

A maturidade pode se manifestar em qualquer fase da vida, inclusive na infância, como defende Cruz (informação verbal)³³³, a respeito desse processo e produto da construção do vivido.

³³² IANNI, Octávio, *Futuros e utopias da modernidade*, p. 25.

³³³ CRUZ, Maria Zilda, comunicação, janeiro de 2002, Universidade Aberta para a Terceira Idade, Universidade Católica de Santos.

O ser humano necessita de maturidade para bem se relacionar com o outro e consigo mesmo. Considerar que isto é atingido na idade adulta, privilegia uma faixa etária, excluindo crianças, adolescentes e idosos. A observação do agir do homem permite não aceitar tal afirmação e refletir diante dos fatos.

Para Cruz, é preciso que haja no mundo moderno, com suas imposições culturais, *“uma boa relação entre o sentir, o fazer do homem e as solicitações especiais de cada momento da vida”*. Assim, considera necessário ter-se consciência perspicaz a estas exigências específicas que podem existir em qualquer faixa etária. *“As diversidades convivem com as exigências e respostas maduras podem se adequar a elas e jamais vice-versa”*.

A respeito da maturidade na infância explica o seguinte:

A criança com maturidade vivencia a situação que a envolve e procura a melhor solução, unindo e trabalhando o seu lado emocional mais o conhecimento infantil, ainda bem limitado, numa tentativa de sair-se bem naquilo em que está mergulhada.

Quanto ao idoso, na visão de Cruz, não são os anos que lhe acrescentam uma melhor maturidade, nem tampouco lhe conferem ações maduras, se ele não adquiriu antes. *“A maturidade, independente dos anos vividos e sua presença ou ausência ao trabalhar a problemática diária, ocorre em qualquer idade. Ser maturo [...] significa sensibilidade às exigências da vida, com respostas que respeitam o outro e a si mesmo”*.

Maturidade, portanto, em nosso entender, é a argamassa de nossas sucessivas transformações como sujeitos históricos, revisão consciente das significações que atribuímos aos fatos de nossa história, refletindo inclusive na educação dos nossos filhos. A maturidade, no nosso entender, relaciona-se muito mais com as fases da vida (infância, adolescência, velhice) do que com a idade cronológica. Ter maturidade depende também da relação que se estabelece com a família. Evidente que ao lado da conscientização individual estão todas as implicações sociais, daí o retrato do que representa o ser idoso no meio em que “vive” ou aguarda a morte.

É o sentido que os homens conferem à sua existência, é seu sistema global de valores que define o sentido e o valor da velhice. Inversamente: através da maneira pela qual uma sociedade se comporta com seus velhos, ela desvela sem equívocos

a verdade – muitas vezes cuidadosamente mascarada – de seus princípios e de seus fins³³⁴.

Como membro da sociedade, cabe a cada um de nós realizar o processo de busca interior, investindo no conhecimento de si próprio e na espiritualidade, componentes que Sad³³⁵ considera essenciais ao desenvolvimento pessoal e que dão sentido à maturidade “*Em seu estado ideal, esses processos desdobram-se em preocupação com os semelhantes e com o bem-estar da humanidade*”.

Assim, a maturidade configura-se como estado consciente de rever as significações que atribuímos aos fatos de nossa história, viabilizando aberturas para novas construções, novos caminhos no trânsito da Vida. Contudo, neste fluxo há diferentes itinerários e cada um toma o seu. Dependendo do roteiro – construção da vida – o privilégio de se chegar ao tempo de ser idoso poderá ser de encanto ou desencanto. Para que haja desencanto, assume Lahud Loureiro³³⁶, “*é preciso ter havido, ou haver ainda, encantos e que, no momento da vida, os reencantos são possíveis e desejáveis em qualquer idade, até mesmo na velhice*”.

No mesmo sentido, lembramos o que pensa Zuben³³⁷ sobre diferenças que constituem a vida.

[...] os diferentes indivíduos não avançam em idade com a mesma bagagem [...] não envelhecem do mesmo modo e no mesmo ritmo. Cada qual encontra seus obstáculos e passa por experiências diferentes, tecendo assim a trama de seu existir de modo quase que idiossincrático. Assim se processa a construção de sua existência.

No fluxo da vida, portanto, é possível encontrar e desenvolver equilíbrio entre a dimensão biológica, a social e a psicológica, atingindo assim a maturidade como conquista nas trajetórias pessoais e coletivas.

³³⁴ BEAUVOIR, Simone, *A velhice*, p. 108.

³³⁵ SAD, Irene, *Revisão de vida, autoconhecimento e auto-aceitação*, p. 54.

³³⁶ LAHUD LOUREIRO, Altair, *Velhice: encantos, desencantos ... reencantos*, p. 79.

³³⁷ ZUBEN, Newton Aquiles von, *Envelhecimento: metamorfose de sentido sob o signo da finitude*, p. 161.

4.1 A vida nos anos

O importante é ter vida nos anos de idade e não idade nos anos de vida.

(autor desconhecido)

A expressão de domínio popular revela o sentido da relação que estabelecemos com a vida, marcando o nosso tempo de existência. Ao definir os diferentes conceitos de tempo e suas relações com a idade, Schroots e Birren³³⁸ apontam três tempos em nossa vida: o físico, o biológico e o psicológico.

O primeiro – chamado tempo objetivo, medido em calendários, relógios e datas – é mensurável e pode estar relacionado à idade do organismo; o segundo refere-se aos relógios biológicos, ritmos diários e metabólicos de sincronização individual; o terceiro marca a experiência subjetiva do tempo e o modo de percepção e vivência de cada pessoa.

A conjugação harmoniosa desses três tempos depende da relação que o homem estabelece com a vida. Quando a idade começa a dar sinais dos anos da vida, as lembranças se inscrevem no “*ser nostálgico*”. Então se percebe o valor dos “*instantes*”, vividos ou deixados de viver, como relata Borges³³⁹, ao sonhar com nova trajetória, se lhe fosse dada a oportunidade de voltar no tempo.

³³⁸ SCHROOTS, BIRREN apud SAFONS, *Envelhecimento e atividade física*, p. 27.

³³⁹ BORGES apud SAFONS, *Envelhecimento e atividade física*, p. 32.

Instantes

Jorge Luís Borges

Se eu pudesse viver novamente a minha vida,
na próxima, trataria de cometer mais erros
não tentaria ser tão perfeito, relaxaria mais.
Seria mais tolo ainda do que tenho sido,
na verdade, levaria poucas coisas a sério.
Seria menos higiênico.
Correria mais riscos, viajaria mais,
contemplaria mais entardeceres,
subiria mais montanhas, nadaria mais rios.
Iria mais a lugares onde nunca fui,
tomaria mais sorvetes e menos lentilha,
teria mais problemas reais
e menos problemas imaginários.
Eu fui uma destas pessoas que viveu
sensata e produtivamente cada minuto da
sua vida, claro que tive momentos de alegria.

Mas, se pudesse voltar a viver, trataria
de ter somente bons momentos.
Porque, se não sabem, disso é feita a
vida, só de momentos, não percas o agora.
Eu era desses que nunca ia a parte alguma
sem um termômetro, uma bolsa de
água quente, um guarda-chuva e um
pára-quedas.
Se voltasse a viver, viajaria mais leve.
Se eu pudesse voltar a viver, começaria a
andar descalço no início da primavera e
continuaría assim até o fim do outono.
Daria mais voltas na minha rua, contemplaria
mais amanheceres
e brincaria com mais crianças, se tivesse
outra vida pela frente.

Mas já tenho 85 anos e sei que estou morrendo.

Afinal, que relação há entre idade e morte? No nosso entender, o texto de Borges representa Vida. Ao se dar conta do que deixou de fazer, o idoso procura recuperar as perdas, tomando consciência do que poderia ter vivido, o que entendemos como a “pulsão de vida”, ou seja, a força vital, o desejo de refazer percursos.

Beauvoir³⁴⁰ não vê idade da vida determinada para a morte. “*Ela [a morte] não está nem próxima, nem distante: ela não é*”. Nesse sentido, a autora trabalha com a dimensão temporal “*logo*” e assim justifica a relação do idoso com a vida.

O velho sabe que se extinguirá ‘logo’: a fatalidade está tão presente aos 70 anos quanto aos 80, e a palavra ‘logo’ permanece tão vaga aos 80 anos, quanto aos 70. Não é justo falar de uma relação com a morte: o fato é que o velho – como todo homem – só tem relação com a vida. O que está em questão é sua vontade de sobreviver. [...] Desejar ou aceitar a morte significa positivamente: desejar ou aceitar acabar com a vida. É normal que esta última pareça cada vez menos suportável, à medida que se agrava a decadência senil.

O que separa, afinal, o ser humano de idade avançada da fase senil? Debert³⁴¹ vê esta separação como “*uma linha bastante tênue*” que demarca os sinais de vitalidade da ausência total de lucidez nos idosos. Com base em estudos realizados em um asilo da comunidade de São Paulo, a antropóloga considera como “*velho senil*” aquele que “*reclama de tudo e é incapaz de ver o lado positivo do mundo e de deixar de olhar para seu próprio umbigo*”. Entre os indicadores de um estado de senilidade, a pesquisadora aponta, além da ausência total de lucidez: reclamar compulsivamente dos filhos e elogiá-los em demasia, perda do senso crítico e do controle sobre os sentimentos. Enfim, a senilidade representa a vida em um mundo de fantasias, criando ilusões sobre o sentimento dos outros, imaginando grandes amores ou altas perseguições, como observa a autora.

A questão sobre vitalidade e senilidade entre os idosos deve ser refletida compreendendo-se o curso da vida como “*espaço de experiências abertas e não de passagens ritualizadas de uma etapa para outra*”, lembra Debert³⁴², ao levantar as “*fronteiras entre idades e padrões da diferença*”. Procurando desfazer a dificuldade na avaliação das formas de como

³⁴⁰ BEAUVOIR, Simone, *A velhice*, p. 543.

³⁴¹ DEBERT, Guita Grin, *A reinvenção da velhice*, p. 124.

³⁴² Ibid., p. 58.

se processa o “*remapeamento do curso da vida*”, a autora alerta para não se confundir níveis de maturidade e idade cronológica, afirmando que

[...] as idades tornam-se um mecanismo cada vez mais poderoso e eficiente na criação de mercados de consumo, na definição de direitos e deveres e na constituição de atores políticos, sobretudo porque perderam qualquer relação com os estágios de maturidade física e mental. É para o modo pelo qual, nesse contexto, a velhice é transformada em uma responsabilidade individual e, por isso, pode ser excluída do nosso campo de preocupações sociais que interessa atentar, discutindo o caráter possivelmente libertário, bem como a lógica de exclusão que poderiam estar orientando o curso dessas transformações.

Nos estudos a respeito da estrutura etária da população, sobretudo em 1999, Ano Internacional do Idoso, determinado pela Organização das Nações Unidas (ONU), há registro da tendência do envelhecimento da população, em toda parte, tanto em termos relativos como em termos absolutos. Para Bento³⁴³, que analisa o papel do esporte na vida dos idosos, há duas “*razões essenciais*” para esta tendência: por um lado, continuam a crescer os índices de natalidade; por outro, tanto longevidade quanto mortalidade registram alta na taxa de crescimento.

Previsões da ONU apontam, para 2050, crescimento significativo dos sexagenários, ultrapassando o número de jovens com menos de 15 anos; enquanto o número de centenários será dezesseis vezes maior do que atualmente, a população com mais de oitenta anos vai se multiplicar por seis. Prevê ainda, para os próximos 25 anos, crescimento da população mundial com mais de sessenta anos na ordem dos 88%, ao lado do índice de 45% de aumento dos indivíduos em idade de trabalho.

Com essa tendência, segundo o professor catedrático de pedagogia do desporto, da Universidade do Porto, Portugal, a pirâmide populacional tenderá a inverter-se e o século XXI ser considerado como o “*século do idoso*”. Ao desenhar o “*figurino da realidade de vida dos idosos*”, Bento³⁴⁴ descreve o perfil de dois grupos: saudáveis e ricos / doentes e pobres. Em sua descrição, o primeiro grupo tem condições de viajar, praticar esporte e dança, freqüentar cursos; já o segundo, “*visto como fardo dispensável*”, acaba seus dias em asilos e casas de caridade.

³⁴³ BENTO, Jorge Olímpio, *Século do idoso: o papel do desporto*, p. 14.

³⁴⁴ Ibid., p. 16-17.

Além dos problemas inerentes dos idosos e os decorrentes da “*heterogeneidade dessa fatia da população*”, o docente português questiona a evolução dos conceitos sobre a idade.

Enquanto até há três ou quatro décadas os indivíduos com cinquenta e mesmo com quarenta anos já eram vistos como velhos, hoje essa classificação se aplica apenas – e com reservas – para além dos sessenta anos, ou seja, registra-se uma evolução dos conceitos, justificando que se pergunte: são realmente ‘velhos’ os idosos? A partir de quando é que uma pessoa deixa de ser um adulto ativo e passa a ser um ancião? Por que é que se fala de seniores ou idosos e não de adultos mais velhos?

Nas questões levantadas pelo autor há, em nosso entender, duas preocupações no que concerne à idade da vida em análise. A primeira, de cunho conceitual e a segunda temporal. Em sua visão, “*o terceiro e último período da vida não usufrui elevada cotação*”, daí a “*multidão de eufemismos e paliativos*” para encobrir a idade dos “*adultos mais velhos*”, tratados como anciãos, velhos, seniores, idosos.

Preferimos o último conceito para marcar o tempo da idade avançada, mais uma das etapas da vida. “*Talvez a última, mas ainda vida*” como pressupõe Lahud Loureiro³⁴⁵, defendendo que esta etapa precisa e deve ser vivida intensamente, “*com encantos e reencantamentos*”. Mas nem todos têm essa visão, conforme levantamento da pesquisadora da Universidade de Brasília a respeito das “*definições de velhice*” para demonstrar a sua convicção nos “*reencantamentos*” da vida.

A segunda preocupação de Bento³⁴⁶ diz respeito ao momento em que o “*adulto ativo*” começa a ser “*ancião*”. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS) a pessoa idosa é aquela que estiver na faixa etária dos 60 aos 74 anos de idade, velha quem está entre os 75 e 89 anos, acima dos 90 anos pertence à fase de grande velhice.

Já a ONU classifica os idosos em três grupos: pré-idosos (entre 55 e 64 anos), idosos jovens (entre 65 e 79 anos) e os idosos de idade avançada (a partir de 80 anos). De acordo com este organismo internacional, por volta do ano 2150, um terço da população idosa será constituída por maiores de 80 anos³⁴⁷.

³⁴⁵ LAHUD LOUREIRO, Altair Macedo, *Velhice, encantos, desencantos ... reencantos*, p. 79.

³⁴⁶ BENTO, Jorge Olímpio, *O século do idoso e o papel do desporto*, p. 17.

³⁴⁷ Organização das Nações Unidas apud BARRETO, *Espaços para a terceira idade*, p. 55.

4.2 Brasil de cabelos brancos

Nascer é uma possibilidade,

Viver é um risco,

Envelhecer é um privilégio.

Marcelo Salgado³⁴⁸

A convicção acima nos conforta quanto às perspectivas do brasileiro no caminho da existência. Estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – indicam que o País terá 32 milhões de habitantes com idade acima dos 60 anos em 2025, 15% da população nacional, contra os 11 milhões registrados em 1991, que correspondiam a 7,5% dos brasileiros. A expectativa de vida, portanto, deve saltar para 82 anos nas primeiras décadas do terceiro milênio. Com esta mudança, o Brasil passará a ocupar o sexto lugar entre as nações com maior número de idosos no mundo.

No Brasil, de acordo com o Censo Demográfico de 2000, a Região Metropolitana do Rio de Janeiro concentra o maior percentual de idosos do país, com 12,3%, sendo que a maior incidência está nos bairros à beira-mar, como Copacabana e Ipanema.

A comparação entre os indicadores de 1991 e 2000, apresentada em janeiro de 2002 pelo IBGE, revela que, além de menores, as famílias estão mais velhas. Esta tendência representa a combinação do aumento da expectativa de vida – de 65,7 anos para 68,5 – com a diminuição da taxa de fecundidade – de 2,7 filhos para 2,2.

A análise da década revela que há proporcionalidade: menos pessoas na faixa entre 0 e 14 anos e mais a partir dos 30. Nas faixas intermediárias, a proporção manteve-se inalterada. O aumento na expectativa de vida do brasileiro difere entre homens e mulheres. Enquanto a esperança de vida ao nascer das mulheres aumentou 2,8 anos no período em análise, passando para 72,6 anos, a dos homens teve acréscimo de 2,2 anos, passando para 64,8 anos. Com isso, a expectativa de vida das mulheres em relação à dos homens aumentou de 7,2 para 7,8 anos.

³⁴⁸ SALGADO, Marcelo, informação oral, em palestra proferida na Universidade Aberta para a Terceira Idade, UniSantos, 1998.

4.3 Tendência demográfica

O quadro a seguir mostra a tendência da população, segundo dados do IBGE.

Brasil

População residente (1990) – 146.825.475

.....

População residente (2000) – 169.590.693

Homem – 49,20% Mulher – 50,80%

Urbana – 137.953.959 Rural - 31.845.211

Acima dos 60 anos: 14.536.029 Homem – 6.533.784 Mulher – 8.002.245

.....

Taxa de natalidade (por mil hab.) – 1990: 23,50; 2000: 20,04

.....

Taxa de mortalidade (por mil hab.) – 1990: 7,20; 2000: 6,69

.....

Taxa de mortalidade infantil - 1990: 48,20; 2000: 33,80

.....

Taxa de fecundidade - 1990: 2,70 2000: 2,20

Estado de São Paulo – população residente com mais de 60 anos (Censo 2000): 3.316.957

São Vicente

População residente – Censo 1995 – 279.528

Censo 2000 – 303.551

Acima dos 60 anos: 25.865

Urbana – 303.413 Rural – 138

Homem – 147.207 Mulher – 156.344

O IBGE atribui a queda da mortalidade infantil como fator que contribui para o crescimento da expectativa de vida no Brasil. Em 2000, segundo esse órgão, a taxa entre menores de 1 ano foi de 33,80 mortes por mil nascidos vivos. Em 1991, essa taxa foi de 48,20.

Entre os Estados brasileiros, os do Sul apresentam a maior expectativa de vida; no Rio Grande do Sul é de 71,6 anos, seguido de Santa Catarina, com 71,3%. Os piores índices estão no Nordeste: Alagoas, 63,2% e Pernambuco, 63,4%. No Rio de Janeiro, a esperança de vida ao nascer, em 2000, foi de 67,6 anos e de 70 anos em São Paulo.

A questão da longevidade dividiu opiniões de pesquisadores no encontro nacional da Associação pelo Avanço da Ciência, realizado em São Francisco, nos Estados Unidos, no início de 2001. Ao contrário dos que contestam a expectativa de vida entre 100 e 120 anos e limitam a 85 o período de vida dos que nascem neste século, o médico santista Miguel Navieira, especialista em medicina ortomolecular e esportiva, prefere defender a necessidade de os cientistas encontrarem caminhos para diminuir o processo de envelhecimento.

“Envelhecer é uma coisa. Ser velho é outra. Envelhecer é progredir, ganhar experiência, evoluir. De nada adiantaria chegar aos 102 anos, cego, mudo e preso a uma cama”, defende o especialista, justificando que a previsão de vida até 85 anos emprega a teoria do relógio biológico, ou seja, que o homem nasce com uma programação para morrer. Entretanto, no seu entender, há teorias que consideram outros fatores que podem acelerar ou retardar o envelhecimento, como nutrição e estresse³⁴⁹.

Sendo assim, indica formas para tentar retardar o relógio biológico por meio da observação quanto a determinados hábitos: evitar fumo, álcool, drogas, gordura; ingerir pouco sal; praticar atividades físicas específicas para cada idade; consumir vitaminas e minerais sob orientação de profissional da área e, principalmente, evitar situações que provoquem estresse.

De Portugal, analisando a “*velhice*” como “*emergência de um problema social*”, Fernandes³⁵⁰ chama a atenção para o envelhecimento demográfico “*como um processo irreversível ao longo dos próximos anos nos países industrializados*”.

Embora o estudo, publicado em 1997, esteja centrado no contexto europeu, mais especificamente com base na realidade portuguesa, há questões pertinentes ao nosso contexto, sobretudo no que se refere ao aumento da duração média de vida que, para a

³⁴⁹ BRAZ, Giselda, *Processo de envelhecimento divide cientistas*, p. C6.

³⁵⁰ FERNANDES, Ana Alexandre, *Velhice e sociedade*, p. 5-9.

socióloga, “desvalorizou a longevidade de outros tempos, em que a experiência era a base do Saber”.

No itinerário sociológico do trabalho, Fernandes parte da noção de envelhecimento demográfico³⁵¹, apontando causas³⁵² e estabelecendo a problemática com base na contradição entre a noção de envelhecimento demográfico – construída sobre uma categoria de idade fixa – e qualidade dos anos vividos e conquistados à morte.

O que está em causa, para a investigadora portuguesa, não é tanto o fenómeno do envelhecimento da população, mas as inferências a partir de categorias de idade adequadas.

A análise demográfica, através de outros indicadores, que não só as proporções de pessoas idosas, mas também pela comparação dos sobreviventes nas várias idades, pela evolução da esperança de vida, ou a idade em que ainda restam x anos para viver, indicadores estes que possibilitam uma análise mais qualitativa do nível de envelhecimento da população³⁵³.

Com modificações no “*calendário da esperança de vida*” alteram-se ciclos relativamente estáveis do viver, como infância, adolescência, fase adulta e idosa. Hoje, ao contrário da geração dos idosos da década de 50, por exemplo, não há mais o tempo preciso para sair da infância, iniciar a frequência às discotecas, namorar, casar, ter filhos, ser idoso. “*O alongamento da duração de vida juntou idades novas às idades da vida*”, constata Roussel e Girard³⁵⁴.

Mudanças no tempo da vida alteraram o papel das pessoas, tanto na família quanto na sociedade. Assim, a experiência acumulada dos idosos, fonte de saber transmitida aos mais novos, foi sendo substituída por outros meios de conhecimento, de forma imediata, fragmentária, descontextualizada. Como observa Fernandes³⁵⁵, “*o conhecimento em constante desenvolvimento deixou de assentar na simples acumulação resultante da vivência e os mais velhos deixaram de ter o papel de conselheiros sábios que tradicionalmente foram desempenhando*”.

³⁵¹ A autora considera envelhecimento demográfico como “fenômeno resultante do aumento da proporção de pessoas com mais de 60 ou 65 anos de idade e pelo alongamento das suas vidas para além do período de atividade e da diminuição da proporção de pessoas com menos de 15 ou 19 anos de idade” (FERNANDES, *Velhice e sociedade*, p. 5).

³⁵² Entre outras: *declínio da mortalidade, a partir de finais do século XIX, em especial a mortalidade infantil, contribuindo para a queda da fecundidade e promoção da redução do número dos mais jovens e o aumento das pessoas idosas*. (Ibid., p. 5.).

³⁵³ FERNANDES, Ana Alexandre, *Velhice e sociedade*, p. 8.

³⁵⁴ ROUSSEL, GIRARD apud VÉRON, *Arithmétique de l'homme*, p. 110.

³⁵⁵ FERNANDES, Ana Alexandre, *Velhice e sociedade*, p. 2.

O desaparecimento gradual deste papel importante dos idosos contribui para que, aos poucos, se apague a memória coletiva. Neste sentido, concordamos com Motter³⁵⁶ ao alertar para a superposição de uma memória produzida pela mídia, no sentido contrário da memória coletiva, que é herdada, transmitida pela tradição, na preservação dos costumes. Assim, o discurso da mídia, caracterizado pela “*saturação de informações fragmentárias*”, tende a “*promover a diluição e o apagamento da memória coletiva*”, na visão da pesquisadora da ECA/USP.

A saturação de ‘informações’ fragmentárias, o trabalho de construção de um imaginário que sature o presente é tarefa que as instituições e os meios de comunicação se empenham em cumprir como forma de promover a diluição e o apagamento da memória coletiva. Memória coletiva e história institucional enfrentam-se numa verdadeira prova de força.

No âmbito restrito das relações familiares, mesmo nas sociedades tradicionais, as trocas entre gerações são substituídas por novas formas de saber e os idosos vão perdendo o *status* elevado. Tornam-se, então, irrelevantes na sociedade do mundo urbano individualista.

Contudo, no mundo camponês, o idoso ainda representa a continuidade do grupo, transmitindo normas, saberes e valores aos jovens, como aponta o estudo de Woortmann³⁵⁷ com sítiantes do Nordeste e com colonos do Sul do Brasil. Na família camponesa, consideram os autores, as funções estão ligadas às diferentes idades.

O conhecimento é passado pela gradativa iniciação dos mais jovens ao saber necessário ao trabalho agrícola, e esse processo envolve a inculcação de normas específicas, valores morais e hábitos. O conteúdo de tal conhecimento é a experiência acumulada de gerações passadas.

Apesar das tensões que possam existir nestes núcleos familiares, o idoso ainda representa o guardião da memória e da tradição, do saber acumulado, da identidade do grupo³⁵⁸. A memória, que se apóia na história vivida e não na aprendida, como lembra

³⁵⁶ MOTTER, Maria Lourdes, *Ficção e história*, p. 43.

³⁵⁷ WOORTMANN, Klaas, WOORTMANN, Ellen F., *Velhos camponeses*, p. 140.

³⁵⁸ Grau considerável de respeito ao idoso verificamos em Moçambique, no final da década de 70 e início de 80, quando trabalhamos naquele país africano, onde a compreensão da história nacional depende do entendimento da memória coletiva.

Motter³⁵⁹, de acordo com o trabalho inacabado de Halbwachs³⁶⁰, é o reservatório do que fica, registro das experiências individuais e coletivas.

A memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que passam a integrar um conjunto que não é mais uma consciência pessoal. A memória pessoal nunca se encontra isolada, fechada. Tem, com frequência, que recorrer às lembranças dos outros. Ela se reporta a pontos de referência que existem fora dela, fixados pela sociedade. O funcionamento da memória individual não é possível sem as palavras e as idéias, que o indivíduo toma de seu meio.

Consciente ou inconscientemente, o idoso ainda representa a importância da preservação das lembranças. Para alguns, no entanto, a tendência em relembrar o passado significa um dos aspectos negativos do envelhecimento, justificando que, com essa prática, ele se prende ao passado e se afasta do presente. Considerando “*as lembranças como patrimônio social*”, Souza³⁶¹ lembra que “*somente nos últimos quarenta anos os profissionais de saúde e da área de gerontologia social começaram a reconhecer o valor das lembranças e os benefícios que trazem, para os idosos, a capacidade de olhar o passado e compartilhar suas experiências*”.

Para a médica, especialista em geriatria e gerontologia, o processo de relembrar o passado é essencialmente uma técnica terapêutica e, portanto, deve ser conduzido por especialistas experientes com o método. Por outro lado, como técnica experimental – com a finalidade de modificar a rotina de serviço nos asilos, escolas ou unidades de saúde – pode ser conduzida por pessoas com aptidão, tempo e treinamento específico para o trabalho. Na verdade, a autora considera os benefícios do processo, tanto terapêutico quanto experimental, e que os dois pontos de vista são corretos.

³⁵⁹ MOTTER, Maria Lourdes, *Ficção e história*, p. 41-42.

³⁶⁰ HALBWACHS, Maurice, *A memória coletiva*, p. 85.

³⁶¹ SOUZA, Elza Maria de, *Reminiscência: as lembranças como patrimônio social*, p. 104.

4.4 Da arte de contar histórias

Quando a idade começa a dar sinais dos anos, é preciso saber entender “a arte de contar histórias” para que não se perca “a arte de trocar experiências”. Assim entendemos as palavras de Bosi³⁶², em seu estudo a respeito das “lembranças de velhos”, que “contam a história vivida e sofrida por eles”.

As lembranças ou “*reminiscências*”, como denomina Souza³⁶³, ao atualizar situações do passado, abrem a oportunidade para reflexão sobre a identidade, permitindo considerações a respeito dos meios para se encarar o futuro. “*Conhecer o passado é a base para entender o presente e preparar o futuro. Ignorar o passado é ignorar a história*”.

Se o passado está ligado à memória, esta, por sua vez, não se confunde com a história, de acordo com Motter³⁶⁴ no esboço que traça dos dois quadros: o de mudanças, relacionado à história, e o de analogias, que diz respeito à memória, onde as similitudes ocupam o primeiro plano. Nas sociedades, esclarece a autora, cada grupo e seus subgrupos têm uma história.

A história do grupo pode ser reconstituída a partir das lembranças no plano individual que passam a contribuir com a sociedade na construção de sua cultura e de sua história e têm como função maior justapor o passado, o presente e o futuro, estabelecendo o vínculo do que passou com o presente e com o que está por vir.

Trabalho neste sentido integra gerações, como o Projeto Reminiscência, desenvolvido em Brasília, desde 1994, que visa estabelecer relação entre idosos e jovens escolares como forma de promover a saúde individual e coletiva, bem como promover a integração social dos dois grupos. Convidados a ir à escola para contar suas histórias de vida (da infância à idade adulta), os idosos do Distrito Federal, com o exercício da prática de relembrar, abordam temas variados, que são registrados e ilustrados pelos alunos, resultando em oficinas, como as “caixas de memória”³⁶⁵.

Das memórias individuais surge a coletiva, sem confundi-las, num processo evolutivo, integrando “*um conjunto que não é mais consciência pessoal*”, como explica Motter³⁶⁶.

³⁶² BOSI, Ecléa, *Memória e sociedade*, p. 84.

³⁶³ SOUZA, Elza Maria de, *Reminiscência: as lembranças como patrimônio social*, p. 105.

³⁶⁴ MOTTER, Maria Lourdes, *Ficção e história*, p. 41.

³⁶⁵ SOUZA, Elza Maria de, *Reminiscência: as lembranças como patrimônio social*, p. 107-108.

³⁶⁶ MOTTER, Maria Lourdes, *Ficção e história*, p. 42.

A memória pessoal nunca se encontra isolada, fechada. Tem, com frequência, que recorrer às lembranças dos outros. Ela se reporta a pontos de referência que existem fora dela, fixados pela sociedade. O funcionamento da memória individual não é possível sem as palavras e as idéias, que o indivíduo toma de seu meio.

Tudo o que vemos, ouvimos e sentimos reflete o mundo exterior e a forma como percebemos, interpretamos ou reagimos a tudo isso resulta da criação do cérebro que, bem usado, melhora com o tempo, estica a vida útil e previne as doenças no idoso. Tais constatações reforçam iniciativas de se promover o estímulo cerebral, ativando a memória. Estudos realizados pela equipe do professor Ivan Izquierdo, no Rio Grande do Sul, demonstram que o cérebro cria duas memórias: a recente, que dura apenas seis horas, para informação imediata, e a de longo prazo, que pode durar a vida inteira. Registros vivos, impressos nas proteínas que formam o conteúdo das células, vão se modificando com o tempo³⁶⁷.

“O cérebro é essencialmente dinâmico e funciona como uma biblioteca onde sempre cabem mais livros”. A metáfora do médico Cláudio Guimarães³⁶⁸, do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, em São Paulo, reforça as iniciativas de se trabalhar com a memória dos idosos. Da mesma forma que descarta dados considerados irrelevantes, a memória pode resgatar dados praticamente perdidos. Segundo o médico, quanto mais informações armazenadas no cérebro, mais ágil ele se torna para localizar o estoque antigo. Sendo assim, aconselha o uso e abuso desse órgão.

Ativando o cérebro e despertando a memória, idosos na capital paulista praticam uma dinâmica começando com *“eu me lembro ...”*. Os fatos narrados integram o projeto Roda de Histórias na Estação Memória, espaço de informação e cultura, constituído a partir de registros de memória de idosos. No bairro de Pinheiros, zona oeste da capital de São Paulo, pessoas de 60 até 87 anos participam da *“roda”*, que funciona como um rito.

“Partindo de um processo cultural e social, procuramos reelaborar e reestruturar a memória, trazendo-a com novo sentido e significado”, explica a coordenadora da atividade, Linice da Silva Jorge, pedagoga e filósofa, que desenvolve sua tese de doutorado a respeito da experiência. Na dinâmica da *“roda”* há vários narradores em dois processos, um voltado para histórias de ficção e outro para histórias de vida. Enquanto narram suas memórias, os idosos

³⁶⁷ GUARACY, Thales, RAMALHO, Cristina, *A força da mente*, p. 102-109.

³⁶⁸ *Ibid.*, p. 105.

têm oportunidade de compor um universo de fantasia, bem como fazer ressurgir nos relatos da “roda” a lembrança do universo infantil de cada um dos participantes³⁶⁹.

4.5 Lugar e tempo das histórias

Na minha infância, os velhos contavam histórias do lugar, da família, dos antepassados. Misturavam mula sem cabeça com Lampião, fadas com Padrinho Cícero. Hoje, os idosos só sabem repetir o que diz a televisão. As histórias da telinha embalam o sono das crianças do século XXI.

Vitória Ferreira, 70 anos³⁷⁰

Sentada no banco da praça, “*antes que acabe*”, a idosa lamenta transformações no espaço público da cidade, lembrando o conteúdo das histórias e as formas de contá-las. Histórias que mudam com o passar dos tempos. Como Vitória, muitos idosos que sempre viveram em São Vicente ou vieram para a cidade depois de aposentados não aceitam a remodelação das praças, no Centro e orla da praia³⁷¹.

Em São Vicente, litoral do estado de São Paulo, as principais praças do centro estão situadas no caminho que liga a praia à periferia, corredor preferido dos jovens, “marginalizados marginais”, que, a pé ou de bicicleta, assaltam as pessoas. O alvo preferido é o idoso, duplamente vitimado, pois fica sem seus pertences e ainda vai parar no hospital com sérias lesões e fraturas.

³⁶⁹ Roda de Histórias na Estação Memória resulta do projeto iniciado em 1991, sob a coordenação do professor Edmir Perroti. Desenvolvido, a partir de 1993, pelo Programa Serviços de Informação em Educação (Proesi), do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, o projeto conta com a colaboração do Departamento de Bibliotecas Infanto-juvenis, da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo.

³⁷⁰ Entrevista realizada em janeiro de 2002, na Praça 22 de Janeiro, mais conhecida como Praça da Biquinha, em São Vicente, litoral do estado de São Paulo. Na cidade, a administração municipal transformou as praças públicas do Centro, retirando ou substituindo, em algumas delas, os velhos bancos, ponto de encontro dos idosos para distração e convívio social.

³⁷¹ Na Praça João Pessoa, conhecida como Praça da Matriz ou do Mercado, no Centro Histórico da Cidade, os velhos bancos e mesinhas de cimento foram retirados, erguendo-se no lugar um Centro Cultural, réplica da Vila de São Vicente, quando do início da colonização portuguesa. Em outra, Praça Coronel Lopes ou do Correio, as velhas árvores e os bancos de concreto deram lugar ao “camelódromo” e ao McDonald’s. No meio da praça, resiste o velho prédio do correio. Desativado e em ruínas, serve de abrigo a desocupados e marginais.

Na cidade, a violência funciona em dois sentidos: por um lado, afasta as pessoas da rua; por outro, permeia a programação televisiva. Preso à telinha, o telespectador acompanha o que acontece no mundo – às vezes realidade, outras ficção – buscando informação e lazer na suposta segurança do lar, transformado, a cada dia, em “fortaleza”.

Nesta ordem de raciocínio, Martín-Barbero analisa a problemática das cidades, considerando a dupla constituição do tecido urbano, ou seja, os processos de comunicação e os medos / violências. Discute então dois preconceitos a serem superados no estudo destes componentes: que os processos de comunicação se restringem à análise dos meios e que os “*novos medos*” estão relacionados somente com o aumento da violência, da criminalidade e da insegurança das ruas. Ele vê a questão da seguinte forma³⁷².

Se a televisão atrai, isso é em boa parte porque a rua expulsa. É a ausência de espaços para comunicação – ruas e praças – que faz com que a televisão seja, mais que um instrumento de ócio, um lugar de encontro. São encontros esporádicos com o mundo, com as pessoas e até com a cidade em que vivemos.

No que respeita ao primeiro preconceito, o autor considera importante se analisar o que os meios fazem e produzem no público e que esta ação tem referência com as transformações nos modos urbanos de comunicação. Portanto, aconselha a se compreender os processos urbanos como sistema de comunicação, ou seja, entender a “*nova cidade*” produzida pelas mudanças no espaço público, nas relações entre o público e o privado. Nesse novo lugar, enquanto aumentam fluxos, circulação e informações, diminuem o encontro e a comunicação. Com isso há possibilidade para se compreender o motivo pelo qual as pessoas são atraídas pela televisão, estudando-se os processos e situações que as levam a se resguardar no espaço privado e a projetar sobre o mesmo um imaginário de segurança e proteção.

O segundo preconceito apontado por Martín-Barbero tem relação com os “*novos medos*”, que representam novas formas de morar e de comunicar nas cidades, expressão da angústia cultural decorrente de três fatores provocados pelos grandes centros: a perda do enraizamento coletivo, a normalização das diferenças e a imposição da ordem.

³⁷² MARTÍN-BARBERO, Jesús, *Comunicação e cidade: entre meios e medos*, p. 5.

Na crescente erosão da sociedade – não das suas instituições, mas do sentido da relação social cotidiana, como entende Martín-Barbero³⁷³ – o saber se transforma em informação, simulando participação, distanciando conhecimento da vida social.

Ao sentir-me informado do que acontece, tenho a ilusória sensação de estar participando, atuando na sociedade, de ser protagonista, quando ‘sabemos’ que os protagonistas são outros e bem poucos. [...] Temos informação mas nos ‘escapa’ o sentido, vivemos na euforia de uma participação que a própria vida se encarrega de mostrar o que ela tem de simulacro.

Pensando a cidade, Santos³⁷⁴ a vê como o lugar onde mais se movimentam Mundo e homem, espaço propício para aprender a diferença, para desenvolver a educação e a reeducação. Quanto maior a cidade, o seu movimento e a “*co-presença*” (Mundo e homem), nela haverá mais lições e recursos para a aprendizagem, esclarece o autor.

Da nossa parte, consideramos que cabe ao cidadão realizar o exercício do entendimento, conhecendo a cidade com seus “*meios*” e “*medos*”, distinguindo informação da comunicação que nela circulam, contribuindo com o poder público na sua organização e gestão. Assim será possível andar pelas ruas e praças, alternando espaços, privado e público, nas fases da vida – criança, jovem adulto, idoso –, estabelecendo laços entre gerações, preservando histórias, da cidade e das pessoas. Ao contrário da “*distância geracional*” como prevê Martín-Barbero³⁷⁵, vemos a cidade como espaço possível para a aproximação entre as pessoas nas diferentes faixas etárias.

Nas praças de São Vicente, o tempo de dona Vitória não tem compromisso com o relógio, com a “*hora de voltar para casa*”. Enquanto espera o grupo de sua idade, observa a cidade e conta histórias, tecendo as palavras da mesma forma que teceu o caminho de mesa, sentada em frente à televisão. “*Tomei a decisão de sair de casa todos os dias, de viver a minha vida longe das paredes. Afinal, ainda tenho forças para vencer esta selva*”, conta a “*senhorinha*

³⁷³ MARTÍN-BARBERO, Jesús, *Comunicação e cidade: entre meios e medos*, p. 7.

³⁷⁴ SANTOS, Milton, *Técnica, espaço, tempo*, p. 83.

³⁷⁵ Para o autor, a “*distância geracional*” decorre do novo contexto tecnológico, que desvaloriza os saberes dos idosos e dos “*velhos*” – que são os adultos –, legitimando novos saber e sentir tecnológicos (MARTÍN-BARBERO, *Comunicação e cidade*, p. 7).

de idade”³⁷⁶, lembrando que seguiu o conselho de suas alunas na escolinha de costura e bordado do bairro onde mora.

“Um dia destes, um moleque tentou puxar a minha bolsa. Quase cai, mas venci o malandro com esta sacola”. No relato de dona Vitória, transparece a vitória de quem venceu o medo do outro, de outro tempo, na convivência diária no turbilhão da cidade. Abrindo a sacola, ela tira os “óculos para perto” e deixa cair os apetrechos que carrega: remédio para a pressão arterial, linha, agulha e ... a revista sobre telenovela.

Aos poucos, no banco da praça, vão se juntando suas companheiras. Forma-se ali o que denominamos “foco de resistência”. Uma delas, justificando a ausência no encontro marcado na noite anterior, alega que não podia perder o casamento do marido da Jade, alusão ao capítulo da novela “O clone”, transmitida pela *Rede Globo de Televisão*.

No momento em que as idosas procuram na revista de dona Vitória a sinopse dos próximos capítulos, para saber o destino de Jade e Lucas, um grupo de adolescentes atravessa a praça rumo à praia. Em seguida, os homens idosos procuram um lugar para começar o jogo de cartas e as crianças se penduram nos brinquedos de madeira. Além da praça, uma ambulância abre passagem no trânsito, abafando o comentário das senhoras sobre os costumes do Marrocos.

Enquanto estão ali paradas no tempo, desligadas da realidade e presas à ficção, aumenta na cidade o ritmo da rotina diária. No movimento urbano surgem “novos movimentos”, que “se constituem ao mesmo tempo a partir da experiência cotidiana, do desencontro entre demandas sociais e instituições políticas e da defesa de identidades coletivas, de formas próprias de comunicação”, como descreve Martín-Barbero ao explicar a reação das pessoas diante dos medos e angústias que acarretam a erosão da socialidade³⁷⁷.

Uma das causas dessa erosão está na transformação – e até desaparecimento – das praças. Barreto³⁷⁸, ao chamar a atenção sobre o assunto, considera que o “desaparecimento das praças” é um dos indicadores da perda de qualidade de vida nas metrópoles brasileiras, propondo que tal problema deve ser tomado como ponto de partida para compreender e enfrentar questões criadas com o crescimento da população idosa nos centros urbanos.

³⁷⁶ Vitória Ferreira, entrevista realizada em janeiro de 2002, na Praça 22 de Janeiro, orla de São Vicente/SP.

³⁷⁷ O autor entende por “socialidade” o sentido da relação social cotidiana (MARTÍN-BARBERO, *Comunicação e cidade*, p. 8).

³⁷⁸ BARRETO, Frederico F. Pinheiro, *Espaços para a terceira idade*, p. 59.

Questiona então o progressivo desaparecimento desse espaço público por excelência, responsabilizando o Ministério Público na revisão de planos diretores urbanos.

O espaço público vem sendo paulatinamente vendido, invadido, negligenciado em nossas cidades. Uma soma de privatizações não se reverterá em ‘espaço público’ sem que a sociedade torne a pagar por isso, e a recessão ou resignação do Estado perante sua responsabilidade pela qualidade de vida urbana somente agrava o efeito das externalidades negativas, pelas quais ninguém (ou, pelo menos, o Ministério Público) se responsabiliza. Não estamos construindo o melhor dos futuros para as nossas cidades, seguindo as tendências atuais de planejamento e gestão urbana.

Considerando-se que, no início do século XXI, a maior parte dos idosos brasileiros vive em áreas urbanas³⁷⁹ e aumenta a expectativa de vida, a questão dos espaços deve estar presente quando se discute o desenho urbano em nossas cidades, preservando-se as necessidades básicas para a qualidade do ambiente, a fim de proporcionar contatos, convívios, segurança etc.

Nesse sentido, concordamos com a crítica de Barreto ao “*fiscalismo*” da ocupação territorial e às mudanças que se procedem no uso e reordenamento do solo, tomando como prioridade determinados serviços em detrimento da qualidade do habitat humano, de equipamentos de uso coletivo, a fim de atender mudanças das necessidades específicas da população.

Precisamos de espaços públicos que incentivem uma vida comunitária solar, que resgate os ciclos de vida das pessoas, que atraia todas as gerações e estenda a casa para a rua. [...] Espaços públicos extensos, em que o lazer é colocado como a diretriz de seu desenho – ativo e/ou contemplativo, refletindo as necessidades comunitárias de recreação e diversão, de todas as gerações³⁸⁰.

Com essa defesa, Barreto considera possível, em qualquer núcleo e plano de expansão urbana, o que ele chama de “*microintervensões*”, a fim de proteger pequenas ilhas de espaço

³⁷⁹ Segundo o Censo Demográfico do IBGE/2000, do total da população brasileira residente, 169.590.693, a urbana é de 137.953.959 e a rural de 31.845.211 pessoas.

³⁸⁰ BARRETO, Frederico F. Pinheiro, *Espaços para a terceira idade*, p. 63.

natural ou de espaços públicos remanescentes, que visem à promoção da qualidade de vida nas cidades, impedindo a sua progressiva degradação³⁸¹.

Tanto as crianças como os idosos – que dispõem de mais tempo sem hora marcada - têm mais qualidade de vida se passam parte do dia no espaço público, encontrando o lazer no convívio ou nos jogos que preenchem o tempo de quem está a começar ou reestruturar o tempo da Vida. Longe das “amarras” familiares, das paredes de casa, as pessoas, nestas duas fases da vida, encontram no espaço público – jardins, praças, praia – a experiência de uma aprendizagem nova a cada dia, até mesmo a arte de se defender da violência, característica atual dos meios urbanos.

Aos poucos, as praças das cidades deixam de ser espaço de convivência e socialização, perdendo seu sentido identitário, relacional e histórico. Em breve, poderá tornar-se “*não-lugar*”, que Augé³⁸² define como produto da supermodernidade, “*espaços que não são em si lugares antropológicos e que [...] não integram os lugares antigos*”. Para o autor, nos lugares onde antes havia repertórios, classificados e promovidos a “*lugares de memória*”, surge “*um lugar circunscrito e específico*”.

Como objeto novo para investigação, segundo Augé³⁸³, o não-lugar é “*um mundo assim prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero*”. Circulando em espaços de “*dimensões inéditas*”, o transeunte dos não-lugares deve “*calcular antes de se perguntar a que olhar ele está sujeito*”. Acredita assim no não-lugar como o lugar, pois “*ele nunca existe sob uma forma pura: lugares se recompõem nele; relações se reconstituem nele*”.

Qualquer que seja o lugar, portanto, há sempre possibilidade para abrir caminhos e organizar estratégias na “*invenção do cotidiano*” e “*artes de fazer*”, conforme propostas nas análises de Certeau³⁸⁴.

E o idoso, em seu cotidiano de rememorar e recontar o tempo, continua sendo mestre nas artes do fazer. Uma delas transparece em seus discursos que circulam espontâneos nas ruas, nas praças, nos jardins, na praia; enfim, no espaço público, livre da vigilância doméstica em casa, no “lar”, no asilo, no hospital.

³⁸¹ A lei brasileira, que assegura direitos ao idoso – Lei nº 8.842, de 4 de jan. de 1994 – na área de habitação e urbanismo, dispõe no seu artigo 10, como competências dos órgãos e entidades públicas, “*diminuir barreiras arquitetônicas e urbanas*”.

³⁸² AUGÉ, Marc, *Não-lugares*, p. 73-74.

³⁸³ Ibid., p. 73-74.

³⁸⁴ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Fora das “grades” institucionais que o prendem à proteção ou ao favor, à dependência ou à exclusão, o idoso procura no espaço público despertar o “*sentimento de pertencimento*” em “*comunidades reais*”, que Sousa³⁸⁵ explica como vinculado aos estudos sobre socialização, organização e funcionamento de comunidades baseadas no contato face a face, localizadas no tempo e no espaço sociais.

Procurando tecer espaços, encontros e comunicação, esperamos participar de diferentes formações discursivas, em que o idoso seja dono de sua voz, capaz de reelaborar as diferentes vozes sociais. Neste processo de reelaboração cremos ser possível compreender a atração exercida pela televisão, bem como entender o sentido que a cidade desperta em meio às transformações.

A escolha do lugar para esse nosso encontro – São Vicente, a “Cellula Mater da Nacionalidade” – deve-se à nossa relação com o meio, ao convívio com os idosos em nosso cotidiano, ao aumento da população idosa na Cidade.

³⁸⁵ SOUSA, Mauro Wilton, *Práticas de recepção mediáticas como práticas de pertencimento público*, p. 13.

V – NA ENCRUZILHADA, AS OPÇÕES

Se “*navegar é preciso*”, escolher a rota é fundamental. Da mesma forma que a viagem apresenta muitos itinerários, não há caminho único para o conhecimento. Com base em critérios bem definidos, a escolha proporciona trajeto seguro para alcançar o que se pretende.

Conjugação recomendável, saber e segurança garantem as opções na escolha do percurso de investigação para se construir a jornada, cuidando para que a trajetória não tenha apenas o objetivo de encontrar o novo, mas a oportunidade de olhar de forma diferente, como adverte Proust³⁸⁶. “*A única verdadeira viagem [...] não é a de ir ao encontro de novas paisagens, mas de ter outros olhos*”.

Ao construir a metáfora no primeiro capítulo desse nosso trabalho, a intenção foi traçar o roteiro teórico entre caminhos possíveis a percorrer que nos levassem ao conhecimento do objeto de estudo, consciente das encruzilhadas que exigem opções, da tensão entre objeto empírico (do mundo) e modelo de apreensão.

Na base do pensamento de muitos investigadores, principalmente cientistas sociais, há dilemas nas opções e as comparações permitem abertura de horizontes, possibilitando confrontos e contrapontos.

É possível, portanto, comparar o nosso trajeto – como modo de descoberta do “*outro*” e do “*eu*” – à reflexão de Ianni³⁸⁷ sobre “*a metáfora da viagem*”.

Nas ciências sociais, a viagem revela-se um recurso comparativo excepcional. Permite colocar de par-em-par configurações sociais, econômicas, políticas ou culturais diversas, próximas e distantes, presentes e passadas. [...] A comparação permite enriquecer a percepção das configurações e movimentos da realidade. Simultaneamente, estabelece os quadros da análise pormenorizada das situações, processos e estruturas em que se concretizam as configurações abrangentes ou os movimentos gerais.

³⁸⁶ PROUST apud DEL PRIORE, +3 questões sobre viagem, p. C 1-3.

³⁸⁷ IANNI, Octavio, *Enigmas da modernidade-mundo*, p. 15, 17.

Como no curso da “viagem” há transfiguração possível, sentimos que, da entrada no campo até essa altura do caminho, já passamos por transformação. Isso porque, como afirma Ianni³⁸⁸, “*aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa*”. Consciente da transformação no percurso, ao chegar nesse ponto a encruzilhada nos aponta opções possíveis para continuar a viagem em busca do conhecimento. “*É o lugar da construção dos dados ou do objeto empírico*”, como Lopes³⁸⁹ explica a “*instância técnica*”.

Compreende os procedimentos de coleta das informações e das transformações destas em dados pertinentes à problemática geral. Será em função desses dados que se elaborará o objeto científico. Coloca-se nesta instância da pesquisa a necessidade de operar logicamente uma série de passos a fim de adequar o campo doxológico, o da “realidade de todos os dias”, com o campo teórico, o da formulação dos fatos científicos.

Revendo nosso caminho, lembramos a comparação que Quivy e Campenhoudt³⁹⁰ estabelecem entre o procedimento na exploração de petróleo e a investigação em ciências sociais, ambos exigindo concepção e processo de trabalho.

Por um lado, apontam os autores, o pesquisador de petróleo não encontrará o que procura perfurando o terreno ao acaso. Para atingir seu objetivo precisa estudar o terreno antes da perfuração e para isso há que contar com a participação de competências diferentes: geógrafos, engenheiros, técnicos. Como responsável do projeto, o pesquisador desempenha papel específico de conceber o conjunto do projeto e coordenar as operações com coerência e eficácia, garantindo assim o bom desempenho do dispositivo global da investigação.

Por outro lado, consideram que no campo das ciências sociais acontece o mesmo procedimento. O investigador deve ser capaz de conceber e de colocar em prática um dispositivo para elucidar o real. O seu método de trabalho não se apresenta pronto, como uma soma de técnicas a ser simplesmente aplicada. Ao contrário, ele resulta de uma construção, consiste em “*percurso global do espírito que exige ser reinventado para cada trabalho*”. Para tanto, exige do pesquisador conhecimento de um suporte de formação metodológica, em sentido lato, ou seja, “*conceber e aplicar um dispositivo de elucidação do real*”, como ponderam

³⁸⁸ IANNI, Octavio, *Enigmas da modernidade-mundo*, p. 31.

³⁸⁹ LOPES, Maria Immacolata Vassallo de, *Pesquisa em comunicação*, p. 110-111.

³⁹⁰ QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de investigação em ciências sociais: trajectos*, p. 15.

Quivy e Campenhoudt³⁹¹, aconselhando que a escolha entre métodos e técnicas de investigação deve ser feita por cada pesquisador, de forma sensata.

Retomando a questão de partida no nosso trajeto de investigação (que sentido tem a televisão no cotidiano do idoso?), chegamos no momento de opções quanto à descrição e justificativa da “criatividade metodológica” da pesquisa empírica, na linha qualitativa.

Como a problemática do nosso trabalho envolve a questão do sentido, antes de abordar o método³⁹² convém lembrar o que Orlandi³⁹³ tem afirmado: “*que não há sentidos ‘literais’ guardados em algum lugar – seja o cérebro ou a língua – e que ‘aprendemos’ a usar*”. Como justifica a analista de discurso, “*os sentidos e os sujeitos se constituem em processos em que há transferências, jogos simbólicos dos quais não temos o controle*”. Nesse jogo está presente o equívoco, o trabalho da ideologia e do inconsciente.

Buscamos ensinamentos no trabalho daqueles que nos antecederam na caminhada, de acordo com nossa convicção e meta. Com base no conhecimento e experiências dos “autorizados”, construímos objetos teóricos para análise, justificamos opções, pressupomos caminhos, levantamos dados, refletimos, desenhamos metodologia de trabalho para avançar no campo, a fim de resolver problemas. Na trajetória, construímos conhecimentos com o apoio de quadros teóricos e metodológicos explícitos, lentamente elaborados, que constituem um campo parcialmente estruturado. Com esses conhecimentos esperamos ter apoio para a observação dos fatos concretos, proceder às interpretações e análises dos mesmos, conceber estratégia no processo para ir fazendo teoria fundamentada a partir das informações recolhidas.

Após a pergunta inicial, partimos ao encontro do nosso objeto no campo da comunicação, por meio da identificação e delimitação, o que representa o ponto de partida. Tal processo significa o ato de conhecer, ou seja, supõe presença de sujeitos e um objeto ou problema suscitando atenção compreensiva; o emprego de instrumentos de apreensão; o trabalho de reflexão sobre o construído. Criamos, assim, uma representação do conhecido, construção do sujeito, estabelecendo relação entre sujeito e objeto. Dessa forma, o conhecimento produz modelos de apreensão que instituem conhecimentos futuros, processo que implica a tensão entre objeto empírico (do mundo) e modelos de cognição. Implica também

³⁹¹ QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de investigação em ciências sociais: trajectos*, p. 15-16.

³⁹² Segundo Lopes, o método é “*entendido como um conjunto de decisões e opções particulares que são feitas ao longo de um processo de investigação. Os métodos constituem uma das instâncias da prática metodológica*” (LOPES, *Pesquisa em comunicação*, p. 81).

³⁹³ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso*, p. 60.

o cruzamento de duas dinâmicas opostas, representadas por duas atitudes básicas: abertura para o mundo e visão do mundo.

Em nosso trabalho, o conhecimento se caracteriza no movimento de inserção na realidade, dando voz a sujeitos de idade na vida (idosos), no tempo do cotidiano, o que nos permite apreender o objeto discursivo³⁹⁴, ao mesmo tempo em que apreendemos o mundo com esquemas já conhecidos, identificando no novo a permanência do que já existe ou é reconhecível. Buscando equilíbrio entre essas tendências, pretendemos alcançar o conhecimento com atenção ao novo enriquecido pelas experiências cognitivas anteriores.

Ao observar o movimento das palavras, na “*materialidade do intercâmbio da vida social*”, o processo já implica transferências que estão presentes no procedimento de identificação dos sujeitos³⁹⁵. Isso porque, como coloca Orlandi³⁹⁶, “*a mesma palavra, na mesma língua, tem significação diferente, dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma ou outra formação discursiva*”. Daí a “*pluralidade contraditória de filiações históricas*” nos processos de identificação dos sujeitos.

Assim, a construção do nosso dispositivo de análise, a escuta discursiva, visa explicitar os processos de identificação de sujeitos, suas filiações de sentidos, descrevendo a relação do idoso com sua memória. O dispositivo então compreende a relação entre descrição e interpretação, a fim de que possamos cumprir o nosso papel no campo da comunicação, lugar onde são incorporados os “discursos dos vários outros que cada um é, resultado dos vários universos”³⁹⁷.

Os passos a serem dados em nosso percurso, de acordo com os “princípios e procedimentos” da Análise de Discurso, compreendem a construção no seguinte sentido. Inicialmente transformamos a superfície lingüística³⁹⁸ em objeto discursivo, o que configura o *corpus*, delineando seus limites, fazendo recortes, ao mesmo tempo em que se procede à análise, retomando conceitos e noções. O movimento de ir-e-vir é constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise, procedimento que se faz ao longo de todo o trabalho.

³⁹⁴ Para alcançar o objeto discursivo analisamos o que é dito em um discurso e o que é dito em outros, em diferentes condições, considerando as diferentes memórias discursivas. Aparece aí o modo de funcionamento do discurso, onde se detecta a relação do discurso com as formações discursivas (ORLANDI, *Análise de discurso*, p. 65-66).

³⁹⁵ BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso*, p. 6.

³⁹⁶ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso*, p. 60.

³⁹⁷ BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação e linguagem*, p. 104.

³⁹⁸ Superfície lingüística: o material de linguagem bruto coletado, tal como existe, o texto. No nosso trabalho é o resultado das respostas ao questionário e entrevistas.

Observar o modo de construção do dizer, a sua estruturação, o modo de circulação e os diferentes gestos de leitura constituem os sentidos do texto submetido à análise. A partir dos vestígios que vamos encontrando, estamos em condição de desenvolver a análise, o que caracteriza o segundo movimento. Com o recurso do dispositivo analítico poderemos avançar na análise do processo discursivo. Esse processo consiste na passagem do objeto para o processo (discursivo), ao mesmo tempo em que se dá o delineamento das formações discursivas para sua relação com a ideologia³⁹⁹, o que permite compreender como se constituem os sentidos do dizer.

Na análise em questão, o texto não é definido pela sua extensão, podendo ter uma letra, frases, enunciados, páginas etc. Ele é uma unidade de sentido em determinada situação e como tal não é a extensão que delimita o que é um texto, mas o fato de, ao ser referido ao processo discursivo, constituir uma unidade em relação à situação. Escrito ou oral, o texto só é unidade de análise porque representa uma contrapartida à unidade teórica, o discurso, definido como efeito de sentidos entre sujeitos de dizer.

O texto é texto porque significa. Então, para a análise de discurso, o que interessa não é a organização lingüística do texto, mas como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significante do sujeito em sua relação com o mundo. É dessa natureza sua unidade: lingüístico-histórica⁴⁰⁰.

A presença da história na língua dá-se pelo fato de que as palavras refletem sentidos de discursos (realizados, imaginados ou possíveis). Para compreender como um texto funciona na proposta da AD, o leitor deve estabelecer relação entre ele e os diferentes processos de significação que nele acontecem. Compreensão de como ele produz sentidos, enquanto objeto lingüístico-histórico, o que implica explicitar a realização da discursividade que o constitui. Por não ser apenas um “*dado*” lingüístico (com suas marcas, organização etc), o texto é visto como “*fato*” discursivo, trazendo a memória para a consideração dos elementos submetidos à análise. São os fatos que nos permitem chegar à memória da língua e desse modo compreender como o texto funciona, enquanto objeto simbólico.

³⁹⁹ Um dos princípios básicos do funcionamento da ideologia, apreendido pelo discurso, conforme Orlandi, está na imposição a *uma* interpretação que se apresenta sempre como a interpretação. E explica: “*há uma injunção à interpretação, já que o homem na sua relação com a realidade natural e social não pode não significar; condenado a significar, essa interpretação não é qualquer uma, pois é sempre regida por condições de produção de sentidos específicos e determinados na história da sociedade*” (ORLANDI, *Terra à vista*, p. 36).

⁴⁰⁰ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso*, p. 69.

No percurso, o caminho não é único e muitas formas se apresentam para alcançar o conhecimento, desde a nossa vivência (o estar e agir no mundo), passando pelos processos mediadores (do acesso à informação às diferentes experiências e fruição), até o trabalho sistemático de pesquisa e estudo, com o recurso de métodos específicos, representado pelo conhecimento científico.

O espaço acadêmico da comunicação – lugar em que nos situamos – ainda se apresenta permeado por diferentes tensões, como França⁴⁰¹ justifica ao analisar “o *objeto da comunicação ou a comunicação como objeto*”. No seu entender, as tensões estão representadas “na articulação das teorias; na relação entre teoria e prática; na diferenciação, pluralidade e movimento de seus objetos” e explicita o “movimento de congregação de olhares” com o objetivo de constituir um novo olhar, caminhada que percorremos em nossa “viagem”.

O corpo das teorias da comunicação apresenta-se como um quadro fragmentado – tanto no que diz respeito à heterogeneidade dos aportes, quanto à diversidade das práticas que abarca. [...] Eles [os estudos da comunicação] não estão exatamente ou especificamente em nenhum outro campo. [...] Já podemos identificar (e devemos registrar) a constituição e o agrupamento de um razoável “estoque” de estudos, um pequeno patrimônio de conhecimentos específicos sobre a comunicação [que] trazem a marca de suas várias disciplinas de origem; a reflexão sobre a comunicação suscita a contribuição de várias disciplinas, **atravessa fronteiras estabelecidas, promove migrações conceituais**, colagens, justaposições, [o que] é suscitador de novos sentidos⁴⁰² (grifo nosso).

Como espaço transdisciplinar⁴⁰³ e de múltiplos sentidos, abordamos a comunicação no segundo capítulo desse nosso trabalho, observando os enfrentamentos na “*luta de verdades*” e procurando, na medida do possível, o consenso indicado por Sousa Santos⁴⁰⁴.

Consenso que Berger⁴⁰⁵ reconhece “entre os estudiosos da comunicação”. Embora a autora admita “que a pesquisa de recepção trouxe novas perspectivas para o campo de estudo,

⁴⁰¹ FRANÇA, Vera Veiga. *O objeto da comunicação/a comunicação como objeto*, p. 50.

⁴⁰² Ibid., p. 51.

⁴⁰³ A questão da transdisciplinaridade, como conceito e movimento, que se afirma no campo da comunicação, foi discutido no Capítulo II, desse trabalho.

⁴⁰⁴ SOUSA SANTOS, Boaventura. *Introdução a uma ciência pós-moderna*, p. 95.

⁴⁰⁵ BERGER, Christa. *A pesquisa em comunicação na América Latina*, p. 268.

não só por superar as limitações impostas pelas pesquisas de efeito, de audiências, de usos e gratificações, como por proporcionar a compreensão de todo o processo”, ela lembra que “a prometida ruptura não aconteceu”, esclarecendo que “estes estudos enfatizaram o pólo receptor isolado do processo de comunicação e fora do contexto em que se dá a recepção”.

Nesse sentido, recordamos a posição de Michèle Mattelart⁴⁰⁶ de que *“os estudos de recepção, ao se transformarem em modismo, esqueceram também que a comunicação é um processo, reduzindo o problema da recepção à audiência”.*

Consciente de que a comunicação é um processo, de construção e de sentido, nossa primeira opção consiste na determinação do sujeito (idoso), que apreende e reelabora discursos, entre eles o da televisão, suporte da comunicação social que contemplamos em nosso trabalho. Determinação agregada ao contexto dos sujeitos, com suas histórias e em diferentes condições de produção, circulação e recepção/reelaboração dos discursos.

Para o foco de nossa análise, de nosso interesse, portanto, optamos por um processo: a organização do discurso do idoso em relação ao discurso televisivo. Nos dois pólos estão indivíduos sujeitos que constroem seus discursos nas relações do cotidiano, onde ocorrem manifestações da consciência e da ideologia.

Bakhtin⁴⁰⁷ chama *“a totalidade da atividade mental centrada sobre a vida cotidiana, assim como a expressão que a ela se liga, ideologia do cotidiano, para distingui-la dos sistemas ideológicos constituídos, tais como a arte, a moral, o direito, etc”.* Considera, portanto, que *“a ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência”.*

Na construção do *corpus* para a análise proposta procuramos compreender a ideologia do cotidiano do idoso, considerando a observação de Baccega⁴⁰⁸ de que os sistemas constituídos se banham e se reforçam na ideologia do cotidiano. *“É no cotidiano que permanentemente se inicia um processo de atualização da ideologia dominante, que, a partir do que está, indica o vir-a-ser. E esse vir-a-ser tanto pode ser algo novo quanto pode redundar na reafirmação do que já está”.*

⁴⁰⁶ MATTELART, Michèle apud BERGER, Christa, *A pesquisa em comunicação na América Latina*, p. 269.

⁴⁰⁷ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*, p. 118.

⁴⁰⁸ BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação e linguagem*, p. 87.

Em nosso trabalho, como futuro discursivo, que aponta para outros, não temos a intenção de retomar e discutir as questões ideológicas dos sistemas (político, de comunicação, por exemplo) que, com certeza, estão presentes no cotidiano do idoso.

Como síntese de saberes, a partir da contribuição de disciplinas independentes, entendemos o campo da comunicação de forma transdisciplinar, capaz de fundar objetivo e objeto particular, na configuração do cenário do jogo da comunicação. Nele, o discurso – como questão comunicacional – comanda nossas estratégias, bem como a do comunicador e do “receptor”. Estamos de acordo com Baccega⁴⁰⁹ ao alertar sobre a necessidade de que o sujeito/pesquisador do campo da comunicação faça distinção entre o “*dado bruto*” (manifestação da mídia e apreensão/reelaboração do “receptor”) e a questão comunicacional (objeto científico).

Na configuração do objeto científico entra a opção do investigador por um paradigma que influencia a construção do objeto e o processo de pesquisa. No campo da comunicação – seja no pólo do enunciador como no do enunciatário, que estão em permanente processo de inter-relacionamento – há indivíduo/sujeito de palavra e discurso, de movimento e sentido.

Assim, contando com a contribuição da Análise de Discurso, “*como lugar de reflexão, filiação teórica, movimento de pensamento e esforço teórico de construção de um objeto*”⁴¹⁰, o movimento de conjugação de olhares nos encaminha ao propósito da investigação: compreender no discurso (objeto simbólico) do idoso telespectador, em seu cotidiano, o sentido da televisão, enquanto objeto material e simbólico. Para a investigação, enquanto processo, optamos pela perspectiva qualitativa, com interpretação dos discursos por meio de descrições, como orienta Orozco⁴¹¹.

5.1 No campo, a construção

Refletir sobre a teoria e observar o idoso no seu cotidiano foram procedimentos simultâneos no decorrer da estruturação dos capítulos iniciais do nosso trabalho, com os quais procuramos garantir segurança quanto às opções metodológicas. Como “*não há um contato inaugural com o discurso*”⁴¹² e “não se conhece o objeto de análise de uma só vez, mas por

⁴⁰⁹ BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação e linguagem*, p. 99- 100.

⁴¹⁰ ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Gestos de leitura*, p. 12.

⁴¹¹ OROZCO, Guillermo. *La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa*, p. 67-93.

⁴¹² ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso*, p. 63.

*meio de interpretações sucessivas*⁴¹³, estruturamos o percurso (método) de investigação com base na pesquisa qualitativa⁴¹⁴.

Enquanto procedíamos ao levantamento amostral⁴¹⁵ como trabalho exploratório, produzimos os quatro capítulos iniciais, suporte teórico à nossa investigação. Nessa primeira fase de campo, objetivamos conhecer a população alvo⁴¹⁶, foco do nosso projeto. Para tanto, começamos com a observação participante, a fim de compartilhar as experiências do idoso, o que nos representava o melhor caminho para compreender suas atitudes, preferências, crenças, comportamento, experiências e visão de mundo, em diferentes formações discursivas, no espaço público de São Vicente.

A estratégia, para tanto, consistiu na observação direta e conversa informal, anotando o maior número possível de informações no que respeita ao nosso interesse de investigação. Desistimos da gravação, logo nos primeiros contatos com os idosos, porque o gravador inibia o interlocutor a tal ponto que, muitas vezes, mesmo estando disposto a colaborar, o idoso não conseguia “*soltar as palavras*”, ao perceber nosso gesto com o aparelho.

Tais anotações, de forma discreta, procurando não desviar a atenção às palavras e gestos do interlocutor, permitiram a construção dos dois instrumentos de trabalho de campo⁴¹⁷. O primeiro, um questionário com três tópicos: dados do respondente, quatro questões (uma fechada e três abertas) relacionadas à televisão e a tabela Classificação Brasil com itens de conforto familiar e grau de instrução. Com esse instrumento procuramos verificar, além do perfil do entrevistado, a sua relação com a televisão e seu nível socioeconômico. Dos 100

⁴¹³ OROZCO, op. cit., p. 84.

⁴¹⁴ Segundo Orozco (1997, passim), a perspectiva qualitativa consiste no processo de indagação a respeito de um objeto que o investigador vai construindo com aproximação e envolvimento, com interpretações sucessivas, contando com instrumentos e técnicas apropriadas que lhe permitem a interpretação desse objeto de maneira o mais profunda e integral possível. Na disciplina “Pesquisa Qualitativa” (curso de pós-graduação da ECA/USP, 1º semestre de 2000), o Prof. Dr. Daniel Augusto Moreira apontou as seguintes características nessa perspectiva de investigação: foco na interpretação, ênfase na subjetividade, flexibilidade na condução do processo, preocupação com o contexto, reconhecimento no impacto do processo de pesquisa sobre a situação de pesquisa.

⁴¹⁵ “O levantamento amostral é mais do que a coleta de dados”, enfatizou Moreira (anotações de aula), lembrando equívocos cometidos no processo de investigação. “Pessoas não muito familiarizadas com a metodologia da pesquisa entendem que ‘fazer uma pesquisa’ começa por ‘fazer um questionário’, que é a forma mais comum de fazer um levantamento amostral. Essa noção errônea, porém popular, tem sua base no fato que os levantamentos amostrais convivem conosco. São exemplos de levantamentos amostrais as pesquisas de opinião pública, as pesquisas eleitorais, as pesquisas de *marketing*, etc., todas com ampla divulgação na mídia”.

⁴¹⁶ População alvo em nosso trabalho são as pessoas com 60 anos ou mais, os idosos, telespectadores, residentes em São Vicente.

⁴¹⁷ Em anexo.

respondentes ao questionário, a população de trabalho⁴¹⁸, saiu a amostra final, 25 idosos que participaram da entrevista em profundidade.

O segundo instrumento⁴¹⁹, roteiro de entrevista, constituído de perguntas amplas que, a partir do tema televisão, encaminha para subtemas extraídos das informações na fase de observação participante, a fim de que o respondente possa explicitar melhor a sua relação com a televisão, com o outro e com a cidade onde vive. Entre os subtemas procuramos explorar: representação da mídia televisiva e sua programação, lazer do telespectador, crença na TV, os valores apreendidos na programação televisiva, influência da telenovela e do noticiário, a violência na Cidade. No final do instrumento, a história de vida para que fluísse o discurso do entrevistado, enriquecendo “os casos”. Da entrevista, construímos o *corpus* de análise, partindo da premissa de que o idoso, embora esteja ligado ao passado, atualiza seus conhecimentos enquanto telespectador, aprendendo a se relacionar com o “novo” e com as questões da atualidade.

Na investigação qualitativa, Orozco⁴²⁰ destaca a importância de explicitar “como” se dá o processo, onde mais importante que a amostra são os casos que permitem alcançar o conhecimento. O autor enfatiza a validade dessa regra para discursos, pois trabalhando com eles há um momento em que não aparece informação nova e não vale a pena continuar com mais casos. No entanto, cabe ao investigador decidir o limite no processo de seleção, permitindo configurar o objeto de estudo. Nesse caso, os critérios para a suficiência de casos são muito importantes e um deles é a comparação para estabelecer a distinção, o diferencial entre os processos. O limite, portanto, está na redundância informativa sobre o que se investiga.

Nesse critério de seleção não se trata de efetuar corte, mas na pertinência ou relevância para conseguir os dados e o método para alcançar conclusões ricas, completas e mais profundas. Para tanto, o desafio está na criatividade metodológica, que consiste na decisão do investigador em combinar estratégias metodológicas, tomando decisões para modificá-las, na medida em que desenvolve seu trabalho. Justificamos assim o processo adotado em nosso trabalho: da determinação da amostra ao dispositivo analítico.

⁴¹⁸ População de trabalho: “*parcela da população teórica (aquela sobre a qual o pesquisador deseja generalizar os resultados do estudo) da qual seja possível levantar uma lista de membros tão completa quanto possível. Desta lista de membros sairá a amostra final*”, como explicitou o Prof. Dr. Daniel Augusto Moreira (apontamentos de aula).

⁴¹⁹ Em anexo.

⁴²⁰ OROZCO, Guillermo. *La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa*, p. 86-87.

Nessa perspectiva, procuramos construir sentido, transformando a fala do idoso da superfície lingüística a objeto discursivo, analisando a discursividade, a fim de compreender como um objeto simbólico produz sentidos. Combinando a observação participante com a aplicação do questionário e a realização da entrevista, o tempo de convívio com cada sujeito investigado teve variação média de 2 a 4 horas. A respeito desse dado temporal, Preti⁴²¹ lembra “*um aspecto bem característico do discurso dos idosos: o prazer de falar para ouvintes atentos e interessados; a satisfação de lembrar*”.

Durante o trabalho, tentamos o mínimo possível de envolvimento com o sujeito investigado, lembrando o que aponta Orozco⁴²², de que o envolvimento do investigador, maior ou menor, depende da sua “*idoneidade*”, está na sua “*subjetividade*”. Produzimos assim uma espécie de dialética entre os dados que fomos obtendo e os objetivos da nossa investigação. A fim de alcançar uma conclusão produtiva, o investigador precisa dosar e avaliar a intensidade do seu envolvimento com o objeto pesquisado, embora haja arbitrariedade no envolvimento e também condicionamentos reais nos trabalhos de investigação qualitativa, como adverte o autor.

Em nosso trajeto, procuramos construir sentido a partir dos elementos que exploramos, com maior ou menor envolvimento, observando as premissas, as categorias; descrevendo, associando por meio de processo com criatividade metodológica, a fim de alcançar nova teorização do discurso⁴²³.

Com base nos princípios e procedimentos da Análise de Discurso, a construção do *corpus* e a análise estão intimamente ligadas, ou seja, ao decidir o que faz parte do *corpus* já estamos decidindo sobre as propriedades discursivas. Para tanto, trabalhamos com montagens discursivas na constituição do *corpus*, de acordo com critérios decorrentes de princípios teóricos da Análise de Discurso, em consonância com os nossos objetivos na pesquisa, a fim de chegar à compreensão do dizer do idoso. Buscamos então mostrar como o discurso do idoso funciona produzindo sentidos a respeito da televisão.

⁴²¹ PRETI, Dino, *A linguagem dos idosos*, p. 18.

⁴²² OROZCO, Guillermo, *La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa*, p. 85.

⁴²³ Para Orozco, entender e interpretar são as características principais da perspectiva qualitativa, diferentemente da quantitativa que busca a objetividade no regular com neutralidade, medindo eventos para alcançar resultados com técnicas precisas. O autor considera que o objetivo da análise e da interpretação é criar teorias. Criação por meio da *investigação empírica* “e não através de novas integrações do que fizeram os autores” (OROZCO, Guillermo, *La investigación en comunicación* ..., p. 70-71, 100).

Partindo do texto, resultado das entrevistas realizadas com os idosos, analisamos as condições de produção do discurso em relação à memória (o saber discursivo, o já-dito), onde intervém a ideologia, o inconsciente, o esquecimento, a falha, o equívoco. Na análise, procuramos descrever o contexto imediato para a compreensão do contexto amplo, que configuram as condições de produção do discurso.

O processo inicial consiste na passagem da superfície lingüística (o material de linguagem bruto coletado, o dizer do idoso) para a análise da materialidade lingüística, ou seja, a descrição de quem disse, como foi dito, em que circunstância se produziu o dizer etc. O *corpus* então recebe o primeiro tratamento de análise superficial, como primeira instância do trabalho de análise, no processo de “*de-superficialização*”, que Orlandi⁴²⁴ chama de “*materialidade lingüística*”.

Assim, a partir do material bruto (*corpus* bruto, texto) construímos o objeto discursivo. E como ele não é dado, mas requer o nosso trabalho, nessa primeira etapa de análise convertamos a superfície lingüística, o dado empírico, do discurso (do sujeito idoso) em objeto teórico, ou seja, um objeto lingüisticamente de-superficializado. Nessa primeira abordagem analítica há o tratamento crítico da impressão de “realidade”, por meio da análise das condições de produção que constituem os discursos, observando categorias que “*repousam*” nas formações imaginárias. Nelas as imagens dos sujeitos resultam de projeções que permitem passar das situações empíricas (lugares do sujeito) para as posições do sujeito no discurso. Assim, apreendemos lugar e posição do sujeito, analisando três categorias: relação de sentidos, antecipação e relação de forças⁴²⁵.

A primeira categoria nos leva a observar que todo discurso se relaciona com outros, que os sentidos resultam de relações, ou seja, um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Na segunda está a capacidade que o sujeito tem de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “*ouve*” suas palavras. Ao antecipar a escuta do seu interlocutor, ele antecipa o sentido que suas palavras produzem. Sendo assim, o sujeito dirá palavras de acordo com o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. Nesse jogo há variações, dependendo da previsão do sujeito quanto ao seu interlocutor, adversário ou cúmplice,

⁴²⁴ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso*, p. 65. Para a autora, o processo de “*de-superficialização*”, também chamado de “*materialidade lingüística*”, consiste “*naquilo que se mostra em sua sintaxe e enquanto processo de enunciação (em que o sujeito se marca no que diz)*”, fornecendo pistas ao pesquisador para compreender o modo como o discurso analisado se textualiza.

⁴²⁵ *Ibid.*, p. 39.

estabelecendo o rumo do processo de argumentação, a fim de conseguir efeitos sobre o interlocutor. A terceira categoria está na relação de forças, comum na sociedade em que as relações são hierarquizadas. O lugar, a partir do qual o sujeito fala, é constituído do que ele diz, daí as relações de força sustentadas no poder dos diferentes lugares, que fazem valer no processo de comunicação.

Construído o objeto discursivo, passamos à análise da discursividade, do processo discursivo, visando compreender como o objeto simbólico produz sentidos. Na verdade, nosso trabalho de análise começa no momento em que configuramos o *corpus*, delineando seus limites, fazendo recortes, na medida em que vamos realizando o primeiro trabalho de análise, retomando conceitos e noções. O procedimento da Análise de Discurso requer ir-e-vir entre teoria, consulta ao *corpus* e análise, trabalho realizado ao longo de todo o processo.

5.2 Perfil da amostra

Como um passeio, rodamos São Vicente na fase da observação e descobrimos ângulos novos, características até então desconhecidas na cidade em que vivemos. Enfim, ao lançar a âncora no terreno para as entrevistas, além das condições propícias ao encontro com os sujeitos da pesquisa, estávamos diante de possibilidades para ir e vir do discurso às categorias, em permanente contato dialético com a informação prestada pelos idosos.

Começamos então a aplicar o questionário “*O idoso e a TV*” em janeiro de 2002, mês especial do ano em uma região turística, quando muitas pessoas de fora, especialmente idosas, circulam na Cidade, aproveitando o auge das férias de verão. Portanto, devido à dificuldade em identificar de imediato os residentes, fizemos uma pausa e retomamos o trabalho de campo em março de 2002, realizando simultaneamente a aplicação do questionário e a entrevista, no centro e orla da praia, locais de maior circulação das pessoas, inclusive de idosos, moradores na cidade e representativos de todos os bairros, quer da parte insular como da continental⁴²⁶.

Dos 100 respondentes ao questionário, 60 homens e 40 mulheres, a metade tem idade que compreende a faixa etária dos 60 aos 70 anos, outros 35 dos 71 aos 80 anos e 15 têm

⁴²⁶ Procuramos o contato com os idosos em lugar e situação em que não houvesse a influência do “outro”, membro da família ou de instituições onde vivem. Portanto, os questionários foram aplicados e as entrevistas realizadas no espaço público. Nas últimas páginas desse trabalho constam: modelo dos instrumentos de sondagem e mapas com a localização geográfica da Cidade (FRIGÉRIO, Ângela Gonçalves, OLIVEIRA, Iza Fava, 1995). Incluímos também quadros estatísticos sobre o perfil da amostra, produzidos pelo Prof. Estefan Kabbach, da UniSantos.

mais de 80 anos. A maioria reside na parte insular de São Vicente (84) entre o Centro (20) e os bairros mais próximos: Parque Bitaru (15), Itararé (5), Catiapoã (10), Vila Melo (4) e Vila Margarida (10). Da parte continental do Município 16 idosos, residentes em diferentes bairros, responderam ao questionário.

Incluímos no questionário a tabela para a verificação do nível socioeconômico dos respondentes, seguindo o critério de classificação estabelecido pela ABA (Associação Brasileira de Anunciantes), denominado de Classificação Brasil⁴²⁷. Concordamos com Paulino⁴²⁸ de que, embora essa tabela de classificação provoque “*controvérsias entre pesquisadores universitários*” seus critérios “*são reconhecidamente os mais utilizados pelas pesquisas de mercado e pelo Ibope*”. Assim, usando a tabela, cruzamos as informações sobre o grau de instrução com os itens de conforto familiar, o que nos permite classificar os respondentes ao questionário por nível socioeconômico.

Dos 100 idosos que compõem a amostra da população de trabalho, o nível socioeconômico apresenta a seguinte distribuição: nenhum no nível A, 5 no nível B, 10 no nível C, 55 no nível D e 30 no nível E.

A baixa escolarização e reduzida posse de itens de conforto familiar, como empregada mensalista, vídeocassete e automóvel contribuem para a concentração da amostra nos níveis socioeconômicos D/E. Os idosos residentes em São Vicente (um dos critérios que elegemos para o recorte do perfil da amostra da população pesquisada, além de ser telespectador) não têm relação com o computador. Acrescentamos esse item de conforto familiar, sem pontuar e fora da tabela Classificação Brasil, para conhecer a influência das novas tecnologias no mundo dos idosos. Os que disseram ter esse equipamento em casa justificaram pertencer aos netos e filhos, mas “*nem chegam perto*”.

Grande parte dos respondentes ao questionário (70) vive em residência pertencente à família, sozinho ou como agregado familiar. Somente três disseram morar em “*asilo para velhos*”. Na maneira como se referiram ao lugar em que vivem, essas pessoas deixaram transparecer o ressentimento às condições de vida. Sem atribuir culpas a ninguém, mas a mágoa transparecendo nas palavras, como a referências do tipo “*aquele lugar*”, “*no depósito de gente velha*” etc.

⁴²⁷ ALMEIDA, Rose de. Luta de Classes, p. 14-25.

⁴²⁸ PAULINO, Roseli Fígaro. *Comunicação e trabalho*, p. 95.

Nos bairros próximos à orla da praia e no centro, por exemplo, a tendência é a ocupação de apartamentos por idosos que vivem sós, em imóvel pertencente à família. Já nos bairros periféricos, eles moram com o agregado familiar mas, da mesma forma, não são proprietários da residência. A diferença entre esses dois perfis está na ocupação diária. Os primeiros têm uma atividade rotineira fora de casa: caminhada, prática de esporte, jogos ao ar livre, a convivência habitual com a comunidade do bairro; já os outros só saem para cumprir o que chamam de “*obrigação*”: receber o salário ou a aposentadoria, pagar contas, comprar remédios. Essa diferença marca o ritmo com que cruzam as ruas, a maneira como utilizam os meios de transporte público e até mesmo a relação que estabelecem com a televisão.

Entre aqueles que vivem com a família e só dispõem de um aparelho de televisão em casa, surgiram histórias interessantes a respeito da divisão do tempo para assistir à programação televisiva. Alguns fizeram questão de enfatizar a quem pertencia o aparelho e o prazer ou drama de assistir a “*programa de criança*”, “*filmes de sacanagem*”, “*novela da esposa*”, “*a partidinha de futebol*”.

O período da tarde é o momento do dia em que mais assistem à televisão, de acordo com resposta de 40 idosos. Em média, a maioria (60 respondentes) dedica de duas e meia a três horas, diariamente, para a programação televisiva.

A preferência na programação oscila entre telenovela (35) e esporte (30), sendo a primeira entre as mulheres e a segunda entre os homens, considerando a pergunta “*qual o seu programa de televisão preferido?*”. Observamos que a questão para esses telespectadores foi entendida como gênero e não título do programa. Alguns, ao lado da indicação do gênero, acrescentaram dados referenciais, como “*novela das 6*” ou “*da Rede Globo*”, marcando a identificação do seu gosto quanto ao horário ou canal de televisão. Raramente mencionaram o título da telenovela. O mesmo aconteceu com a indicação de esporte, documentário e noticiário e outros gêneros indicados.

O divertimento transparece como o motivo que mais prende o idoso à programação preferida. Combinando o número de respostas à pergunta “por que gosta de assistir a este programa de televisão?”, distração (57) e companhia (15) nos levam a observar que a representação da TV para os idosos caminha no duplo sentido: evasão e busca. O binômio contraditório preenche a vida daqueles que, dispondo de mais tempo livre, nem sempre encontram companhia para ocupar as suas horas e dividir o peso da problemática de “*ser velho no Brasil*”.

Com base em estudos de autores estrangeiros, Acosta-Orjuela⁴²⁹ expõe as evidências do uso da TV por parte dos idosos, discutindo suas implicações para o contexto brasileiro, onde o assunto, na sua opinião, *“espera ainda a atenção dos pesquisadores”*. Na perspectiva dos Usos e Gratificações, o autor, como doutorando em Gerontologia na Unicamp, esclarece em seu estudo que esse modelo *“destaca o papel das necessidades e motivações das pessoas sobre quanto, como, quando e por que interagem com a mídia e sua importância na explicação dos seus efeitos sobre o usuário”*.

Apesar da diferença entre a sua perspectiva teórica – padrões de uso da TV⁴³⁰ - e o nosso enfoque com base na Análise de Discurso, consideramos importante algumas observações que levanta, a partir da revisão bibliográfica efetuada sobre o assunto, na medida em que estabelece comparação entre dois elementos pertinentes ao nosso estudo: idoso e televisão.

Ao afirmar que *“o Brasil não conta com informação especializada nesta e em outras áreas”* e que *“poucas teorias de comunicação têm sido aplicadas diretamente aos idosos”*, Acosta-Orjuela⁴³¹ sugere *“hipóteses de pesquisa sobre a base das conclusões dos estudos estrangeiros”* em nosso contexto. Assim, o autor demonstra a sua preocupação com *“a forma como se assiste à TV”*, o que marca a diferença entre o seu e o nosso objetivo.

Enquanto o autor referido considera *“o uso intensivo da TV pelo idoso”*, nós buscamos compreender o sentido da TV no cotidiano do idoso. Com essa visão, ele encaminha o estudo sustentado pela teoria dos Usos e Gratificações e destaca a *“soma de fatores psicológicos, motivacionais e circunstanciais”*, que *“se inserem em práticas sociais e culturais”* na vida dos idosos. Da nossa parte, com sustentação teórica na Análise de Discurso, o foco de interesse está na organização do dizer do idoso em sua discursividade, no que respeita ao discurso televisivo.

Portanto, a nossa preocupação não está no que a televisão faz com o idoso, mas no discurso que ele constrói como telespectador, como indivíduo-sujeito em suas posições e lugares no cotidiano. Logo, o nosso objetivo está centrado na compreensão dos processos de

⁴²⁹ ACOSTA-ORJUELA, Guillermo Maurício. *O uso da televisão como fonte de informação sobre a velhice*, p. 180.

⁴³⁰ Ibid., p. 180. O autor esclarece que *“o estudo dos padrões de uso da mídia (patterns of use) busca descrever e explicar hábitos e funções particulares dos meios para indivíduos ou grupos. Considera, entre outros critérios, a quantidade (horas de exposição), a qualidade (preferência de conteúdo) e a forma de exposição (exclusiva ou paralela a outras atividades)”*.

⁴³¹ Ibid., p. 209.

produção de sentidos e de constituição do idoso residente em uma região brasileira com grande número de pessoas na faixa etária acima dos 60 anos.

Na medida em que o idoso respondia ao questionário, procurávamos verificar a sua disponibilidade de tempo e grau de interesse sobre o assunto para, em seguida, realizar a entrevista, em situação de tranquilidade e confiança mútua. Portanto, na seleção dos sujeitos envolvidos para a constituição dos materiais de análise (*corpus*) consideramos o intencional (telespectador, com 60 anos ou mais, residente na Cidade), a conveniência (estar disponível) e o encontro eventual no espaço público, no cotidiano do idoso.

Em São Vicente, no tempo de pessoas com tempo considerável de vida e experiência, ouvimos histórias. Delas, a partir da tessitura dos textos, procedemos à análise das condições de produção de discursos dos entrevistados, procurando descrever o funcionamento de suas marcas, construindo assim o objeto discursivo.

VI – COTIDIANO, HISTÓRIAS E SENTIDO

A vida cotidiana não está “*fora*” da história, mas no “*centro*” do acontecer histórico: é a verdadeira “*essência*” da substância social.

Agnes Heller⁴³²

O período do dia determina as atividades que os idosos realizam fora de casa. Pela manhã, estão na fila dos bancos, principalmente no início do mês para receber a pensão ou aposentadoria; caminham no calçadão à beira-mar e/ou areia da praia; conversam ou lêem jornal e revista nos bancos dos jardins e praças; fazem compras, procuram as consultas médicas nos postos da previdência social. Há ainda os que freqüentam academia, praticando natação ou hidroginástica, além dos que se aventuram nas “caminhadas ecológicas”, seguindo trilhas demarcadas no que resta da “*reserva natural*” na Região. Aos poucos, aumenta também a freqüência nos Centros de Convivência, os denominados Cecons mantidos pela Prefeitura.

À tarde, poucos idosos circulam pela Cidade. É o momento do dia para “descansar”, que representa o cochilo após o almoço, para uns, o “*espiar no que está dando na televisão*”, para outros; ou simplesmente se deixar ficar na prosa com amigos e até mesmo se distraindo com alguns afazeres domésticos. Já à noite, “*feita pra descansar*” e, como “*lugar de velho é em casa*”, raros são aqueles que se arriscam a sair.

Aos finais de semana, os homens aproveitam para o jogo e contato nas praças públicas, a pesca nas pedras que circundam a baía de São Vicente, o encontro nos bares para acompanhar o futebol na televisão ou comentar “casos”, de política e de polícia, geralmente relacionados ao Município ou Região.

Quanto às mulheres, sábado não representa “*fim de semana*”, ao contrário, é o dia de “*se arrumar tudo para o descanso no domingo*”, o que significa preparar o almoço especial, sair para o acontecimento da visita (a parentes ou amigos) ou, no máximo, o passeio a algum lugar

⁴³² HELLER, Agnes, *O cotidiano e a história*, p. 20.

público onde “*não acontece o perigo*”. O perigo, para quem não é mais jovem, está em toda parte: na “*notícia que deu na televisão*” (relatos da violência social), no estranho que bate à porta, no descuido ao andar na rua. Tudo são ameaças que estão e vêm de fora, provocando o medo, o que nos faz lembrar “*Os senhores da guerra*”, na interpretação do conjunto português Madredeus⁴³³.

Os senhores da Guerra

Francisco Ribeiro, Pedro Ayres Magalhães

Lá fora estão os Senhores da Guerra
E cantam já hinos de vitória
Qual é a história desta terra?
É o medo
Ali mesmo
Cá dentro estão os homens à espera
Unidos no destino da terra
Já não há memória de paz na Terra
É o medo
Ali mesmo

Ó Terra
Mais um dia a nascer
Ai, é menos um dia a perder
É tão pouca a glória duma guerra
E os homens que as fazem sem vitórias
Já não há memória de paz na terra
É o medo
Ali mesmo.

Na mútua relação entre sujeito e linguagem está o efeito da ideologia, compreendida como a direção nos processos de significação. No texto acima, como ensaio ao nosso processo de construção de sentido, medo e guerra constituem *corpus* para a análise de discurso, partindo do texto produzido por dois portugueses. Nele, a memória como saber discursivo torna possível significar as “*feridas*” de um povo que nos constituiu como nação brasileira.

Nessa direção, medo e guerra – imaginário e simbólico, respectivamente – instituem as relações discursivas, o discursivo que é político. Assim produzimos sentidos na apreensão de

⁴³³ RIBEIRO, Francisco, MAGALHÃES, Pedro Ayres, *Os senhores da guerra*, CD.

pistas, relacionando o dizer com sua exterioridade, com suas condições de produção, que compreendem os sujeitos, a situação, a memória e a história.

“Os senhores da Guerra” nos remetem a um país e ao seu povo, em diferentes contextos sócio-históricos, ideológicos. Nessa perspectiva, ou seja, das nossas condições de produção de leitura, o contexto amplo nos faz considerar os embates dos portugueses na luta empreendida para conquistas: do mar, de terras, de povos.

Entre os séculos XV e XVI a guerra se configurava na travessia dos oceanos, vencendo o medo de monstros e calmarias, seguindo rotas incertas de “*mapa noturno*”⁴³⁴ na busca de mercadorias do além-mar. Depois, a guerra se estabeleceu com a conquista, das terras e dos homens, das mentes e corações, em diferentes partes da África, no Brasil e “*ali mesmo*”.

Em cinco séculos, os Senhores da Guerra escreveram na “*história desta terra*”, Portugal, as marcas do “*medo*”, “*ali mesmo*” e em outros lugares. Hoje, no século XXI, o medo se reduz ao espaço do “*ali mesmo*”, no confronto entre “*parceiros*” de uma comunidade, não a da língua e da cultura constituída com os ex-colonos, mas a econômica, a da moeda comum marcada por diferenças.

Nesse contexto, há que se considerar a história como produção de acontecimentos que significam, segundo o imaginário que afeta os sujeitos em suas posições políticas. Para os portugueses, no contexto europeu, a memória trabalha com a guerra em muitos sentidos: as duas mundiais, a colonial, a dos “retornados”, a da união européia. Como o medo está “*ali mesmo*” e “*cá dentro estão os homens à espera*”, os senhores do discurso consideram que “*lá fora estão os Senhores da Guerra*”, mas o medo está ali mesmo. Ali, para um povo que esteve e permanece em muitos lugares do mundo.

A mútua relação entre sujeito e linguagem organiza o sentido para uma finalidade: a guerra vivida pelos portugueses no embate travado com a natureza e os naturais das terras colonizadas. No efeito de unicidade sujeito-linguagem transparece o efeito da ideologia na direção do processo de significação. Em nosso entender, nessa direção, o imaginário que institui as relações discursivas, o discurso, é político. Daí, na perspectiva discursiva, o sentido desse texto nos leva à história, inclusive da nossa terra e da nossa gente, no lugar em que vivemos e realizamos essa investigação.

⁴³⁴ Expressão usada por Martín-Barbero como “*um mapa que não sirva para a fuga, e sim para o reconhecimento da situação a partir das mediações e dos sujeitos*” (1997, p. 288).

6.1 Passeio no tempo da Cidade

Embora não se tenha registro sobre os primeiros povoadores de São Vicente – quem eram e de onde vieram – evidências levantadas por historiadores indicam que o povoado de São Vicente começou por volta de 1502. Logo após o descobrimento de Pedro Álvares Cabral, D. Manuel, Rei de Portugal, enviou à nova terra três navios para explorar a costa brasileira, sob o comando do capitão Gaspar Lemos. A flotilha chegou a Porto Seguro, Bahia, em 1501. A partir daí, Américo Vespúcio, descendo o litoral, começou a anotar os acidentes geográficos, nomeando rios, baías e ilhas. Em 22 de janeiro de 1502, a expedição chegou à ilha conhecida como “*Gohayó*” a que os portugueses deram o nome do santo do dia: São Vicente.

Trinta anos depois, em 22 de janeiro de 1532, a expedição portuguesa comandada por Martim Afonso de Sousa, com a missão de ocupar a costa e colocar em vigor o Tratado de Tordesilhas, chegou à baía de São Vicente, fundando a Primeira Vila do Brasil. O historiador Fernando Martins Lichti⁴³⁵, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente, justifica o *slogan* da cidade, “*Aqui nasceu o Brasil*”, lembrando o memorial de Francisco Martins dos Santos dirigido ao Congresso Nacional, no qual o autor relata os motivos pelos quais “*São Vicente foi a sede da 1ª Administração, da 1ª Câmara, da 1ª Justiça, da 1ª Milícia, da 1ª Eleição, da 1ª Comarca, da 1ª Paróquia, da 1ª Capital, de fato, do Brasil*”.

Com base nesse memorial, o Congresso Nacional e o Governo Federal, Lei nº 4.603, de 20 de março de 1965, outorgaram a São Vicente o título de *Cidade Monumento da História Pátria*, reconhecendo e oficializando sua condição de *Cellula Mater da Nacionalidade*.

Apesar da importância de São Vicente na História do país, a Cidade não recebeu a devida importância, em 2000, quando das comemorações dos 500 anos do Brasil. Com isso, cresceu a rivalidade com Salvador, capital da Bahia, na polêmica de quem seria realmente a primeira cidade brasileira. Na verdade, de acordo com os fatos históricos recordados brevemente acima, São Vicente representa o marco da organização política, administrativa e econômica do Brasil. Daí ser reconhecida como a “*Primeira*”: Vila para alguns historiadores, Cidade para os vicentinos, como se verifica em inscrições públicas no Município.

⁴³⁵ LICHTI, Fernando Martins, *A primeira capital do Brasil*, p. 8-9.

“A cidade em si”, para Braudel⁴³⁶, implica realidades e processos, com evidentes regularidades, onde quer que se situe, seja no tempo ou no espaço. Nela se observam características diversas e próprias, com a mesma linguagem “*fundamental*” que transparece no diálogo permanente com o campo, na presença das pessoas, no orgulho cidadão, na situação de centro de redes de ligação, na articulação com as periferias e outras cidades.

No caso de São Vicente, essas características ficaram evidentes no início da colonização brasileira, sendo que duas delas despontaram com evidência nos últimos seis anos: o orgulho cidadão decorrente da transformação operada na cidade e a articulação, tanto com a periferia (parte continental do município), quanto com os outros municípios da Região da Baixada Santista e capital do Estado de São Paulo.

Localizado na Região Metropolitana da Baixada Santista⁴³⁷, o município de São Vicente – a 71 km, por rodovia, da Capital de São Paulo – compreende uma parte insular e outra continental. Na primeira – Ilha de São Vicente, onde também se localiza a parte insular da cidade de Santos – estão concentradas as atividades comerciais e localizados os pontos históricos e turísticos vicentinos. Na parte continental, estão os bairros mais afastados, próximos ao município de Praia Grande, onde a recente expansão urbana, com loteamentos e ocupação desordenada, ameaça o equilíbrio ecológico da Região.

O aumento da população residente em São Vicente aparece nos dois últimos Censos Demográficos do IBGE: de 279.528 pessoas registradas em 1995 para 303.551 em 2000. Da mesma forma, cresceu o número de residentes no Município com mais de 60 anos, no período considerado: de 20.080 para 25.865 idosos. Na parte insular da Cidade, onde desenvolvemos o trabalho de campo, cinco bairros concentram a maior população do Município: Cidade Náutica, Vila Margarida, Jockey Clube, Catiapoã e Parque Bitaru, de acordo com o Censo de 1995, mantendo a tendência em 2000, segundo informações preliminares do IBGE⁴³⁸.

Com superfície de 146 km² (18 km² na Ilha de São Vicente, que divide com Santos, 117 km² na parte continental e mais 11 km² de rios e canais), grande parte do território de São

⁴³⁶ BRAUDEL, Fernand, *Civilização material, economia e capitalismo*, p. 441.

⁴³⁷ A Região Metropolitana da Baixada Santista compreende os seguintes municípios: Cubatão, Guarujá, Bertioga, Santos, São Vicente, Praia Grande, Mongaguá, Itanhaém, Peruíbe.

⁴³⁸ Quando iniciamos o trabalho de campo, janeiro de 2002, ainda não tinha sido divulgado pelo IBGE o resultado do Censo 2000 referente ao número de habitantes por bairro e a faixa etária dos moradores nos bairros de São Vicente. Tomando como parâmetro o Censo de 1995, os cinco bairros mais populosos da Cidade estão na parte insular: Cidade Náutica (31.953), Vila Margarida (24.842), Jôquei Clube (23.452), Catiapoã (15.559) e Parque Bitaru (15.535), perfazendo o total de 111.341 pessoas para uma população de 272.528 pessoas residentes no Município.

Vicente está no continente, área com predominância da Mata Atlântica. Nesta parte do município, a área urbanizada invade o mangue e a mata de restinga, comprometendo o equilíbrio ecológico. A Cidade tem como delimitação geográfica: Santos, ao norte e nordeste; Oceano Atlântico, ao sul e sudeste; Cubatão, São Bernardo do Campo e São Paulo, ao norte e noroeste; Praia Grande, Mongaguá e Itanhaém, ao sul e sudoeste. Com alta taxa de umidade relativa do ar durante todo o ano, sempre superior a 80%, a média das temperaturas mais altas é de 28º e as mais baixas 14º.

Nas últimas décadas, a densidade demográfica em São Vicente aumentou consideravelmente, passando de 862,85 hab/km² em 1970 para 1.990,60 hab/km² em 1991. Considerando as características físicas do Município (ilha e continente) e as peculiaridades do processo de ocupação, os números apontam diferenças expressivas: 12.294,22 hab/km² na parte insular, contra 1.064,13 hab/km² na área continental, no período referido. Por outro lado, o Município registra aumento de sua população em épocas de férias e feriados prolongados. Nestes períodos, soma-se à população residente um contingente de, no mínimo, 60 mil pessoas, que representa acréscimo populacional da ordem de 20 a 25%, em áreas próximas à orla, sobrecarregando, nessas épocas, a capacidade da infra-estrutura instalada e de prestação de serviços da Cidade.

À história de São Vicente somam-se histórias da sua gente de idade, que acompanhou a transformação do lugar. Lembranças das chácaras que desapareceram para “dar vez” aos prédios de apartamentos; da praça 22 de Janeiro, onde as últimas árvores seculares dividem o espaço com a moderna escultura de Hipupiara⁴³⁹, com os “boxes” metálicos da Feira dos Doces, com o cinema para filmes em três dimensões; dos morros da Cidade que equilibram em suas encostas mansões e atrações turísticas, como discotecas, o teleférico, os apetrechos dos que praticam o voo livre em asa delta, o Memorial dos 500 Anos, projeto do arquiteto Oscar Niemeyer.

Nas vozes da Cidade, o dizer do idoso produz efeitos de sentidos, de acordo com as condições de produção, independente das intenções de quem, lembrando outros tempos personifica o Tempo, até que encontre o seu tempo.

⁴³⁹ Diz a lenda indígena que o capitão Baltazar Ferreira, nobre português, venceu Hipupiara, monstro marinho que ameaçava a população da capitania de São Vicente, devorando pescadores e casais de namorado que se arriscavam a sair nas noites de luar.

6.2 No dizer em curso, televisão e efeitos de sentidos

Eu fiz um acordo de coexistência pacífica com o tempo. Nem ele me persegue e nem eu fujo dele. Qualquer dia a gente se encontra.

Mario Lago

No dia 30 de maio de 2002, Mario Lago partiu ao encontro do tempo de nos deixar. Entre seus legados, as palavras revelam sabedoria de quem soube conviver com o tempo de tal forma que, aos 90 anos, quando a morte o levou a passear, escrevia *“Meus tempos de moleque”*, de onde foi retirado o trecho acima.

A memória de Mario Lago reforça a justificativa de nossa determinação, em 1999, para desenvolver o projeto de pesquisa a respeito do idoso e sua relação com a mídia televisiva. Na tela da televisão, o ator Mario Lago representou personagens de idosos sempre de bem com a vida, servindo de exemplo para a *“coexistência pacífica com o tempo”* da idade.

Em São Vicente, no ritmo das mudanças do século XXI, empreendemos passeios sem encontro marcado, a fim de conversar com os idosos, colaboradores na construção do nosso objeto de análise. De acordo com a metodologia para a entrevista, procuramos ouvir a amostra longe de casa, no cotidiano do espaço público, evitando a interferência na sua narrativa. Sem lugar determinado para o encontro, tanto no centro quanto na orla da praia, tendo a televisão como pauta, a “conversa” fluía sem a interferência do Outro.

A conversa que, para Del Priore⁴⁴⁰, é *“a arte de ser feliz junto”*. Recaindo sobre o dia-a-dia do nosso tempo, o olhar da historiadora revela a *“maravilha”* de *“deixar-se levar pela vagabundagem da palavra, saindo de si e se aventurando na terra do outro”*. Isso porque, em *“uma boa conversa haverá sempre um tempo para falar e outro para escutar. Afinal, conversar é também saber calar. Pois não se trata de ter a última palavra, mas de construir junto essa coisa preciosa e cada vez mais rara: o momento compartilhado”*.

Da nossa interação com os idosos surgiam relações de linguagem, que são relações de sujeitos e de sentidos, com efeitos múltiplos e variados. Produzindo efeitos de sentidos em

⁴⁴⁰ DEL PRIORE, Mary, *Histórias do cotidiano*, p. 49.

condições determinadas, os dizeres deixavam vestígios que procuramos apreender. E assim pensamos o discurso, como “*efeito de sentidos entre locutores*”. Discurso com sua regularidade, com seu funcionamento, “*possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto*”⁴⁴¹.

A partir do momento em que a nossa relação com a “comunidade de destino”, em São Vicente, passou da descontração no cotidiano para a observação mais sistematizada e com objetivo específico para esse trabalho, verificamos mudanças de comportamento por parte daqueles com os quais procurávamos saber mais, alongar as conversas. Foi então que desistimos da gravação e resolvemos trabalhar com anotações em discretos blocos de apontamento. A convivência com os idosos nos ensinou a usar estratégias para que se sentissem à vontade, como, por exemplo, escrever sem desviar os olhos de seus rostos e gestos, acompanhando suas palavras atentamente. Tal recurso nos levava a rever imediatamente as anotações, logo após as entrevistas, a fim de apreender os detalhes nos apontamentos: palavras e símbolos representando pensamento, posição, histórias.

Outra descoberta: entre os casais de idosos, as mulheres sempre demonstram pressa e, às vezes, ciúmes dos companheiros, no momento da abordagem. Em alguns momentos, ao perceber no olhar e nas palavras a resistência feminina, até mesmo em ouvir nossa justificativa para o trabalho, desistíamos da abordagem para a aplicação do questionário.

Possivelmente, esse tipo de atitude represente os “medos” que Martín-Barbero e Rey⁴⁴² caracterizam como procedente “*de uma ordem construída sobre a incerteza e a desconfiança que nos produz o outro, qualquer outro – étnico, social, sexual –, que se aproxima de nós na rua e é compulsivamente percebido como ameaça*”.

Em outros momentos, ao contrário, foi tanta a receptividade que retomamos o encontro inicial para que os idosos pudessem “*continuar a conversa*”, recontar suas histórias, ter certeza do registro de suas memórias. Ao trabalhar nos/os limites da interpretação desses dizeres sobre a televisão, nos colocamos em uma posição deslocada que nos permitisse *contemplar*⁴⁴³ o processo de produção de sentidos em suas condições.

⁴⁴¹ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso*, p. 21-22.

⁴⁴² MARTÍN-BARBERO, Jesús, REY, Germán. *Os exercícios do ver*, p. 40.

⁴⁴³ Orlandi explica o sentido do contemplar, na sua origem grega relacionada com deus, como “*o momento em que o herói contempla antes da luta: ele encara sua tarefa. Ele a pensa*” (ORLANDI, *Análise de discurso*, p. 61).

Ao “encarar” nossa tarefa, constatamos que, entre os telespectadores idosos, o homem, ao contrário da mulher, nega acompanhar telenovela. Mas, no transcorrer do discurso, relata detalhes do “capítulo”, justifica o amor ou o ódio ao personagem, deixa transparecer a torcida para o final feliz e a punição do vilão.

A esse respeito, Motter⁴⁴⁴ lembra o que Goffman⁴⁴⁵ denomina *consumo secreto*, quando trata das representações que o indivíduo faz de si mesmo em presença do outro. Transposto para a telenovela, Motter explica que o conceito

se aplica perfeitamente aos telespectadores (principalmente aos homens) que, baseados no preconceito generalizado de que a telenovela é um gênero popular, feminino, sentimentalóide e menor, entendem prejudicial à sua imagem revelar seu gosto e o consumo do produto, o que resultaria um traço negativo para a impressão de superioridade que pretendem projetar para seus auditórios. Assim, seu interesse é disfarçado, assim como o consumo se faz às escondidas ou sob protesto.

Por essa, entre outras razões, a autora considera que a telenovela “*alcança toda a sociedade brasileira*”, porque

constrói uma memória, ao mesmo tempo documental – por sua permanência física como produto audiovisual gravado, mas sobretudo por sua vinculação com o presente, que a impregna com suas marcas – e coletiva – pelo compartilhamento dos saberes que ela difunde para seu amplo público⁴⁴⁶.

Na construção de nosso dispositivo analítico, escuta discursiva, pensamos a memória em relação ao discurso, como ela “*faz valer*” as condições de produção, os efeitos de sentidos convocados no dizer, nas palavras, nos gestos de silêncio do sujeito-idoso a respeito da televisão. Com os materiais de análise, que constituem o nosso *corpus*, empreendemos o passeio no caminho da compreensão, buscando construir o sentido da TV no cotidiano do idoso.

⁴⁴⁴ MOTTER, Maria Lourdes, *A telenovela: documento histórico e lugar de memória*, p. 78.

⁴⁴⁵ GOFFMAN, I. *A representação do eu na vida cotidiana*, p. 46.

⁴⁴⁶ MOTTER, Maria Lourdes, *A telenovela: documento histórico e lugar de memória*, p. 77.

6.3 Nas lembranças, a representação

Em busca dos sentidos, compreendemos que eles não estão somente nas palavras, ditas e escritas. Encontramos caminhos em sua direção também nos gestos, no silêncio, considerando as condições em que são produzidos e que não dependem somente das nossas intenções. Exemplo disso está no pedaço de papel que Maria da Anunciação Gomes, de 62 anos, nos entregou, quando terminamos de entrevistar seu marido, Abelardo Gomes, 68 anos, na “*passarela da pesca*”, em São Vicente, no meio de uma manhã de domingo, em janeiro de 2002.

Quando abordamos o casal, a mulher ficou em silêncio. Primeiro fixou-nos atentamente, depois abaixou a cabeça, ignorando nosso cumprimento de “*bom dia*”. Ela não interferiu na conversa. Ao contrário, afastou-se um pouco e, sentada na cadeira de praia, ficou de olhar perdido no mar, como se vigiasse alguém que chegava e partia nas ondas, seguindo o movimento das águas arrebatando nas pedras. Depois, abriu a bolsa, apanhou a caneta, um pedaço de papel e começou a escrever. Em seu texto, há mais contribuição ao nosso trabalho, do que o resultado da entrevista com seu marido, telespectador “*só dos jogos de futebol*”, opositor ferrenho das telenovelas (“*coisa para mulher*”), crítico sem fundamento da televisão (“*não presta mas não sei explicar*”). Ao contrário do marido, a aposentada do trabalho docente e da relação com as pessoas deixou em seu texto pistas que representam a televisão em sua vida: companhia, conhecimento, preenchimento do tempo em seu cotidiano.

Tempo em que a gente, mesmo sozinha, vive cercada de gente!

Lendo no espelho do mundo, conheço histórias dos outros que podem ser minhas histórias.

Viajo por terras de paz e de guerra, mas estou sempre sozinha, no mesmo lugar.

SÃO seus meus tempos, para saber e sonhar. Tempos que se fundem: meus e da TELEVISÃO.

Maria da Anunciação Gomes

(professora aposentada)

O texto dessa Maria telespectadora⁴⁴⁷, enquanto unidade de significação, ou seja, discurso, equivale a um ato de linguagem na medida em que instaura uma forma de interação. Em seu silêncio, ela participou do jogo que instalamos. Quando perguntamos ao casal se era telespectador e morava na cidade, o marido, que se identificou como “o *chefe da casa*”, respondeu prontamente, assumindo a responsabilidade de “*falar pelos dois*”. Então, a mulher se afastou discretamente, mas deixou registrada a sua visão, a sua relação com a TV, forma que entendemos como protesto à exclusão determinada pelo marido ao tomar a palavra em nome dos dois, impedindo a sua decisão de participar ou não da entrevista.

Em seu gesto, a matéria significativa do silêncio difere da significância da linguagem. Ao tornar visível o sentido do calar e se afastar do marido, ela permitiu dar voz ao homem, mas não apagou a posição feminina. Seu texto transforma assim a significação do silêncio. Segundo Orlandi⁴⁴⁸, “*quando não falamos, não estamos apenas mudos, estamos em silêncio: há o ‘pensamento’, a introspecção, a contemplação etc*”.

Em nossa sociedade, de fortes traços machistas, o sentido do silêncio de Maria da Anunciação poderia ser entendido como respeito, medo e/ou submissão ao marido. Contudo, o seu gesto contradiz com “o *nosso imaginário social*”, que “*destinou um lugar subalterno para o silêncio*”. Assim, entendemos o que Orlandi⁴⁴⁹ insere para explicitar a “*ideologia da comunicação*”.

Há uma ideologia da comunicação, do apagamento do silêncio, muito pronunciada nas sociedades contemporâneas. Isto se expressa pela urgência do dizer e pela multidão de linguagens a que estamos submetidos no cotidiano. Ao mesmo tempo, espera-se que esteja produzindo signos visíveis (audíveis) o tempo todo. Ilusão de controle pelo que “aparece”: temos de estar emitindo sinais sonoros (dizíveis, visíveis) continuamente.

Mediando as relações entre linguagem, mundo e pensamento, o silêncio daquela senhora – que acompanhava o “*seu homem*” na pesca, que carregava o cesto de lanche, que segurava o anzol, mesmo não sabendo pescar, como fez questão de explicar o marido – resistiu à “*ideologia da comunicação*” e significou de outra maneira, ou seja, escrevendo.

⁴⁴⁷ Embora não faça parte da amostra, a contribuição da idosa permite a apreensão da historicidade de seu texto, ou seja, nos coloca no interior de uma relação de confronto de sentidos.

⁴⁴⁸ ORLANDI, Eni Puccinelli, *As formas do silêncio*, p. 37.

⁴⁴⁹ Ibid., p. 37.

Considerando o texto na perspectiva teórica estabelecida pelo discurso, a produção da idosa telespectadora é a unidade complexa de significação, de acordo com as condições de sua realização. Assim, partindo desse texto como totalidade na análise da estruturação do discurso, entendemos a importância da televisão na vida daquela senhora: o preenchimento da solidão, o conhecimento do que acontece no mundo e a identificação das histórias, reais e fictícias, da televisão com as suas histórias.

Naquele encontro, a mulher ganhou a disputa, embora não tenha travado batalha em campo aberto, pois demonstrou saber controlar o tempo: da relação com o marido, com a televisão, com os peixes e as ondas do mar, com o silêncio. Quando nos despedimos, o casal de idoso ainda ficou longo tempo a nos acenar. Depois, ele voltou para a vara de pesca e ela, provavelmente, ao “*exílio do silêncio*”, onde a memória discursiva permite que ela registre a sua relação com o mundo. Nessa relação sobressai a TV, o seu mundo de refúgio e contato com a realidade.

A memória, ou o interdiscurso⁴⁵⁰, permitiu que a idosa construísse aquele texto, deixando vestígios que procuramos apreender e com isso chegar à compreensão daquela mulher e seus sentidos. Portanto, os sentidos produzidos, considerando o seu dizer com a exterioridade, suas condições de produção, nos levam a considerar os dois contextos: imediato e amplo.

O contexto imediato é o espaço público, onde a idosa se assume como sujeito, apesar do silêncio, e descreve a sua relação com a TV, demonstrando a forma como interage com a sociedade, além da tela, da sala, do lar, do marido. Nesse sentido estão as circunstâncias da enunciação. Já no sentido amplo, ou seja, no contexto sócio-histórico, ideológico, despontam elementos decorrentes da estrutura da nossa sociedade, como a relação homem-mulher na representação matrimonial, o modo como se apresentam diante do Outro, como organizam o poder, marcando posições de mando e obediência, masculino e feminino, respectivamente. Quanto à história, a produção de acontecimento está relacionada à referência “*guerra*” e “*paz*” no discurso da idosa, coerente com o discurso da mídia, segundo um imaginário que afeta os sujeitos em suas posições políticas.

⁴⁵⁰ Segundo Orlandi, a memória na perspectiva discursiva é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, *Análise de discurso*, p. 31).

6.4 “Enquanto seu lobo não vem ...”

As lembranças permitem que Agenor Vasconcelos, 72 anos, retome sua infância, a de seus filhos e netos. Da memória brotam os contos infantis, resultado de sua escuta e narrativa contada e recontada. Em meio à entrevista, ele pede “licença” para explicar a sua adaptação do “*Chapeuzinho vermelho*”. Empolgado com nossa atenção à sua narrativa, sugere que sentemos à sombra da árvore, na praça do Correio, em uma tarde escaldante de segunda-feira.

“O *chapeuzinho vermelho*”, explica o idoso, “*não é a menina, mas a televisão. Ela nos visita, trazendo os lugares e as pessoas, contando tudo o que acontece de bom e de mau. O lobo até que força a porta para entrar em casa, surpreender a gente e nos levar. Mas chapeuzinho, corajosa, continua falando, mostrando, mudando a paisagem e as pessoas, distraindo a gente. Então, o lobo fica cansado e desiste*”.

Embora o idoso não deixe explícito em sua adaptação do conto infantil, o lobo representa a adversidade do cotidiano vencida pela televisão, em uma batalha simbólica. Na construção da metáfora, o idoso destaca a dicotomia bem/mal, sempre presente no dia-a-dia, e a posição de cada um na escolha do visitante.

“*As histórias de fada falam ao nosso consciente e ao nosso inconsciente e, por conseguinte, não precisam evitar as contradições, já que eles coexistem facilmente no nosso inconsciente*”. Assim Bettelheim⁴⁵¹ analisa os contos de fadas, explicando que “*muitos adultos hoje em dia tendem a tomar literalmente o que é dito nos contos de fadas, quando estes deveriam ser encarados como relatos simbólicos de experiências de vida cruciais*”.

“*É preciso identificar as batidas na porta. Se for o lobo e ele entrar, a vida acaba e chapeuzinho não tem como nos defender*”, explica Agenor, deixando clara a referência à morte, no receio da visita, que representa o perigo no conto infantil. Em contrapartida, chapeuzinho vermelho (a televisão) mora dentro de casa e a visita acontece com o simples toque ao ligar o aparelho.

Quando ligamos a televisão, permitimos que o mundo entre em nossa casa. Na janela da TV desfilam conhecidos e estranhos, o sonho e a realidade, o luxo e a miséria, a fantasia e a realidade. Ela nos permite a opção de escolher o tipo de visita, na comodidade da vida privada.

⁴⁵¹ BETTELHEIM, Bruno, *A psicanálise dos contos de fadas*, p. 211, 215.

Diferente do cinema, onde as pessoas (que não se conhecem e estão juntas) se entregam à contemplação da imagem em uma sala especial para assistir a uma única obra, o filme, a televisão invade o espaço doméstico, o “*campo existencial do telespectador, oferecendo-lhe um espaço e um tempo simulados*”. Espaço e tempo que Sodré⁴⁵² atribui ao “*império dos simulacros modernos*”, criador da imagem televisiva de natureza física da “*telerrealidade*”, ou seja, espaço/tempo social novo, que permite ao espectador “*ver tudo que se passa*”, multiplicando o seu poder onipresente de acompanhar na televisão uma realidade simultânea, instantânea e global, sem percorrer os caminhos além da porta de casa.

A “*história*” do idoso Agenor, descontraído à sombra da árvore, nos permite compreender a relação entre o já-dito (do conto infantil) e o seu dizer, o que representa a relação entre o interdiscurso e o intradiscurso, ou seja, entre a constituição do sentido e a sua narrativa. Todos os dizeres já ditos (e esquecidos) sobre chapeuzinho vermelho constituíram sentido ao que Agenor dizia naquele momento determinado, nas condições do nosso encontro. Portanto, a sua “*história*”, paralelo entre televisão e chapeuzinho vermelho, traduz a representação desse meio de comunicação em sua vida.

“*Acompanhando os casos que dão na televisão, mudei a forma de tratar a minha senhora*”, confessa Agenor, lembrando episódios da série “*A grande família*”. No discurso do idoso, compreendemos a sua opinião de que a TV ajuda a estabelecer relações estáveis entre as pessoas. E ele reconhece que mudou muito “*com a ajuda da televisão*”, aprendendo a conviver com sua família, com as pessoas, depois que passou “*a prestar atenção no que ela mostra*”.

“*[...] veja o Agostinho, ele nem tem mais mulher, mas se dá bem com a filha, a neta e até suporta o genro e o marido da neta. Pensando naquele velho, eu entendo as pessoas e tenho paciência com muita coisa dessa gente por aí. O importante é se dar bem com as pessoas no mundo*” (Agenor Vasconcelos, 72 anos)⁴⁵³.

Entendimento e paciência, resultado da relação que Agenor e os demais entrevistados disseram estabelecer com as pessoas, a partir da leitura do texto televisivo.

⁴⁵² SODRÉ, Muniz. *Televisão e psicanálise*, p. 35.

⁴⁵³ Alusão aos personagens do programa “*A grande família*”, da Rede Globo de Televisão.

“[...] *a televisão ensina muita coisa para minha neta e os velhos aprendem a conviver com isso*” (Lourdes Fernandes da Silva, 67 anos).

Ensino, aprendizagem e convivência, três palavras em destaque na entrevista realizada com dona Lourdes, no Parque Cultural Vila de São Vicente. Quando ela entrou no espaço cercado de madeira de dormentes de trem, no meio da praça 22 de janeiro, transformada na réplica da Primeira Vila Brasileira, ouvimos a sua admiração, igual à de muitos moradores da Cidade: “*afinal, não é preciso pagar para entrar aqui?*” Pergunta pertinente no meio em que tudo se paga, “até para morrer, até o ingresso para outra vida”.

Acompanhada de uma menina de, aproximadamente, sete anos, a idosa observou tudo com muita atenção. Depois, sentou-se à beira da fonte artificial, em frente à loja dos doces portugueses, onde tomávamos café. Aproveitamos a dificuldade que ela enfrentava para convencer a criança, sua neta, de que ali não podia andar de bicicleta e nos aproximamos para a conversa.

A menina, arisca, apesar da resistência ao nosso argumento, resolveu brincar entre as mesas. Então, dona Lourdes passou a nos contar sobre sua neta, “*criança esperta, mas tem problemas, porque o pai é como papai-noel: existe e não existe ao mesmo tempo*”.

Na história da família, surgem as pistas da relação de dona Lourdes com a programação televisiva. Ao explicar a localização da cidade em que nasceu, deixou bem claro que “*não é o Oriente onde está o bin Laden*”, mas a cidade de Oriente, no estado de São Paulo, “*perto de Marília*”.

Contou que veio para São Vicente, ainda muito nova, para trabalhar na casa de uma família, onde cresceu e se casou. O mesmo não aconteceu com sua filha. “*Sonhadora, foi influenciada pelas novelas e mudou o rumo de sua vida, tornando-se mãe solteira. Quem sofre é a menina*”, lamenta a idosa. Na entonação de sua voz não há crítica, apenas a constatação do que falta à neta. “*É triste ouvir a criança dizer que queria tanto sair com o pai, mas não pode*”.

No interdiscurso, sofrimento e tristeza da mulher, avó e mãe, que pressupõe, entre outras experiências: a da vida de casada, ao lado do marido e da filha; a da vida de viúva, com a filha e a neta; a do cotidiano para convencer a neta que não tem pai.

Mas, ela que aprendeu a *“conviver com isso”*, também aceita e reconhece que *“a televisão ensina muita coisa para minha neta”*. Às vezes, explica dona Lourdes, as perguntas da criança *“desconcertam”*. Isso porque, na sua opinião, *“a televisão instiga muitas coisas, mostra, aguça, mas não explica. Acaba deixando dúvidas”*.

A exemplo de outros entrevistados, dona Lourdes não condena a programação televisiva. Ao contrário, pois considera que *“ela é boa para orientar em alguns pontos, o que falta é um pouco mais para contrabalançar as coisas ruins”*. Essa visão da telespectadora idosa reforça o que defende Wolton⁴⁵⁴ ao tecer *“elogio”* ao telespectador, como *“público”* que *“não é estúpido, ainda que o seu ritmo de reação não seja, evidentemente, o mesmo das iniciativas financeiras e econômicas”*, que sustentam a dimensão televisiva.

Na conclusão de seu estudo, *“uma teoria crítica da televisão”*, Wolton⁴⁵⁵ atribui a essa mídia a grande vantagem de *“renovar uma reflexão sobre as relações entre indivíduo e comunidade, comunicação e fronteiras, liberdade e regras”*. Vantagem essa que compreendemos no objeto discursivo em análise, considerando lugar e posição do idoso. Assim, observando a relação do discurso do idoso com a programação televisiva, a memória discursiva convoca sentidos:

“[...] não fui à escola, mas aprendi muito com a televisão” (André de Souza, 72 anos).

“[...] mesmo sem sair de casa, a televisão me ajuda a entender esse mundão de Deus” (Neuza Martins, 68 anos).

“[...] não adianta a censura, procuro acompanhar e entender os programas preferidos da minha neta” (Lourdes Fernandes da Silva, 67 anos).

A *“falta”* que idosos entrevistados apontaram na programação televisiva está justamente no sistema de produção desse meio comunicacional, ou seja, a fragmentação nos relatos, a

⁴⁵⁴ WOLTON, Dominique, *Elogio do grande público*, p. 318.

⁴⁵⁵ *Ibid.*, p. 319.

descontextualização dos fatos, o tratamento de espetáculo ao acontecimento, minimizando ou apagando antecedentes que levariam o telespectador a prever desdobramentos e consequências do que acontece no bairro, na cidade, no país, no mundo.

Em meio aos “*flashes*” da realidade, o mergulho na ficção: capítulos de histórias, blocos de humor e música, encontro entre famosos e gente que busca a fama. No jogo de imagens e sons, há sempre o momento para a “*pausa*”. Intervalo na tela para os comerciais, que alimentam o sonho do consumo e o custo da produção televisiva; intervalo para o telespectador encarar a realidade ou buscar outra forma de distração.

“Quando não estou assistindo à televisão e mesmo no intervalo dos comerciais, me distraio na prosa com minha filha doente. Então a gente conversa sobre as coisas do mundo e que passam na televisão. É como estar na floresta, olhando o mundo em cima das árvores” (Laurindo Cruz, 72 anos).

6.5 O passeio na “floresta”

“Tristeza não tem fim, felicidade sim”, cantarolava a senhora, enquanto varria a calçada em frente de casa. Ao lado, no ponto da lotação, as duas idosas acompanhavam o movimento da vassoura recolhendo os restos do Carnaval de “gente feliz”. O problema da felicidade, considerou certa vez uma amiga, é que não somos capazes de defini-la no momento em que vivemos o instante mágico. Depois que ela passa, talvez saibamos explicar o que sentimos naquele momento.

De mãos dadas, encontramos tristeza e felicidade no ponto da lotação. As duas idosas representavam a imagem dos dois sentimentos opostos. A diferença entre Amália Novais, 70 anos, e Rosa Pereira, da mesma idade, está na maneira de “enfrentar” a vida. Enquanto Rosa dorme até às 10 horas e, desde que levanta até a “*hora que vai se deitar*”, cerca das 22 horas, reclama de tudo e de todos; Amália, ao contrário, “*pula da cama*” às 6 horas, “*dá uma caminhada*”, faz as compras e, às 10 horas, considera que já ganhou metade do dia. Assim ela

traduz a fórmula para conviver bem com “a idade dos anos” e com “estes tempos da gente moça”.

As duas moram no mesmo bairro da parte insular de São Vicente, em ruas diferentes. Rosa reclama da doença, que não sabe explicar. Desconsolada, acredita que sua tristeza não tem cura e atribui sua melancolia à “doença da idade”. Amália, ao contrário, superou a tristeza das perdas – primeiro o marido, depois o único filho – ocupando seu tempo com atividades intelectuais e físicas, evitando o isolamento e a depressão.

Tanto a depressão como a distímia – tristeza prolongada – são doenças que têm cura, de acordo com os especialistas. Os sintomas destas doenças configuram o idoso apático em relação à vida, desinteressado por tudo e com melancolia prolongada. Não tem prazer em comer, passear ou se divertir. As atividades rotineiras passam a ser um estorvo. Como situações recorrentes a esse quadro ocorrem outros sintomas: perda ou excesso de sono, mudança na alimentação, redução da capacidade de raciocinar e até idéias suicidas. Mais grave ainda é a depressão, quando predominam queixas físicas, sem que exista doença específica.

O médico João Tomiolo⁴⁵⁶, do Centro de Estudos do Envelhecimento da Universidade Federal de São Paulo, ao lembrar estimativas de especialistas, aponta que tanto a depressão quanto a distímia atingem de 10 a 15% da população em todas as idades. No entanto, acredita que a distímia seja mais comum entre os idosos, o dobro do registrado, podendo chegar a 40%, embora seja difícil precisar devido à dificuldade de diagnóstico e à intensidade dos sintomas.

No meio da tarde, as duas idosas, enquanto esperavam o transporte para o Horto Municipal, comentavam as novas medidas nos ônibus, em benefício dos “*passageiros de idade*”. Rosa, que pouco sai de casa, não acredita que a mudança represente mais respeito aos velhos.

“Antes, quando a gente entrava pela porta de trás, o motorista não parava no ponto; quando parava, não dava tempo para a gente subir. Agora, entrando pela porta da frente, os mais novos não deixam a gente entrar”, comenta amarga, lembrando “um caso” que viu na televisão: “um bando de jovens, no ônibus, empurrou o velhinho que foi parar no hospital ...”

Amália interrompe a amiga, percebendo que ouvíamos a conversa. Então, delicadamente, nos incluiu na “prosa”, contando a aventura do “passeio na floresta”.

⁴⁵⁶ BRAZ, Giselda, *Processo de envelhecimento divide cientistas*, 2001, p. 6.

“Consegui arrastar a Rosa comigo. Vamos fazer um passeio na floresta”, explica Amália, orgulhosa por ter conseguido tirar a amiga da frente da televisão.

“Quando não dorme”, continua Amália, “ela passa a tarde toda sentadinha, vendo televisão. O problema é que ela só olha, não assiste, pois não entende muita coisa dos programas”.

Ver e assistir televisão, constante referência no discurso dos entrevistados, significa diferença na relação que eles estabelecem com a mídia televisiva e seus produtos. Assistir pressupõe a interação com o Outro, do lado de lá da tela. Ver, ao contrário, é a passividade, o não pensar no que “está passando na telinha da TV”.

“[...] tem pessoa que não ocupa o pensamento, quando vê televisão. Outras, ganham idéias novas, assistindo a programas. Eu assisto, de vez em quando, e procuro entender. Se não compreendo ou não aceito, pergunto para quem sabe, discuto com alguém que viu o programa” (Josefa Cândido, 74 anos).

No discurso de Josefa, podemos distinguir as duas formas de esquecimento propostas por Pêcheux⁴⁵⁷ e explicitadas com propriedade por Orlandi. Na primeira, o esquecimento enunciativo da idosa atesta o seu modo de dizer, que não é indiferente aos sentidos, pois quando fala de pessoa que “não ocupa o pensamento”, podia dizer pessoa “vazia”, ou com “preguiça mental”. Esse é o chamado “esquecimento número dois”, da ordem da enunciação. Ele é parcial, meio inconsciente, muitas vezes retomado para esclarecer o que foi dito. O outro esquecimento, o ideológico, é o “esquecimento número um”. Sendo a instância do inconsciente, representa a maneira como a ideologia afeta o sujeito, que tem a ilusão de ser a origem do que diz, quando na verdade ele retoma sentidos já existentes.

O sujeito “esquece” o que já foi dito – esquecimento voluntário – para, na identificação com o que diz, se constituir em sujeito, considera Orlandi⁴⁵⁸, explicando como as palavras do sujeito adquirem sentido e ele se significa, “retomando palavras já existentes como se elas se originassem nele e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas mas, ao mesmo tempo, sempre outras”.

⁴⁵⁷ PÊCHEUX, Michel. *Les vérités de la palice*. Paris: Maspero, 1975.

⁴⁵⁸ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de discurso*, p. 36.

Longe da tela, do aparelho televisivo, a distração das idosas circunscreve-se aos limites de casa: o bordado, o crochê, as plantas, os animais, os filhos e netos, quando os têm. Já os homens, que afirmam “*pouco ver televisão*”, quando não se ocupam com atividades relacionadas ao que faziam antes da aposentadoria, procuram sair dos limites de casa em busca de seus pares: nas praças, nos bares e padarias, nos pontos de táxi, nas bancas de jornal.

“[...] *arrumar uma ocupação também é uma forma de distrair*” (José Almeida, 81 anos).

“[...] *caminho, converso com os amigos, não sei ficar parado*” (Antonio Fernandes Maia, 65 anos).

Embora a maioria dos entrevistados considere que a violência em São Vicente é relativa, as mulheres não se arriscam a sair à noite, sobretudo sozinhas e nos bairros mais afastados do centro e da praia.

“*São Vicente já foi violenta. Hoje, comparando o número de habitantes com o de casos de violência, até que é uma cidade tranqüila. Mesmo assim, não ando sozinho, à noite, só por necessidade*” (Antonio Fernandes Maia, 65 anos).

“[...] *a violência é geral. Acontece em todo lugar. Humaitá⁴⁵⁹, por exemplo, apesar do presídio, tem uma vida normal, como em qualquer bairro*” (Lourdes Fernandes da Silva, 67 anos).

6.6 Medos e mitos

Se a “*floresta*” assusta os idosos, a televisão acalma os seus medos, ao mostrar que “*a desgraça aconteceu com o Outro*”. Se a “*selva de concreto*” promove o desencanto, a TV aflora os desejos, ao insinuar que “*tudo está ao alcance de todos*”. No “*abrigo*” temporário, em frente à tela, o telespectador respira aliviado: “*ainda bem que não foi comigo!*”, ou sonha ofegante: “*eu também vou conseguir*”: a beleza, a mercadoria, a felicidade, o status.

⁴⁵⁹ No Conjunto Habitacional Humaitá, bairro da parte continental de São Vicente, está localizado o presídio da Cidade, onde constantemente há fugas e rebelião de presos.

Na relação que o sujeito estabelece com o texto televisivo há simultaneidade no processo de significação, intercâmbio possível entre enunciador/enunciatário, resultando a comunicação.

Nesse sentido, contrapomos à posição de Sodré⁴⁶⁰, que, ao considerar na “*dinâmica compulsiva do funcionamento televisivo*” apenas “*repetição e redundância*”, atribui ao “*sistema televisivo*” o apagamento do sujeito e a impossibilidade de romper com normas e valores estabelecidos na sociedade. No sistema da televisão, diz o autor, “*a reprodução reiterada do mesmo (desde os conteúdos até a procura de uma extensão ilimitada da sua forma) realiza um trabalho de supressão do sentido e das possibilidades de ruptura da forma social autoconservadora*”.

Com essa visão, o autor não considera as condições de produção, que constituem os discursos, e que funcionam de acordo com fatores, entre eles a relação de forças. Duas forças representativas da tensão em todo discurso estão no jogo entre paráfrase e polissemia, ou seja, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o que se dirá.

Para explicar esse movimento de sentidos e sujeitos, tomamos como empréstimo palavras de Orlandi⁴⁶¹.

Essas são duas forças que trabalham continuamente o dizer, de tal modo que todo discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente. Se toda vez que falamos, ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas. E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam.

Assim, ao contrário daqueles que criticam a “*produção*” da mídia e a “*recepção*” de seus “*produtos*”, propomos alternativas com base na Análise de Discurso, sendo uma delas a de se pensar na “*incompletude*”, como “*condição da linguagem*”, isto é, nem sujeitos, nem sentidos, nem discurso estão prontos e acabados.

No desdobramento do que afirma Orlandi⁴⁶², a explicação para esse jogo incompleto está no seguinte: há um trabalho contínuo na construção do sujeito, do sentido e, conseqüentemente, do discurso; o que representa movimento constante do simbólico e da

⁴⁶⁰ SODRÉ, Muniz., *Televisão e psicanálise*, p. 65.

⁴⁶¹ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de discurso*, p. 36.

⁴⁶² Ibid., p. 37.

história. Na relação tensa entre paráfrase e polissemia está a condição de existência dos sujeitos e dos sentidos. *“Daí dizermos que os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros. Todavia nem sempre o são. Depende de como são afetados pela língua, de como se inscrevem na história. Depende de como trabalham e são trabalhados pelo jogo entre paráfrase e polissemia”*.

“[...] na televisão, pelo pouco que assisto, as novelas sobre os tempos antigos representam quase a realidade. As atuais... bem, elas ensinam a degradar a família. A novela das seis, por exemplo, ela é antiga, mas nela há separação de casais (Antonio Fernandes Maia, 65 anos).

Na visão desse telespectador, *“novela antiga”* é a de época, que trata de assuntos históricos ou tem relação com a história, e nela vê a semelhança com a realidade. Já as atuais, no seu entender, são aquelas que abordam problemáticas sociais. Ao se referir à *“novela das seis”*⁴⁶³, embora seja *“antiga”*, ele não esconde a decepção ao constatar no enredo a *“separação de casais”*.

A produção ficcional com base em fatos históricos contribui para ampliar o conhecimento do telespectador. Somando o drama humano ao caráter social-histórico, ou seja, tratando a História como ficção, há o chamamento dos telespectadores, com diferentes níveis de conhecimento, para rever a História e atualizar os fatos históricos.

*“Aprendo, a cada capítulo, sobre a história de Nossa Senhora Aparecida, assistindo à novela das seis”*⁴⁶⁴. *Ela passa justamente na hora em que faço minhas orações. Só não gosto das cenas de violência contra os pretos* (Margarida Pinheiro, 85 anos).

No jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo da história e o diferente nas relações sociais, compreendemos a tensão no discurso do senhor Antonio. Sujeito e sentido em movimento, em percursos de auto-significação.

⁴⁶³ A referência em questão foi feita à novela *“A padroeira”*, veiculada pela *Rede Globo de Televisão*.

⁴⁶⁴ Referência à telenovela *“A padroeira”*.

“[...] alguns programas de televisão são bons, outros são péssimos. Malhação, por exemplo, eu não assisto, mas a minha netinha, de 7 anos, assiste, o que não é muito bom para criança pequena. Ela capta tudo, aí é perigoso. Esse programa é para os que estão acima dos 12 anos” (Antonio Fernandes Maia, 65 anos).

Ao contrário do que afirma Sodré, no nosso entender, o discurso televisivo funciona como possibilidade de troca entre sujeitos de sentido: “produtor” e “receptor” realizando simultaneamente discursos, que procuram dar conta do que acontece na realidade e no imaginário, despertando desejos, sonhos, conhecimentos, coragem, medos e mitos.

“[...] antes, quando era jovem, eu vivia à noite. Não tinha medo de nada, nem de ninguém. Agora, com a idade avançada, procuro ficar em casa. Já não tenho mais força. Até para sonhar com as coisas que dão na televisão” (Margarida Pinheiro, 85 anos).

“[...] eu bem que queria acompanhar a minha neta ao Programa da Xuxa. Mas, tive medo. Ela é famosa, minha neta quer ser como ela, quando crescer. Acho que isso vai passar. São coisas que só acontecem na televisão. Na vida real, não existe Xuxa, somente meninas xoxas que sonham em ter filhos sem marido e aparecer na televisão” (João Andraus, 69 anos).

“[...] bem que eu queria ser mais jovem e enfrentar as ruas, passear pela praia, visitar outras cidades. Mas, o tempo passou, meu tempo está quase acabando. Prefiro cuidar dos meus, aconselhar com as coisas que sei. Tenho medo de ficar sozinha como as velhas do asilo. Eles, lá em casa, nem ligam para minha presença. Mas, quando vejo na televisão tanta gente jogada na rua, agüento muita coisa” (Marina Santana, 90 anos).

“Da televisão ganho o afago que minha família não me dá mais”. O desabafo da senhora, ao interromper a recolha de latinhas de cerveja e refrigerante, na praça, no final do *show*, representa o mundo de muitos idosos que estão à nossa volta. Mundo que nos permite refletir sobre a aliança silenciosa entre idade da vida e programação televisiva.

Sem tempo para juntar-se aos outros, no *“foco de resistência”*, a idosa, que não quis se identificar, nos contou que só larga o seu saco com latinhas diante do velho aparelho de TV, herança dos filhos que *“partiram sem deixar direção”*, deixando o *“molambo da mãe no meio da*

rua". Da maneira como se referiu à programação televisiva, antecipando o final da sua novela preferida, prevendo *"o que vai acontecer à noite, no noticiário da televisão"*, percebemos na idosa o seu potencial de criatividade. De repente, ela interrompe a narrativa e se torna agressiva. *"Agora chega. Vá embora. Preciso trabalhar. Amanhã, se quiser, posso contar a novela que estou escrevendo para a televisão"*.

Embora na mídia prevaleça a produtividade em detrimento da criatividade⁴⁶⁵, nela atuam sujeitos capazes de promover variações, colocando em conflito o já produzido e o que vai realizar, desde o relato do acontecimento ao material de entretenimento e persuasão. Para tanto, há que se estabelecer passagem do irrealizado ao possível, trabalho esse que pressupõe o papel do leitor, sujeito de linguagem como trabalho, como produção social.

Considerando que a apropriação da linguagem é constituída socialmente, no passeio pela Cidade encontramos diferentes sujeitos, formados de contradição e envolvidos no social. Nesse processo, de constituição dos sujeitos e dos sentidos, procuramos compreender e explicitar a história dos nossos interlocutores, bem como a sua instabilidade no decorrer das entrevistas.

Essa instabilidade, segundo Preti⁴⁶⁶, *"é própria do processo de envelhecimento"* como constatou nos diálogos e entrevistas com idosos em pesquisa na linha da Análise da Conversação⁴⁶⁷. Considera que eles *"podem passar de uma atitude de mutismo habitual para uma situação de grande loquacidade, quanto têm oportunidade de se fazerem ouvir com atenção por seus interlocutores"*.

A noção de interlocução, de processo, no campo da comunicação social, compreende o envolvimento de sujeitos responsáveis, seja na produção dos discursos midiáticos como na recepção/reelaboração desses produtos, pares chamados de "emissor/receptor" e que

⁴⁶⁵ Orlandi distingue, na análise de discurso, criatividade da produtividade, explicando que na dimensão técnica da *"criação"* dá-se a produtividade, como reiteração de processos já cristalizados, na produção da variedade do mesmo. A criatividade implica ruptura do processo de produção da linguagem, deslocando regras, intervindo o diferente, produzindo movimentos que afetam sujeitos e sentidos na sua relação com a história e com a língua, o que faz surgir sentidos diferentes (ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de discurso*, p. 37).

⁴⁶⁶ PRETI, Dino, *A linguagem dos idosos*, p. 16.

⁴⁶⁷ Análise da Conversação *"é a linha de pesquisa que tem por objetivo descrever o comportamento verbal dos interlocutores durante a interação, visando a compreender como se processa a organização do ato conversacional, com seus mecanismos apropriados"* (PRETI, Dino, *A linguagem dos idosos*, p. 16).

consideramos enunciador-enunciatário⁴⁶⁸. Nesse processo, portanto, não há distinção entre condições de produção e condições de recepção.

Orlandi⁴⁶⁹ esclarece a *“inadequada terminologia que distingue”* essas duas condições, pois considera que a noção de condições de produção abrange a emissão e a recepção, como um todo, observando a noção de *“sujeito mergulhado no social que o envolve, e preso, pois, da contradição que o constitui”*. Assim sendo, na sua concepção (e que aceitamos), se houver distinção entre emissão e recepção *“é por uma questão de fato e não de direito”*. E explica: [...] *“tanto emissor quanto receptor são, de direito, produtores da instância de interlocução, ambos interagem simultaneamente, embora, de fato, cada um tenha seu tempo de atuação”*.

Ao analisar o discurso do idoso, nas condições de produção propostas em nosso trabalho, ou seja, compreendendo os indivíduos - sujeitos e a situação, procuramos entender o que Canclini⁴⁷⁰ chama de *“jogo de ecos”*, ou seja, as vozes da rua nas vozes da televisão e vice-versa. Ao que ele denomina *“circularidade do comunicacional e do urbano”*, consideramos movimento; à *“subordinação dos testemunhos da história”*, compreendemos interlocução de indivíduos - sujeitos que produzem sentido e não emitem apenas *“ressonância de ecos”*.

Exemplo dessa nossa convicção está no depoimento da jornalista Miriam Bernardes, chefe de editoria da *TV Brasil*, afiliada do *SBT*, na Baixada Santista. *“Há três anos, não tinha condição de responder à pergunta sobre a representação do idoso na nossa programação. Hoje, considero que ele tem participação ativa”*.

Para a editora de *Notícias em debate*⁴⁷¹, os idosos são os telespectadores mais críticos. *“Como eles têm mais tempo, participam ativamente do programa, reclamando de irregularidades, cobrando solução aos problemas sociais, denunciando situações de injustiça, exigindo os seus direitos”*.

Pautado por telespectadores, *“que se identificam e os mais velhos fazem questão de informar a idade”*, o programa *“rompe com o jornalismo tradicional, recebendo informações, aprofundando os assuntos, discutindo os problemas e propondo soluções”*, enfatiza a jornalista,

⁴⁶⁸ A esse respeito, abordamos no Capítulo I a questão do *“intercâmbio”*, conforme explicitação de Baccega (1995, p. 58).

⁴⁶⁹ ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento*, p. 33.

⁴⁷⁰ CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*, p. 290.

⁴⁷¹ *“Notícias em debate”*, programa transmitido de segunda a sexta-feira, das 13 às 14 horas, na *TV Brasil* (tvb), é pautado pelos telespectadores, segundo a jornalista Miriam Bernardes. Para os assuntos mais polêmicos, de acordo com a indicação da audiência, a emissora promove o debate com a participação de convidados, geralmente autoridades públicas, que prestam conta à sociedade. A *“forma interativa”* – telespectador/canal de televisão, segundo a editora – é feita por meio de linhas diretas de telefone, e-mail, fax e bip.

que há quatro anos produz “*um noticiário diferente*”, no canal de televisão situado em São Vicente.

Entendemos assim o jogo discursivo que o cidadão deve estabelecer com os meios de comunicação social, pois somos todos sujeitos de histórias e de sentidos, independente da idade, raça, sexo, nível sócio-econômico e grau de escolaridade. E estamos todos prontos a estabelecer a interlocução, desde que se contemplem a escuta discursiva e a abertura para o “*lugar de descoberta. Lugar do discurso*”⁴⁷².

Lugar sem começo nem fim, onde a natureza incompleta do sujeito, dos sentidos, da linguagem, enquanto simbólico, aguarda o Outro para a sua constituição, desde que se “contemplem” as condições de produção, que constituem os discursos: um apontando para outros, que o sustentam, assim como para dizeres futuros.

⁴⁷² ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso*, p. 96.

FUTURO DISCURSIVO

Ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso “ousar pensar por si mesmo”.

Michel Pêcheux⁴⁷³

Tomando essa “*pequena trilha*” de Pêcheux traçada no seu “*inverno político*”, o nosso dizer encontra um Outro para a sustentação do nosso percurso. Não nos colocamos no lugar de quem vai refletir sobre o seu “*ponto incontornável*”. Do seu movimento natural em forma de reflexão, observamos as palavras para, com elas, em nossa posição de aprendiz, traçar o que consideramos futuro discursivo de nosso trabalho.

No percurso que empreendemos ao encontro do sujeito-idoso, a “ousadia” do nosso pensar constitui a heterogeneidade do dizer, ou seja, a que nasce em outros dizeres, procurando explicitar o intertexto e apontando para outros dizeres⁴⁷⁴. Nessa caminhada, como forma do discurso científico, percorremos o trajeto entre o já-dito e o futuro discursivo, na construção do sentido que poderá ou não ganhar novas determinações, produzir deslocamentos. Nesse “*espaço difícil de lidar*”, propomos a reflexão como “*jogos da interpretação*”, situando o nosso gesto com o que produzimos, como propõe Orlandi⁴⁷⁵.

Na realidade, movimentar-se no discurso científico é saber delimitar diferentes formulações, é saber demarcar-se de umas e outras para poder estabelecer sua posição e, na discussão com outras vozes, estabelecer o âmbito da sua compreensão do fato que é o objeto da reflexão.

O caminho que formulamos compreende duas direções. A primeira contempla o sentido, produzido sempre de um lugar, a partir de uma posição do sujeito. A segunda propõe ruptura no campo da comunicação, ao considerá-lo lugar de sujeitos e de sentidos, em movimento

⁴⁷³ PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*, p. 304.

⁴⁷⁴ A esse respeito, refletimos sobre o que Orlandi considera o discurso científico: “*Em nossa história social, a forma do discurso científico é a que dispõe que, na relação de conhecimento, a explicitação do intertexto, ou seja, a exposição da relação entre os diferentes discursos, é que dá a marca da cientificidade*” (ORLANDI, *As formas do silêncio*, p.152).

⁴⁷⁵ ORLANDI, Eni Puccinelli, *As formas do silêncio*, p. 151.

simultâneo de discursos: do enunciador e do enunciatário, constituindo a harmonia do baile em que dançam as palavras, vestindo ou despiando máscaras, “*permitindo que se veja toda sua beleza*”. Aqui, o lugar próprio da idéia de Baccega⁴⁷⁶ nos permite compreender o movimento das palavras do idoso.

Ao “*escutar*” a voz do idoso (primeira “ousadia”), construímos um sentido, isso porque, segundo Orlandi⁴⁷⁷, “*ao dizer, ele estará, necessariamente, não dizendo ‘outros’ sentidos*”, recortando o próprio sentido. E recorta também o dizer na dimensão política do silêncio, no que a autora chama de “*silenciamento*”.

Há pois uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma não de calar mas de fazer dizer “uma” coisa, para não deixar dizer “outras”, ou seja, o silêncio recorta o dizer. Essa é sua dimensão política.

Nos momentos compartilhados com os sujeitos de nossa amostra, procuramos contemplar as condições de produção, que constituem os discursos. Neles, visando à compreensão do sentido da TV no cotidiano do idoso, pautamos nossas opções, teóricas e metodológicas.

Ao refletir sobre nossa produção, construída em condições determinadas, lembramos a posição discursiva em que estivemos, posição de sujeito-leitor: “*sujeito à falha, ao jogo, ao acaso, e também à regra, ao saber, à necessidade*”. Assim, Orlandi⁴⁷⁸ considera que “*o homem (se) significa*”, justificando a natureza incompleta do sujeito, dos sentidos, da linguagem (do simbólico). “*Se o sentido e o sujeito poderiam ser os mesmos, no entanto escorregam, derivam para outros sentidos, para outras posições. A deriva, o deslize é o efeito metafórico, a transferência, a palavra que fala com outras*”.

Nesse jogo de palavras e não de “ecos” explicitamos a ruptura em nosso campo, o da comunicação, como a segunda “ousadia” anunciada acima. Se, na mídia, o “diálogo” é interno, entre os próprios veículos de comunicação, e seus “*discursos constituem mercadorias que circulam nos atos de fala*”, conforme a crítica de Baccega⁴⁷⁹, há que se questionar a formação dos responsáveis por essas “*mercadorias*”. Por outro lado, seguindo o raciocínio da autora, se “*o homem não realiza plenamente sua condição de sujeito*” na “*vida*”, que “*está plena de discursos sem resposta*”, é preciso entender a problemática na formação desse homem.

⁴⁷⁶ BACCEGA, Maria Aparecida, *Palavra e discurso*, p. 46.

⁴⁷⁷ ORLANDI, Eni Puccinelli, *As formas do silêncio*, p. 55.

⁴⁷⁸ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de discurso*, p. 53.

⁴⁷⁹ BACCEGA, Maria Aparecida, *Palavra e discurso*, p. 41.

Formação que pressupõe a responsabilidade em diferentes instâncias da vida social, a partir da família, estendendo-se na escola, na mídia, entre outras instituições. É preciso romper a cegueira daqueles para quem o homem “repousa” no lugar de “produtor”, de um lado, e no de “consumidor”, do outro. Ambos intermediados por “mercadorias”, “consumidas” no chamado “circuito da comunicação”.

No nosso entender há que se refletir sobre determinadas “verdades” que circulam no discurso autoritário da família, da escola e da mídia. São conceitos, visões, estereótipos, que contribuem para a repetição *empírica* e a *formal*, lembrando duas das três formas de repetição propostas por Orlandi⁴⁸⁰. Na primeira, a *mnemônica*, o efeito é do papagaio, que só repete; na segunda, a *técnica*, está o modo de dizer o mesmo.

Porém, a terceira repetição proposta pela autora, a *histórica*, permite que o sujeito se desloque e que haja o movimento significante. Isso acontece “*porque historiciza o dizer e o sujeito, fazendo fluir o discurso, nos seus percursos, trabalhando o equívoco, a falha, atravessando as evidências do imaginário e fazendo o irrealizado irromper no já estabelecido*”⁴⁸¹.

Apesar da ênfase nas duas primeiras formas de repetição, sobretudo nas instituições de ensino, por conveniência ou comodismo, é possível estabelecer relação dialética entre sujeitos – aluno e professor, por exemplo – na construção do objeto de conhecimento. O resultado será o crescimento das partes envolvidas no processo de Comunicação / Educação. Para tanto, há que se promover abertura à reflexão, problematizando a realidade, discutindo conceitos, revendo e atualizando teorias, em atitude crítica, considerando as práticas culturais como mediações que interferem no processo comunicacional.

Tal promoção implica dar novo significado à escola e à mídia. Com essas duas instituições ressignificadas há possibilidade de se promover o debate plural, assegurando visibilidade a manifestações culturais locais e o intercâmbio entre todas as formas de produção cultural, como foi proposto na VII Conferência Nacional sobre Direitos Humanos⁴⁸², visando à democratização dos meios de comunicação no quadro da democratização geral da sociedade.

Dispondo de produção simbólica importante para a reflexão em todos os níveis de ensino, a mídia deve constar como objeto de estudo nas grades curriculares, não apenas como

⁴⁸⁰ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de discurso*, p. 54.

⁴⁸¹ Ibid., p. 54.

⁴⁸² Evento promovido pela Câmara dos Deputados, em Brasília, de 14 a 17 de maio de 2002.

subsídio às oficinas de “expressão e comunicação”, mas na ementa de disciplinas que promovam a compreensão dos discursos que circulam na sociedade e que se constituem na interdiscursividade⁴⁸³.

Entendemos assim o propósito da Educomunicação e vemos no que Baccega⁴⁸⁴ aponta como “*alguns caminhos*” para trilhar o campo da Comunicação/Educação a possibilidade de se romper barreiras entre enunciador e enunciatário, entre os enunciatários de todas as idades, promovendo o sentido da comunicação, “*das significações dos produtos culturais, incluindo os produtos dos meios de comunicação*”.

Tais sentidos, de acordo com Baccega⁴⁸⁵, estão relacionados com o cotidiano das pessoas,

com suas práticas culturais, com as marcas que influenciam seu modo de ver e praticar a realidade, e que são aquelas que lhe dão segurança necessária para estruturar, organizar/reorganizar a percepção dessa realidade, reconstruindo-a, com destaques ou apagamentos, de acordo com sua cultura. Essas práticas culturais constituem as mediações, que interferem em todo o processo comunicacional, balizando-o.

Mediações que Martín-Barbero⁴⁸⁶ vê como “*lugar*” possível para “*compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção*”.

Entre os meios de comunicação social, a televisão, resultado do desenvolvimento tecnológico, ganhou a preferência das pessoas, sobretudo daquelas que ainda estão longe do sistema formal de ensino – a Escola – e as que deixaram de fazer parte do circuito da produção, os idosos.

Com essa audiência, a televisão “*pode transformar, e até certo ponto significativo transformou, a organização espacial e temporal da vida cotidiana da maioria das pessoas nas*

⁴⁸³ Orlandi chama a atenção para não se confundir interdiscurso com intertexto. “O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o ‘anonimato’ possa fazer sentido em ‘minhas palavras’. No interdiscurso fala uma voz sem nome” (ORLANDI, *Análise de Discurso*, p. 33).

⁴⁸⁴ BACCEGA, Maria Aparecida. *A construção do campo comunicação/educação: alguns caminhos*, p. 29-30.

⁴⁸⁵ Ibid., p. 30.

⁴⁸⁶ MARTÍN-BARBERO, Jesús, MUÑOZ, Sonia, *Televisión y melodrama*, p. 20.

sociedades modernas”, assinala Thompson⁴⁸⁷, analisando a produção e a troca de formas simbólicas na vida social.

O aparelho de televisão, muitas vezes, ocupa um lugar central dentro da casa e torna-se o ponto ao redor do qual outros espaços e atividades são organizados. O horário de determinados programas pode determinar a maneira como as pessoas organizam o fluxo temporal de suas atividades para uma noite, um dia ou uma semana.

Além da organização temporal, a televisão permite acompanhar os acontecimentos nos mais diferentes e distantes lugares, o que, segundo Thompson, “*pode criar ou estimular formas de ação ou resposta da parte dos receptores, incluindo formas de ação coletiva ou organizada*”. Contudo, para Martín-Barbero⁴⁸⁸, a televisão, ao assumir e legitimar “*as demandas*” dos telespectadores, ressignifica tais pedidos de acordo com o discurso social hegemônico.

Por essas e outras razões, consideramos a importância de se compreender o diálogo no campo da Comunicação Social. Diálogo que, no nosso entender, contempla não a essência das palavras, mas a discursividade, ou seja, na maneira como a ideologia produz seus efeitos, materializando-se no discurso.

Como a ideologia, segundo Thompson⁴⁸⁹, “*é sentido a serviço do poder*”, ele recomenda que se investiguem “*as maneiras como o sentido é constituído e usado pelas formas simbólicas de vários tipos, desde as falas lingüísticas cotidianas até às imagens e aos textos complexos*”; que se investigue também “*os contextos sociais dentro dos quais essas formas simbólicas são empregadas e articuladas*”; que se pergunte “*como o sentido é mobilizado pelas formas simbólicas em contextos específicos, para estabelecer e sustentar relações de dominação*”.

Em nosso trabalho, compreendemos que o sentido da televisão no cotidiano dos idosos representa o poder de aproximação: entre mundos de tempos diferentes, entre valores e modos de vida que se transfiguram; entre verdades que se cruzam na interface realidade e ficção. No discurso dos idosos, a referência à televisão significa busca: de companhia para espantar a solidão; de referencial para entender “*esse tempo dessa gente*” (os mais jovens, os famosos, os marginais e marginalizados, os vencedores e os vencidos); de pauta para continuar participando das conversas, para não esquecer e não ser esquecido.

⁴⁸⁷ THOMPSON, John, *Ideologia e cultura moderna*, p. 28.

⁴⁸⁸ MARTÍN-BARBERO, Jesús, MUÑOZ, Sonia, *Televisión y melodrama*, p. 20.

⁴⁸⁹ THOMPSON, John, *Ideologia e cultura moderna*, p. 16.

Diante da tela da TV, ver ou assistir à programação não representa necessariamente modificação na vida dos telespectadores idosos, “*incorporação*” dos valores transmitidos; mas a vontade para compreender a atualidade, uma das formas de estar com o Outro, inclusive de estar na e com a Vida⁴⁹⁰.

As problemáticas do mundo moderno que a televisão transporta para a tela, sobretudo aquelas relacionadas com o sexo – como AIDS, uso de preservativo, relação homem/mulher do mesmo sexo ou com diferença acentuada de idade, não mais afasta o idoso da programação televisiva. Ao contrário, há o interesse em discutir esses e outros assuntos, entender as causas do que acontece agora e “*não acontecia em meu tempo*”, atualizar o que aprenderam e viveram para acompanhar “*os passos dessa juventude*”⁴⁹¹.

Convém lembrar que muitos dos idosos de hoje “viveram” o movimento cultural que marcou a década de 60. Naquela época, a partir da contestação à Guerra no Vietnam, do apelo à paz e ao amor livre, ocupando praças, ruas e universidades, os jovens se reuniam para reformular valores, no movimento que os meios de comunicação denominaram contracultura⁴⁹². Se os anos 60 refletiram a primeira geração a crescer sob o efeito unificador da televisão, hoje as manifestações de oposição aos sistemas e valores refletem o efeito da internet.

Há quem considere os movimentos de contestação, nessa primeira década do século XXI, um protocolo da contracultura, a “*protocontracultura*”, a exemplo do que aconteceu em 1964, preparando o fenômeno das mudanças em 1968.

⁴⁹⁰ Em painel que promovemos esse ano, 2003, dedicado pela CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – à “*Vida, dignidade e esperança para os idosos*”, observamos entre os participantes, nossos alunos do curso de extensão da Universidade Aberta para a Terceira Idade, na UniSantos, que eles admitem as transformações no comportamento das pessoas que aparecem na televisão, sobretudo personagens das telenovelas. Contudo, revelam resistências a determinados comportamentos em suas vidas. Compreendem, admitem e até aceitam nos outros, mesmo nos membros da família, sobretudo os netos, a forma de ser e estar revelada na programação televisiva.

⁴⁹¹ No painel referido acima, Lorena e Íris, personagens da novela “*Mulheres apaixonadas*”, do dramaturgo Manoel Carlos, veiculada na Rede Globo de Televisão, no horário nobre, foram referências mais constantes como admiração (a primeira) e crítica (a segunda). No discurso dos participantes desse painel, compreendemos como os idosos reelaboram o sentido do produto ficcional, revendo antigos valores: “*Eu não me casaria com um jovem, mas admiro a coragem da Lorena e não critico o que ela faz*”; *netas como a Íris só existem porque os pais não sabem proibir os abusos*”.

⁴⁹² PEREIRA, Carlos Alberto Messeder, *Há algo no ar além dos aviões de carreira*, p. 65. O autor atribui aos “*meios de comunicação de massa*” a veiculação de “*um termo novo: contracultura*”, ao analisar o contexto da década de 60, entre “*jovens e intelectuais, nas mais diferentes partes do mundo*”.

Do nosso encontro com os idosos, em São Vicente, surgem pistas para novos percursos de sentido, entre as quais a releitura da escrita de Mia Couto⁴⁹³ que desperta prazer e relação com o que acreditamos ser a Vida, sobretudo no tempo em que lidamos com determinado Tempo da Idade.

No conto do escritor moçambicano a metáfora trabalha como ponto de articulação para a (re) entrada no cotidiano, a partir da comunicação, campo em que os homens e os sentidos fazem seus percursos, constituindo novas possibilidades de leitura, inclusive a da própria existência. Leitura como processo, leitura que tem histórias: do autor, do texto e do leitor.

A morte, o tempo e o velho

Mia Couto

O homem se via envelhecer, sem protesto contra o tempo. Ansiava, sim, que a morte chegasse. Que chegasse tão sorradeira e morna como lhe surgiram as mulheres da sua vida. Nessa espera não havia amargura. Ele se perguntava: de que valia ter vivido tão bons momentos se já não se lembrava deles, nem a memória de sua existência lhe pertencia? Em hora de balanço: nunca tivera do que fosse dono, nunca houve de quem fosse cativo. Só ele teve o que não tinha posse: saudade, fome, amores.

Como a morte tardasse, decidiu meter-se na estrada e caminhar ao seu encontro. Tomou a direção do oeste. Na sombra desse ponto cardeal, todos sabemos, se encontra a moradia da morte.

Iniciou a sua excursão rumo ao poente sem que de ninguém se despedisse. Os adeuses são assunto dos vivos e ele se queria já na outra vertente do tempo.

Caminhava há semanas quando avistou um homem alto, com rosto de enevoados traços. Trazia pela trela um bicho estranho, entre cão e hiena. Animal mal-aparentado, com ar maleitoso.

⁴⁹³ COUTO, Mia. *Na berma de nenhuma estrada*, p. 63-66.

- *Esta é a Morte* – disse o homem apontando o cão. E acrescentou: - *Sou eu que a passeio pelo mundo.*
- *E você quem é?*
- *Eu sou o Tempo.*

E explicou que caminhavam assim, atrelados um no noutro, desde sempre. Ultimamente, porém, a Morte andava esmorecida, quase desqualificada. Razão de que, entre os viventes, se desfalecia agora a molhos vistos, por dar cá nenhuma palha. Morria-se mesmo sem intervenção dela, da Morte.

O velho desiludido explicou ao Tempo a razão da sua viagem. Ele vinha ao encontro da morte:

- *Eu queria que ele me levasse para o sem retorno.*
- *Vai ser difícil.*
- *Lhe imploro: fiz todo este caminho para ele me levar.*
- *Veja como ela anda: desmotivada, focinho pelo chão.*
- *Mas eu queria tanto terminar-me!*

Impossível, insistiu o Tempo. E para comprovar, soltou o animal. O bicho se afastou, arrastado e agônico, para o fundo de uma valeta. Ali se enroscou, decadente como um pano gasto. O velho se condeou e perguntou ao bicho:

- *O que posso fazer por si?*
- *Eu só quero beber.*

Não era de água a sua sede. Queria palavras. Não dessas de uso e abuso mas palavras tenras como o capim depois da chuva. Essas de reacender crenças. O velho prometeu garimpar entre todos seus vocabulários e encontrar lá os materiais de reanimar o mais perdido fôlego. Urdia secreto plano: iria ao sonho e de lá retiraria uma porção de palavras.

Na manhã seguinte, foi de encontro à besta moribunda. O bicho estava agora mais hiena que cão. Uma baba amarela lhe escorria pelo focinho. Apenas revirou os olhos quando sentiu o homem se aproximar.

- *Trouxe?*

E ele lhe entregou o sonho, as palavras, mais seu inebriamento. O animal sugou tudo aquilo com voracidade. Seus olhos eram os de uma criança sorvendo estória antes do sono.

E assim se seguiu durante umas manhãs. Em cada uma, o velho se anichava e confiava seus elixires. De cada vez, o bicho se animava mais um pouco. No final, a Morte se recompôs com tais pujanças que o velho ganhou coragem e lhe apresentou o pedido, seu anseio de que o mundo se lhe fechasse. A Morte escutou o pedido de olhos fechados.

- *Amanhã vou cumprir o meu mandato* – anunciou ela.

Nessa noite, o velho nem dormiu, posto perante a sua última noite. Sentindo-se derradeirar, passou em revista a vida. Nos últimos anos, ele tinha perdido a inteira memória. Mas agora, naquela noite, lhe revieram os momentos de felicidade, toda a sua existência se lhe desfilou. E sentiu saudade, melancolia por não poder revisitar amigos, terras e mulheres. Até lhe assaltou a idéia de escapar dali e reganhar aventuras no caminho da vida. Para não ser atacado por mais recordações – como o risco do arrependimento – ele foi ao rio e caminhou ao sabor da corrente. Andar no sentido da água é o modo melhor para nos lavarmos das lembranças.

No dia seguinte, o velho foi à valeta onde encontrou a Morte. Ela estava cansada, respiração ofegante. E disse:

- *Já matei.*

- *Matou? Matou quem?*

- *Matei o Tempo.*

E apontou o corpo desfalecido do homem alto. A hiena, então, estendeu a trela ao velho e lhe ordenou:

- *Agora, leva-me tu a passear!*

Nas palavras do escritor moçambicano compreendemos traços da cultura africana, entre os quais o poder do tempo na vida, o respeito para com aqueles que, no longo tempo de viver, aceita o novo tempo: o da partida. Ao falar da Morte, o autor revela a Vida. Ao narrar o encontro entre três personagens do cotidiano, Mia Couto destaca o poder das palavras: para alimentar a *Morte*, que mata o *Tempo* e muda o trajeto do *Velho*. Construção de outro sentido na estrada do

ser humano: passeio em que o *Velho*, assumindo o papel do *Tempo*, leva a *Morte* “a passear”. E tudo construído com a arte das palavras.

Palavras que, como tesouro na memória do idoso, ele que “*tinha perdido a inteira memória*”, permitiram a Mia Couto tecer o conto. E em seu texto estão inscritas múltiplas possibilidades de leituras, desde que sejamos capazes de remetê-lo às suas condições de produção em relação a determinados fatores, como “*a memória, onde intervém a ideologia, o inconsciente, o esquecimento, a falha, o equívoco*”⁴⁹⁴.

Assim, no processo discursivo, a tríplice aliança (*Morte, Tempo, Velho*) nos permite compreender como se constituem os sentidos desse dizer. Porém, aqui deixamos a possibilidade para que outros leitores, como indivíduos/sujeitos, possam atravessar as fronteiras do saber e do poder (autorizados) e completem o dito, rumo ao futuro discursivo.

Aí está, pois, a entrada (metafórica) que permite o percurso da reflexão, sem asfixiar o sujeito, sem apagar o trajeto das idéias, apontando para direções futuras, inclusive a do caminho em que o idoso, na posição de sujeito no discurso, empreenda os seus passeios na programação televisiva.

⁴⁹⁴ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise de discurso*, p. 65.

BIBLIOGRAFIA

ACOSTA-ORJUELA, Guillermo Maurício. *15 motivos para “ficar de olho” na televisão*. Campinas, SP: Alínea, 1999a

_____. O uso da televisão como fonte de informação sobre a velhice: fatos e implicações. In: NÉRI, Anita Liberalesso, DEBERT, Guita Frin. (Orgs.). *Velhice e sociedade*: Campinas, SP: Papirus. P. 179-222.

ALMEIDA, Rose de. Luta de classes. *Imprensa, mídia*. São Paulo: Imprensa Editorial, ano III, n. 35, set. 1997.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Os ombros suportam o mundo. In: BENNETT, William J. *O livro das virtudes: antologia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

_____. A palavra mágica. In: *A palavra mágica: poesia*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*. Tradução por J. J. Moura Ramos. Lisboa: Presença, 1974.

ARBEX JUNIOR, José. Uma outra comunicação é possível (e necessária). In: MORAES, Dênis de. (Orgs.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 385-400.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Informação e documentação – Trabalhos acadêmicos – Apresentação*. NBR 14724. Rio de Janeiro, 2001.

_____. *Informação e documentação – Apresentação de citações em documentos*. NBR 10520. Rio de Janeiro, 2001.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução por Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio. Tradução por Bethânia S. C. Mariani et al. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas, SP: Unicamp, 1994.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso: história e literatura*. São Paulo: Ática, 1995.

BACCEGA, Maria Aparecida. Conhecimento, informação e tecnologia. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 11, p. 7-16, jan./abr. 1998.

_____. *Comunicação e linguagem: discurso e ciência*. São Paulo: Moderna, 1998.

BAGNO, Marcos. *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social*. São Paulo: Loyola, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 3. ed. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1993.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução por Michel Lahud e Yara F. Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BARRETO, Frederico Flósculo Pinheiro. Espaços para a terceira idade. In: *Humanidades*, Brasília: UnB, n. 46, p. 54-65, out. 1999.

BARROS, Diana, FIORIN, José Luiz. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia e intertextualidade*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1994.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Tradução por Júlio C. Guimarães. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Tradução por Maria Helena F. Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENTO, Jorge Olímpio. Século do idoso: o papel do desporto. *Humanidades*, Brasília: UnB, N. 46, p. 15-23, out. 1999.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução por Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Tradução por José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BORELLI, Sílvia H., PRIOLLI, Gabriel. (Orgs.). *A deusa ferida: por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência*. São Paulo: Summus, 2000.

BOSSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOTH, Agostinho et. Al. *Fundamentos de gerontologia*. Passo Fundo, RS:UFP, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *Architecture gothique et pensée scolastique*. Paris: Minuit, 1967.

_____. PASSERON, J. C. *La reproduction*. Paris: Minuit, 1970.

_____. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Genebra: Droz, 1972.

_____. *Questões de sociología*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. *O campo científico*. São Paulo: Atiça, 1983.

_____. *O poder simbólico*. São Paulo: Difel, 1986.

_____. *Sobre a televisão*. Tradução por Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRAIT, B. As vozes bakhtianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, Diana, FIORIN, José Luiz. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia e intertextualidade*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1994.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1993.

_____. *Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrá*. São Paulo: Unesp, 1998.

BRAZ, Giselda. Processo de envelhecimento divide cientistas. *A Tribuna*, Santos, 25 fev. 2001, caderno C, seção Ciência, p. 6.

CALLIGARIS, Contardo. As identificações e a possibilidade de pensar. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 de abril 2003. Ilustrada, p. E8.

CANCLINI, Nestor García. *Desigualdad cultural y poder simbólico: la sociología de P. Bourdieu*. mimeo., Cidade do México, 1984.

_____. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução por Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1997.

CASCIONE, Vicente. O tempo apaga? *A Tribuna*, Santos, 5 ago. 2001. caderno A Dia a Dia, p. A3.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. Tradução por Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1995.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução por Ephraim Ferreira Alves. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. *A cultura no plural*. Tradução por Enid Abreu Dobránszy. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Tradução por Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CHAUÍ, Marilena. Os intelectuais e a política. In: NASCIMENTO, Milton Meira do. *Opinião pública e revolução*. São Paulo: Nova Stella: Edusp, 1989.

CORACINI, Maria José. Leitura: decodificação, processo discursivo ...? In: _____. *O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

COUTO, Mia. *Na berma de nenhuma estrada*. Maputo: Nadjira, 2001.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: USP, Fapesp, 1999.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Tradução por Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEL PRIORE, Mary. + 3 questões sobre viagem. *Folha de S. Paulo*, 25 fev. 2000. Caderno Mais! p. 3.

_____. *Histórias do cotidiano*. São Paulo: Contexto, 2001.

DEVÈZE, Jean. As ciências da informação e da comunicação na França no caminho de uma hermenêutica da troca humana e social. Tradução por Etienne Druppel. *Comunicação e informação*. São Paulo: Intercom, Recife: Bagaço, 2000.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

_____. *Como se faz uma tese*. Tradução por Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Tradução por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FERNANDES, Ana Alexandre. *Velhice e sociedade: demografia, família e políticas sociais em Portugal*. Oeiras, Portugal: Celta, 1999.

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Tradução por Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução por Roberto Machado. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *Arqueologia do saber*. Tradução por L. F. Baeta Neves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

FRANÇA, Vera Veiga. O objeto da comunicação: a comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luiz C., FRANÇA, Vera Veiga. (Orgs.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 37. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FRIGÉRIO, Ângela Gonçalves, OLIVEIRA, Iza Fava de. *São Vicente: a geografia através dos mapas*. Santos, SP: Leopoldianum, 1995.

GADET, Françoise, HAK, Tony. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução por Bethânia S. Mariani et. al. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

GERALDI, João W. Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação. In: MARINHO, Marildes, RIBAS DA SILVA, Ceris Salete. (Orgs.). *Leitura do professor*. Campinas, SP: Mercado das letras, ALB, 1998.

GRAIEB, Carlos. Frustrada e feliz. *Veja*, São Paulo, n. 1692, p. 14-15, 21 mar. 2001.

GONÇALVES, Andréia Mendes. Orientação jurídica para os mais velhos. In: VERAS, Renato. (Org.). *Terceira idade: alternativas para uma sociedade em transição*. Rio de Janeiro: Delume-Dumará: Very, Unati, 1999.

GOFFMAN, I. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução por Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

GUARACY, Thales, RAMALHO, Cristina. A força da mente. *Veja*, São Paulo, p. 102-109, 19 ago. 1998.

GUILHAUMOU, J., MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo: a análise do discurso no lado da história. Tradução por Suzi Lagazzi e José Horta Nunes. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). *Gestos de leitura*. Campinas, SP: Unicamp, 1994.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 7. ed. Tradução por Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1998.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Tradução por Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

IANNI, Octávio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. Futuros e utopias da modernidade. *Comunicação & Educação*, São Paulo: Fapesp, ECA, Segmento, n. 22, p. 17-25, set./dez. 2001.

JACKS, Nilda Aparecida. *A recepção na querência*: identidade cultural gaúcha como mediação simbólica. 1993, 323 f. Tese Doutorado em Ciências da Comunicação. Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LAHUD LOUREIRO, Altair Macedo. *A velhice, o tempo e a morte*. Brasília: UnB, 1998.

_____. Velhice: encantos, desencantos ... reencantos. *Humanidade*, Brasília: UnB, N. 46, P. 77-86, out. 1999.

LEAL, Ondina Fachel. *A leitura social da novela das oito*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

LICHTI, Fernando Martins. A primeira capital do Brasil. *São Vicente 500 anos de Brasil*. Abr. 2000. p. 08-09.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. *Muito além do jardim botânico*: um estudo sobre a audiência do jornal nacional da Globo entre trabalhadores. São Paulo: Summus, 1985.

LLORET, Catherina. As outra idades ou as idades do outro. In: LARROSA, Jorge, LARA, Núria Pérez de. (Orgs.). *Imagens do outro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção*. São Paulo: Intercom, 1993.

_____. O estado da pesquisa de comunicação no Brasil. In: _____. (Org.). *Temas contemporâneos em comunicação*. São Paulo: Intercom, Edicom, 1997.

_____. *Pesquisa em comunicação*. São Paulo: Loyola, 1997.

_____. *Por um paradigma transdisciplinar para o campo da comunicação*. V Ibercom. Porto, 1998.

_____. O campo da comunicação: institucionalização e transdisciplinarização. *Comunicação e informação*. São Paulo: Intercom, Recife: Bagaço, 2000.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do saber. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p. VII-XXIII.

MAINGUENEUAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução por Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *Análise de textos e comunicação*. Tradução por Cecília P. de Souza e Silva. Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MALDIDIER, Denise. Elementos para uma história da análise do discurso na França. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas, SP: Unicamp, 1994, p. 7-14

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. Tradução por Rubens Figueiredo, Rosaura Eichenberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão: a vida pelo vídeo*. São Paulo: Moderna, 1988.

_____. *O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza*. São Paulo: Ática, 1989.

MARTÍN-BARBERO, Jesús, MUÑOZ, Sonia. *Televisión y melodrama*. Bogotá: Tercer Mundo, 1992.

_____. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução por Ronald Polito, Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. Comunicação e cidade: entre meios e medos. *Novos olhares*, São Paulo: ECA/USP, n. 1, p. 5-9, 1º semestre 1998.

_____. REY, Germán. *Los ejercicios del ver: hegemonia audiovisual y ficción televisiva*. Barcelona: Gedisa, 1999.

_____. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis de. (Org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MATTELART, Armand, MATTELART, Michèle. *Histórias das teorias de comunicação*. Tradução por Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999.

MEIRELES, Cecília. O retrato. In: GONÇALVES, Andréia. Orientação jurídica para os mais velhos. *Terceira idade: alternativas para uma sociedade em transição*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UERJ, Unati, 1999.

MELO NETO, João Cabral de. *Antologia poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

MORIN, Edgard. Ciência com consciência. In: SANTOMÉ, Jurjo T. *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Tradução por Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MOTTER, Maria Lourdes. A telenovela: documento histórico e lugar de memória. *Revista USP*, São Paulo, n. 48, dez. / fev. 2000-2001, p. 74-87.

_____. *Ficção e história: imprensa e construção da realidade*. São Paulo: Artes & ciência-Villipress, 2001.

NASCIMENTO, Milton Meira do. *Opinião pública e revolução*. São Paulo: Nova Stella, Edusp, 1989.

NÉRI, Anita Liberalessa. O fruto dá sementes: processos de amadurecimento e envelhecimento. In: _____. (Org.). *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, Campinas: Unicamp, 1988.

_____. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez, Campinas: Unicamp, 1990.

_____. Uma amizade firme, uma relação de solidariedade e uma afinidade teórica. In: _____. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas, SP: Unicamp, 1994, p. 7-14.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp, 1995.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

_____. A leitura proposta e os leitores possíveis. In: _____. *A leitura e os leitores*. Campinas, SP: Pontes, 1998.

_____. (Org.). *A leitura e os leitores*. Campinas, SP: Pontes, 1998.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

OROZCO, Guillermo. *La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa*. México: IMDEC, 1997.

ORTIZ, Renato. Práticas de recepção e a centralidade da cultura. *Novos Olhares*. São Paulo, n. 2, p. 31-36, 1º sem. 1999.

PAULINO, Roseli Fígaro. *Comunicação e trabalho: estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação*. São Paulo: Garibaldi, 2001.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise, HAK, Tony. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução por Eni Puccinelli Orlandi et al. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. Há algo no ar além dos aviões de carreira. In: *O que é contracultura*. São Paulo: Círculo do livro, 1994.

PESCUMA, Derna, CASTILHO, Antonio Paulo F. de. *Um guia para documentar suas pesquisas*. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

PIAGET, Jean. A epistemologia das relações interdisciplinares. In: SANTOMÉ, Jurjo T. *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Tradução por Cláudio Schilling. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos: um estudo de análise da conversação*. São Paulo: Contexto, 1991.

QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de investigação em ciências sociais: trajectos*. Tradução por João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes, Maria Carvalho. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1998.

RAMOS, Murilo César. Da comunicação às comunicações: uma contribuição ao debate conceitual. *Comunicação e informação*. São Paulo: Intercom, Recife: Bagaço, 2000.

REIMÃO, Sandra. (Org.). *Televisão na América Latina: 7 estudos*. São Bernardo do Campo, SP: Metodista, 2000.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Estratégias da comunicação*. 2. ed. Lisboa: Presença, 1997.

RÜDIGER, Francisco R. *Comunicação e teoria social moderna: introdução aos fundamentos conceituais da publicística*. Porto Alegre: Fênix, 1995.

SAD, Irene. Revisão de vida, autoconhecimento e auto-aceitação: tarefas da maturidade. In: NÉRI, Anita Liberalesso (Org.). *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas, SP: Papirus, 2001. p. 53-70.

- SAFONS, Marisete Peralta. Envelhecimento e atividade física. *Humanidades*, Brasília: UnB, n. 46, p. 25-33, out. 1999. Edição especial à terceira idade.
- SALINGER, J. D. *O apanhador no campo de centeio*. Tradução por Álvaro Alencar, Antonio Rocha, Jório Dauster. Rio de Janeiro: Do autor, 1965.
- SARLO, Beatriz. *Lo popular como dimensión: tópica, retórica y problemática de la recepción*. In: MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, culturas e hegemonias*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997, p. 111.
- SCHAFF, Adam. *Linguagem e conhecimento*. Tradução por Manuel Reis. Coimbra: Almedina, 1974.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio-científico informacional*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- SODRÉ, Muniz. *Televisão e psicanálise*. São Paulo: Ática, 1987.S
- SOUSA, Mauro Wilton de. Práticas de recepção mediáticas como práticas de pertencimento público. *Novos olhares*. São Paulo: ECA/USP, n. 3, p. 12-30, 1º sem. 1999.
- SOUSA SANTOS, Boaventura. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SOUZA, Elza Maria de. Reminiscência: as lembranças como patrimônio social. *Humanidades*, Brasília: UnB, n. 46, p. 103-109, out. 1999. Edição especial à terceira idade.
- THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social*. 5. ed. São Paulo: Polis, 1987.
- THOMPSON, John. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Tradução do Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PURCS, Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- VÉRON, Jacques. *Arithmétique de l'homme: la démographie entre science et politique*. Paris: Seuil, 1991.

ZUBEN, Newton Aquiles von. Envelhecimento: metamorfose de sentido sob o signo da finitude. In: NÉRI, Anita Liberalesso. (Org.). *Maturidade e velhice*: trajetórias individuais e socioculturais. Campinas, SP: Papirus, 2001, p. 151-182.

WALLERSTEIN, Immanuel (et al.). *Para abrir as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 1996.

WOORTMANN, Klaas, WOORTMANN, Ellen. Velhos camponeses. *Humanidades*, Brasília: UnB, n. 46, p. 132-141, out. 1999.